UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Márjorie do Nascimento Lima

O RIO UNINI NA ARQUEOLOGIA DO BAIXO RIO NEGRO,
AMAZONAS

Volume 1

Comunidade Floresta no sentido norte-sul em agosto de 2009. Imagem: Eduardo Neves

São Paulo

2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Márjorie do Nascimento Lima

O RIO UNINI NA ARQUEOLOGIA DO BAIXO RIO NEGRO, AMAZONAS

Volume 1

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia

Área de Concentração: Arqueologia

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Góes Neves

Linha de Pesquisa: Espaço, Sociedade e Processos de Formação do Registro Arqueológico

Versão Corrigida (*)

(*) A versão original encontra-se disponível no MAE/USP

São Paulo

2014

A minha família:

Meus pais, Ademar e Lucy, que suportam a ausência da filha.

A Nara por ser minha grande amiga.

Ao Dú [Kazuo] por colorir diariamente meu mundo.

Ao Hiro que deixou saudade.

Agradecimentos

Uma marca que subsidia o campo da arqueologia é o trabalho em equipe, isso justifica a meu ver nossos extensos tópicos de agradecimentos em dissertações e teses. Aqui não poderia ser diferente. Esse trabalho de forma alguma seria possível sem a generosidade das pessoas e Instituições citadas a seguir.

À FAPESP que me concedeu a bolsa, permitindo dois anos de dedicação exclusiva a esta pesquisa.

À Eduardo Neves, orientador cujos ensinamentos vão além da arqueologia dos trópicos e alcançam admiráveis generosidade e paixão com o que faz. Obrigada por me mostrar um mundo que eu não conhecia professor! Patrícia Bayod Donatti foi a primeira a me falar sobre a arqueologia da Amazônia, a ela devo o começo de tudo. Claide Moraes me ensinou a analisar cerâmica. Obrigada a todos vocês!

O Amazonas, minha terra natal, foi o responsável por formar minha visão e pelo encontro de pessoas como Dona Dina, obrigada pelos inúmeros cafés e todo o carinho, Afrânio Falcão, o amigo que me ensina muito sobre a história amazonense. Foi no Amazonas também que tive o privilégio de conhecer as pessoas que formaram o Projeto Amazônia Central (PAC) e apesar dos inacreditáveis sítios da região, elas são na realidade as grandes responsáveis pelo meu envolvimento com a arqueologia: Adriana Sampaio (Dri), Anna Browne Ribeiro, Anne Rapp Py-Daniel, Bernardo Costa, Bruna Cigaran, Carla Gibertoni (Carlinha), Carlos Augusto da Silva (Tijolo), Caroline Caromano, Claide Moraes, Cláudio Pinto (Gabiru), Edimar (Seu Nego), Eduardo Kazuo Tamanaha (Dú), Eduardo Neves (Edu), Filippo Stampanoni, Fernando Costa (Caminhão), Francisco Villaça (Pupunha), Guilherme Mongeló, Helena Lima, Hermenegildo (Benezão), Jaqueline Belletti, Jaqueline Gomes, Jobson (Macú), Leandro Camilo (Merrinha), Leandro Cascon, Levemilson, Mendonça (Delega), Marcos Brito (Marquito), Manuel Arrayo-Kalin, Marta Sara Cavallini, Raoni Valle, Rodrigo Suñer, Silvia Cunha Lima (Silvinha), Tereza Parente, Thiago Trindade (Pitoca), Val Moraes, Vinícius Honorato (Girino). Também compartilharam os campos e as discussões com nós Morgan Schmidt (o responsável pelo acesso à bibliografia do Goeldi, valeu Morgan), Satya Caldenhof e Fabiano Silva, nossos ‘vizinhos ponta firme’. A lista é extensa e alguns colaboradores podem ter ficado de fora, mas agradeço a todos que

fizeram do PAC um projeto grande e também um grande projeto e me permitiram ter paixão pelo que faço!

No AM ainda, colaboraram institucionalmente, a Fundação Vitória Amazônica, em Manaus, que foi impecável em sua prontidão ao ceder imagens do baixo rio Negro. Agradeço especialmente ao Durigan, ao Marcelo Moreira e ao Serginho sempre dispostos a trocar ideias. Aos professores da UFAM agradeço pelo processo de formação, especialmente a Luiz Francisco Bitton que me ensinou a fazer pesquisa, Clauzionor Silva me ensinou muito sobre geologia. Myrtle Pearl Shock me permitiu o acesso às coleções do Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico. Os campos subsidiados pelo projeto PIATAM foram os responsáveis pela minha paixão (acho que não correspondida) pelo rio Solimões.

Minha vinda para SP me permitiu conhecer (ou conhecer melhor) pessoas como Fernando e Dani, a vocês dois devo muitos momentos de risada e descontração. Fernandinho, você é o *garotinho* de todas as horas e O querido amigo! Silvinha pelos deliciosos cafezinhos e as conversas sobre “a vida, o universo e as coisas”. Erê e Débora nossas vizinhas alto astral, Erê que dividi com os “meninos do lab.” a responsabilidade pela parte bonita desta dissertação. Rodrigo e Márcia pelas risadas, churrascos e constante estímulo. O casal italiano mais querido do ARQUEOTROP, Filippo e Marta por fazerem do “tudo vai dar certo” a melhor brincadeira! Pitoco e Jaque Carou pelos momentos de descontração e amizade. Pitoco foi também responsável por mapas do Unini. Guilherme e Laurinha que me mostram sempre a maior determinação. Jaque (Belletti) com quem tive muitas boas conversas. Tiago Atorre, Camila Jácome, Fabi Belém, Vini Melquíades, Tereza Parente, conviver com vocês é sempre muito divertido. Tiago Atorre é também o responsável pelas melhores fotos da urna, valeu demais!

Alguns grandes amigos que estão longe, mas estarão sempre por perto: Anne que com seu jeito sério me ensina constantemente sobre a beleza das coisas. Myrtle por compartilhar comigo sua intensidade em tudo que faz.

No MAE agradeço a todos os técnicos e funcionários que fazem o Museu funcionar, sendo um excelente lugar de pesquisa. Nice continuarei procurando seus cafés. À todos da biblioteca muito obrigada pela competência, Hélio não há tempo ruim para você (!). À sessão acadêmica sempre organizada em sua atuação. À Cida Santos que me sorriu nas tardes de inverno. À Carla Gibertoni (Carlinha) que me contou sobre

a importância de ouvir os outros e Maurício Silva (Maumata) que me ensinou sobre competência.

Agradeço também a todos os professores do Programa de Pós-Graduação do MAE, especialmente aqueles com quem tive o privilégio de conviver mais de perto: Paulo DeBlasis e Verônica Wesolowski compuseram a banca de qualificação, os conselhos e orientações de vocês foram fundamentais para conclusão deste trabalho. Fabíola Silva esteve sempre disposta a discuti-lo comigo, seu trabalho é constante fonte de inspiração e orienta de maneira muito instigante todos aqueles que o acompanham. Maria Isabel Fleming (Mabel) por me ensinar muito sobre dedicação.

No ARQUEOTROP, Cristiana Barreto (Kica), Erê Oliveira, os ex-estagiários e estagiários Rafael Almeida, Breno Zúnica, Thiago Kater (Taubinha), Cauê e Thalita, muitos deles foram colaboradores em todos os momentos. À Erê, ao Breno e ao Taubinha devo os agradecimentos pelos desenhos, processamento das fotos, desenhos de borda (que foram intermináveis) e muitas outras batalhas gráficas, meninos vocês são “ponta firme” demais! João Saldanha que passando pelo lab. encheu nossos olhos com a arqueologia do Amapá. Michel Flores é responsável por boa parte dos mapas e aguentou gentilmente meus (muitos) pedidos de alterações. Espero em breve poder retribuir! Ligia Trombetta e Gabriela Carneiro, as meninas que só dão orgulho! Bernardo e Jaqueline Gomes foram interlocutores importantes com a “gente do outro lado do rio Negro”.

Também tem vez a equipe que escavou os sítios Floresta e Lago das Pombas. Devo a vocês a possibilidade de recuperar informações de uma etapa de campo em que eu não estive: Fábio Origuela, Eduardo Kazuo, Jaqueline Belletti, Jaqueline Gomes, Tereza Parente, Filippo Stampanoni, Sâmia Fraxe, Márcio, Edimar da Silva, Cláudio Pinto, Eduardo Neves. Os moradores dessas comunidades nos ajudaram e incentivaram. A eles devo minha vontade de voltar ao Unini.

Minha família que é o *lugar* pra onde sempre volto. Mãe e pai sem vocês teria sido muito difícil, obrigada por acreditarem na profissão da filha. Minha família manauara a quem devo um bom peixe assado pra colocar conversas em dia. À família sorocabana (os Tamanaha e os Tsuhako) que me acolheram nos almoços de domingo e nos cafés da tarde. E a meu companheiro de tudo, Dú por sua paciência, ajuda e amor.

Reflexo disso é o fato de ele ser a pessoa mais creditada nas legendas deste trabalho. Pra você todo o meu amor e sempre minha gratidão!

Algumas pessoas que só deixaram saudades porque suas existências foram as melhores: André Penin e Roberto Massahiro.

“Todo conhecimento é construído (ou desconstruído e reconstruído) no presente: não existe o passado “real” que possa simplesmente ser desenterrado ou desvelado pela aplicação de uma metodologia apropriada”.

HECKENBERGER & FRANCHETTO, 2001, p. 8

“The archaeologist is forever estranged by time. The past cultural behavior, which he seeks to understand, he will never see. In lieu of a time machine, the very possibility of understanding depends on the fact that cultural behavior has material by products and on the premise that archaeological record of these by products is patterned in ways which permit inference about the patterned behavior which produced it”.

DEBOER & LATHRAP, 1979 p. 103.

RESUMO

O rio Unini na Arqueologia do baixo rio Negro, Amazonas.

Este trabalho discute a arqueologia da bacia do rio Negro enfocando a região de seu baixo curso, a partir da análise comparativa de dois sítios arqueológicos: Floresta e Lago das Pombas, que estão localizados no Médio Rio Unini.

Propõe-se, portanto também uma abordagem comparativa, tendo por base outras regiões melhor conhecidas da arqueologia da Amazônia, a fim de incorporar o Baixo Rio Negro (BRN) às discussões contemporâneas dessa extensa região. Entre as questões discutidas está o processo de ocupação inicial dessas áreas que têm como correlatos a produção das terras pretas de índio (TPI) e as cerâmicas antigas do quadro crono-tipológico da arqueologia da Amazônia: Pocó-Açutuba e Borda Incisa.

O objetivo central é buscar meios de responder à abrangente pergunta sobre a forma como se deram os processos de ocupação pré-colonial da região do Baixo Rio Negro e quais as implicações desses processos para a configuração sócio-política regional atualmente visto nessa bacia, que tem como uma das principais características a diversidade na maneira de ocupar os espaços.

Palavras-Chaves: Arqueologia dos rios Negro e Unini; Cerâmicas Pocó-Açutuba/Borda Incisa; Unidades de Conservação.

ABSTRACT

The Unini River in the Archaeology of the Lower Negro River, State of Amazonas.

The aim of this research is to discuss the archaeology of the Negro River, specially its lower segment, based on the analysis of two archaeological sites: Floresta and Lago das Pombas which are currently found on the middle Unini River.

Thus, the proposal is to adopt a comparative approach based on other well know regions throughout Amazonia, allowing the incorporation of the Lower Negro River into the contemporaneous discussions of this vast region. Amongst the discussed issues, it was possible to highlight the initial occupation of these areas, correlated to the appearance of the so called *Terra Preta de Índio* (TPI or Anthropogenic Dark Earths – ADE) and the early pottery from the chronological-typological framework of Amazonian Archaeology: Pocó-Açutuba and Borda Incisa.

The main objective was to seek aims to answer the broad question about the means by which the pre-colonial occupation occurred in the Lower Negro River region, trying to understand the implications of such processes to the regional social-political configuration presently observed in this basin, which has as a main characteristic the diversity in the way of occupying the spaces.

Key words: Archaeology of the Negro and Unini Rivers; Pocó-Açutuba/Incised Rim Pottery; Conservation Units.

SUMÁRIO

VOLUME 1

Introdução.....	1
CAPÍTULO 1.....	3
ARQUEOLOGIA NO RIO NEGRO.....	3
Introdução	3
1. Arqueologia Brasileira e a região do rio Negro	4
2. A questão Arawak e seus correlatos materiais: falas arqueológicas.....	9
CAPITULO 2.....	18
O CENÁRIO DE OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO: PANORAMA GEOAMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES À OCUPAÇÃO HUMANA	18
Introdução	18
1. Localização da bacia do rio Negro	18
2. Características gerais.....	19
3. O Rio Unini.....	22
4. A bacia do rio Unini vista das áreas de conservação	29
CAPITULO 3.....	35
O CENÁRIO DE OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO: OCUPAÇÃO HUMANA PRÉ-COLONIZAÇÃO	35
Introdução	35
1. Fontes etnohistóricas e modos de organização	36
2. Histórico de Pesquisas Arqueológicas	39
CAPÍTULO 4.....	49
OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ESTUDADOS.....	49
Introdução	49
1. Métodos das escavações	50
2. O sítio Floresta.....	51
2.1. Uma visão intrasítio de Floresta.....	73
3. O sítio Lago das Pombas	75
3.1. Uma visão intrasítio de Lago das Pombas	83

4. Os sítios Floresta e Lago das Pombas na região do baixo rio Negro.....	85
Capítulo 5.....	89
ANÁLISE CERÂMICA	89
Introdução	89
1. Os Pressupostos de Análise	89
2. Cerâmicas do Sítio Lago das Pombas.....	99
2.6. O que podemos dizer sobre a cerâmica do sítio Lago das Pombas? ...	132
3. Cerâmicas do Sítio Floresta	139
3.7. A cerâmica do sítio Floresta	169
4. Contexto arqueológico e análise cerâmica dos sítios Floresta e Lago das Pombas	172
CAPITULO 6.....	178
A OCUPAÇÃO PRÉ-COLONIAL DO RIO UNINI E OS CONTEXTOS REGIONAIS	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESULTADOS OBTIDOS	184
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	186

VOLUME 2

Anexo 1: Caracterização geológica e domínios morfoestruturais dos principais afluentes do BRN	205
Anexo 2: Mapa vegetacional das áreas protegidas do Baixo Rio Negro. Cedido com autorização pela FVA	206
Anexo 3: Mapa com os sítios arqueológicos identificados por Mário Simões (Projeto Rio Negro)	207
Anexo 4: Prancha com as principais formas e cronologia do material cerâmico coletado por Mário Simões no Projeto Rio Negro	208
Anexo 5: Compilação de sítios arqueológicos identificados no Baixo e Médio Rio Negro. Elaboração gráfica: Michel Flores, 2013	209
Anexo 6: Perfil de solos do sítio Floresta a partir das tradagens	210
Anexo 7: Ficha de triagem utilizada na análise cerâmica	211
Anexo 8: Ficha de análise de atributos utilizada na análise cerâmica	212

Anexo 9: Protocolo de análise dos vasos inteiros	213
Anexo 10: Quantificação cerâmica do sítio Lago das Pombas	216
Anexo 11: Pranchas de fotos das cerâmicas do sítio Lago das Pombas	217
Anexo 12: Prancha com os motivos gráficos do sítio Lago das Pombas	226
Anexo 13: Pranchas com as morfologias dos vasos do sítio Lago das Pombas	229
Anexo 14: Pranchas com as morfologias das bases dos vasos do sítio Lago das Pombas	286
Anexo 15: Quantificação cerâmica do sítio Floresta	289
Anexo 16: Pranchas com as morfologias dos vasos do sítio Floresta	290
Anexo 17: Pranchas com as morfologias das bases dos vasos do sítio Floresta	319

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Modelo SRTM (<i>Shuttle Radar Topography Mission</i>) ilustrando o paleovale que interligava os rios Cuieiras e o Igarapé Tarumã Mirim. Fonte: SILVA; ROSSETI, 2009 p. 25. 21	
Figura 2: Modelo SRTM em tons de cinza (a) e em cores (b). A seta indica o paleocanal que atravessa transversalmente os rios Puduari e Carabinani ligando assim os rios Negro e Manacapuru. Na parte superior da imagem vê-se o rio Unini Fonte: ALMEIDA-FILHO; MIRANDA; BEISL, 2005, p. 1706.....	22
Figura 3: Trechos diferenciados da bacia do rio Unini. Base: <i>Google Earth</i> , 2003.....	23
Figura 4: Regiões do baixo e médio rio Unini a partir de modelos de elevação digital. Elaboração: Thiago Trindade, 2013.	25
Figura 5: Material cerâmico etnográfico coletado por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a viagem ao Rio Negro. Fonte: SOARES; FERRÃO, 2005.	40
Figura 6: A comunidade Floresta em agosto de 2009, sentido Norte-Sul. Imagem: Eduardo Neves.....	52
Figura 7: croqui do sítio Floresta a partir dos dados de campo e <i>Google Earth</i> . Elaboração: Eduardo Tamanaha, 2013.....	53
Figura 8: Bandeiramento na superfície do sítio indica a dispersão dos fragmentos cerâmicos à frente da comunidade Floresta. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.....	54
Figura 9: Circunferência de vasilha na superfície do sítio Floresta. Imagem: Acervo ARQUEOTROP. Edição da imagem: Márjorie Lima.	54
Figura 10: Morrotes de terra identificados em Floresta com escala humana. Imagem: Luiz Marques.....	56
Figura 11: Dispersão das manchas de terra preta e cerâmica no sítio Floresta, a partir do programa <i>Surfer</i> . Notar arranjo semicircular nas manchas de terra preta principalmente visíveis no nível 40-60 cm e na dispersão de cerâmica à partir dos 20-40 cm. Elaboração: Márjorie Lima, 2013.	57
Figura 12: Perfis estratigráficos da U1. Digitalização gráfica: Márjorie Lima e Eduardo Tamanaha.	60
Figura 13: Escavação das feições A e F1e fragmentos cerâmicos no quadrante NE da U2. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.	62
Figura 14: Perfis estratigráficos escavados na U2.....	65
Figura 15: Base dos 280 cm em N989 E945 com feições na base. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.....	67
Figura 16: Perfis estratigráficos escavados na U3.....	68
Figura 17: Prancha com distintos momentos de escavação de F10, visão do perfil Leste. Imagens: Acervo ARQUEOTROP.....	70
Figura 18: Perfil sul escavado na U4, demonstrando o negativo de F10.	71
Figura 19: Lago das Pombas, agosto de 2009. A seta vermelha indica a área escavada no sítio. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.....	76
Figura 20: Vista parcial de Lago das Pombas, agosto de 2009. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.....	77
Figura 21: Segmento sul da comunidade Lago das Pombas, agosto de 2009. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.....	77
Figura 22: Perfil leste da unidade escavada apresentado com as datações obtidas, o volume e a quantidade do material cerâmico coletado.	80

Figura 23: Distribuição do material cerâmico total no sítio Lago das Pombas, elaborado a partir do programa <i>Surfer</i> . Elaboração: Márjorie Lima.	81
Figura 24: Distribuição do material cerâmico por nível no sítio Lago das Pombas. Elaboração: Márjorie Lima.	82
Figura 25: Crianças brincando na área comunitária do sítio Lago das Pombas à frente de uma das elevações, hoje locais preferidos à moradia. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.	83
Figura 26: Vista do centro da área comunitária de Lago das Pombas. Ao fundo vê-se a unidade escavada em uma das elevações de terra. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.	84
Figura 27: exemplos de vasilhas com flange labial, bordas com reforço externo e bordas expandidas. Desenhos fora de escala.	91
Figura 28: Fragmentos cerâmicos erodidos do sítio Lago das Pombas. Fotos: Márjorie Lima. .	99
Figura 29: Relação geral entre tamanho e quantidade de antiplásticos nas argilas.	103
Figura 30: À esquerda aplique modelado adicionado à face externa da vasilha, próximo à borda. À direita fragmento de borda com apêndice modelado. Imagens: Márjorie Lima.	107
Figura 31: Tipos diferentes de manufatura de flanges mesiais associados à fase Guarita, Tradição Policroma da Amazônia. Extraído e adaptado de TRINDADE, 2009, p. 35.	109
Figura 32: Fragmentos de vasos do sítio Lago das Pombas com banhos avermelhados (b, c, e i), ocre (g e h), marrom (a) e faces craqueladas (d, e, f, e i). Fotos: Márjorie Lima.	113
Figura 33: Diversas maneiras de marcar as faces externas dos vasos do período tardio do sítio Lago das Pombas. Desenhos: Erêndira Oliveira.	117
Figura 34: Aplique zoomorfo modelado, associado ao período tardio. Da esquerda para direita: faces frontal, lateral e posterior. Desenho: Erêndira Oliveira.	117
Figura 35: Exemplos de flanges labiais da ocupação inicial com decoração incisa e acanalada. Desenhos: Erêndira Oliveira.	119
Figura 36: Maneira incomum de marcar a face interna das vasilhas associada à ocupação inicial. Desenho: Erêndira Oliveira.	119
Figura 37: Exemplos de flanges labiais do período tardio com incisões finas. Desenhos: Erêndira Oliveira.	120
Figura 38: Vasilha com forma reconstituída. Ressalta-se o pigmento amarelo que ressalta o acanalado. Desenho: Erêndira Oliveira.	124
Figura 39: Formas dos vasos do sítio Lago das Pombas.	128
Figura 40: Cerâmicas coletadas em feição escavada na camada tardia de terra preta "muito escura", associadas a elementos comuns da ocupação inicial. Desenho: Erêndira Oliveira. Imagem: Márjorie Lima.	133
Figura 41: Vaso globular associado ao contexto da feição, mas com elementos típicos da ocupação tardia. Imagem: Márjorie Lima. Desenho: Erêndira Oliveira.	134
Figura 42: Relação entre tamanho e porcentagem dos antiplásticos nas pastas.	142
Figura 43: Decoração plástica acanalada e aplique modelado identificados na cerâmica do sítio Floresta (U3) Desenhos: Erêndira Oliveira.	149
Figura 44: vaso com efeito corrugado do sítio Floresta. Imagens: Márjorie Lima.	149
Figura 45: Cerâmica com engobo vermelho nas faces externa e interna (da esquerda para a direita). Imagens: Márjorie Lima.	150
Figura 46: Fragmento de bojo superior com engobo branco muito atípico nesse sítio por sua coerência e solidez. Imagem: Márjorie Lima.	151
Figura 47: Fragmentos de parede e base com engobo preto interno. Imagens: Márjorie Lima.	152
Figura 48: Prancha com distintos momentos de escavação da urna em laboratório. Imagens: Fábio Lira.	154

Figura 49: Vaso menor coletado no interior da urna, sendo ainda exposto em laboratório. Imagem: Márjorie Lima, 2012.	155
Figura 50: Remontagem dos fragmentos da urna, após limpeza a seco e anterior à colagem. Imagem: Silvia Cunha Lima.	156
Figura 51: Decalque do grafismo pintado na urna do sítio Floresta. Desenho: Márjorie Lima. Digitalização e arte final: Eduardo Tamanaha.	158
Figura 52: Disposição da pintura na urna do sítio Floresta.	159
Figura 53: Urna do sítio Floresta remontada. Imagem: Tiago Atorre, 2013.	160
Figura 54: Queima de vaso Kubéwa documentado por Koch-Grünberg. Extraído de KOCH-GRÜNBERG, 1908, p. 9.	161
Figura 55: Marcas de fermentação na face interna da urna do sítio Floresta. Desenho e arte final: Márjorie Lima. Digitalização do desenho: Eduardo Tamanaha. Imagens: Tiago Atorre.	163
Figura 56: Formas dos vasos do sítio Floresta.	166
Figura 57: Tipo de vasilhas identificadas como 11 foram frequentes no sítio Floresta. Desenho: Erêndira Oliveira.	169
Figura 58: Vaso parcialmente remontando da U2 do sítio Floresta, cujo tratamento de superfície na face externa chamou atenção por ser semelhante a um corrugado. Imagem: Márjorie Lima.	171

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: relação entre os vasos abertos e fechados e o tratamento escovado nas faces externas das vasilhas. Gráfico a partir das formas reconstituídas.	122
Gráfico 2: Relação entre a coloração dos engobos conforme os períodos de ocupação do sítio Lago das Pombas.....	123
Gráfico 3: Quantidade de vasos produzidos conforme o período de ocupação do sítio Lago das Pombas. Contabilização considerou apenas as bordas como número mínimo de indivíduos. ..	137
Gráfico 4: Distribuição do material cerâmico no sítio Floresta conforme unidade escavada. ..	140
Gráfico 5: Formas de decoração plástica das cerâmicas no sítio Floresta.	148
Gráfico 6: variação quantitativa das formas analisadas por unidade.	167

ÍNDICE DE MAPAS

Mapa 1: Áreas culturais refinadas por Mellatti destaque para a área do ARN. Fonte: http://www.juliomelatti.pro.br/	6
Mapa 2: Sítios identificados na bacia do rio Unini. Elaboração: Michel Flores, 2013.	48

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Características gerais das UCs do rio Unini. Adaptado de: ISA SOCIAMBIENTAL/ Sistema Nacional de Unidades de Conservação.....	30
Quadro 2: Feições escavadas no sítio Floresta indicam ao menos três aspectos distintos para a formação das feições: combustão, esteio e sepultamento.	73
Quadro 3: Exemplo de variação no processo produtivo da forma 3A no sítio Lago das Pombas.	131
Quadro 4: Ocorrência dos aspectos de maior variação na produção dos vasos do sítio Lago das Pombas.	136
Quadro 5: comparação entre os vasos com flange mesial dos sítios Floresta e Lago das Pombas, rio Unini. Desenhos: Erêndira Oliveira.....	177

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Compilação das datas de C14 obtidas por Simões para os sítios do rio Negro. Fonte: SIMÕES; KALKMANN, 1987.....	43
Tabela 2: Datas obtidas para o sítio Floresta.....	69
Tabela 3: Datas obtidas para o sítio Lago das Pombas.	79
Tabela 4: Datas radiocarbônicas comparadas obtidas para os dois sítios estudados.....	87
Tabela 5: Frequência da combinação dos antiplásticos no sítio Lago das Pombas conforme o nível estratigráfico.....	102
Tabela 6: Frequência da combinação dos antiplásticos no sítio Lago das Pombas conforme período ocupacional e preponderância nas argilas.	105

Tabela 7: Tipos de bases conforme tipo de confecção.	108
Tabela 8: Tipos de decorações plásticas conforme período ocupacional, independente da face marcada.	114
Tabela 9: Formas identificadas no sítio Lago das Pombas. Conferir anexo 13.	129
Tabela 10: Frequência da combinação dos antiplásticos no sítio Floresta conforme área escavada e preponderância nas pastas.	141
Tabela 11: Tipos dos resultados de queima conforme área escavada.	144
Tabela 12: Quantificação geral dos tipos de decorações plásticas, conforme área escavada no sítio, independente da face marcada.	146

Introdução

O trabalho enfoca na arqueologia da bacia do rio Negro, região onde diversas pesquisas têm apontado que os povos que hoje habitam essa região reúnem uma série de características culturais semelhantes, às quais se atribui alguns elementos estruturadores (WRIGHT, 1992). Muitos desses elementos constituem o que Santos-Granero (2002) convencionou chamar de Etos Arawak. Apesar disso, são vistos também elementos particulares que dizem respeito à forma como essas sociedades se organizam, interpretam e ocupam os lugares. Uma pergunta que se faz é a antiguidade desses aspectos e como ocorreram em áreas particulares dessa bacia. O mapeamento desses processos é uma tarefa eminentemente arqueológica, apesar da dificuldade de respondê-la integralmente mesmo daqui a muitos anos, é por aqui que começamos.

Para isso faremos referência ao Alto, Médio e Baixo curso dessa bacia. O Alto curso (ARN) corresponde à região conhecida na literatura como Noroeste da Amazônia, área que compreende os municípios de São Gabriel da Cachoeira e parcialmente Santa Isabel do rio Negro. O Médio curso (MRN) compreende parte do município de Santa Isabel e o município de Barcelos. Finalmente o Baixo curso (BRN) engloba parte do município de Barcelos, onde é delimitado pelo rio Jauaperi, o município de Novo Airão e parte da cidade de Manaus, onde é delimitado pela confluência dos rios Negro e Solimões. Destacam-se alguns tributários dessas hiperregiões: os rios Içana e Uaupés, no ARN e os rios Jauaperi e Branco (margem esquerda), Unini e Jaú (margem direita), no BRN.

Maior foco será dado ao baixo curso, particularmente ao rio Unini, localizado entre os paralelos 1 e 2 graus sul e os meridianos 61 e 65 graus Oeste. Nessa região foram estudados dois sítios arqueológicos: Floresta ($1^{\circ} 51' 24.22''\text{S} / 62^{\circ} 34' 27.55''\text{W}$) e Lago das Pombas ($1^{\circ} 52' 41.32''\text{S} / 62^{\circ} 32' 14.02''\text{W}$), ambos situados no médio curso do rio Unini.

O rio Negro foi foco de pesquisas arqueológicas assistemáticas desenvolvidas principalmente entre as décadas de 50 e 80 (HILBERT, 1958; SIMÕES & KALKMANN, 1987). Essa condição começou a mudar a partir da década de 90 (NEVES, 1998; HECKENBERGER; PETERSEN; NEVES, 1999; COSTA, 2009; VALLE, 2012), mas a reunião de dados disponíveis para essa área ainda é pequena se

comparada a outras regiões Amazônicas onde a pesquisa arqueológica é mais bem desenvolvida.

Em 2009 a escavação dos dois sítios supracitados levantou questões sobre seus processos de formação, que eram diferenciados dos sítios já conhecidos e escavados na região de confluência dos rios Solimões e Negro. Ao mesmo tempo, o material cerâmico advindo dessas etapas de campo era semelhante aos vestígios mais antigos do quadro crono-tipológico estabelecido para a região da Amazônia Oriental (cf. LIMA, 2008).

Assim, a proposta inicial dessa pesquisa é a caracterização desses sítios a partir dos contextos arqueológicos identificados e da análise cerâmica, tendo como objetivo oferecer as primeiras hipóteses sobre uma pergunta geral: De que maneira esses sítios foram ocupados durante o período pré-colonial e que relação têm com o processo de ocupação da bacia do rio Negro em período análogo?

Para nortear respostas a essa pergunta o **capítulo 1** (volume 1) apresentará uma discussão sobre a relação entre parte da produção antropológica focada principalmente no Alto curso do rio Negro (ARN) e de que forma a arqueologia pode contribuir com essa discussão. Os **capítulos 2 e 3** compõem o levantamento bibliográfico sobre a região, sendo respectivamente a caracterização geoambiental e o histórico acerca da ocupação humana, a partir da arqueologia. O **capítulo 4** apresenta a escavação dos sítios Floresta e Lago das Pombas. O **capítulo 5** apresenta os dados da análise cerâmica e a discussão sobre seus resultados e finalmente o **capítulo 6** apresenta uma breve discussão dos contextos estudados frente aos contextos regionais.

O **volume 2** traz como anexos as imagens referentes às pesquisas anteriores realizadas no rio Negro e que foram comentadas ou discutidas ao longo do texto, além de mapas e o total das análises cerâmicas conduzidas ao longo desse estudo. Dada a importância para amparar os dados e resultados apresentados no volume 1, as referências ao volume 2 são feitas ao longo do texto indicando o anexo correspondente.

CAPÍTULO 1

ARQUEOLOGIA NO RIO NEGRO

Introdução

O rio Negro é um dos rios mais conhecidos da bacia Amazônica. Grande atenção foi e continua sendo dada por antropólogos ao alto curso dessa bacia, onde cerca de 90% dos habitantes são indígenas. Essas comunidades contabilizam, apenas do lado brasileiro, 22 etnias, formadas por grupos das famílias linguísticas Arawak, Maku e Tukano que estão distribuídas por cerca de oito Terras Indígenas, sendo cinco delas homologadas - Alto Rio Negro, Médio Rio Negro I, Médio Rio Negro II, Apapóris (ISA, 2002). Devido à longa permanência dessas populações na área, atestada por datas que chegam ao redor de 1.200 AC (cf. NEVES, 1998), podemos, de partida estabelecer, um quadro analítico que tenha larga profundidade histórica.

O que se quer mostrar é que o cenário multiétnico, multilinguístico e plural atualmente visto no Alto rio Negro (ARN) é parte de uma história mais longa que, certamente, teve um impulso externo com a colonização (mais atuante em algumas áreas do rio Negro que em outras, seja pela viabilidade de acesso e/ou situações políticas que estimularam ou protelaram essa entrada), mas que também é anterior a ela.

O mapeamento desses processos vem sendo feito no rio Negro por meio da arqueologia, história e antropologia. Estudos arqueológicos nessa região, no entanto, ainda são poucos e reúnem esforços que se iniciaram na década de 1950 com as pesquisas de Peter Paul Hilbert, mas que sistematicamente só ocorreram a partir da década de 90 (NEVES, 1998; HECKENBERGER; PETERSEN; NEVES, 1999; COSTA, H. LIMA, 2006; COSTA, 2009; VALLE, 2012).

Este trabalho parte de uma visão comparativa relacionando os dados anteriormente discutidos na arqueologia do rio Negro e trata particularmente do rio Unini. Nosso foco será uma abordagem arqueológica que privilegia as questões diacrônicas de longa duração, isto é, os processos históricos que se desenrolaram em períodos cronologicamente extensos, focados na construção de uma história dos povos indígenas da região. Dessa maneira, a discussão congrega elementos de ao menos três campos: arqueologia, história e antropologia social.

1. Arqueologia Brasileira e a região do rio Negro

O campo de atuação da arqueologia brasileira mudou bastante nos últimos anos e essa situação é também reflexo de uma mudança mais geral no escopo da ciência (BARRETO, 1999-2000; HODDER, 2001). No campo da arqueologia amazônica essa questão tem circundado uma estreita associação da arqueologia com a história e antropologia (WHITEHEAD, 1996; VIVEIROS DE CASTRO, 1996; NEVES, 1999; HECKENBERGER, 2001; HECKENBERGER; NEVES, 2009). Esse caráter de pesquisa é parte da resposta a uma tradição que logrou marco profundo na história da pesquisa arqueológica das terras baixas, formalizada pela publicação do *Handbook of South American Indians* no final da década de 40. Diversas reflexões e críticas sobre o papel dessa publicação e o marco teórico que instaurou na arqueologia das terras baixas já foram realizadas por vários autores (CARNEIRO, 1970; HECKENBERGER, 2002; LATHRAP, 1970; MORAN, 1994; NEVES, 1998; VIVEIROS DE CASTRO, 1996; FAUSTO, 2005; ROOSEVELT, 1991) e não cabe aqui fazê-las novamente, mas há uma questão central que subsidiou grande parte dessas discussões: a relação entre natureza e cultura.

Nesse âmbito a ecologia cultural foi utilizada para referenciar (e às vezes justificar) os padrões de organização social, econômica e política supostamente típicos das populações das áreas de Floresta Tropical. A classificação acerca da *Floresta Tropical* propunha um padrão organizacional igualitário e que, devido ao ambiente limitante, não chegaria ao de sociedades mais hierarquizadas (FAUSTO 2005; VIVEIROS DE CASTRO 1996).

Se antes essa proposta tinha um caráter determinista e uniforme, hoje ela é o contraponto para tratar de regiões plurais de enorme diversidade, onde a questão natureza *versus* cultura não é mais imperativa (HECKENBERGER, 2002). Ao mesmo tempo, há um emergente reconhecimento de lugares que foram culturalmente transformados. Isto posto, aceitamos que “a natureza amazônica é parte e resultado de uma longa história cultural”¹(VIVEIROS DE CASTRO, 1996, p. 184, tradução nossa).

Essa hipótese em grande medida subsidiou a análise dos padrões de ocupação do rio Negro. A ênfase na obtenção de recursos relacionado ao modo de organização sociocultural do modelo de Steward e os estudos regionais nesse âmbito foram

¹ Essa ideia tem estreita relação com a *paisagem cultural* de Sauer (1963 apud BALÉE, 2008, p. 13).

considerados por Eduardo Galvão no final da década de 1950, quando propôs uma classificação semelhante à de Steward para a América do Sul, dividindo a Amazônia em áreas culturais. Na realidade, as áreas culturais foram primeiramente o esforço de uma análise comparativa (GALVÃO, 1960, p. 1), que considerava também: as marcantes mudanças pelas quais os povos classificados passaram - o que demandaria estudos particulares e de vertente histórica - e a ausência de dados arqueológicos, que poderiam enfatizar as mudanças que ocorreram numa larga escala de tempo (ibid., p. 12).

Da proposta preliminar de Galvão resultaram 11 áreas culturais. A primeira delas, identificada como “Norte-Amazônica” estava dividida em três subáreas: Guiana brasileira, Savana e Rio Negro. Essas três subáreas abrangiam uma faixa extensa ao norte do rio Amazonas, delimitada a oeste pelos formadores do rio Negro e a leste pela costa Atlântica (ibid., p. 19). O estabelecimento das áreas culturais de Galvão tinha como pré-requisitos a situação de contato dos grupos indígenas e um recorte temporal situado entre 1900-1959. Acredita-se que esses aspectos foram responsáveis pela ênfase do autor na região do ARN, o que ocasionou uma das subdivisões anteriormente citadas (a subárea Rio Negro). Nesse mesmo sentido e também devido à ausência de informações precisas e à ausência de comunidades indígenas, Galvão não definiu nenhum núcleo específico para nossa área de pesquisa. Dos núcleos definidos por ele para cada subárea aquela que mais se aproxima do rio Unini é a do rio Branco, seu foco nessa área, no entanto foi mais direcionado aos povos Guianenses (mapa 1).

Mapa 1: Áreas culturais refinadas por Mellatti destaque para a área do ARN. Fonte: <http://www.julielatti.pro.br/2>

Os problemas da classificação de Galvão residem principalmente no grau de homogeneização no qual ela se baseia (muitos desses problemas foram inclusive observados pelo próprio autor que a ressaltou como uma proposta inicial), mas como já

² Acessado em julho de 2013.

notado por Santos-Granero (2002) a abordagem das áreas culturais tem um objetivo comparativo na organização de um quadro geral. Dessa forma, apesar da generalização embutida o conceito faz sentido, se pensado como alusão a uma série de características culturais semelhantes, que apesar disso reúnem também elementos diferenciadores.

Foi a partir da abordagem histórico-comparativa que Santos-Granero (2002) relacionou três regiões distintas ocupadas historicamente por povos Arawak, Pano, Tukano e Caribes (o leste do Peru, o nordeste da América do Sul e o noroeste da Amazônia representado pela região do ARN) e propôs a existência de um “Etos Arawak”³. O termo foi empregado pelo autor para referenciar um conjunto de práticas culturais comuns que tem uma matriz marcadamente Arawak, mas que ao serem compartilhados por falantes da mesma família e seus vizinhos tem um variado padrão social e cultural (SANTOS-GRANERO, 2002, p. 42) que denota um sistema aberto e fluído, mas conectado (HILL, 2013).

Assim, são delimitadas algumas implicações: **1)** embora haja um abrangente compartilhamento de elementos entre grupos Arawak e seus vizinhos incorporados, a forma como eles ocorrem em cada um tem especificidades, resultado de condições históricas e particulares, portanto **2)** a análise dessas ocorrências deve considerar a forma como elas ocorrem em conjunto para que se compreendam seus significados.

A família Arawak tem a maior dispersão na América do Sul, presente do sul do Brasil ao norte da Flórida e da região sub-andina do Peru e Bolívia à foz do Amazonas (HECKENBERGER, 2002, p. 99). Esse padrão de dispersão tem estimulado uma extensa produção de estudos comparativos entre diversos grupos Arawak e também de seus vizinhos, que tem foco na produção de uma história indígena de longa duração.

Foi a partir desse sentido que Santos-Granero (2002) analisou a região do ARN, onde mesmo com enorme diversidade linguística, histórica, política e social sobressaem elementos Arawak e Tukano e suas identidades transétnicas (ibid., p. 35). O princípio das identidades trans-étnicas (transethnic identities) é uma alusão ao caráter de inclusão

³ O termo utilizado aqui é uma livre tradução de *Arawakan Ethos* de Santos-Granero. Segundo o autor cinco elementos principais definem o etos Arawak: repúdio a guerras internas entre falantes Arawak ou grupos relacionados, o estabelecimento de níveis de aliança sociopolíticos entre grupos linguisticamente relacionados, ênfase na descendência, consanguinidade e comensalidade, ênfase na escolha de líderes por genealogia, a escolha de um lugar central que adquire um papel mítico-religioso na vida social (SANTOS-GRANERO, 2002: 44-45). Peter Stahl (2010, p. 222) expande essas características e acrescenta a extensão ribeirinha e formação de redes pan-regionais.

que se dá através de uma série de contatos interétnicos, formando e transformando a construção de identidades sociais (HILL, SANTOS-GRANERO, 2002, p. 17) e que é visto entre os falantes Arawak que foram tukanizados e os falantes Tukanos que foram arawakanizados. Essa ideia é então referenciada a partir de grupos que adotam modos de vida normalmente associados a famílias linguísticas distintas ou, então àqueles que adotam uma língua distinta, mas mantém seus modos de vida antigos (SANTOS-GRANERO, 2002, p. 28).

Para Santos-Granero uma maneira de explicar esse processo de compartilhamento no ARN retoma as manifestações indígenas que ocorreram em toda a bacia do rio Negro entre o final dos séculos XVII e XVIII. Nesse período os fenômenos de guerra e alianças entre indígenas (notadamente grupos Arawak e Carib no MRN e BRN) e colonizadores espanhóis e portugueses culminaram com a dizimação, escravização e consequente movimento migratório rio acima (ibid., p. 32-35) que por motivos externos e internos de crise promoveram contato continuado e de trocas em diversos níveis.

Tomando por base a hipótese de Santos-Granero (2002) ao relacionar o ARN e BRN e a noção de trocas que promovem integrações na esfera geográfica, social, política e religiosa, chegamos a pontos fundamentais para que se compreendam as formas de ocupação do rio Negro (pré e pós-colonização).

A questão das trocas surgiu na etnologia dos anos 1980 para descrever a estrutura social do rio Uaupés, afluente do ARN (JACKSON 1983 apud WRIGHT, 2005) e hoje é referência para tratar dos falantes Tukano, Arawak e Maku que ocupam a extensa região do Alto curso do rio Negro (RIBEIRO, 1995; WRIGHT, 2005). Tal sistema em rede tem sido caracterizado de forma aberta, fluida e descontínua, sem implicar em desvantagem quanto à autonomia local dos participantes do sistema (NEVES, 1998; ARVELO-JIMENEZ, MORALES, BORD apud WRIGHT 2005, p. 17). Baseia-se na distribuição de bens e pessoas por meio de casamentos, guerras⁴ e troca de

⁴Importante mencionar o papel das guerras nesse tipo de integração, elas são constantemente listadas como um dos mecanismos que subsidia a integração. Isso se deve em parte, a sua frequente menção em mitos e histórias orais, embora na análise de Wright (2005: 22-23) esses fenômenos tenham pouco foco no estudo das formações políticas indígenas, especialmente Alto rio Negrinas. Wright descreve, por exemplo, o sentido da guerra no princípio de *Koada* (troca) no qual a guerra é motivada tanto pelo desejo de subjugar o inimigo quanto pela noção de reprodução social e simbólica (*idem*, p. 23). Jonathan Hill e Fernando Santos-Granero (2002) também relativizam o papel da guerra na formação das sociedades Arawak, contrapondo a noção da amigabilidade e passividade desses povos. Ainda que não seja o foco do

artefatos especializados. Esse modo de organização não está restrito ao ARN, nos dias de hoje o caso mais emblemático é o Xinguano (HECKENBERGER, 2005).

Embora essas características sejam visíveis no atual sistema regional do Alto rio Negro, seu alcance, solidez e presença em diversos mitos de criação levam à estimativa de que sua existência seja anterior à colonização (WRIGHT, 1992; 2005). Muitos autores inclusive estimam que, antes da colonização, sua expansão fosse ainda maior, abrangendo além do Alto, Médio e Baixo curso do rio Negro, a região Guianense e parte do rio Amazonas (FARAGE, 1991; DREYFUS, 1993; PORRO, 1996; NEVES, 1998; ZUCCHI, 2002; VIDAL, 2000).

A noção de uma integração supra regional com alguns núcleos locais é particularmente interessante para esse trabalho por três razões: primeiro porque estabelece a necessidade de uma análise histórico comparativa regional; em segundo ele contrapõe a visão de grupos autônomos sem que se considerem as relações construídas entre os povos que ocupam e ocuparam a região da bacia Amazônica; e por fim, considera que essa integração é um fator ativo à diversidade cultural, social e política.

Mas também devemos reconhecer que em nosso caso o estabelecimento de histórias compartilhadas ao longo do tempo deve considerar o fator da visibilidade arqueológica. Neves (1998, p. 72) enfatizou que contextos multiétnicos e multilinguísticos regionalmente integrados tem fronteiras materiais de difícil identificação no cenário fragmentado com o qual arqueólogos frequentemente se deparam. Esboçaremos a seguir como essa questão vem sendo relativizada na arqueologia e qual sua importância para a região do rio Negro.

2. A questão Arawak e seus correlatos materiais: falas arqueológicas

Arqueologicamente, a visibilidade da ocupação Arawak teria alguns correlatos:

- A larga permanência de povos Arawak (ou de um caráter Arawak) em regiões com a presença de cerâmicas Barrancóide;

nosso trabalho discutir o papel da guerra na formação desses grupos, é importante ressaltar a possível existência de uma explicação estrutural a esses eventos que são, dessa forma, anteriores a essa formação atual. Ou seja, embora a função da guerra nas sociedades indígenas do rio Negro possa ser explicada de maneira heterogênea conforme a concepção de cada grupo enfatiza também algo importante para a noção de sistemas de interação: as alianças não foram forjadas apenas por meio de ‘contratos de paz’. Se isso estiver correto, é também possível que seja identificado seu correlato arqueológico com a presença de paliçadas e estruturas semelhantes.

- A construção de aldeias circulares ou semicirculares com a existência de marcos na paisagem e destaque da importância das praças. Embora essas também sejam visíveis nas ocupações Gê do Brasil central, elas não são arqueologicamente visíveis em outras ocupações (NEVES, 2011, p. 41; HILL; SANTOS-GRANERO, 2002, p. 16; HECKENBERGER, 2002).

- A presença inicial e/ou o aumento dos solos de terra preta.

Os sítios Floresta e Lago das Pombas, no rio Unini apresentam alguns desses elementos. Como demonstraremos nessa região a presença das terras pretas, por exemplo, é anterior à segunda metade do primeiro milênio, conforme outras pesquisas na região Amazônica têm demonstrado (NEVES, 2011, p. 45).

Dos correlatos acima citados, ocupações associadas a série Barrancóide foram os primeiros estabelecidos. Um dos principais responsáveis por essa associação foi Donald Lathrap que na década de 1970 com a publicação de *The UpperAmazon* retomou a relação entre cerâmicas Barrancóides e falantes Arawak. Essa correlação foi inicialmente proposta por Erland Nordenskiöld (1930) que estudou a dispersão dos povos Arawak entre 1902-1931 (BROCHADO E LATHRAP, 1982, p. 7). Para Lathrap (1970) a investigação da distribuição linguística por meio do mapeamento de seus movimentos populacionais oferecia uma maneira de tecer as relações históricas entre essas diversas famílias, com destaque aquelas de maior extensão: as famílias Arawak e Tupi.

O autor propôs que uma leva de falantes de línguas Proto-Arawak, teria realizado a primeira onda migratória para fora da Amazônia central, movimento que teria ocorrido por volta de 4000 AC. Esse movimento teria ocorrido por meio dos principais rios da bacia Amazônica, entre eles o rio Negro que daria acesso às margens do rio Orinoco através do canal Cassiquiare. A partir daí gerações associadas a esses povos teriam se expandido em movimentos semelhantes e em momentos distintos à Venezuela e às Guianas. Essas hipóteses conhecidas como “modelo cardíaco” tinham na pressão populacional das várzeas a principal explicação a essa série de movimentos migratórios (LATHRAP, 1970, p. 127).

Sabe-se hoje que a Amazônia central não foi esse centro de dispersão (HECKENBERGER; NEVES; PETERSEN, 1998; NEVES, 2008), mas o

estabelecimento de uma correlação entre a distribuição de línguas e o registro arqueológico, particularmente a cerâmica Barrancóide e falantes Arawak, foi sugerida por outras pesquisas (HECKENBERGER, 2001; 2002; LIMA, 2008; NEVES, 2008; 2011; ALMEIDA, 2013; GARCIA, 2012).

As cerâmicas Barrancóides na definição de Lathrap eram caracterizadas pela presença de linhas espessas e finas, curvas e espirais ou duas linhas dispostas paralelamente, que ocupavam geralmente o flange labial dos vasos. Esse arranjo era composto também por esferas aplicadas (LATHRAP, 1970, p. 114; BROCHADO E LATHRAP, 1982). Adornos zoomórficos modelados eram localizados nas bordas dos vasos. Decorrente de seu foco na análise das formas das vasilhas, Lathrap chamou atenção à existência de ao menos dois tipos de vasos comuns a todas as cerâmicas Barrancóides: os assadores e as grandes urnas usadas para a fermentação de bebidas (LATHRAP, 1970, loc. cit.). Essa recorrência em última instância sugeria uma mudança na dieta dos povos produtores da cerâmica Barrancóide em relação aos produtores da cerâmica Saladóide, que atestava padrões de cultivo e processamento mais intensivos.

Antes da publicação de Lathrap, Betty Meggers e Clifford Evans haviam proposto uma classificação inicial a cerâmicas associadas à Barrancóide. Sob a definição de *Horizontes Estilísticos*, os autores propuseram o *complexo Borda Incisa* (além de outros três horizontes), que estaria presente desde o baixo Amazonas até a região do médio Orinoco. A definição desses horizontes foi baseada principalmente na presença/ausência de determinados elementos decorativos que apareciam na cerâmica associadamente (elementos isolados não foram considerados) e no antiplástico (MEGGERS, EVANS, 1961, p. 373). O agrupamento Borda Incisa incluía as cerâmicas das fases Mangueiras, Boím, Manacapuru, Nericagua, Cotua e Los Caros (ibid., p. 378). A cronologia inicial para esse horizonte foi estimada ente 100-800 DC, estimativa feita a partir das cerâmicas encontradas fora da região Amazônica (fases Nericagua, Cotua e Los Caros).

Na região da Amazônia central, os trabalhos de Peter Hilbert e Mário Simões entre os anos de 1950 e 1980 foram importantes para expandir essa cronologia inicial,

configurando-a como Tradição Borda Incisa. As mudanças tecnológicas nos conjuntos cerâmicos foram identificadas como fase Manacapuru, Caiambé⁵ e Paredão.

Os estudos posteriores realizados na Amazônia central tiveram como ponto de partida essas problemáticas iniciais, mas a partir do estabelecimento de uma cronologia cultural e da escavação de alguns sítios na calha dos rios Solimões e Negro, propuseram também novas hipóteses, reformulando o quadro anterior (MORAES, 2006; 2013; LIMA, 2008; RAPP PY-DANIEL, 2009; TAMANAHA, 2012; NEVES, 2013).

Ainda que o estudo da cerâmica Barrancóide seja importante na construção desse quadro que estabelece uma história Arawak, os recentes estudos têm considerado além da classificação cerâmica, variáveis como o tamanho e forma dos assentamentos, espessura e profundidade do pacote arqueológico, cronologias absolutas, entre outros dados condizentes com uma arqueologia contextual (NEVES, 2011, p. 35). Assim na Amazônia central confirmou-se a existência das fases Manacapuru e Paredão, cuja dispersão nos sítios ocorre associada ou não às terras pretas e de maneiras distintas entre os séculos V DC e XIII DC (MORAES, 2006; LIMA, 2008; NEVES, 2013). Esses complexos tem um largo período de coexistência que não deixou no registro arqueológico evidências aparentes de conflitos: nessa região, sítios arqueológicos com predominância de cerâmica Manacapuru têm geralmente a ocorrência de cerâmica Paredão e vice versa, atestando algum tipo de relação continuada e não conflituosa entre os produtores dessas cerâmicas (MONGELÓ, 2011). Como nos sítios estudados do rio Unini não ocorrem cerâmicas associadas à fase Paredão, interessa-nos a relação entre os outros complexos da cerâmica Barrancóide⁶.

Embora grande parte dos sítios dessa região sejam multicomponenciais (com dois ou mais estratos culturais representados pelas fases cerâmicas), complicando o

⁵A fase Caiambé é a menos conhecida dessas três. Sua ocorrência foi definida por Hilbert no Lago Caiambé, próximo à atual cidade de Tefé, no médio Solimões. Atualmente o trabalho de Jaqueline Gomes tem como foco o entendimento de sua dispersão e melhor caracterização.

⁶Apesar de haver atualmente uma série de trabalhos centrados no entendimento e significado dessas cerâmicas, nosso entendimento sobre seus produtores ainda é escasso, o que não é de se estranhar dada a extensão dos sítios amazônicos que podem chegar a vários quilômetros e grandes profundidades. De todo modo, a esse exemplo, ainda não é possível identificar os limites de ocorrência da cerâmica Paredão e, por conseguinte testar a ideia de Lathrap (1970b) acerca da ligação entre essa cerâmica e grupos Karib. Os trabalhos de Claide Moraes no baixo rio Madeira e Amazônia central, no entanto, têm demonstrado que cerâmicas da fase Paredão são bem distintas das produzidas anteriormente na região: tem qualidade de queima superior, sendo bastante resistentes ao choque mecânico, as paredes dos vasos têm espessura fina (o que lhes confere grande leveza) e as urnas funerárias têm como elemento diagnóstico apêndices antropomorfos que ocupam os ombros dos vasos.

entendimento da forma de ocupar os sítios, sabe-se hoje que ocupações associadas à fase Manacapuru estão ligadas ao início da produção das terras pretas, a data mais antiga é a de Hilbert (1968) para o sítio Manacapuru (no rio Solimões) em torno do século V d.C. Cerâmicas da fase Manacapuru são caracterizadas pela presença de flanges labiais onde recebem decorações incisas e acanaladas em formato retilíneo ou curvilíneo com interseções de ponteados, esse efeito também pode ser obtido com a expansão dos lábios, cuja decoração nesse caso ocupa a face externa dos vasos. Há grande recorrência na presença de engobo vermelho que como banho cobre toda a face externa dos vasos, faixas finas de pintura vermelha também são possíveis, mas não são comuns (o que também pode ser um fator de conservação, visto que quando visíveis estas pinturas estão sempre bastante friáveis). Apêndices modelados zoomorfos e antropomorfos também ocorrem com destaque aos zoomorfos que remetem a aves. Também foi notado que grande parte dessas cerâmicas tem ocorrência de uma esponja de água doce – o cauixi – como antiplástico principal. Os vasos têm formatos variados, mas são típicos aqueles de contorno composto com a presença de carenas próximas à borda (HILBERT, 1968; CHIRINOS, 2007; LIMA, 2008; NEVES, 2013, p. 163).

As pesquisas na região do BRN, sítio Açutuba, também constataram a existência de outra ocupação com cerâmicas datadas entre os séculos III AC – III DC, sendo assim anterior à cerâmica Manacapuru, trata-se da fase Açutuba (LIMA; NEVES; PETERSEN, 2006; LIMA, 2008). Cerâmicas da fase Açutuba caracterizam-se pela presença de engobo branco na parede externa dos vasos, que suportam pinturas vermelhas e pretas. Os motivos podem ser pintados ou incisos em linhas finas com formatos geométricos ou volutas. Também são comuns os flanges labiais, que ocorrem em tamanhos até maiores que os da fase Manacapuru e também servem de suporte à construção de campos decorativos acanalados, incisos e excisos nas bordas das vasilhas. Além dos flanges labiais também ocorrem os flanges mesiais. É também recorrente o uso de apliques modelados zoomorfos e antropomorfos. O antiplástico mais recorrente é o cauixi, seguido pelos minerais quartzo e hematita (que podem ser elementos contidos na própria argila). Os vasos são predominantemente abertos (irrestritivos) (LIMA, 2008; LIMA & NEVES, 2011; NEVES, 2013).

À cerâmica Açutuba foi atribuída uma influência Saladóide (LIMA; NEVES, 2011) que também se vê na cerâmica Pocó do baixo Amazonas (HILBERT; HILBERT,

1981; GUAPINDAIA, 2008). A existência de contextos semelhantes na região do Lago Amanã em Tefé (COSTA, 2012), na região de La Pedrera no rio Caquetá (Morcote-Rios 2011 apud NEVES, 2013), na região de Santarém (GOMES, 2011), nas margens do rio Trombetas, com datas entre o segundo e o primeiro milênio AC, levou à proposta de incorporar todas essas manifestações sob a Tradição Pocó (NEVES, 2013, p. 143-149; NEVES et al., 2013 *no prelo*).

Essa separação atribui à cerâmica Pocó, tecnologia de produção e contextos de deposição distintos da Tradição Borda Incisa, embora ambas estejam ligadas à fenômenos dos produtores da cerâmica Saladóide/Barrancóide do baixo Orinoco. Dessa maneira, apesar de caráter histórico diferenciado, tais cerâmicas estariam relacionadas, aspecto ao qual se atribui uma “substância” Arawak (cf. NEVES 2013, p. 150; NEVES et al., 2013 *no prelo*). A hipótese que subsidia a ligação de cerâmicas Pocó-Açutuba/Borda Incisa tem relação com o processo de expansão e dispersão de grupos falantes de língua Arawak (NEVES et al., 2013 *no prelo*), uma questão ainda controversa (cf. URBAN, 1992), mas que como hipótese de pesquisa nos parece condizente com a proposta de uma história indígena.

Heckenberger (2002) ao tratar da diáspora Arawak, também aceitou a relação entre cerâmicas Saladóide-Barrancóide e falantes Arawak. No entanto, ainda que o autor reconheça essa correlação, enfatiza que ela é apenas um dos elementos que materializam esse processo. Seu argumento é realizado a partir do reconhecimento de um Etos Arawak (cf. SANTOS-GRANERO, 2002) que se fundamenta em três aspectos principais: vida sedentária, regionalidade (o que NEVES, 1998 e BOOMERT, 2000 chamaram de *esferas de interação*) e hierarquia social (HECKENBERGER, 2002, p. 112-116) cujo compartilhamento ocorre tanto entre falantes Arawak como entre grupos a eles associados (ibid., SANTOS GRANERO, 2002), mas com uma reconhecida maneira de operar Arawak. Quanto à cerâmica ele assinala que: **1)** ocorreram diversas “permutações” na constituição dos conjuntos Saladóide-Barrancóide que incluem ao menos três grandes tradições (a Barrancóide do Orinoco, a Saladóide do Caribe e a Barrancóide da Amazônia central). Além das mudanças (apesar da marcada continuidade) em cada conjunto relacionadas há contingências históricas e culturais que as circundam; **2)** a presença de outros fatores além da indústria cerâmica que devem subsidiar essa relação, incluindo um padrão de assentamento e **3)** uma tríade (que reúne

a presença de cerâmicas Barrancóide, a presença histórica de povos Arawak e uma continuidade entre elas) que até então só é assinalada em quatro regiões: o médio-baixo Orinoco, a Amazônia central, particularmente o Baixo Rio Negro (grifo nosso), o Caribe e o Alto Xingu (HECKENBERGER, 2002, p. 107-109, “tradução nossa”).

Para Neves (2011) a correlação entre línguas e o registro arqueológico é fundamental para a compreensão de uma história de longa duração na Amazônia pré-colonial, embora essa relação deva considerar o contexto cronológico, a distribuição, a forma e tamanho das ocupações, além das contingências históricas, políticas e ambientais que as formaram (NEVES, 2011, p. 35-39). Assim, segundo o autor deve se considerar não a possibilidade dessa relação, mas em que tipo de contexto é possível fazê-la (ibid., p. 50). Nesse sentido, Neves (2011; 2013, p. 153-55) aponta que a correlação entre cerâmicas Incisa-modeladas reconhecidas sob a denominação de diversas fases e tradições (Saladóide/Barrancóide/Pocó/Borda Incisa) têm uma correlação positiva, embora não seja possível postular ainda os motivos causadores desse fenômeno e sua abrangência geográfica e cronológica.

Mas qual a necessidade de dizer tudo isso antes de entrarmos nos contextos do rio Negro?

Primeiro, trata-se da necessidade de correlacionar a pesquisa arqueológica à produção antropológica dessa região. Ao tornar esse diálogo mais inclusivo tentamos o estabelecimento de uma história de longa-duração. Assim ao longo do trabalho essa será uma associação possível e por vezes realizada.

A correlação entre língua-registro arqueológico já foi problematizada por diversos autores no contexto das terras baixas (para uma discussão ver NEVES, 2011), problemas já reconhecidos apontam para a larga escala de tempo com a qual se trabalha *versus* a natureza do registro arqueológico (NEVES, 2011, p. 31-5). Parte dessas questões reside no risco de generalizar histórias que são heterogêneas, por isso entendemos que essa correlação não inclui só a cerâmica, mas também os aspectos contextuais (cf. HECKENBERGER, 2002 e NEVES, 2011; 2013), que podem ser aqui entendidas como o correlato de um conjunto de práticas culturais que ocorrem de maneiras diferentes e com suas especificidades em diversas regiões de ocupação Arawak, embora não apenas.

Por isso, no caso dos sítios estudados será considerada a cerâmica e sempre que possível, a maneira como as ocupações ocorreram (tamanho, forma de assentamento, espessura e características dos depósitos arqueológicos).

Contudo, como se tentou mostrar aqui, a história antiga do rio Negro envolve também diversas histórias que, embora tenham um etos comum, podem ter acontecido de maneiras distintas. Isso se deve a uma série de contingências históricas, ambientais, religiosas e políticas que resultam em um sistema complexo e dinâmico e que mesmo na análise de grupos contemporâneos, são assinaladamente pouco compreendidas.

Dessa maneira, trabalhar com a correlação língua-registro arqueológico “não implica reconhecer uma correspondência geral entre etnias específicas, idiomas e cultura material” (HORNBORG; HILL, 2011, p. 11, “tradução nossa”). A proposta aqui é trabalhar essa escala duradoura de tempo focando na cerâmica e contextos associados, a partir da análise dos atributos que demonstrem as mudanças e semelhanças locais e que nos permita cruzar esses elementos com os dados produzidos regionalmente, incluindo principalmente a região do rio Negro, Solimões e Baixo Amazonas. No entanto, o estágio inicial das pesquisas arqueológicas na região do BRN e a realização de estudos sobre a cerâmica Barrancóide não nos permite ainda associá-las sem que ocorra uma restrição a outras perguntas igualmente importantes, então é fato que essa comparação não deve ser feita de maneira simplista⁷.

Em uma escala maior (e demandando trabalho para toda a vida) essa questão requer que se reconheçam como se deram as mudanças entre uma fase e outra, como ocorrem as semelhanças (em que grau podemos falar de semelhanças), como esses dois âmbitos estão dispersos cronológica e geograficamente e o que isso significa em termos de um processo histórico.

O rio Unini também pode ser entendido como um dos muitos caminhos amazônicos que conectavam o rio Solimões ao rio Negro, sua proximidade com o rio Branco também sugere que essa conexão poderia ser ainda maior. Segundo Hornborg &

⁷Exemplo disso é que embora seja reconhecida certa homogeneidade na TBI pouco se tem falado sobre as especificidades de cada conjunto, isto é, das diferenças existentes nesses conjuntos semelhantes, como essas diferenças se relacionam no tempo e no espaço e qual sua relação com outras cerâmicas também amplamente dispersas do quadro cronológico Amazônico (*e.g.*: cerâmicas da Tradição Polícroma da Amazônia). Acredita-se que tais diferenças não podem ser apontadas apenas como respostas funcionais (ambientais, por exemplo), mas ao contrário devam considerar a existência de uma teia de relações que se deram entre seus produtores.

Hill (2011), esses atalhos interfluviais também conhecidos no Alto Xingu, Purus, Madre de Díos e em diversas regiões do rio Amazonas podem ajudar a explicar “the very early stylistic connections between the upper Amazon and the Orinoco” (HORNBORG & HILL, 2011, p. 16) tal qual proposto por Lathrap.

A meu ver essas similitudes, vistas na cerâmica e na maneira de ocupar os *lugares*, também estão presentes entre diversas fases e tradições ao longo do rio Amazonas (*e.g.*: a cerâmica do rio Unini e a cerâmica antiga da região do Lago de Tefé, cf. COSTA, 2012). Essas semelhanças, contudo, devem ser olhadas com mais atenção a respeito de uma comparação formal, cronológica e estilística. É no esforço de expandir as pesquisas no rio Negro que se deu esse trabalho.

CAPITULO 2

O CENÁRIO DE OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO: PANORAMA GEOAMBIENTAL E SUAS IMPLICAÇÕES À OCUPAÇÃO HUMANA

Introdução

Esse capítulo tem dois objetivos distintos que estão relacionados:

1. Caracterizar o ambiente no qual estão os sítios. Para isso serão apresentados os principais rios do BRN e seus fatores de formação, assim como elementos do relevo, solo, vegetação e clima.
2. Propor relações entre esses aspectos e os sítios arqueológicos da área.

Tal apresentação tem apenas fins didáticos, uma vez que esses dois pontos aparecerão mesclados no texto, pois são desdobramentos de uma pergunta central: Qual a implicação dos contextos ambientais do rio Unini (e do Baixo Rio Negro em uma escala maior) para a formação natural e cultural dos sítios Floresta e Lago das Pombas? Portanto, ainda que essa pergunta possa ser ampliada de forma a abranger o atual padrão de ocupação do BRN, nosso recorte temporal nesse momento não a abrange.

1. Localização da bacia do rio Negro

A proporção gigantesca da bacia do rio Negro lhe confere grande diversidade. Abrange politicamente o norte do Brasil, a Colômbia e a Venezuela e em menor proporção também as Guianas. Com uma peculiar beleza natural, compreende uma área de aproximadamente 10% dos sete milhões de quilômetros quadrados da Bacia Amazônica, equivalendo assim à drenagem de uma área com aproximadamente 700.000 quilômetros quadrados. Da nascente, na região pré-andina colombiana, até sua foz percorre pelo menos 1.700 quilômetros (ZEIDEMANN, 2001). O rio Negro conecta também duas das maiores bacias sul-americanas por meio do canal Cassiquiare: a do rio Orinoco e do rio Amazonas, é a partir daí que recebe o nome de rio Negro.

Além do Cassiquiare há outros afluentes do rio Negro que servem como vias de conexão do rio Negro com outras bacias. Os mais importantes para esse trabalho são o rio Branco, afluente de margem esquerda do rio Negro, que o conecta às Guianas e o próprio rio Unini que o conecta a bacia do rio Solimões pelo Lago de Amanã, no médio

curso da bacia. Na obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, cuja expedição ocorreu entre 1785-1790, essa passagem já era mencionada.

Contudo esta passagem é mais utilizada atualmente no período de cheias dos rios, quando aumenta a rede de ligação com os lagos, igarapés e afluentes. Alencar (2007a; 2007b) levantou por meio da história oral a conexão entre o rio Negro e Solimões ainda viva na memória de ex-soldados da borracha, hoje moradores do Lago Amanã na região de Tefé:

A gente sabia que ia sair nesse igarapé, mas ninguém sabia aonde é que ele desembocava. Ai eles foram baixando, e quando topou a casa já foi que o cara disse que era do rio Negro, afluente do rio Unini, igarapé por nome Pretinho. Ai baixou, eles dois, por esse igarapé pra avisar o patrão. Dessa vez que o patrão foi buscar nós, peguemos cinco toneladas de sorva. Nós entramos no mês de março e viemos sair em agosto (Trecho transcrito por ALENCAR, 2007a, p. 96).

A autora ressalta que a ativação dessas memórias é um fator importante na constituição das histórias desses *lugares* e por sua vez serve como mecanismo de reforço identitário, visto que remetem a caminhos e ao conhecimento de trilhas utilizadas há algumas gerações (ALENCAR, 2007b). Não é difícil supor que na região entre os rios Solimões e Negro caminhos semelhantes tenham sido feitos diversas vezes por grupos indígenas no período pré-colonial como já estimaram Porro (1996), Hemming (2007) e como sugerem as fontes etnohistóricas demonstrando um cenário de intensa troca entre os grupos estabelecidos nessas regiões.

2. Características gerais

Para Moran (1991) há algumas características principais que tornam os ecossistemas de águas pretas distintos dos demais da bacia Amazônica:

[1] os níveis extremamente baixos de nutrientes ou oligotrofia; [2] o stress hídrico causado pelos ciclos de cheia e seca; [3] a pobre resolução ótica dos rios; [4] a baixa produtividade de biomassa vegetal e animal; [5] a alta frequência de plantas com componentes secundários tóxicos; [6] o ciclo quase fechado de nutrientes e [7] a combinação de dominância e endemismo na flora (MORAN, 1991, p. 364, “tradução nossa”).

Moran aponta que a conjunção desses fatores no ARN levou à adoção de estratégias adaptativas diferenciadas por parte das populações humanas. Nesse sentido, destacam-se alguns elementos centrais: assentamentos pequenos alocados

regionalmente por meio de questões hierárquicas e de consanguinidade e que podem ser referenciados a partir da integração de diversos grupos (GOLDMAN, 1948; NIMUENDAJU, 1950; MORAN, 1990; RIBEIRO, 1995; NEVES, 1998; GERMAN, 2001; WRIGHT, 2005). Esse aspecto tem visibilidade arqueológica, mas com exceção de Neves (1998), poucos pesquisadores têm se dedicado a essa questão.

Uma diferenciação inicial dos ambientes do rio Negro à bacia do rio Amazonas é a cor de suas águas. Nesse aspecto Sioli foi o responsável pela subdivisão dos rios em três categorias: águas claras, brancas e pretas. Apesar de alguns estudiosos considerarem sua classificação para Amazônia ainda muito generalizante (JUNK, 1983; SOUZA; CASTELLÓN, 2012), a utilizaremos aqui para enfatizar esse fator de diferenciação.

A nascente do rio Negro ocupa uma região de solos arenosos e ácidos, advindas da drenagem do escudo das Guianas, estando associados à baixa carga sedimentar (SIOLI, 1984). A cor entre o marrom-café e o marrom-oliva das águas do rio Negro deve-se a processos biogênicos desses solos ácidos que por sua carga sedimentar não constituem planícies de alagação. É importante enfatizar que a principal diferença entre rios de água branca (que nascem na região andina) e preta é a quantidade de sedimento que carregam. Quando essa carga sedimentar é alta ocorrem planícies de alagação, conhecidas como várzeas, vinculadas aos rios de água branca (SIOLI, 1984; ZEIDEMANN, 2001).

No entanto, a formação e atividade das planícies aluviais estão relacionadas a uma série de razões como relevo, topografia, litologia, fluxo de água, etc. esses aspectos por sua vez resultam no padrão de drenagem dos rios, *i.e.*, a forma como estes podem ser definidos (AB´SABER, 1975; ver anexo 1). No caso do rio Negro, sua baixa carga sedimentar (entre outros aspectos) lhe conferiu uma morfologia “relativamente canalizada” (ZEIDEMANN, 2001, p. 76), ao contrário do rio Solimões/Amazonas. Latrubesse et al. (2005) indicaram que alguns dos principais fatores na definição das morfologias de canais podem ser atribuídas ao controle hidrológico, à neotectônica⁸ e à topografia de embasamento da região. Essas condições atuaram no rio Negro que, segundo Zeidemann (2001, p. 76), “apesar de seu canal de drenagem bem definido possui extensas planícies aluviais”.

⁸ Entendidos como eventos tectônicos que se deram após o soerguimento dos Andes.

Dentre os fatores indicados por Latrubesse et al. (2005), o que mais chama a atenção de estudiosos há tempos para o BRN é a incidência e extensão de movimentos neotectônicos (STENBERG, 1950; COSTA et al., 1978; FRANZINELLI; IGREJA, 1990, 2002; COSTA et al., 1996; FORSBERG et al., 2000; LATRUBESSE et al., 2005; ALMEIDA-FILHO; MIRANDA, 2007; SARGES, 2007; SILVA et al., 2007; SILVA; ROSSETI, 2009), que também é responsável pelo mosaico de ilhas formado na rede hidrográfica dessa região (*e.g.*: o complexo Anavilhanas e Mariuá no MRN).

Há na realidade uma série de eventos sísmicos sendo observados na região do MRN e BRN, dois deles são claramente observados em imagens de radar, um a leste, outro a oeste (FORSBERG et al., 2000). Aqui nos interessam particularmente a falha do leste que ocupa o BRN porque está ligada à configuração dos rios Unini, Jaú, Carabinani, Puduari (margem direita) e Cuieiras (margem esquerda).

Os trabalhos de Forsberg et al. (2000), Silva (2005) Almeida-Filho; Miranda (2007), Sarges (2007) e Silva e Rosseti (2009) indicaram uma mega captura dos rios Cuieiras, Carabinani e Puduari indicada pela presença de paleocanais nessa região (figuras 1 e 2). No caso dos rios Jaú e Unini, tributários do BRN de maior extensão se comparados aos citados anteriormente, a neotectônica também contribui para uma intensa atividade aluvial em suas planícies (SILVA, 2005; ALMEIDA-FILHO; MIRANDA, 2007; SARGES, 2007; SILVA; ROSSETI, 2009).

Figura 1: Modelo SRTM (Shuttle Radar Topography Mission) ilustrando o paleovale que interligava os rios Cuieiras e o Igarapé Tarumã Mirim. Fonte: SILVA; ROSSETI, 2009 p. 25.

Figura 2: Modelo SRTM em tons de cinza (a) e em cores (b). A seta indica o paleocanal que atravessa transversalmente os rios Puduari e Carabinani ligando assim os rios Negro e Manacapuru. Na parte superior da imagem vê-se o rio Unini Fonte: ALMEIDA-FILHO; MIRANDA; BEISL, 2005, p. 1706.

3. O Rio Unini

A planície aluvial do rio Unini ainda está em constante transformação e exhibe em vários trechos de seu curso meandros abandonados, relativos ao processo de movimentação do rio (figura 3). A formação dos lagos de meandro (também conhecidos na literatura como *oxbow lakes*) é típica de planícies de inundação com sedimentação fina (AB´SABER, 1975, p. 44) e ambientes alagadiços que configuram as áreas de igapó. Esses lagos são ocasionados pela deposição de sedimento (margem interna) e erosão (margem externa), formando bordas côncavas de escavação e convexas de sedimentação (op. cit.). Quando o meandro é abandonado ele se torna isolado e sem relação com a dinâmica hídrica na qual estava envolvido, formando espécies de lagos em forma de ferradura, facilmente perceptíveis em imagens de satélite e na paisagem (LATHRAP, 1968; AB´SABER, 1975; DRAGO, 1976; FRANÇA, 2005).

Figura 3: Trechos diferenciados da bacia do rio Unini. Em (a) vê-se dois lagos de meandro em distintos estágios de formação, em (b) vê-se imagem obtida durante seca onde o lago de meandro ainda tem conexão com rio principal. Base: *Google Earth*, 2003.

A presença de lagos de meandro têm algumas implicações para a ocupação humana e para a formação do registro arqueológico. Lathrap (1968) demonstrou que no rio Ucayali, devido à atividade da planície aluvial, havia uma mudança contínua na paisagem ribeirinha, que muitas vezes poderia resultar na alta mobilidade de seus ocupantes. Para Lathrap, a dinâmica de deposição dessas áreas também as tornaria locais propícios à identificação de ocupações mais antigas, que teriam sido enterradas por eventos paleoambientais de deposição. Ab'Saber (1975, p. 33) e Rapp & Hill (1998, p. 60) atestam que devido aos episódios de deposição tanto os terraços das planícies aluviais como os ambientes lacustres dos meandros são, de fato, altamente potenciais à conservação de evidências paleoclimáticas e de ocupações pré-coloniais. Paradoxalmente outra característica dessas formações são os ciclos de erosão que dificultam o entendimento dos processos de ocupações “antigas” (leiam-se pré-coloniais).

Seguindo a mesma hipótese de Lathrap (1968), Neves (1998) testou no ARN (rio Uaupés) a correlação entre lagos de meandro e ocupações mais antigas. O autor identificou cinco sítios nesses ambientes, sendo que dois deles (sítios Marabitaná I e II) forneceram as datações mais recuadas da pesquisa (NEVES, 1998, p. 292; 302-5). Denevan (1996) também indicou que os lagos de meandro poderiam ser parte da estratégia adaptativa de populações indígenas da terra firme. No modelo de Denevan os

lagos de meandro, assim como as áreas de *bluff*, seriam fundamentais no entendimento do modo de vida amazônico do passado, onde *prevaleceram a variabilidade e a flexibilidade* (DENEVAN, 1996. p. 675), sem estabelecer dicotomias generalizantes entre ambientes de várzea e terra firme.

No rio Unini, embora ocorram lagos de meandro os sítios arqueológicos até agora identificados estão fora dessas formações (os lagos de meandro não foram levantados arqueologicamente). Os sítios estão em sua maioria localizados ao longo da calha principal. O que se vê é que a partir do baixo curso do rio Unini o padrão retilíneo é substituído pelo meandrante (Costa et al., 1978, p. 210)⁹ que predomina até seu alto curso, nos dois ambientes há ocorrência de sítios arqueológicos, mas quando o Unini se torna mais meandrante os sítios estão localizados em redes de pequenos furos, igapós e lagos, oferecendo por exemplo maior acessibilidade à recursos de diferentes sistemas, inclusive às áreas de igapó. Possivelmente há também uma diferença marcada na estratigrafia dos sítios, uma vez que nos sítios do baixo curso do Unini (onde o rio é mais retilíneo) os sítios não devem exibir a camada de sedimentação característica dos ambientes de deposição (figura 4). Há ainda de ser avaliado a diferença desses ambientes na formação do registro arqueológico do rio Unini.

⁹ Na porção retilínea a bacia está sobre os embasamentos da formação Prosperança e Jauaperi, de idade mais antiga que a formação da planície aluvial (ver anexo 1).

Figura 4: Regiões do baixo e médio rio Unini a partir de modelos de elevação digital que demonstram de fato haver uma diferença entre essas áreas por conta da maior ou menor incidência de áreas alagadas. Nos mapas foram plotados os sítios arqueológicos identificados que estão sobre comunidades ribeirinhas. Elaboração: Thiago Trindade, 2013.

O sítio Floresta está na calha principal do rio Unini em área de baixo terraço (AB'SABER, 1975, p. 34). Curiosamente, não há relatos dos moradores dessa comunidade sobre fenômenos de inundações recentes, mesmo em recordes de cheias como os eventos ocorridos em 2009 e 2012 na região Amazônica (FVA, 2013, comunicação pessoal) e que afetaram particularmente o BRN. Ainda sim, mostraremos que há áreas no sítio Floresta onde a estratigrafia exibe claras camadas de deposição. Já o sítio Lago das Pombas está na confluência do rio Unini com o Lago homônimo formado por uma extensa área de igapó. Ambos têm acesso facilitado ao rio Unini, o que ocorre em todos os sítios identificados, não é de estranhar então que todos os sítios arqueológicos sejam atualmente áreas de comunidades que em sua maioria estão livres de inundações constantes.

Outro fator importante na caracterização do ambiente da bacia do rio Negro é a vegetação. Pires e Prance (1985 apud PINHEIRO E BORGES, 2004, p. 22) identificaram cinco classes vegetacionais na Amazônia: floresta de terra firme, floresta de áreas alagáveis, vegetação de savana, vegetação oligotrófica e vegetações que cobrem pequenas áreas. A partir disso foram levantadas sete classes gerais no PNJ, que

engloba nossa área de estudo (anexo 2): Floresta de terra firme aberta, floresta de terra firme densa, floresta de terra firme submontana densa, igapó fechado, igapó aberto, áreas de campina e áreas de campinarana (PINHEIRO; BORGES, 2004).

Dois desses tipos são predominantes no rio Unini e entorno. A dominância é das florestas de terra firme densa, localizadas sobre solos argilosos bem drenados (e geralmente áreas mais altas do relevo), o que lhe confere alta diversidade de espécies. Caracterizam-se por espécies de estrato arbóreo com cerca de 30 metros de altura (VICENTINI, 2001; 2004). O segundo tipo mais comum são igapós fechados (OLIVEIRA et al., 2001), que são áreas alagadas a maior parte do ano onde, em relação às áreas de terra firme, há uma redução das espécies vegetais disponíveis, embora esteja relacionado a altas taxas de endemismo.

As áreas de igapó são de grande importância para a ocupação humana porque servem como verdadeiras ilhas de recursos para a pesca durante os períodos de enchente e cheia (MORAN, 1990), mas são diferentes das várzeas amazônicas. Ainda que igapós e várzeas ocorram em áreas alagadas e tenham alto endemismo de espécies, há algumas diferenças principais: as várzeas são vinculadas apenas aos rios de água branca (com alta taxa de nutrientes) e os igapós aos rios água preta (ambientes com alto grau de acidez e baixa taxa de nutrientes), o que também quer dizer que a formação sedimentar desses ambientes é significativamente diferente. Além disso, as composições vegetais associadas a esses ambientes são também distintas entre si (OLIVEIRA et al., 2001, p. 201-4).

Outros tipos que não ocorrem predominantemente na bacia do rio Unini, mas não podem ser desvinculados do quadro ambiental do BRN são as campinas e campinaranas¹⁰. As campinaranas, também conhecidas como falsas campinas, estão presentes somente no baixo curso do rio Unini (OLIVEIRA et al., 2001; PINHEIRO; BORGES, 2004). Por ser um tipo muito comum de ambientes oligotróficos associa-se aos estratos mais arenosos (podzólicos), que ocorrem nas formações geológicas mais antigas, onde predominam árvores de copas baixas e abertas. As campinas também são formações sobre solos podzólicos, mal drenados que aparecem em manchas zoneadas por solos argilosos. Caracterizam-se por vegetações arbustivas abertas, de baixo porte,

¹⁰ Muitos autores usam os termos campinas e campinaranas como sinônimos, uma vez que estão ligadas ambientes muito semelhantes.

onde as copas das árvores não se justapõem (OLIVEIRA et al., 2001; VICENTINI, 2004). Também são conhecidas como caatingas amazônicas ou caatingas baixas (MORAN, 1991, p. 364; OLIVEIRA et al., 2001, p. 184).

Vicentini (2004) documentou na região de interflúvio dos rios Jaú e Unini uma área de campina anômala que por sua extensão formava uma espécie de “ilha”, *uma das maiores dentro do PNJ, onde são altas a diversidade e a variação ambiental* (VICENTINI, 2004, p. 122). A manutenção e expansão desse tipo de vegetação numa região próxima à Manaus foram associadas por Prance e Schubart (1978) à ocorrência de fogos antropogênicos relacionados a sítios arqueológicos com cerâmica Guarita. Foram amostrados ao menos dois sítios entre os rios Apuaú e Cuieiras (margem esquerda do rio Negro). Prance e Schubart (1978, p. 568-9) apresentaram para a região duas datas, uma relativa ao sítio AM-MA-9, em torno de 825 ± 90 DC e outra de 800 ± 30 DC relativa ao rio Cuieiras¹¹. Para os autores é clara a associação entre os fabricantes da cerâmica Guarita e os eventos de queima da campina que resultou na manutenção desses ambientes, diminuindo suas limitações ecológicas.

A ocorrência da campina relatada por Vicentini em nossa área de estudo também considera eventos de queimada, no entanto nessa região Vicentini (2004, p. 118) acredita tratar-se de outro tipo de fenômeno, associado a eventos de grande stress climático causados pelo *El-Niño*, não relacionado a fogos antropogênicos.

Na realidade esses indícios de fogos podem estar associados tanto a períodos mais secos, e por isso mais propensos a queimadas naturais, como também à produção e manutenção de roças, como as indicadas na Venezuela (CLARK; UHL, 1987 apud NEVES, 1998) ou hipotetizada por Neves no ARN (1998, p. 100). Lira (2009a) também chamou atenção ao estudo de Prance e Schubart (1978), mas desconsiderou a associação entre áreas de campinarana e intervenção antrópica. Essa possibilidade, entretanto, não pode ser desconsiderada sem que estudos sistemáticos nessa área sejam realizados e novos dados possam ser gerados. A compreensão desses eventos é fundamental para o entendimento de processos paleoambientais da região.

Além dos solos argilosos e arenosos ácidos no BRN também ocorrem os solos de terra preta. Trata-se de solos antropicamente modificados, que hoje reúnem uma série

¹¹ O contexto desse sítio e essa data não foram verificados no compendio de Simões e Araújo (1987) sobre o BRN e por isso não são discutidos.

de estudos sobre sua composição, formação, variabilidade, localização, uso atual entre muitos outros. Solos de terra preta são comuns na região Amazônica e na área de confluência dos rios Negro e Solimões aparecem em grandes extensões (KERN et al., 2003). As pesquisas arqueológicas dos últimos anos têm considerado tais áreas como correlatos da ação humana não necessariamente ligada a áreas manejadas, ao contrário, parece haver grande diversidade na sua formação, mas parte das áreas levantadas indicam ter sido áreas de habitação, onde o depósito contínuo de resíduos orgânicos produziu esses solos enegrecidos com alto teor de fósforo, magnésio, cálcio, potássio entre outros, tornando-as áreas muito férteis à agricultura e por isso comumente utilizadas como roçados no período atual (KERN et al., 2003; MYERS, et al., 2003; NEVES et al., 2003; ARROYO-KALIN; NEVES; WOODS, 2009; TEIXEIRA et al., 2009).

No BRN (região de calha principal, proximidades dos rios Carabinani, Cueiras, Apuaú e Tarumã) há várias áreas identificadas com a presença de terras pretas (PRANCE; SCHUBART, 1978; SIMÕES; KALKMANN, 1987; GERMAN, 2001; LIMA, 2008; FRASER et al., 2009). Entretanto, essas áreas não são homogêneas em forma, tamanho e composição. No sítio Açutuba, por exemplo, localizado próximo à área de confluência dos rios Negro e Solimões a extensão da terra preta alcança aproximadamente 3 km e profundidades variadas que nas áreas de montículos podem exceder 100 cm (LIMA, 2008). Já no rio Unini grande parte dos sítios identificados tem camadas de terras pretas profundas, em geral seladas pela matriz de sedimentação do rio e com extensões muito restritas se comparadas aos sítios da calha do rio Negro, principalmente aqueles próximo à área de confluência.

Se aceitarmos as áreas de terra preta como indicativos de áreas ocupadas no período pré-colonial (cf. NEVES et al., 2003; NEVES; PETERSEN, 2006), na região do Unini há uma significativa redução no tamanho dos assentamentos. É então fundamental que haja continuidade das pesquisas arqueológicas nessa região para que possamos entender qual a distribuição dessas terras pretas, se essa diferença em forma e extensão ocorre também em outros afluentes do rio Negro e de que forma podemos explicar tais diferenças.

Como no restante da bacia Amazônica, o clima do rio Negro é típico da floresta tropical: quente úmido. Há alternância entre épocas de excessivo calor e outras de fortes

pancadas de chuva, ambas marcadas por altas taxas de umidade que renderam à região Amazônica a classificação de grande homogeneidade climática, mesmo que haja significativas diferenças regionais (AB´SABER, 2003, p. 67). O rio Negro ocupa a porção Amazônica onde há predominância de estações chuvosas e menos chuvosas, conhecida entre os moradores como períodos de inverno e verão. Segundo Zeidemann (2001, p. 66), essa região é uma das mais afetadas pelo regime de chuvas, *alcançando níveis superiores a 3.500 mm na região do Alto rio Negro*, o que resulta em eventos de grandes cheias nessa bacia (AB´SABER, 2003). Tais períodos de inverno (dezembro-abril) e verão (julho-novembro)¹² estão associados aos meses de cheia e seca, respectivamente.

Pode-se dizer que esses ciclos são um dos principais eixos do cotidiano na bacia Amazônica. No caso do rio Negro, Silva et al., (2010, p. 67) indicaram que são “ciclos que orientam vidas: a pescaria, caçadas, preparo do solo e plantio das roças, as colheitas, a navegação e uma gama de rituais”. Em seu trabalho no ARN, Berta Ribeiro (1995) documentou uma série de práticas relacionadas às atividades produtivas dos Dêsana regidas por ciclos climáticos, onde cada trabalho é calculado considerando-se a grande alternância entre longos períodos de chuva e curtos verões. É o que Valle Tuyuka (2010) e Valência Makuna (2010) reconhecem como um “calendário ecológico”.

Dessa forma, interação parece ser uma palavra chave nesse contexto. A interação do homem com esses ciclos propõem em síntese, um registro ordenativo que não é linear, mas cíclico, para as fases do ano. Em uma análise transgressiva, isso demonstra a importância de que sejam compreendidos pela arqueologia os aspectos ambientais que formam e/ou formaram os sítios arqueológicos. Simplificando uma discussão mais complexa, eventos ambientais de diversas ordens podem ter tido implicações diretas nos modos de vida das pessoas que habitaram os lugares que chamamos de sítios arqueológicos. No rio Negro essa tarefa já começou, mas ainda há muito por se fazer.

4. A bacia do rio Unini vista das áreas de conservação

A região do Baixo Rio Negro é caracterizada hoje por 12 áreas protegidas, incluindo as unidades de conservação e a Terra Indígena Waimiri Atroari. Reunidas, essas áreas protegidas compõem um dos maiores corredores ecológicos brasileiros: o

¹² Por conta das diferenças de altitude, relevo e precipitação, os períodos inverno e verão são distintos no Alto e Baixo Rio Negro. São apresentadas médias destes.

Corredor Central da Amazônia. Em linhas gerais, a proposta principal dos corredores é interligar as áreas protegidas a fim de evitar ou diminuir a fragmentação que lhe é característica e que em algumas regiões formam espécies de ilhas isoladas. Segundo o ISA¹³, o Corredor Central da Amazônia foi criado em 2002 e incorpora ao todo 76 áreas protegidas, abrangendo uma área maior que 52 milhões de hectares.

A bacia do rio Unini, inserida nessa área, divide-se em três UCs: o Parque Nacional do Jaú (Parna Jaú), situado aproximadamente 220 km a noroeste de Manaus, que engloba as bacias dos rios Carabinani, Jaú e Unini nos municípios de Novo Airão e Barcelos, a Reserva Extrativista (RESEX) do rio Unini que ocupa a margem esquerda do rio Unini limitando-se com o Parna Jaú, no município de Barcelos e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã, situada aproximadamente 650 km a oeste de Manaus que ocupa em sua maior parte o município de Barcelos (BORGES et al., 2004; CALDENHOF, 2009; COSTA, 2012).

Quadro 1: Características gerais das UCs do rio Unini. Adaptado de: ISA SOCIAMBIENTAL/ Sistema Nacional de Unidades de Conservação.

Categoria	UC	Tipo de Proteção	Âmbito	Gestor	Área (ha.)	Criação
PARNA	Jaú	Integral	Federal	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	2.272.000	1980
RESEX	Rio Unini	Uso Sustentável	Federal	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade	833.352	2006
RDS	Amanã	Uso Sustentável	Estadual	Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá/Centro Estadual de Unidades de Conservação	2.350.000	1998

As implicações desse mosaico tiveram repercussões diferentes nas áreas que o compõem (cf. CALDENHOF, 2009; CREADO, 2006; CREADO et al., 2012). Isso requer que análises particulares que considerem a criação e manutenção de cada UC sejam consideradas. No entanto, devido ao nosso foco na bacia do rio Unini (particularmente às comunidades Floresta e Lago das Pombas) que engloba o Parque

¹³ <http://uc.socioambiental.org/> (Acessado em agosto de 2013).

Nacional do Jaú, será dada maior atenção a essa Unidade. Além disso, o Parque Nacional do Jaú também é interessante porque das três UCs citadas é a única Unidade de uso integral, que segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (2000) são aquelas onde não deve haver interferência humana seja “consumo, coleta, dano ou destruição dos recursos naturais” (artigo 2, inciso IX, SNUC, 2000), o que implica que se criem e discutam estratégias de gestão a essa UC.

Historicamente a criação do PNJ está ligada à atenção que se deu ao desmatamento Amazônico entre fins da década de 60 e 70. Nessa linha de pensamento, a Teoria dos Refúgios de Haffer chamava a atenção a áreas com alta prioridade de preservação, como a bacia do rio Jaú (GUAZELLI et al., 1998). Em síntese, essa teoria propunha que alguns locais haviam sido isolados por flutuações climáticas, processo durante o qual essas áreas teriam expandido e retraído, criando espaços de alto endemismo de espécies vegetais e animais.

Em um contexto mais amplo, a criação das unidades de conservação nesse período no Brasil tem explicação num modelo desenvolvimentista que ambientalmente tratou em instâncias distintas a preservação e o homem (GUAZELLI et al., 1998; DIEGUES, 2001; BARRETO FILHO, 2010). Diegues (2001) enfatizou que essa proposta surgiu nos EUA e se baseava na noção da natureza como áreas intocadas, portanto aquelas de grande interesse biológico deveriam ser mantidas longe da intervenção humana uma vez que esta lhe era prejudicial. Lentamente a partir da década de 90 essa situação começou a mudar e incorporar as dimensões política e social nesses contextos (GUAZELLI et al., 1998, p. 4), embora permaneçam impasses sobre a agência dos atores envolvidos no processo de criação e manutenção dessas UCs. No caso do Parna Jaú esses impasses incorporam desde a discussão sobre os direitos restritivos de uso dos recursos e permanência nos lugares ao papel social que a criação do Parque trouxe aos moradores (CREADO, 2006; CREADO et al., 2012).

Em 1993 foi realizado um termo de cogestão (hoje Termo de Cooperação Técnica) entre IBAMA e a Fundação Vitória Amazônica (FVA) que atuaria diretamente junto às comunidades. “O convênio tinha como objeto o apoio às ações de vigilância, fiscalização, administração, pesquisa, educação ambiental e manejo do Parque Nacional do Jaú” (GUAZELLI et al., 1998, p. 6). Nesse âmbito diversas ações foram e continuam sendo realizadas para o entendimento das relações socioambientais que se dão na área do Parque e foi nesse sentido que em 1998, a FVA e os moradores do PNJ propuseram

o plano de manejo do Parque. Um dos principais objetivos desse plano era garantir a permanência das populações na área do Parque, frente às restrições impostas pelo fato de o Parna Jaú ser uma área de proteção integral ou propor medidas que compensassem sua saída (GUAZELLI et al., 1998). A própria criação da RESEX do rio Unini tem estreita relação com os conflitos sobre uso da terra causados pela existência do Parna Jaú:

Com apoio da FVA, os moradores do rio Unini, em 2002, fundaram a AMORU [Associação de Moradores do Rio Unini] e passaram a lutar pela criação de uma reserva extrativista na margem esquerda do rio, com o objetivo central de permanecer em suas áreas tradicionais de moradia e uso, e terem um local para reassentamento quando receberem a indenização devida pelo governo federal, no processo de regularização fundiária que deverá ocorrer no Parque Nacional do Jaú (CALDENHOF, 2009, p. 45).

Segundo os dados levantados por Caldenhof entre 2007/2008 há aproximadamente 186 famílias vivendo no rio Unini que estão distribuídas por nove comunidades, ficando assim divididas: Vista Alegre, Lago das Pombas, Floresta, Manapana, Tapiira e Democracia integram o Parque Nacional do Jaú; Vila Nunes integra a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã; Terra Nova, Lago das Pedras e a localidade Frauzino integram a Resex Unini (ibid.). Grande parte das comunidades do rio Unini tem na pesca e na agricultura de subsistência suas principais atividades, o agroextrativismo também é marcado e sua comercialização é a base do sistema de aviação¹⁴ dessa área (ibid.; GUAZELLI et al., 1998, p. 45).

Com essas características gerais, o rio Unini é historicamente a área mais habitada do Parna Jaú. Segundo os levantamentos censitários realizados em 1992, 1998 e 2001 na bacia do rio Unini houve um “ligeiro aumento no número total de pessoas e de grupos domésticos (famílias) no período considerado” (FVA, 2005, p. 42). Na comunidade Floresta o censo de 2001 registrou 11 famílias (46 pessoas) e na localidade de Lago das Pombas foram registradas 8 famílias (36 pessoas).

Ainda sim, grande êxodo foi registrado dentro e no entorno dessa bacia (CREADO, 2006, p. 170). As taxas mais alarmantes foram, contudo no rio Jaú e referem-se ao momento de criação do Parque sendo justificados pelo acentuado controle de fiscalização por parte dos funcionários do IBAMA, que segundo Pinheiro e Macedo

¹⁴ Definido como o subsídio dado para financiar a coleta, sendo o pagamento posterior feito com a produção.

(2004, p. 52) levou mais de 90% dos moradores do Parque a migrarem para as cidades de Novo Airão e Manaus. Como Caldenhof (ibid.) demonstrou, no entanto não se pode eliminar desse processo migratório as dinâmicas regionais em busca de melhores qualidades de vida e recursos.

Essa breve caracterização da bacia do rio Unini e seu entorno a partir das UCs demonstra que a inserção das comunidades como agentes de sua própria história tem sido fundamental no gerenciamento cotidiano das Unidades. E aqui é notória uma diferença entre o ideal de preservação que se tinha entre os anos 60-80 e o de conservação considerado no diálogo com as comunidades. É nesse sentido que se dá a importância da pesquisa arqueológica.

Embora sejam reconhecidas algumas ações relacionadas à pesquisa arqueológica nessa área (HECKENBERGER, 1997; VALLE, 2012) ainda não se pode dizer que haja atualmente um diálogo efetivo entre comunitários e arqueólogos na área de abrangência do Parna Jaú enfocado aqui. Claramente essa questão é reflexão do estágio inicial de pesquisas na região do rio Negro e do rio Unini particularmente.

Na realidade, ainda que a região Amazônica tenha um dos maiores corredores ecológicos do Brasil e mais de uma centena de sítios arqueológicos identificados (cf. NEVES, 2006), a única UC onde tem se discutido um programa de pesquisa arqueológica vinculado ao plano de manejo é a RDS Amanã (COSTA, 2012). Essa situação é alarmante frente às inúmeras contribuições que a arqueologia traria para construção de um quadro histórico que enfoque a construção das identidades locais. Tal quadro teria como principal subsídio a noção de que os lugares tão desejados de proteção são construções sociais, simbólicas e políticas e, portanto são frequentemente transformados.

A intenção não é questionar a criação das UCs, mas apontar a necessidade de diálogos com as comunidades feitos a partir da arqueologia, como forma de relativizar a dicotomia entre natureza e cultura e historicizar essas paisagens, entendendo-as como paisagens dinâmicas porque são antrópicas e “fenômenos de cultura” (SILVEIRA, BEZERRA, 2007, p. 91). Essa noção implica também no reconhecimento da historicidade das populações que habitam as UCs (cf. CALDENHOF, 2009).

Nesse sentido, o entendimento de áreas protegidas como uma ferramenta desvinculada da noção de patrimônio (cf. SILVEIRA, BEZERRA, 2007) é uma arbitrariedade e por isso deve ser refletido. Ao contrário, como um lugar onde são ensejadas relações humanas, a conservação desses lugares deve considerá-los como significados e resignificados ao longo do tempo, das experiências humanas e do próprio contexto sociodiversificado no qual são inseridos.

Para a prática arqueológica certamente o maior desafio é articular o diálogo científico e o tradicional, sem superestimar qualquer uma dessas esferas. A meu ver, essa relação então deve ser pautada pelo contato continuado, entrosamento e pelo estabelecimento de objetivos claros que envolvam esses atores. De partida é necessário reconhecer que essa uma construção conjunta e como tal engloba uma diversidade de vozes e perspectivas, mas que podem se tratadas de maneira inter-relacionada.

Assim, a proposta que se faz aqui é que as ações arqueológicas futuras na área do Parna Jaú sejam tomadas a partir dessa noção. Para tanto, propomos abaixo um conjunto de ações iniciais à construção desse diálogo:

- 1) Apresentação dos resultados até então alcançados pela pesquisa arqueológica, a ser feito em diversas comunidades do rio Unini (especialmente naquelas onde foram identificados sítios ou vestígios arqueológicos) e Jaú;
- 2) Ações de levantamento sobre a visão/entendimento/postura dos comunitários acerca da arqueologia;
- 3) O estabelecimento de parâmetros ao estudo dos sítios arqueológicos, considerando seu contexto de formação natural e cultural;
- 4) Propor a definição de critérios que subsidiem o estabelecimento de planos de ação mais emergenciais como o é caso, por exemplo, de sítios arqueológicos diretamente afetados pelo turismo e/ou degradação como as ruínas de Airão Velho;
- 5) Definir parâmetros ao estabelecimento de um projeto compartilhado com objetivos que reúnam interesses acadêmicos e ribeirinhos.

A essas ações podem ser acrescentar outras conforme a necessidade dos agentes envolvidos. Embora esse trabalho não discuta essas questões esperamos que em um futuro próximo elas sejam incorporadas nas agendas de pesquisa.

CAPITULO 3

O CENÁRIO DE OCUPAÇÃO DO BAIXO RIO NEGRO: OCUPAÇÃO HUMANA PRÉ-COLONIZAÇÃO

Introdução

Os relatos etnohistóricos da região do rio Negro oferecem uma vasta literatura sobre a presença indígena na região que foi numerosamente descrita a partir dos séculos XVII e XVIII, momentos em que se intensificaram a dizimação desses grupos por meio da colonização (PORRO, 1996; HEMMING, 2007; UGARTE, 2009). Contudo, as notícias sobre as populações que habitavam a bacia do rio Negro nesse período são fragmentadas, em grande parte pelo caráter exploratório que as expedições colonizadoras tiveram, mas estudiosos etnohistóricos estimam que sobrevivia nesse período um complexo sistema regional indígena que por isso se estima ser anterior à colonização (cf. DREYFUS, 1993).

Dessa maneira, o intuito do primeiro tópico desse capítulo é tratar brevemente dessa maneira de organização, para demonstrar sua pluralidade (mesmo com princípios estruturantes) que vêm sendo reconhecidos como características de uma longa tradição na região, ainda que tenham acontecido diversas transformações ao longo do tempo (WRIGHT, 1992; 2005). Outros autores já fizeram um histórico da ocupação do rio Negro com base nas fontes etnohistóricas e na literatura disponível (MEIRA, 1991; 2005; NEVES, 1998; VALLE, 2012), motivo pelo qual não cabe refazê-lo, iremos retomar essa discussão e por vezes particularizar os habitantes da área de pesquisa (BRN). O intuito não é uma livre e direta associação dos povos que habitavam essa região na época do contato com os vestígios encontrados nos sítios arqueológicos, essa tarefa é mais complexa e por hora o que se quer demonstrar é um quadro de diversidade frente à marcada presença de grupos falantes de línguas Arawak, sendo que nos interessa particularmente que princípios de organização são ressaltados nessas ocupações.

O segundo tópico trata particularmente da pesquisa arqueológica no BRN demonstrando o que a arqueologia tem levantado sobre tais modos de ocupação. Dessa maneira, o foco são os dados disponíveis até então, que problemas de pesquisa surgem a partir deles e como o rio Unini está inserido nessa série de questões.

1. Fontes etnohistóricas e modos de organização

Os primeiros relatos do rio Negro são da viagem de Orellana em meados do século XVI – 1542 – (HEMMING, 2007, p. 286), mas é a partir dos séculos XVII e XVIII que tais relatos se tornaram constante, devido à atuação mais incisiva da política missionária e colonizadora que marcou significativamente o curso dos modos de vida na região.

O estudo de fontes históricas da região das Guianas, rio Negro e rio Amazonas (FARAGE, 1991; DREYFUS, 1993; PORRO, 1996; MEIRA, 2005), evidencia que no período colonial além de um quadro de grande diversidade étnica havia um modo de organização, aparentemente acéfalo, que lhe era característico. O ponto central dessa ideia é um sistema regional articulado em rede, definido por Dreyfus (1993, p. 24) como “um espaço político de comunicação social e ideológica (...) um espaço evidentemente descontínuo, de fronteiras fluídas e morfologicamente flutuantes” onde era possível atuar simultaneamente promovendo trocas de bens especializados, casamentos ou raptos de mulheres, situações belicosas, além da busca de escravos para rituais (DREYFUS, 1993).

Nesse contexto são comuns menções aos falantes Karib e Arawak, particularmente no baixo rio Negro entre sua foz e a altura do rio Branco (a norte de nossa área de pesquisa) tiveram destaque os Manao (FARAGE, 1991; DREYFUS, 1993; LEONARDI, 1999; HEMMING, 2007, p. 639). Para nossa área de pesquisa, Leonardi (1999, p. 25-26) aponta em 1694 a presença de grupos Arawak, Manao, Tucum (?), Tarumã e Baré, sendo que a partir do século XVIII integraram essa área também povos Juma¹⁵ e Mura.

Apesar dessa diversidade de línguas o funcionamento das redes de integração no período colonial atuou como um mecanismo político forjando alianças entre indígenas e europeus (destacadamente os holandeses), operando no tráfico de indígenas, na troca por bens de consumo e na disputa por territórios¹⁶. Isto é, no período colonial, as redes

¹⁵ Juma ou Yuma (PORRO, 2007). Leonardi (1999, p. 47) desassocia esses Juma daqueles de língua Tupi-Kawahib que habitavam tradicionalmente a bacia do rio Madeira, já que não há relatos etnohistóricos de povos Tupi no rio Negro, atribuindo a uma homonímia. Porro relata os Juma como grupos antropófagos que no início do século XVIII haviam sido descritos no médio Solimões (entre o Jutai e o Juruá), posteriormente foram também descritos na região de Tefé, Coari, Purus e ao final desse século também foram descritos no baixo Amazonas (Itacoatiara), no baixo Madeira (Borba) e no rio Unini por Alexandre Rodrigues Ferreira (PORRO, 2007, p. 56; LEONARDI, 1999, p. 48). A partir disso, se depreende que eram grupos amplamente dispersos nesse período ou que enfrentavam um movimento rápido e intenso de migração. Dada sua dispersão em períodos tão próximos essa segunda opção é a menos provável.

¹⁶ Um exemplo dessa acirrada disputa de território é a fundação do Forte de São José da Barra do rio Negro, hoje cidade de Manaus no BRN, por Francisco da Mota Falcão em 1669 (IBGE). Segundo Farage

de integração não implicam em absolutos tratados de paz entre os povos indígenas que habitavam essa região. Demonstrando o contrário, alguns autores (FARAGE, 1991; LEONARDI, 1999; PORRO, 2007) apontam episódios de conflito entre os habitantes do BRN (destacadamente os Juma e os Manao) como formas de reordenamento político e territorial.

Por outro lado, a extensão desses conflitos e alianças faz crer que a articulação dessas redes tem origem muito anterior à invasão europeia (DREYFUS, 1993; VIDAL, 2000) tendo se baseado em relações semelhantes. Seja da maneira que for a ideia das redes de integração converge com a percepção de grupos isolados, ao contrário, um padrão cada vez mais aceito é o da integração.

Neves (1998) se baseia nessa ideia para demonstrar que na região do ARN a existência de redes de interação antecede o período colonial e perdura, ainda que transformada, atualmente. O autor compara regiões como o Ucayali, o Alto Xingú e as Guianas para demonstrar a dispersão de organizações semelhantes em um sistema integrado. Com base nesses exemplos e particularmente na região do ARN, Neves caracteriza esses sistemas regionalmente integrados (se aproximando bastante da definição de Dreyfus exposta anteriormente):

SRIs [System of Regional Interdependences] tend to be multiethnic and multilingual; their boundaries seem to be fuzzy; intra-system integration seems to occur separately or simultaneously along different lines, such as trade, marriage and warfare; patterns of integration also vary: trade may be carried out in actual markets, in ritual occasions, or informally; intercommunity marriage can be warranted by prescribed exogamy, but female raiding or informal exogamy can also promote the circulation of people. Finally, SRIs seem to present - within the given structural background provided by marriage, trade and warfare - a good deal of variability over time in terms of the ethnic composition and the patterns of integration within different groups. (NEVES, 1998, p. 71).

A permanência de formas de organização semelhantes foi vista na atualidade também no ARN por Ribeiro (1995), onde há um sistema de trocas que se delineia a partir da especialização artesanal e compõe o cenário social. Esse sistema reúne bens de produção especializada como o ralo Baniwa, cuja manufatura é exclusiva dos moradores do rio Içana (as lascas de quartzo que o constituem só são encontradas no médio Içana) e sua distribuição se dá por outros três rios o Uaupés, o Papuri e o Tiquié, a cerâmica

(1991) e Meira (2005) uma das principais justificativas à fundação do Forte está no comércio realizado entre os Manao, os Tarumã e os holandeses das Guianas (Essequibo) por meio do rio Branco. Esse comércio clandestino era tido como uma ameaça aos domínios da Coroa e a ofensiva contra a iminência holandesa foi sentida pelo menos até as três primeiras décadas do século XVIII.

Baniwa, que não é de produção única, mas não há outra tão esmerada e o cesto cargueiro Makú, que também se expande desde o Içana até o Tiquié (RIBEIRO, 1995, p. 66-67).

Nesse contexto organizacional é importante ressaltar que embora esses bens tenham sido definidos como utilitários por Ribeiro devido ao provimento indispensável à subsistência (ibid., p. 70), sua produção especializada também tem um papel identitário, uma vez que cada grupo é reconhecido pelo domínio produtivo que possui. Além dos exemplos citados acima, Ribeiro também descreve outra série de artefatos, cuja produção associa a um caráter simbólico ritual. Assim como ressaltou Velthem (2012, p. 403) as esferas materiais e imateriais nesse contexto não são separáveis.

O âmbito das especialidades artesanais é centrado em um elemento básico desse sistema que é o da troca. Essa condição também é vista no fluxo de pessoas, com os casamentos exogâmicos patrilineares e na manutenção do universo cosmológico rio Negrino (cf. HILL, 1983; CHERNELA, 1992). Então o sentido que se atribui à troca aqui é particular e equivale a um fluxo de pessoas, artefatos e ideias. Contudo, os grupos que participam desse sistema são unidades autônomas que preservam elementos particulares como a língua e a explicação mítica de como ocuparam a região (HUGH-JONES, 1979; CHERNELA, 1983; HILL, 1983; NEVES, 1998; WRIGHT, 2005; ANDRELLO, 2008).

Dessa maneira alguns pontos já se delineiam no sistema rio Negro: 1) estima-se que o padrão de integração baseado na fluidez seja antigo (anterior à colonização) e que abrangia grande parte da bacia, inclusive o MRN, o BRN e parte do rio Branco; 2) esse sistema não se baseou unicamente em tratados de paz, mas no período colonial não foram identificados registros de conflitos internos entre grupos da mesma matriz linguística; 3) atualmente sua permanência no ARN se dá pela produção especializada de bens a qual é atribuído um caráter identitário e simbólico; 4) essas características são muito semelhantes ao que Heckenberger (2002, p. 114) chamou de regionalidade.

Certamente particularizamos essa discussão para alguns poucos aspectos do sistema Rio Negro (que é mais diverso e plural que isso), mesmo assim já se vê que esse sistema foi parcialmente esgarçado a partir de meados do século XVIII, período no qual a condição de dizimação indígena e ribeirinha era outra e reflexo dos inúmeros ataques sofridos aos povos da região. Não se trata de vitimizar esses povos que como Cunha

(1992, p. 19) demonstrou são agentes de suas histórias, mas há de se reconhecer que o rio Negro atual é o resultado de “um reagrupamento de grupos linguísticos etnicamente diversos, cuja homogeneidade reside numa história compartilhada (CUNHA, 1992 apud ANDRELLO, 2010, p. 132)”.

A esse exemplo, Leonardi (1999, p. 48), relatou a partir da viagem de Spix e Martius que em 1821, por conta da política de descimentos o BRN, na altura de Airão, era habitado além dos grupos anteriormente citados por indígenas Coretu, Juri, Passé, Uianumá, Jumana, Miranha e Uaranacoacena, indicando uma intensa mobilização entre as bacias dos rios Solimões, Japurá e Negro (cf. Porro, 2007), sendo que estes foram os povos identificados pelos primeiros viajantes e cronistas que passaram pela bacia do rio Negro.

2. Histórico de Pesquisas Arqueológicas

Foi também a partir do século XVIII que se viu a consolidação das expedições científicas no rio Negro, embora apenas no século XX tenham sido iniciados estudos arqueológicos sistemáticos. Ainda sim o que se vê, é uma série de lacunas no quadro das pesquisas arqueológicas, com grande parte dessa extensa bacia ainda pobremente conhecida. Se reduzirmos o foco à região do BRN veremos que há aí grande diversidade de sítios até então levantados e uma extensa gama de perguntas a serem respondidas.

Inicialmente, a prática das expedições científicas estava ligada à definição das fronteiras regionais, à demarcação de territórios e ao mapeamento de recursos naturais da região (BARBOSA E FERREIRA, 1997). No campo das ciências humanas, muitas dessas expedições foram responsáveis pelos primeiros *reports* detalhados sobre a presença humana na região do rio Negro. Como Barreto e Machado (2001) apontaram deve-se a muitas delas a documentação de modos de vida pretéritos da região Amazônica.

Nesse contexto destaca-se a expedição do naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira que ocorreu entre 1785-1790. Durante “A viagem filosófica ao rio Negro”, Ferreira percorreu uma série de afluentes desse rio, incluindo o rio Unini, que apenas “os brancos” da região conheciam por Anani (FERREIRA, 2007, p. 301)¹⁷. As contribuições da viagem de Ferreira ocorreram em várias áreas do conhecimento, mas

¹⁷ Nos rios Jaú e Unini menciona a presença em tempos antigos dos Caraias (p. 349).

os relatos de vários grupos indígenas que ocupavam essa área e uma extensa coleta de seus artefatos (figura 5) são uma “inestimável contribuição à etnografia da região” (BARRETO; MACHADO, 2001, p. 241, “tradução nossa”).

Figura 5: Material cerâmico etnográfico coletado por Alexandre Rodrigues Ferreira durante a viagem ao Rio Negro. Segundo a publicação são originários das “índias de Barcelos”. É interessante notar o hibridismo desses vasos misturando elementos vistos na cerâmica pós-contato (as flores, por exemplo) com elementos diagnósticos da cerâmica mais tardia dessa região associada à cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) visto tanto nas formas dos vasos, quanto nos aspectos decorativos (cf. a tiara vista na imagem “c” e a forma do vaso da imagem “d”). Fonte: SOARES; FERRÃO, 2005.

Posteriormente, por volta de meados do século XIX, passaram pela atual cidade de Manaus os viajantes Castelnau e Paul Marcoy. Marcoy havia descido o rio Amazonas desde os Andes e na ocasião descreveu uma série de vasos expostos na região central da então Vila Manaos:

Esses vasos, feitos de material grosseiro de cor pardo-escura, encontram-se ao nível do chão. Sua profundidade varia de 70 cm a um metro; o diâmetro das bocas é cerca de 40 cm. Desenhos grosseiros em forma de losango, zigue-zague, galões, etc., são traçados em preto na superfície externa. Alguns têm tampa, mas na grande maioria estão abertos e vazios. (MARCOY, 2001, p. 166-7).

Os vasos descritos por Marcoy em sua passagem por Manaus remetem às cerâmicas da fase Paredão (cronologicamente situada entre os séculos VII-XII DC). A fase Paredão parece ocorrer largamente nos sítios identificados na cidade de Manaus e suas imediações, além de parte do baixo curso do rio Madeira e do rio Amazonas na região de Maués (MORAES, 2013; LIMA; SILVA; MORAES, 2011), embora ainda não se conheça seu limite oeste na calha do Rio Negro.

Já em 1889, Alfred Russel Wallace publicou *Travels on the Amazon and Rio Negro*, no qual apresentou algumas reproduções de grafismos dos suportes rochosos do rio Uaupés, no ARN.

Apenas no fim do século XIX o brasileiro João Barbosa Rodrigues começou a mudar o quadro descritivo do registro arqueológico Amazônico tratando especificamente da região do rio Negro. Uma das obras mais conhecidas de Barbosa Rodrigues é, na realidade, sobre o sítio cemitério Miracanguera, no baixo Amazonas. Entretanto, em outra obra menos conhecida Barbosa Rodrigues tratou sobre o rio Jauaperi, limite noroeste de nossa área de pesquisa. Naquela ocasião se ateu às gravuras rupestres da região de Moura, mas que segundo o autor se estendiam “*desde a ponta da Ribeira e da Ilha da Salvação até o Puiry*”, ainda no entorno da atual cidade de Barcelos. Além desses relatos, ele também descreve outra série de gravuras no rio Uaupés (ARN), nas Lages (supostamente o lugar ainda hoje conhecido como Ponta das Lages, na confluência dos rios Negro e Solimões) e no rio Urubu (Baixo Amazonas) (BARBOSA RODRIGUES, 1885, p. 170).

A partir de 1950 o alemão Peter Paul Hilbert escavou uma série de sítios na área da cidade de Manaus e ao longo do rio Solimões, pesquisas que marcaram significativamente os rumos dos estudos arqueológicos na região Amazônica. Em

Manaus, Hilbert identificou e escavou os sítios multicomponenciais Refinaria e Paredão, que estavam associados à terra preta e lhe deram bases para refinar o modelo de horizontes estilísticos proposto em 1961 por Meggers e Evans (HILBERT, 1958; 1968).

Nessa região os estudos de Hilbert resultaram na classificação das cerâmicas em três fases distintas, duas delas ligadas à cerâmica Borda Incisa: as fases Manacapuru cujas datas obtidas por Hilbert a situavam no século V DC e a fase Paredão que apontavam para o século IX DC (HILBERT 1958; 1968 para uma revisão ver LIMA, 2008).

A sucessão das pesquisas de Hilbert foi realizada pelo Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA) que, na região do rio Negro, foi coordenado por Mário Simões. O PRONAPABA foi desenvolvido entre 1976 e 1981 com objetivos semelhantes ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) realizado em escala maior em todo o Brasil.

O foco do PRONAPABA na bacia Amazônica tinha relação com a Teoria dos Refúgios (SIMÕES, 1977) a qual propôs em linhas gerais que uma série de ambientes dessa região havia sido isolada durante períodos de flutuação climática, criando assim ilhas de refúgios de alta diversidade ecológica (MEGGERS, 1977; AB'SABER, 1996; HAFFER, 2001). Então, inicialmente a intenção do PRONAPABA era estabelecer as sobreposições dessas áreas de alto endemismo e as primeiras ocupações estabelecidas na Amazônia (MEGGERS, 1977; SIMÕES, 1977, p. 299). Os vestígios arqueológicos seriam classificados e abordados cronologicamente por meio das fases e tradições.

Entre as décadas de 70 e 80 Simões realizou no rio Negro quatro etapas de campo, abrangendo a área compreendida entre Manaus e a cidade de Barcelos, na altura do rio Cuiuni, região do MRN. Essas etapas resultaram na identificação de 35 sítios arqueológicos e na definição de sete fases cerâmicas (SIMÕES; KALKMANN, 1987).

Grande parte das fases com datações obtidas está relacionada à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA) que segundo o trabalho de Simões, situa-se cronologicamente, no rio Negro, entre os séculos IX – XVI DC. Para esse período foram definidas as fases Apuaú, Samambaia e Manauacá (tabela 1). Os sítios da fase Apuaú estariam dispersos por mais de 150 km, localizados nas margens esquerda e

direita do rio Negro, desde o rio Tarumã-Açu até a altura do rio Carabinani. Já os sítios da fase Samambaia abrangeriam uma extensão menor, com cerca de 100 km e também estavam dispersos em ambas as margens do rio Negro, desde o rio Carabinani até o rio Jauaperi. Finalmente, os sítios da fase Manauacá teriam dispersão semelhante aos sítios da fase Apuaú, estendendo-se por mais de 150 km, desde as proximidades do rio Unini ao rio Caurés, no médio rio Negro (anexo 3).

Ao longo desse trecho também foram identificadas outras quatro fases de tradições regionais, que segundo Simões eram manifestações locais na cerâmica (ibid., p. 93). Tratam-se das fases: Quemacubau, Cuaru, Cumaru e Unini (anexo 4). Destas apenas a fase Cuaru teve uma datação apresentada (tabela 1).

Tabela 1: Compilação das datas de C14 obtidas por Simões para os sítios do rio Negro. Fonte: SIMÕES; KALKMANN, 1987.

Sítio	Localização	Profundidade	Número da Amostra (Materiais não descritos)	Datação	Filiações a fases e Tradições	
AM-MA-9	Foz do rio Apuaú	Nível 20-30 cm	SI 2751	825±90 DC	Fase Apuaú	Tradição Polícroma da Amazônia
AM-MA-10	Rio Apuaú, montante de AM-MA-9	Nível 10-20 cm	SI 2752	1545±60 DC	Fase Apuaú	
AM-MA-10	Rio Apuaú, montante de AM-MA-9	Nível 20-30 cm	SI-4052	1560±95 DC	Fase Apuaú	
AM-BL-4	Próximo à comunidade de Moura	Nível 50-60 cm	SI-4054	1220±65 DC	Fase Samambaia	
AM-BL-1	Foz do rio Jaú	Nível 20-30 cm	SI-4053	1325±60 DC	Fase Samambaia	
AM-BL-7	Médio rio Negro	Nível 50-60 cm	SI-4055	880±70 DC	Fase Manauacá	Tradição regional
AM-DE-1	Foz dos rios Xufari e Demeni	Nível 40-50 cm	SI-4057	900±90 DC	Fase Cuaru	

Segundo Simões e Kalkmann (1987) a fase Unini, definida no sítio AM-BL-14, localizado na foz do rio Unini, tinha como principais características: predomínio do caraipe e carvão no antiplástico, manufatura produzida por roletes, ênfase na presença do engobo vermelho que poderia ser associado ao escovado ou ao inciso. As incisões poderiam ser finas, largas e pintadas, o escovado aparecia sem outras técnicas associadas. Por fim havia também um tipo de decoração não classificada que, segundo os autores, consistia em modelados, incisos modelados, raspados e excisos. As formas

dos vasos podiam ser três tipos: semiesférica, globular, meia-calota com flanges labial ou carena (SIMÕES; KALKMANN, 1987, p. 92).

Embora no âmbito desse trabalho não tenhamos acessado o material analisado por Simões, seus relatos sobre os sítios identificados no MRN e BRN e a cerâmica associada a eles nos levam a destacar dois aspectos:

1. A semelhança entre as cerâmicas das fases Cuaru (datada entre 900 ± 90 DC) e Unini (sem datação) às cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide, cujos sítios onde foram definidas no rio Negro não parecem ter a presença de cerâmica associada à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA);
2. A ocorrência de muitos sítios associados à TPA na região de calha do rio Negro, cuja cronologia é um pouco mais recuada que os sítios com essa cerâmica da Amazônia central (cf. TAMANAHA, 2012).

Ainda que as cerâmicas associadas à TPA não sejam o foco de nossa discussão elas são importantes por estabelecerem contrapontos a sítios com a cerâmica Barrancóide nos seguintes aspectos: **a)** na profundidade e extensão dos pacotes arqueológicos, que são menos profundos e mais extensos quando associados à cerâmica TPA e **b)** ocupações associadas à cerâmica TPA ocupam sempre a superfície dos sítios (TAMANAHA, 2012).

Essas diferenças marcadas entre os sítios com cerâmica Barrancóide e da TPA indicam maneiras diferentes de ocupar os espaços (cf. NEVES, 2011; TAMANAHA, 2012). Essa questão será importante quando olharmos para as cerâmicas do rio Unini, uma vez que a ocorrência de sítios com cerâmicas da TPA estão restrita ao baixo curso dessa bacia, não ocorrendo nos sítios trabalhados.

Após os trabalhos de Simões, estudos sistemáticos no rio Negro foram retomados pelo Projeto Amazônia Central (PAC) no final da década de 90. No ARN, o trabalho de Neves (1998) focou na relação entre a ocupação Tariana e os sítios do rio Uaupés. No BRN foram identificados e escavados alguns sítios próximos à confluência com o rio Solimões (HECKENBERGER; NEVES; PETERSEN, 1998; LIMA, 2008; COSTA, 2009; NEVES, 2010).

Esse projeto abarcou uma série de trabalhos que tinham um objetivo comum: propor cronologias locais e regionais, identificar o tamanho, a densidade e a duração de

ocupações pré-coloniais na região de confluência dos rios Solimões e Negro e seu entorno (NEVES, 2010). Em grande sentido as pesquisas propostas pelo PAC abarcaram uma série de questões levantadas anteriormente por outros pesquisadores que discutiram o registro arqueológico da Amazônia (LATHRAP, 1970; BROCHADO, 1989; OLIVER, 1989).

Havia um conjunto de questões que envolvia o rio Negro, uma delas era centrada na presença das cerâmicas Barrancóide e sua associação a grupos Arawak. Em 1970, Lathrap havia proposto que esse movimento de dispersão de grupos Arawak teria se dado a partir do BRN, teria datações recuadas (4000 AC) e seu correlato arqueológico seriam as cerâmicas associadas à série Barrancóide (cf. cap. 1). Zucchi (2010) sugeriu uma antiguidade ainda maior para a região (6000 AP) associada ao movimento de expansão dos proto-Maipure, os antecessores de povos Arawak.

Outra questão importante é quanto à relação dos ambientes e a ocupação humana. Essa relação era tanto vista do ponto de vista da incipiência (MEGGERS, 2001), quanto pela potencialidade que ambientes como as várzeas teriam no tido no estabelecimento e engrandecimento de populações humanas no passado (LATHRAP, 1970). Então, era necessário que áreas de ambientes distintos fossem testadas arqueologicamente. Nesse caso foram testados sítios arqueológicos dos rios Solimões (de águas brancas que formam várzeas) e do rio Negro (de águas pretas e que não formam várzeas).

Os levantamentos arqueológicos no rio Negro somados aos trabalhos anteriores mostram mais de uma centena de sítios identificados entre os quais se destacam: sítios em areais com vestígios líticos e cerâmicos, com terra preta e vestígios cerâmicos, sítios cerâmicos sem terra preta, sítios históricos (geralmente vilas e cidades coloniais), sítios rupestres, entre outros (anexo 5).

Para essa discussão é importante destacar dois tipos de sítios identificados no BRN: os sítios líticos em areais que ocupam as áreas de campinarana, como por exemplo, o Dona Stella e os sítios cerâmicos associados à terra preta.

Segundo Costa (2009, p. 44), entre 2001-2007 foram identificados aproximadamente de 22 sítios em areais com material arqueológico, compreendendo a região de confluência dos rios Solimões e Negro. Grande parte desses sítios estava

associada a ocupações pré-cerâmicas. Como não é o intuito discuti-las aqui abordaremos as principais características desses contextos com base nos trabalhos anteriores realizados na área (COSTA, 2009; RAPP PY-DANIEL et al., 2011).

Os sítios em areais do rio Negro geralmente ocupam áreas de campinarana, estão próximos a igarapés de água preta e afloramentos de arenitos silicificados. Esse padrão de ocupação está diretamente ligado a uma questão geológica, visto que sua ocorrência se dá em um raio de até 50m de rochas das Formações Alter do Chão e Prosperança, que servem como matéria prima (COSTA, 2009). Dessa maneira estão localizados tanto na margem direita como esquerda do rio Negro, onde se destaca as proximidades do rio Tarumã-Açu (COSTA, 2009; RAPP PY-DANIEL et al., 2011).

Contudo, a identificação desses contextos é cada vez menor devido ao crescimento urbano da cidade de Manaus e do consequente insumo que a areia (como material construtivo) adquiriu nesse processo. Além disso, sítios em areais são de difícil visualização, como indicou Costa (2009) grande parte desses sítios está abaixo de profundos pacotes estéreis. Não é incomum então que esses sítios sejam localizados apenas com a extração dos areais por máquinas.

Os principais componentes culturais de sítios em areais são materiais líticos lascados (COSTA, 2009; RAPP PY-DANIEL et al., 2011). O sítio Dona Stella ficou destacado nesse grupo por uma indústria lítica variada que incluía lâminas bifaciais, pontas-de-projétil, raspadores e datações entre 6510 AC e 2550 AC (COSTA, 2009).

A grande maioria dos sítios identificados nos anos de levantamento do PAC é, no entanto, composta por sítios cerâmicos com a presença de terras pretas. No BRN dois deles foram escavados e compuseram a pesquisa de Helena Lima: os sítios Cachoeira e Açutuba (LIMA, 2008). Ambos trazem discussões interessantes para esse trabalho por se vincular a materiais cerâmicos associados às cerâmicas mais antigas do quadro crono-tipológico dessa região (tal qual se verá na discussão dos contextos associados ao sítio Floresta), mas é do sítio Açutuba que se tem a maior quantidade de dados disponíveis.

O sítio Açutuba tem cerca de 900 ha. de área e está à beira de uma extensa praia no rio Negro, é marcado pela presença de terra preta e montículos (LIMA, 2008). O sítio foi ocupado entre o período de 300 AC – 1300 DC (HECKENBERGER, NEVES,

PETERSEN, 1998; HECKENBERGER; PETERSEN; NEVES, 1999; LIMA, 2008, TAMANAHA, 2012).

Essa longa cronologia de ocupação é marcada pelas fases Açutuba, Manacapuru, Paredão e Guarita (LIMA, 2008). Tais fases remetem a características tecnológicas distintas da cerâmica e tal qual em outros sítios em que foram identificadas, marcam às vezes maneiras diferentes de ocupar o espaço do sítio.

No caso do sítio Açutuba as cerâmicas Borda Incisa (principalmente a Paredão) parecem ser aquelas com maior dispersão no sítio, mas esse padrão ainda não está claro.

Também houve pesquisas que tinham por intuito levantar o potencial arqueológico do BRN, fosse através da identificação de novos sítios ou da avaliação dos contextos anteriormente identificados (HECKENBERGER, 1997; COSTA; LIMA, 2006; LIRA, 2009b) ou mesmo aquelas relacionadas a Programas de salvamento no entorno da cidade de Manaus (*e. g.* os sítios Nova Cidade e o sítio Praça Dom Pedro). A incidência de estudos no âmbito do PAC tornou-se então responsável por grande parte dos sítios identificados e pesquisas aí realizadas.

O conjunto dos sítios descritos aqui foi sumarizado no anexo 5, um mapa onde é demonstrado o potencial arqueológico da área trabalhada. Particularmente a bacia do rio Unini, nossa área de pesquisa, situada a oeste da cidade de Manaus cerca de 300 km, conta hoje com cerca de 10 sítios identificados. No entanto, fatores como a dificuldade logística atrelada a diversos trechos do BRN, são ainda problemas para a pesquisa. O resultado disso é o aspecto fragmentado dos dados arqueológicos, dos quais se dispõe pouco sobre extensão e profundidade dos sítios arqueológicos, datações radiocarbônicas, alocação destes sítios na paisagem e mesmo sítios identificados. A reunião desses fatores torna complexa a compreensão das questões levantadas pela literatura antropológica da área.

Mapa 2: Sítios identificados na bacia do rio Unini. Elaboração: Michel Flores, 2013.

CAPÍTULO 4

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS ESTUDADOS

Introdução

As escavações dos sítios Floresta e Lago das Pombas foram parte da continuidade de levantamentos oportunistas realizados no BRN entre 2005 e 2009 (VALLE, 2006; LIRA, 2009a; 2009b). Esses trabalhos realizados com distintas propostas investigativas estavam ligados ao Projeto *Cronologias regionais, hiatos e discontinuidades na história pré-colonial da Amazônia* (2005), nome abrangente para uma série de pesquisas (cf. descrito no capítulo 3. Para resultados ver NEVES, 2010).

Essa condição nos deu uma ampla base de dados para trabalhar, mas também forçou tratar os dados disponíveis de maneira comparativa, uma vez que apenas uma breve etapa de escavações foi possível no rio Unini. É importante ressaltar que os sítios escavados nessa ocasião não foram documentados por mim, embora a pesquisa tenha tido início com os problemas aí levantados.

Os sítios do rio Unini são diferentes daqueles situados na área de confluência dos rios Negro e Solimões onde a superfície dos sítios é coberta por extensas terras pretas e até centenas de fragmentos cerâmicos estão dispersos. Ao contrário, no rio Unini há alguns poucos “cacos de potes” espalhados no entorno das casas, nas áreas de roça, nos caminhos das comunidades ou na encosta do rio. A superfície dos sítios expõe um sedimento siltoso resultado do processo de deposição do rio Unini e eles também são menores em extensão se comparados aos complexos da área de confluência (cf. o sítio Açutuba no BRN).

Dado o caráter exploratório das pesquisas nessa bacia, a visibilidade definiu o critério de escolha para escavação dos sítios. Assim, tanto Floresta quanto Lago das Pombas se diferiam dos outros sítios encontrados no rio Unini pela maior dispersão da cerâmica em superfície, pela possível presença de estruturas artificialmente construídas (montículos) e também no relato dos moradores que em ambas as comunidades afirmavam a existência de ‘cacos de potes’ em seus roçados e em subsuperfície. Dessa forma, o potencial informativo de ambos os sítios orientou a escolha deles para compor essa pesquisa.

Além disso, como se verá, os sítios Floresta e Lago das Pombas estão relacionados aos conjuntos cerâmicos mais antigos do quadro crono-tipológico proposto para a Amazônia central. Embora essas cerâmicas sejam o foco de muitos trabalhos na região amazônica (HECKENBERGER et al., 1999; LIMA, 2008; LIMA; NEVES, 2011; COSTA, 2012), com exceção da área de confluência, pouco se sabe sobre elas na região do rio Negro.

1. Métodos das escavações

A metodologia utilizada nessa campanha é bastante conhecida de outros trabalhos no contexto amazônico (MACHADO, 2005; CHIRINOS, 2006; MORAES, 2006; 2013; LIMA, 2008; RAPP PY-DANIEL, 2009; COSTA, 2012; TAMANAHA, 2012; ALMEIDA, 2013) e ao longo de alguns anos se mostra eficaz frente à complexidade dos sítios dessa região (NEVES, 2013). Essa pesquisa se baseou na coleção advinda dessa etapa, então essa condição justifica que apresentemos os principais parâmetros da amostragem no campo. Como também se verá os parâmetros foram os mesmos, mas a intervenção nos sítios respondeu flexivelmente aos contextos escavados.

As intervenções: Se deram em dois âmbitos. O primeiro com o intuito de amostrar a dispersão vertical e horizontal dos vestígios arqueológicos em superfície e profundidade. Essa delimitação inicial é feita por meio de tradagens: escavações pontuais, mas sistemáticas, feitas com o auxílio da boca de lobo (cavadeira) e que tem se mostrado um método interessante na delimitação de sítios Amazônicos (NEVES, 2013). Esse primeiro nível de intervenção norteou o segundo âmbito de intervenções: a abertura de áreas maiores, com o mínimo de 1m² que constituem as unidades de escavação. De acordo com os contextos escavados essas unidades podem ser expandidas.

Ambas as intervenções foram orientadas por transectos projetados nos sítios com auxílio de estação total ou nível eletrônico, através de um sistema de coordenadas cartesianas. Foram escavados níveis artificiais de 20 cm nas tradagens e de 10 cm nas unidades, opção condizente com a dificuldade de se estabelecer camadas naturais em áreas de difícil interpretação como aquelas tão homogêneas de terra preta. Diferenças entre camadas estratigráficas foram estabelecidas ao fim das escavações das unidades.

A coleta: Foram registradas em fichas, fotos e desenhos, seguindo modelos estabelecidos pelo PAC. Em todas as unidades de escavação foram coletadas amostras para datação e colunas de sedimento conforme níveis artificiais de 10 cm. Feições identificadas no sítio Floresta tiveram coleta integral de solo¹⁸.

O registro: As amostras coletadas foram identificadas a partir de um número de proveniência (PN) que exerce a função de RG da amostra, identificando o local e o nível onde houve a coleta. O PN segue uma série numérica atribuída antes de qualquer intervenção, subdividida por área do sítio.

De forma geral, a descrição da estratigrafia das áreas escavadas seguiu alguns parâmetros que têm se mostrado importantes para o entendimento do contexto de formação do registro arqueológico e que foram fisicamente observáveis (uma abordagem semelhante à desenvolvida por Villagrán (2008, p. 54-56): espessura, composição, coloração (todos os referenciais apresentados foram lidos a partir da Tabela Munsell de cores), textura, transição, evidência de ação antrópica (como por exemplo, feições) e de ação biológica (como por exemplo, bioturbações). A descrição dessas propriedades não exclui observar outras variáveis que podem ser particulares de um determinado contexto.

A continuidade dos estudos nessa região também deve considerar um incremento nessa metodologia a fim de abarcar o contexto de uma planície de alagação, como a do rio Unini, que gradualmente erode e deposita sedimento na superfície dos sítios.

2. O sítio Floresta

Localizado na margem direita do rio Unini, próximo à foz de um seus mais extensos afluentes, o rio Papagaio. O sítio Floresta empresta o nome da pequena comunidade.

¹⁸ Essas amostras de solo e macrovestígios botânicos seguem em análise no Laboratório de Arqueologia do Museu Amazônico, compondo o projeto “*Alimentação, manejo da terra e cultura: uma abordagem paleoetnobotânica da pré-história indígena no nordeste do Estado do Amazonas*” do qual faço parte e sob a coordenação de Myrtle P. Shock. Devido ao andamento das análises, comentaremos os dados de maneira preliminar.

Figura 6: A comunidade Floresta em agosto de 2009, sentido Norte-Sul. Imagem: Eduardo Neves.

O sítio ocupa um baixo terraço que fica livre de inundações sazonais¹⁹. O entorno do sítio é rodeado por igapós que o delimitam a sudoeste (SW) e oeste (W), já seu limite leste (E) é o próprio rio Unini e a norte (N) é limitado pelo campo de futebol da comunidade (figura 7).

Em superfície eram visíveis fragmentos cerâmicos e a circunferência de algumas vasilhas, sugerindo tratar-se de vasos parcialmente inteiros expostos por processos pós-deposicionais que atuaram no sítio.

¹⁹ Como discutido no capítulo 2, mesmo em eventos de cheias excepcionais não foram observados episódios de inundação nessa comunidade.

Figura 7: croqui do sítio Floresta a partir dos dados de campo e *Google Earth*. Elaboração: Eduardo Tamanaha, 2013.

Figura 8: Bandeiramento na superfície do sítio indica a dispersão dos fragmentos cerâmicos à frente da comunidade Floresta. Imagem: Acervo ARQUEOTROP

Figura 9: Circunferência de vasilha na superfície do sítio Floresta. Imagem: Acervo ARQUEOTROP. Edição da imagem: Márjorie Lima.

Tradagens realizadas a cada 20m, seguindo eixos N-S/E-W, delimitaram o sítio que tem aproximadamente 8 ha. (400m x 200m) (Lira 2009a, p. 45). As tradagens demonstraram que a camada arqueológica está enterrada pelo estrato de sedimentação do rio Unini variando quanto à profundidade e espessura.

Sítio Floresta- Intervenções arqueológicas: tradagens	Total de tradagens realizadas	Total de tradagens com material cerâmico	Total de fragmentos coletados nas tradagens ²⁰
	47	17	324

Na porção sudoeste e oeste do sítio foram identificadas estruturas que formam montículos. Não está claro ainda se as elevações vistas nessa área são de formação antrópica ou natural, se têm relação com a necessidade de erguer pisos mais elevados no sítio e que hoje separam a atual comunidade da área de igapó ou se são formações associadas à “antiga” movimentação do rio Unini. Embora sejam necessárias mais intervenções para uma resposta, a escavação da U3 (N989E945) em uma dessas estruturas ofereceu evidências de que a formação dos montículos é antrópica. Trataremos disso na descrição de escavação dessa área.

Embora não tenham sido mapeados graficamente, Lira (2009a) indica terem sido contabilizados nove montículos que ocorrem sem forma regular e de maneira descontínua, formando um arco desde o sudoeste até o noroeste do sítio. No setor noroeste essas estruturas são pouco visíveis devido à terraplanagem do terreno para abertura do campo de futebol.

²⁰ Esse total não corresponde à parcela de material analisado das tradagens.

Figura 10: Morrotes de terra identificados em Floresta com escala humana. Imagem: Luiz Marques.

Essas descrições nos levam a estimar que os montículos ocorram no sítio Floresta paralelos ao rio Unini, circundando a parte de trás do sítio e estendendo-se por cerca de 200m quando são cortados pelo campo de futebol. A camada que forma essas elevações tem baixa densidade de material arqueológico, sendo áreas pouco expressivas do sítio, mas aqui se ressalta que a boca de lobo utilizada durante as tradagens pode não alcançar a camada arqueológica de fato, visto que ela pode ocorrer enterrada a mais de 100 cm de profundidade (cf. setor sudoeste – U3).

Os mapas de dispersão do material demonstram que as áreas de maior densidade do sítio estão a norte - exatamente a área terraplanada - e no centro do sítio, à frente das casas da comunidade. As áreas de maior densidade material estão também associadas à ocorrência das manchas mais escuras de terra preta, mas trataremos dessa sobreposição mais a frente (figura 11).

Figura 11: Dispersão das manchas de terra preta e cerâmica no sítio Floresta, a partir do programa *Surfer*. Notar arranjo semicircular nas manchas de terra preta principalmente visíveis no nível 40-60 cm e na dispersão de cerâmica a partir dos 20-40 cm. Elaboração: Márcio Lima, 2013.

Dessa forma as unidades de escavação foram escolhidas segundo as áreas de maior densidade do sítio, áreas com camada arqueológica enterrada, áreas de montículo e áreas sem terra preta que seriam uma baliza para os contextos escavados na terra preta. Esses critérios não são excludentes entre si. Com exceção das tradagens, o sítio Floresta teve 5m² escavados.

N1100 E999 E1/2 N1100 E1000 W 1/2 (Unidade 1 –U1)

Unidade de 1m² localizada à frente da comunidade, próximo à margem do rio, em área de declive (figura 7), área de maior densidade do sítio.

Essa é uma das áreas de mais difícil interpretação em Floresta devido aos processos erosivos do rio Unini que parecem ter atuado aí significativamente. Como se verá, as descrições do campo não foram suficientes para o entendimento dessa área em relação ao sítio.

Embora a camada arqueológica atinja nesse local do sítio mais de 50 cm de espessura, sua ocorrência não é homogênea. A maior densidade de material arqueológico iniciou-se aos 50 cm, quando o sedimento tornou-se mais escuro (coloração mesclada entre o 10YR 3/6 e 10YR 4/6, ambos *Dark Yellowish Brown*). A camada arqueológica teve um pico no aumento de material, associado a uma matriz mais escura (10YR 3/3 *Dark Brown*) aos 80 cm. Essa frequência não ocorreu com associações: a cerâmica e os carvões apareceram dispersos por toda a unidade, além de não ter sido constante, visto que entre os 80-90 cm o material reduziu significativamente, mas a partir de então voltou a aumentar.

Notou-se que aproximadamente a partir dos 110 cm uma mancha de solo avermelhada se expandia por toda a unidade. Essa mancha, que tinha textura argilosa e maior compactação em relação ao restante da unidade, estava associada a uma redução no material arqueológico. O solo de textura argilo-arenosa e coloração bruno aos poucos se mesclou com essa matriz avermelhada, onde também ocorreram intrusões de argila tabatinga, caracterizada por uma coloração esbranquiçada (7.5YR 8/1 *White*) e textura argilosa. Essa camada de tabatinga esta associada à matriz base da região.

A escavação foi finalizada aos 180 cm na camada de tabatinga que havia tomado conta da unidade. Apenas nessa unidade essa camada é claramente visível.

Curiosamente, a ausência de material deu-se após terem sido coletados (no nível 160-170 cm) uma significativa quantidade de fragmentos, cerca de 50, um pico inclusive se comparado com níveis das camadas sobrepostas. A tradagem realizada no centro da unidade atingiu os 280 cm sem material arqueológico, reforçando que o material coletado no nível 160-170 cm pode ter sido carregado por outros processos deposicionais.

A principal dificuldade de entendimento dessa unidade deve-se à presença dessas matrizes de solo com diferentes texturas e colorações que ocorrem de forma descontínua na estratigrafia. Acredita-se que esse arranjo nas camadas também resulte de um contexto secundário de deposição que pode ser explicado inicialmente pela proximidade do rio Unini, atuando diretamente em sua planície de alagação. Em campo foram representados três perfis estratigráficos, onde a camada arqueológica – camada VI – ocorre em profundidades diferentes e onde são vistas camadas distintas, indicando tal processo de redeposição.

Digitalização gráfica: Márjorie Lima, Eduardo Tamanaha, Jaqueline Gomes

Figura 12: Perfis estratigráficos da U1. Digitalização gráfica: Márjorie Lima e Eduardo Tamanaha.

N1140 E900 (Unidade 2 – U2)

Escavação de 1m² alocada no setor noroeste do sítio (figura 7), próximo ao campo de futebol da comunidade, em suave aclave. Essa área está muito próxima ao seguimento de montículos e de acordo com os relatos dos moradores era parte de outra elevação, por isso foi terraplanada com o intuito de ocupar o campo de futebol, motivo também pelo qual não tem a camada siltosa associada à deposição do rio.

O setor NW do sítio foi o único indicado nas tradagens onde havia a existência de uma terra preta muito escura (variando entre o 10YR 2/1 *Black* e o 10YR 2/2 *Very Dark Brown*). Além disso, essa área está afastada do rio Unini, eliminando possibilidades de processos de inversão estratigráfica causados por sua ação.

A escavação da unidade revelou que o aumento na frequência do material arqueológico acompanhou a mudança de coloração da terra preta, isto é, quanto maior a quantidade de material, mais escurecido tornou-se o sedimento escavado. Essas frequências serão demonstradas também com o material cerâmico no próximo capítulo, mas elas ocorrem entre os 30-40 cm e 60-80 cm.

A questão mais interessante dessa área, no entanto está relacionada às feições²¹. De forma geral todas elas se caracterizavam pelo agrupamento de fragmentos cerâmicos (que muitas vezes remontavam) e carvões de diversos tamanhos. Uma dessas estruturas foi identificada a partir dos 30 cm, mas só foi claramente visualizada a partir dos 45 cm, ocorrendo até os 60 cm. Em campo essa estrutura não foi nomeada como feição, mas aqui será considerada como feição A²² a fim de facilitar referenciá-la em nossa discussão.

A feição A, foi identificada na porção oeste da quadrícula, particularmente no quadrante sudoeste. Foi caracterizada pela presença de grandes carvões, bolotas de argila, manchas difusas de resíduos de cinza (de coloração 10YR 7/1 *Light Gray*) e

²¹As feições escavadas no sítio Floresta foram sumarizadas no quadro 2 para melhor visualização e comparação.

²² A consideração da feição A seguiu os mesmos critérios de classificação das outras feições: identificação de características distintas na unidade escavada, onde podem ser observadas diferenciações na cor, textura e agrupamentos de vestígios.

fragmentos cerâmicos, alguns dos quais remontáveis. Ao final, as manchas de cinzas estavam dispersas por grande extensão da unidade.

Outra feição aparentemente iniciada na camada IV cortou as camadas I, II e III e ficou visível no perfil leste. Essa feição nomeada F1 (ainda em campo) foi visualizada a partir dos 50 cm, pelo contraste de coloração como o solo da camada III. F1 é bem diferente da feição A, embora ambas ocorram na mesma área do sítio. No registro da escavação a principal característica notada em F1 é a diferenciação de coloração e agregação do sedimento, sendo esta sempre uma matriz mais clara em relação ao restante da unidade. Sua maior extensão foi vertical, não ultrapassando 25 cm de diâmetro (ao contrário da feição A que teve maior extensão horizontal). Seu contorno era circular e foi claramente definido.

Além dessas feições uma concentração de grandes fragmentos cerâmicos ocorreu entre os 70-80 cm no quadrante nordeste da unidade. Embora a estrutura estivesse associada a um solo mais claro em relação ao restante da unidade (10YR 3/3 *Dark Brown* associado à concentração e 10YR 2/1 *Black* na unidade), não houve mudanças na compactação do solo e outros vestígios associados.

Figura 13: Escavação das feições A e F1 e fragmentos cerâmicos no quadrante NE da U2. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

A escavação de N1140 E900 foi finalizada aos 120 cm, após dois níveis estéreis de material arqueológico. Para verificação de ocupações mais profundas também foi escavada uma tradagem no centro da unidade que aos 190 cm de profundidade atingiu a

matriz argilosa mesclada de tabatinga e sedimento vermelho de textura argilosa, o estrato sobre qual está o sítio.

Os perfis desenhados demonstram uma diferença na disposição estratigráfica das camadas. No perfil leste as camadas IV e V são respectivamente, a intersecção entre a camada húmica e a camada arqueológica e a camada húmica propriamente dita. Essa disposição não ocorre no perfil oeste: as camadas IV e V correspondem respectivamente à camada de transição e uma camada de ocupação menor, sendo a maior a camada III (com predomínio de sedimento 10YR 2/1 *Black*). Além disso, são visíveis outras duas camadas a VI (camada de transição) e VII (camada húmica).

Uma possibilidade que cogitamos e que não exclui o fato de outra ocupação menor que aquela representada pela camada III (visível em ambos os perfis), é que a camada IV do perfil Oeste, que ocorre com limites difusos, seja na realidade parte da feição A de grandes dimensões, mas que não ocorre em toda a unidade. Essa possibilidade é atestada pela dispersão horizontal dos vestígios na unidade, onde os fragmentos cerâmicos, carvões e manchas de cinza apareceram sempre associados e são mais visíveis na porção oeste em direção a sul e pelo fato de essa camada não ser presente no perfil leste.

Como dito antes, essa é a única área do sítio onde foi identificado o solo de coloração 10YR 2/1 (*Black*) aos 60 cm de profundidade. A presença de feições associadas a manchas de cinzas, carvões, fragmentos cerâmicos remontáveis (e com espessas camadas de fuligem como será demonstrado posteriormente) nos levam a associar essa área a um contexto doméstico. Na realidade essas características referem-se à feição A que, em linhas gerais, diz respeito a uma estrutura de combustão. Sendo assim, tal estrutura poderia associar-se também com ‘áreas rituais’, mas ao menos dois aspectos nos levam a desconsiderar essa possibilidade nesse estágio da pesquisa: **1)** a presença de outros vestígios além da cerâmica (bolotas de argila, carvões, terra vermelha que sugeria estar queimada), além de espessas camadas de fuligem que recobrem muitos dos vestígios cerâmicos aí coletados e **2)** a análise relacional da feição A com F1, que teve mais de 50 cm de profundidade, embora seu maior diâmetro registrado não ultrapassasse 25 cm. Ao contrário da feição A, F1 não estava associada a fragmentos cerâmicos, carvões ou cinzas, caracterizava-se por um sedimento mais claro em relação ao restante da unidade que aparentava ter sido transportado da camada IV

para as camadas mais profundas (I, II e III), o formato circular nos conduz a tratá-la como a evidência de um possível esteio de habitação. Essa hipótese é também reforçada pela distância dessa área com o rio Unini, evitando a flutuação de possíveis cheias e assim garantindo a estabilidade da área de moradia.

É importante ressaltar que a consideração desses aspectos não está relacionada à camada III de solo mais enegrecido (10 YR 2/1 *Black*), sugerindo tratar-se de ao menos dois momentos distintos de ocupação.

A camada III, por sua coloração, seria o correlato de um período de maior intervenção humana. Nessa camada também foi observada a presença de grandes fragmentos cerâmicos associados, sem ligação com as outras feições escavadas. Esses fragmentos também tiveram algumas remontagens. Aparentemente a dispersão dessa camada ocorre apenas na porção noroeste do sítio, mas ainda é difícil qualificá-la. Essa área do sítio não foi datada por radiocarbono.

Figura 14: Perfis estratigráficos escavados na U2.

N989 E945 (Unidade 3 – U3)

Escavação de 1m² situada no extremo sul do sítio, em uma área de capoeira alta, nas proximidades do igapó (figura 7). Essa unidade foi aberta com o intuito de verificar se as estruturas elevadas de terra eram de formação antrópica. Como dito anteriormente, a escavação se deu no topo da elevação que era o segundo de nove montículos identificados.

Segundo Lira (2009a), essas estruturas tinham um arranjo semicircular e poderiam ser divididos em dois conjuntos, conforme seu tamanho e formato. O primeiro, constituído por três das nove elevações, tinha formato mais circular que as demais e a terceira elevação (no sentido S-N) era a mais alta do conjunto das nove, com aproximadamente 3 metros de altura. Já o segundo conjunto seria formado por seis elevações disformes, com pouca delimitação de uma para a outra, e tamanhos variados, terminando na área do campo de futebol.

Os primeiros níveis de escavação revelaram uma camada espessa com cerca de 100 cm de espessura, de coloração 10YR 6/6 *Brownish Yellow*, na qual os primeiros níveis eram de textura totalmente argilo-siltosa, comparando-se aquelas de deposição aluvial. Exceto pelos níveis compreendidos entre os 20-40 cm, onde houve coleta de cerâmica e carvão, a camada é praticamente estéril. Aos 60 cm manchas de sedimento argilo-arenoso vermelho (10YR 5/6 ou 4/6 *Yellowish Red*; 2.5YR *Red*) e tabatinga (7.5YR 8/1 *White*) começaram a surgir, a cerâmica e o carvão coletados estavam associados a essas matrizes, mas estavam bastante intemperizados. Importante ressaltar que o solo tabatinga só foi identificado na base das escavações. A partir de então, a compactação do solo mudou, adquirindo gradualmente maior agregação.

A cerca de 1 m de profundidade o sedimento adquiriu textura totalmente argilosa, mantendo a baixa frequência de material arqueológico. Esse contexto se manteve por toda a camada VII. As camadas VI e V estiveram associadas a um aumento de carvões e cerâmicas, no entanto não podem ser associados seguramente a uma ou outra por um ‘desvio’ nas coletas de campo que consideraram nesse momento 20 cm de coleta. A principal diferença observada na camada V foi um escurecimento do solo (de coloração 10YR 4/3 *Brown*) em relação à camada acima.

Dessa forma, as maiores frequências de material cerâmico ocorreram nas camadas IV, V e VI uniformemente até os 160 cm, quando há um decréscimo (talvez associado à camada IIIA visível no perfil W), seguido por um aumento no nível seguinte – 170 cm.

As camadas I e II também foram marcadas por uma série de feições que no total somaram seis. De acordo com as descrições, essas feições puderam ser divididas em dois grupos distintos: o primeiro conjunto seria caracterizado por estruturas de maior extensão vertical e com delimitação clara, esse conjunto era composto por F3 e F4. O segundo grupo ocorreu principalmente na camada I e foi caracterizado como um conjunto de quatro manchas possivelmente associadas, embora ocorram em porções distintas da unidade. Essas manchas eram pouco delimitadas e mais rasas se comparadas ao primeiro conjunto, referem-se à F5, F6, F7 e F9.

Nenhuma das feições descritas teve negativos representados nos perfis da unidade escavada. No entanto, além da coleta de cerâmicas e carvões, o solo dessas estruturas também foi recolhido. As informações acerca dessas feições foram compiladas no quadro 2.

Essa unidade foi finalizada aos 280 cm de profundidade.

Figura 15: Base dos 280 cm em N989 E945 com feições na base. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

A esse contexto estão associadas às datas obtidas para o sítio Floresta relativas ao contexto da camada II e IV. Tais datas são sumarizadas na tabela abaixo:

Tabela 2: Datas obtidas para o sítio Floresta.

PROJETO RIO NEGRO – DATAS AMS <i>(Acelerador de Espectrometria de Massa, na sigla em português)</i>						
Laboratório	Sítio	Amostra	Nível Estratigráfico	Material	Data convencional	Data calibrada (2 Sigmas)
Beta Analytic	Floresta	FL 427 / 297129	140.150 cm	Cerâmica	390 ± 30 DC	420 DC – 570 DC
Beta Analytic	Floresta	FL 442 / 297130	220.230 cm	Cerâmica	370 ± 30 AC	410 AC – 370 AC

N1001 E961 W 1/2 N1001 E960/959 E 1/2 (Unidade 4 – U4)

Escavação de 2m x 1m localizada no SE do sítio, próximo à unidade 3, mas em área plana entre os montículos e o rio Unini (figura 7). As tradagens evidenciaram que a área era interessante como uma unidade de controle porque estava fora das profundas camadas de terra preta e tinha baixa densidade de vestígios.

Além disso, os moradores relataram que nessa área, caminho para o rio, a superfície era marcada pela circunferência de três vasilhas, “sendo duas de grande circunferência lado a lado e outra mais distante, na beira do barranco, de pequeno tamanho” (Lira 2009a, p. 45). As intervenções nesse ponto do sítio evidenciaram uma dessas estruturas, um grande recipiente nomeado F10.

Figura 17: Prancha com distintos momentos de escavação de F10, visão do perfil Leste. a. Escavação na base dos 70 cm, detalhe da porção superior do vasilhame fragmentada *in situ*. b. Demonstra a escavação na base dos 90 cm. c. Detalhe da base do vasilhame aos 110 cm de profundidade. Imagens: Acervo ARQUEOTROP.

A parte superior de F10 estava muito próxima à superfície (aos 20 cm) e seu diâmetro total atingiu mais de 100 cm. A escavação foi finalizada aos 110 cm.

O perfil sul da escavação demonstra bem o contexto no qual o recipiente foi depositado: sua base estava na porção superior da camada I; a camada IV com espessura de aproximadamente 30 cm selava a estrutura; enquanto a camada III ilustrou a inversão estratigráfica ocorrida por conta do depósito do vaso (figura 18).

Outro dado interessante, que parece indicar usos distintos no espaço do sítio, é o fato de os únicos vestígios encontrados nessa área estarem associados à presença da F10: os carvões ocorrem principalmente entre os níveis 20-50 cm, mas estavam dispersos e em baixa quantidade, assim como os fragmentos de cerâmica que em sua maioria eram fraturas *in situ* do vasilhame.

Figura 18: Perfil sul escavado na U4, demonstrando o negativo de F10.

Feição	Localização - Nível estratigráfico / Camada	Formato/Composição	Observações
A	U2 (N1140E900) Z inicial: 45 cm; Z final: 60 cm Camada IV.	Caracterizada por grandes carvões e manchas difusas de resíduos de cinza. Associada a fragmentos cerâmicos que parecem pertencer a um mesmo recipiente.	Pelo conteúdo, contexto de escavação e disposição do material, indica ser uma estrutura de combustão.
F1	U2 (N1140E900) Z inicial: visualizada aos 50 cm na camada IVa e Z final: 110 cm Abrange as camadas I, II, IIIa e IVa.	Contorno circular, limites definidos.	Pela forma e extensão é possível ser o negativo de um esteio realizado ao fim da primeira ocupação de terra preta do sítio. Não há outras feições semelhantes em Floresta. Exposta no perfil Leste da unidade.
F3	U3 (N989E945) Z inicial: 240 cm; Z final: 270 cm Camadas I e II.	Contorno circular embora tenha limites pouco definidos na porção sul da quadra. Inicialmente tinha coloração 10 YR 5/1 <i>Gray</i> adquirindo posteriormente uma coloração mais escura - 10YR 4/2 <i>Dark Grayish Brow</i> , que contrastava com o sedimento laranja da base da quadra. Textura argilosa do início ao fim. Associada à grande quantidade de cerâmica e carvões em toda sua extensão (não ocorreu material fora dela).	A feição estava abaixo do pacote arqueológico. Apesar da regularidade não há evidências de sua utilização.
F4	U3 (N989E945) Z inicial: 260 cm; Z final 290 cm Camada I	Coloração 10YR 6/1 <i>Gray</i> , contrastando com o sedimento laranja na base da quadra. Feição de contorno muito disforme, mas com grande quantidade de material cerâmico e carvão associada a ela. Era rasa nas extremidades, mas bastante profunda no centro. Localizava-se na porção centro-norte da quadra. Textura argilosa do início ao fim. Associada à grande quantidade de cerâmica e carvões em toda sua extensão (não ocorreu material fora dela).	Sedimento coletado sem peneirar da porção norte da feição. O solo do entorno da feição evidenciava muitos fragmentos de carvão. Não há evidências de sua utilização.
F5	U3 (N989E945) Localizada a norte de F4. Z inicial e final no nível 280.290 cm - Camada I	Contorno difuso. Houve coleta de cerâmica e carvões associados, mas em baixa quantidade.	A feição estava abaixo da camada de terra preta. Não há evidências de sua utilização.
F6	U3 (N989E945) Camada I	Contorno difuso. Localizada na porção oeste de N989E945.	A feição estava abaixo da camada de terra preta. Não há evidências de sua utilização.
F7	U3 (N989E945) Camada I	Contorno difuso. Localizada na porção noroeste de N989E945.	A feição estava abaixo da camada de terra preta. Não há evidências de sua utilização.
F9	U3 (N989E945) Camada I	Contorno difuso.	A feição estava abaixo da camada de terra preta. Não há evidências de sua utilização.

F10	U4 (N1001 E961 W 1/2 N1001 E960/959 E ½)	Caracterizada por um vaso fragmentado <i>in situ</i> com cerca de 1m de altura, identificado fora do limite de terra preta do sítio. Não há evidências de outros vestígios nessa área.	Fermentação e sepultamento. Ver capítulo 5, relativo à análise cerâmica do sítio Floresta.
-----	--	--	--

Quadro 2: Feições escavadas no sítio Floresta indicam ao menos três aspectos distintos para a formação das feições: combustão, esteio e sepultamento.

2.1. Uma visão intrasítio de Floresta

Até então foi apresentado um quadro geral sobre as intervenções arqueológicas no sítio Floresta. A relação entre essas áreas a partir de suas semelhanças e diferenças nos permitem observar alguns pontos importantes sobre o espaço interno do sítio, onde a terra preta que ocorre de forma descontínua é um marcador importante. Dessa forma, distinguem-se ao menos três áreas diferentes no sítio:

- **Áreas sem terra preta** (*e.g.*: sul do sítio onde a camada de terra preta atinge no máximo 40 cm. Nessa área foi depositado o grande recipiente, que como se verá no próximo capítulo está associado a um contexto funerário e também é visível a circunferência de outras vasilhas em superfície, que sugerem contextos de deposição semelhantes).
- **Áreas com maior profundidade e intensidade na coloração da terra preta** (*e.g.*: noroeste do sítio onde a terra preta atinge mais de 100 cm de espessura e tem o solo mais enegrecido-10YR 2/1 *Black*).
- **Áreas com a presença de montículos** formados por uma espessa camada (com mais de 100 cm) onde ocorre baixa densidade de vestígios. Abaixo dessa camada foi identificada a maior frequência de material cerâmico do sítio.

No sítio Floresta a terra preta está dispersa em manchas e também não ocorre de maneira homogênea verticalmente no sítio (figura 11). A diferença entre essas áreas marca então níveis de intervenção antrópica diferenciados no sítio. No entanto dois aspectos devem ser considerados: o primeiro com relação às tradagens e o segundo com relação à coloração do solo como critério de sua utilização.

Como demonstrado, as tradagens foram plotadas em transectos e realizadas regularmente a cada 20m, quando necessário esse espaçamento foi reduzido ou o ponto deslocado, mas a intervenção foi realizada. Embora essa metodologia seja sistemática,

nas áreas do sítio com montículos a camada arqueológica pode não ter sido atingida devido ao alcance desse método. Trata-se dos setores sul, sudoeste e oeste do sítio Floresta. Essa condição implica que se considere o emprego de outros métodos (além das tradagens) em sítios amazônicos como o mesmo padrão de deposição de Floresta.

O segundo aspecto é relativo à coloração desses solos. Segundo Woods (2009) a cor é:

(...) basicamente o resultado do conteúdo da matéria orgânica, dos teores de carbonato de cálcio e da concentração e estado de oxidação do ferro e manganês. A cor também é influenciada pela presença de cinzas, carvão e materiais terrosos oxidados. [No entanto] a cor do solo varia com o teor de umidade, condições de iluminação, tempo de exposição ao ar, temperatura, assim como com a percepção variável de cada observador (WOODS, 2009, p. 65).

Dessa maneira, embora seja um bom correlato de intensificação de atividades antrópicas, a coloração do solo não deve ser o único critério para defini-la. Coletas de solo dentro e fora do sítio devem ser realizadas nas próximas etapas de campo para que sejam realizadas teste de assinaturas químicas e físicas, tais como teores de fosfato, cálcio, potássio, magnésio, medição de pH, etc.

Feita essas ressalvas iniciais, a sobreposição da frequência de material cerâmico e a presença/intensidade da coloração da terra preta mostrou que elas ocorrem de maneira equivalente, com exceção da área onde foi escavada a U3²³. O mapa de dispersão realizado com os dados das tradagens demonstra essa tendência (figura 11).

Além disso, vê-se um padrão interessante no sítio relacionado à dispersão do material cerâmico e à presença da terra preta, indicando um arranjo semicircular de deposição em dois momentos da estratigrafia, aos 20-40 cm e aos 60-80 cm. Essa disposição é mais clara na dispersão do material cerâmico, enquanto as manchas de terra preta ocorrem com maior intensidade na área interna dos semicírculos cerâmicos.

Dessa forma, ficam indicadas duas maneiras diferentes de ocupar o sítio, embora haja uma tendência ao arranjo semicircular e à média intensidade dessas ocupações. O quadro 2 relativo às feições identificadas no sítio Floresta, corrobora essa ideia, demonstrando ao menos três funções distintas para as feições identificadas no sítio:

²³ Nessa área a primeira camada ocupacional não segue esse padrão, ao contrário a camada de coloração mais escura de terra preta associada a feições pouco claras, tem menor densidade de material cerâmico.

combustão (U2), esteio (U2) e sepultamento (U4). Deve ser avaliado futuramente se essas atividades indicam áreas específicas do sítio e/ou estão ligadas a um momento ocupacional particular, com a incidência de contextos cronológicos semelhantes.

A partir das escavações é possível sugerir que as áreas de terra preta não foram formadas da mesma maneira. Observando a área escavada no noroeste do sítio (U2) vê-se uma provável área de habitação com esteios que indica estar associada a contextos domésticos de combustão (ver quadro 2). Enquanto a formação da terra preta a sudoeste na área monticular (U3) tem as únicas datas do sítio, que indicam um intervalo de aproximadamente oito séculos. A primeira camada datada é a de maior intensidade da terra preta e ao contrário da U2 não demonstra clara associação a contextos domésticos. Essa é a área de maior profundidade da terra preta no sítio.

A área com ausência da terra preta é marcada pela presença do vaso inteiro coletado que será tratado no capítulo seguinte. Mas o depósito isolado desse vaso nessa área do sítio sugere um contexto particular que pode marcar um uso diferenciado do espaço. Trataremos essa questão a seguir tendo por base a análise dessa vasilha.

Os montículos que cercam o sítio de sudoeste a noroeste (onde foram terraplanados) devem ser mais escavados nas próximas etapas. O que se pode dizer da segunda dessas estruturas (U3) é que há uma inversão estratigráfica representada pela intrusão da tabatinga na camada V do perfil norte representado. De toda forma, essa inversão não é vista claramente no perfil oeste, podendo também ser o resultado de processos naturais que atuaram no sítio. Por hora, a trataremos como uma estrutura artificial diferente de grande parte dos montículos estudados na região da Amazônia central (MACHADO, 2005; MORAES, 2006).

Em suma, os dados indicam que o sítio foi ocupado em episódios distintos, que geraram as diferentes feições e estruturas nele documentadas.

3. O sítio Lago das Pombas

O sítio está localizado na comunidade homônima, cerca de cinco quilômetros a jusante do sítio Floresta. Não está diretamente na margem do rio Unini, mas próximo a ela na confluência com o lago das Pombas. Diferente de Floresta, o sítio Lago das Pombas é inundado sazonalmente em eventos de cheias maiores do Unini. O resultado

disso é a superfície do sítio coberta por um sedimento típico desse fenômeno (claro, de textura siltosa). A margem dessa comunidade tem um formato ‘recortado em U’, adquirindo um formato de enseada (figuras 18, 19 e 20), fator que estamos associando aos processos erosivos do rio Unini.

Figura 19: Lago das Pombas, agosto de 2009. A seta vermelha indica a área escavada no sítio. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

Figura 20: Vista parcial de Lago das Pombas, agosto de 2009. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

Figura 21: Segmento sul da comunidade Lago das Pombas, agosto de 2009. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

A escavação do sítio Lago das Pombas foi realizada para que se pudesse estabelecer uma visão comparativa com o sítio Floresta, além de oferecer uma amostragem maior dos sítios do rio Unini, onde foram priorizadas áreas com maior visibilidade arqueológica (material em superfície, presença de terra preta, estruturas de terra, etc.).

As tradagens foram realizadas a cada 50 m, seguindo os eixos N-S/E-W. Foi observado que o material cerâmico ocorre em uma área com cerca de 350m x 100m, mas como as intervenções nesse sítio foram restritas é possível que o sítio seja maior que isso.

Sítio Lago das Pombas- Intervenções arqueológicas: tradagens	Total de tradagens realizadas	Total de tradagens com material cerâmico	Total de fragmentos coletados nas tradagens
	25	12	328

No sítio Lago das Pombas também são visíveis pontos mais elevados no relevo que formam montículos. Essas elevações estão localizadas atualmente próximas à margem do rio Unini, levando-nos a considerá-las como resultado da dinâmica fluvial, o que foi confirmado pela escavação de uma dessas estruturas.

N1021 E1011 e N1022 E1011

Unidade de escavação 2m x 1m alocada próximo ao campo de futebol da comunidade, sobre o maior montículo e a tradagem com maior frequência cerâmica. Essa área foi escolhida não apenas pela frequência de material cerâmico no montículo, mas pela evidência de uma camada de terra preta enterrada que acompanhava um aumento na frequência de vestígios arqueológicos coletados em níveis mais profundos da estratigrafia²⁴.

A superfície nessa área tinha coloração escura (10YR 3/3 *Dark Brown*) diferente do sítio Floresta que não tem matrizes semelhantes em superfície (com exceção da área onde foi alocada a U2).

Conforme pode ser observado nos perfis Leste da unidade (figura 22) há duas camadas distintas de terra preta, sendo a primeira (camada II) mais espessa que a segunda (camada IV). Além da espessura, a diferença entre elas é marcada pela coloração do solo, mais escura na camada II (10YR 2/1 *Black*) que na camada IV (10YR 2/2 *Dark Brown*). A camada III, também espessa e bastante homogênea, foi marcada por uma redução significativa de vestígios e clareamento do sedimento em relação à camada anterior e posterior, por isso é considerada um momento de transição.

Após dois níveis estéreis a unidade foi finalizada aos 180 cm em N1022 E 1011 e aos 200 cm em N1021 E1011, devido à declividade da área trabalhada. Os níveis finais escavados foram caracterizados por um sedimento mais claro que o restante (10YR 5/6 *Yellowish Brown*), visível principalmente na quadra N1021 E1011 onde o material cerâmico era ainda mais fragmentado em N1021E1011.

Os perfis desenhados demonstram a ocorrência de uma feição ao final da escavação. Localizadas entre as duas unidades, essa feição não foi descrita em campo e

²⁴ Outra tradagem evidenciou aumento de material nos níveis mais profundos de escavação, sugerindo uma estratigrafia semelhante à visualizada em N1021-22E1011, com uma camada arqueológica enterrada. Trata-se de N969E1010. Aumento demonstrado no modelo *surfer* (figura 24).

não teve material cerâmico diagnóstico separado para análise sem que se possa dizer mais a seu respeito do que o formato cônico que possui, podendo também ser o resultado de processo biogênico (bioturbações). Outra estrutura foi identificada no início da camada IV (N1021 E1022) e igualmente não foi descrita integralmente em campo, embora tenha sido ressaltado que nessa área houve grande quantidade de fragmentos remontáveis. Portanto será analisada nesse trabalho tendo por base a cerâmica coletada.

A tabela abaixo demonstra as datas obtidas para o contexto das camadas II e IV do sítio Lago das Pombas (as duas associadas à maior intensidade de terra preta) e indicam dois momentos cronológicos diferentes:

Tabela 3: Datas obtidas para o sítio Lago das Pombas.

PROJETO RIO NEGRO – DATAS FEITAS POR AMS						
<i>(Acelerador de Espectrometria de Massa, na sigla em português)</i>						
Laboratório	Sítio	Amostra/Número Beta	Nível Estratigráfico	Material	Data convencional	Data calibrada (2 Sigmas)
Beta Analytic	Lago das Pombas	LP 307/323285	70.80 cm	Carvão	810 ± 30 AD	800 – 840 DC
Beta Analytic	Lago das Pombas	LP 315/297132	140.150 cm	Cerâmica	210 ± 30 AD	230 DC – 390 DC

Figura 22: Perfil leste da unidade escavada apresentado com as datações obtidas, o volume e a quantidade do material cerâmico coletado.

Figura 23: Distribuição do material cerâmico total no sítio Lago das Pombas, elaborado a partir do programa *Surfer*. Elaboração: Márjorie Lima.

Figura 24: Distribuição do material cerâmico por nível no sítio Lago das Pombas. Elaboração: Márjorie Lima

3.1. Uma visão intrasítio de Lago das Pombas

A unidade de escavação de Lago das Pombas não demonstrou evidências de alteração estratigráfica como as que têm sido identificadas em contextos monticulares na Amazônia central (cf. MACHADO, 2005; MORAES, 2006; 2013). Nessa região é visível nos perfis estratigráficos de alguns sítios um único evento de construção dessas estruturas artificiais, remexendo camadas de ocupação anteriores à construção do montículo e formando pisos que serviram de bases a essas estruturas (CASTRO, 2008; MACHADO, 2005; MORAES, 2006; 2013). Os motivos que levaram à formação dos montículos nos sítios da Amazônia central são ainda de difícil interpretação, mas até agora as estruturas mapeadas são tanto de caráter funerário (MACHADO, 2005; RAPP PY-DANIEL, 2009), quanto associados a unidades habitacionais (TAMANAHA; RAPP PY-DANIEL, 2009; MORAES, 2006; 2013).

Figura 25: Crianças brincando na área comunitária do sítio Lago das Pombas à frente de uma das elevações, hoje locais preferidos à moradia. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

Figura 26: Vista do centro da área comunitária de Lago das Pombas. Ao fundo vê-se a unidade escavada em uma das elevações de terra. Imagem: Acervo ARQUEOTROP.

No sítio Lago das Pombas essas elevações podem então ser o resultado de alguns processos distintos (embora nem sempre excludentes entre si): o primeiro causado por inundações periódicas do rio Unini que depositaram mais sedimento em locais próximos à margem do rio. Assim, a frequência desses fenômenos selaram as camadas arqueológicas. Outra possibilidade é que esse montículo seja uma grande área de descarte, na qual uma porção do sítio foi utilizada já aproveitando inclinações naturais do relevo. Alguns estudos apontam para a utilização de acidentes geográficos para esse fim (MYERS, 2004; ROSSETI; GÓES; TOLEDO, 2009). Por fim, também podem ser o resultado de uma irregularidade “natural” no relevo do sítio.

A primeira hipótese nos parece mais improvável, já que não há uma camada de sedimentação na estratigrafia dessa unidade. Além disso, como descrito por Lira (2009a: 86-87), foram identificados outros montículos no sítio distante da margem do rio. A escavação dessas elevações e o mapeamento topográfico do sítio são fundamentais para esclarecer a espacialidade interna de Lago das Pombas e por conta disso serão pontos altos das próximas etapas de campo. Dessa forma, a análise do material cerâmico em laboratório buscou esclarecer os processos de formação dessa área específica do sítio.

Devido à existência dessas elevações (principalmente da estrutura escavada) os mapas gerados para a frequência do material cerâmico a partir do programa *Surfer* não podem ser extrapolados para todo o sítio, pois não há uma correspondência quanto à profundidade das camadas, mesmo que haja claras semelhanças entre a porção norte e sul do sítio quanto à frequência do material em profundidade.

Essa questão está ligada à existência de ao menos dois claros momentos de ocupação cronologicamente distintos na área sul do sítio (tabela 3). As tradagens demonstraram que além dessa área sul, apenas no extremo norte do sítio é possível a ocorrência de estratificação semelhante.

Na porção norte as evidências são semelhantes à da área sul: há duas ocorrências de material cerâmico em camadas estratigraficamente diferentes, mas ambas são associadas às terras pretas. Contudo, devido às elevações que ocorrem no sítio essas camadas não são equivalentes nessas áreas em termos de profundidade.

A ocorrência de contextos semelhantes em duas áreas distintas do sítio também deve ser uma questão para a continuidade dos trabalhos no sítio Lago das Pombas.

Assim como no sítio Floresta, os contextos deposicionais do sítio Lago das Pombas permitiram a distinção de cinco camadas diferentes na formação do sítio (figura 23). Destas, apenas a primeira de latossolo não teve material cerâmico associado. As outras quatro camadas são marcadas pela terra preta que têm colorações, espessura e densidades cerâmicas diferentes. Essas diferenças foram corroboradas pelas datas obtidas para as camadas II e IV, que tem um intervalo de ao menos seis séculos.

Em geral essas diferenças contextuais e cronológicas nos levaram ao estabelecimento de três períodos distintos para a ocupação do sítio Lago das Pombas: Inicial (camada II), intermediário (camada III) e tardio (camadas IV e V).

4. Os sítios Floresta e Lago das Pombas na região do baixo rio Negro

Embora assistemáticos os estudos arqueológicos do baixo rio Negro nos ajudam a construir um cenário da ocupação pré-colonial da região. Como se demonstrou (capítulo 3), há nessa região vários sítios arqueológicos associados a terras pretas (HILBERT, 1958; SIMÕES, 1974; SIMÕES, KALKMANN, 1987; GERMAN, 2001; FRASER et al., 2009). Apesar das poucas pesquisas realizadas, vê-se inicialmente que

conforme aumenta a distancia entre os sítios do rio Negro da região de confluência dos rios Negro e Solimões, os sítios tornam-se menores em extensão²⁵.

Esses dados iniciais sugerem que haja um padrão de sítios no baixo rio Negro que parecem mudar quando localizados no ARN: no BRN os sítios são pequenos em extensão, com presença de terras pretas e que como os sítios do rio Unini, podem ser extensos em profundidade, seja por longas e duradouras ocupações ou pela ação de uma planície aluvionar ativa como é o caso em nossa área de pesquisa²⁶. No ARN, Neves (1998) identificou sítios pequenos em extensão, sem associação com terras pretas e um pacote arqueológico pouco espesso. Temos ainda os sítios da área de confluência que como o sítio Açutuba, são grandes em extensão e em profundidade (LIMA, 2008; NEVES, 2013), sendo por isso notadamente diferente do restante de sítios da área de calha do rio Negro.

Essa relação pode ficar ainda mais distante comparativamente quando sítios da calha do rio Negro forem estudados, já que as pesquisas de Simões demonstraram nessa área a ocorrência de vários sítios associados às terras pretas e pacotes que alcançam até 90 cm de profundidade com média 200 m de diâmetro (SIMÕES, KALKMANN, 1987). Essas diferenças atestam maneiras diferentes de lidar com o espaço que podem estar ligadas a uma série de questões, desde a oferta de recursos à ocupação de lugares que são simbolicamente significativos sem que sejam necessariamente aspectos elimináveis. Uma pesquisa de caráter regional poderá dizer mais sobre isso.

Voltando essa comparação ao rio Unini, as escavações nos dois sítios apresentaram poucas semelhanças e muitas particularidades. Se comparada ao sítio Floresta as escavações em Lago das Pombas mostraram-se, desde os primeiros níveis, quantitativamente mais representativas. Ambos os sítios estão associados a terras pretas, embora apenas no Lago das Pombas essa camada esteja dispersa por todo o sítio. Algo curioso é o fato de Floresta não ser atualmente suscetível a grandes alagações, mas o único dos sítios onde é clara a camada de deposição do rio Unini.

Foi considerado um par de datas para cada sítio, onde alguns pontos devem ser destacados: **1)** o recuo da formação das terras pretas na área do rio Negro – século III

²⁵ Essa questão também deve ser mais bem analisada com o aumento das pesquisas arqueológicas na região.

²⁶ Embora o rio Unini seja o único afluente do rio Negro onde essa intensa atividade foi verificada arqueologicamente.

a.C. (data relativa ao sítio Floresta); **2)** uma significativa diferença cronológica entre a ocupação dos sítios, que estão apenas cinco quilômetros de distância (em linha reta): a datação mais antiga de Floresta (século III a.C.) é anterior à primeira ocupação do Lago das Pombas cerca de seis séculos (datada no século III DC.). As datações mais recentes dos sítios também distam entre si ao menos cinco séculos.

Tabela 4: Datas radiocarbônicas comparadas obtidas para os dois sítios estudados.

PROJETO RIO NEGRO - DATAS RIO UNINI						
Laboratório	Sítio	Amostra/Número Beta	Nível estratigráfico	Material datado	Data convencional	Data calibrada 2 σ
Beta Analytic	Lago das Pombas	LP 307/323285	70-80 cm	Carvão	810 $\pm$ 30 AD	800 – 840 DC
Beta Analytic	Lago das Pombas	LP 315/297132	140-150 cm	Cerâmica	210 $\pm$ 30 AD	230 DC – 390 DC
Beta Analytic	Floresta	FL 427/297129	140-150 cm	Cerâmica	390 $\pm$ 30 AD	420 DC – 570 DC
Beta Analytic	Floresta	FL 442/297130	220-230 cm	Cerâmica	370 $\pm$ 30 AD	410 AC – 370 AC

Essas datas estabelecem uma faixa de ocupação dos sítios, mas não são conclusivas quanto a seu período de ocupação. Além disso, as datações apresentadas são oriundas de áreas concentradas dos dois sítios. Essa questão somada aos processos naturais que formaram e, possivelmente transformaram esses contextos arqueológicos, aponta a necessidade de expandir o quadro de datas.

Apenas no sítio Floresta é possível reconhecer um padrão semicircular de deposição do material cerâmico (em dois momentos distintos, figura 11). No Lago das Pombas essa dispersão se dá de forma aleatória. A presença dos montículos que marcam ambos os sítios é distinta dos montículos identificados em outras regiões amazônicas (*e.g.*: na região do Lago do Limão, cf. MORAES 2006; 2013). No sítio Floresta a escavação de uma dessas estruturas demonstra uma inversão estratigráfica sugerindo tratar-se de uma construção intencional. Já em Lago das Pombas a elevação pode ser o correlato de uma área de descarte no sítio.

A questão então é como essas ocupações se relacionam dentro do sítio e entre eles?

Veremos adiante o que a análise do material cerâmico nos ajuda a responder.

O andamento das pesquisas acerca da ocupação da região ainda é prematuro, mas fundamental para que se compreenda como se deu esse processo, visando a ocupação, abandono e talvez reocupação dos sítios arqueológicos. É necessário que se demonstre e explique também como os sítios da região do rio Negro se relacionam a outros contextos da arqueologia Amazônica.

Capítulo 5

ANÁLISE CERÂMICA

Introdução

Esse capítulo está dividido em quatro subitens gerais: o primeiro esclarece os pressupostos teórico-metodológicos da análise, o segundo apresenta os dados relativos ao sítio Lago das Pombas que reuniu a maior amostra analisada, em seguida são apresentados os dados dos sítios Floresta para finalmente serem comparados a partir da cerâmica, a qual se somam os dados contextuais dos sítios.

1. Os Pressupostos de Análise

Os atributos analisados não foram pensados como unidades isoladas, eles fazem referência à produção dos potes e por isso são analisados de maneira integrada para identificação de comportamentos significativos e materialmente visíveis na análise (cf. ARNOLD, 1985, p. 5).

Inicialmente os dados da análise cerâmica contemplam três âmbitos de questões relativas à frequência da amostra:

1. Frequência da cerâmica na área escavada:

Referem-se aos dados gerais sobre a frequência da cerâmica por nível estratigráfico e área escavada, associados aos dados de densidade e fragmentação dessa amostra. Os dados são apresentados em números absolutos ou porcentagens nos gráficos e quando necessário nas tabelas. Esses dados são de fundamental importância aos processos de formação dos depósitos do sítio. Contudo, ainda que demonstrados por área escavada (tendo como referência nesse caso, as unidades e níveis de escavação) tais dados foram lidos de maneira relacional a fim de interpretar o sítio como todo.

2. Frequência dos elementos identificados na cerâmica:

Dados obtidos a partir da análise de atributos (ver ficha de análise) que abrangem desde a parte do vaso analisada à categoria identificada.

3. Frequência que demonstra como ocorrem os diversos elementos dessas cerâmicas:

O como será obtido a partir do cruzamento dos atributos analisados (segundo a frequência de presença). Referencia então a composição dos vasos.

Dessa maneira, a análise cerâmica se volta a questões quantitativas e qualitativas, que juntas caracterizam e nos apontam caminhos para significar a cerâmica dos sítios trabalhados.

Os dados obtidos foram registrados em fichas de controle que em grande medida se basearam nos protocolos estabelecidos para análise cerâmica por integrantes do Projeto Amazônia Central (MACHADO, 2005; MORAES, 2006; LIMA, 2008; GARCIA, 2012; TAMANAHA, 2012; ALMEIDA, 2013), por isso por vezes o referencial de análise será feito a partir desses autores. No entanto, alterações e novos campos também foram incorporados para dar conta da análise de contextos novos como o que agora se apresenta. As fichas utilizadas compõem os anexos 7 e 8. Além da ficha utilizada para análise de fragmentos, também foi proposto um protocolo para a análise de vasos inteiros, dada a série de questões distintas que esses vasos podem oferecer (anexo 9).

1.1. Análise das partes do vaso

Os vasos foram analisados conforme a parte que compunham na vasilha (i.e., bordas, bases, paredes, apêndices, etc.). Para isso a triagem procurou identificar esses elementos. A definição das partes dos vasos foi o primeiro elemento de diagnose da amostra, sendo aqui entendidos como diagnósticos os fragmentos que permitem recuperar mais elementos acerca dos contextos de produção, uso e descarte dos vasos (fatores, que como se discutirá a seguir, foram focos dessa análise).

Nesse sentido, vale um breve parêntese sobre como os flanges labiais foram definidos, visto que essa questão tem implicância para a forma dos vasos. Flanges labiais foram definidos por Chmyz (1976, p. 132) como apêndices planos horizontais adicionados à face externa das vasilhas, cuja localização no vaso definiria sua nomenclatura, podendo ser labial (localizado no lábio), mesial (localizado no bojo) ou basal (localizado na base, tipo que não ocorre nas coleções analisadas). Flanges labiais são formados por adição de roletes à borda dos vasos, seja formando os lábios ou logo abaixo deles, portanto são também reforços nas bordas. Entretanto, ao contrário de bordas reforçadas (externamente) ou expandidas, formam essas seções plano-

horizontais na borda dos vasos, tendo como forma comum as bordas extrovertidas com ponto angular. Essas seções nas bordas devem ter “no mínimo o dobro da largura das paredes dos vasos” (cf. GARCIA, 2012, p. 73).

Figura 27: exemplos de vasilhas com flange labial, bordas com reforço externo e bordas expandidas. Desenhos fora de escala.

Ainda sim, alguns padrões na maneira de produzir esses potes foram identificados, eles são os responsáveis por ligar essa cerâmica a outras já conhecidas do quadro cronológico da Amazônia, como a tradição Barrancóide/Borda Incisa. Dessa maneira as fases e tradições são utilizadas como ferramentas analíticas a fim de comparar o rio Unini com outras partes da bacia Amazônica e assim propor uma relação histórica para os fabricantes dessas cerâmicas.

1.2. Atributos analisados

Para tanto o recorte que se fez aqui foi voltado a recuperar evidências do processo produtivo (considerando a cadeia de produção), uso e descarte dos potes (tal qual proposto por SILVA, 2000):

1. Características da argila;	2. Manufatura
3. Queima;	4. Tratamentos de superfície;
5. Marcas de uso;	6. Alterações tafonômicas.

É importante ressaltar que futuramente outros parâmetros de análise podem ser testados (como aquele proposto por BARRETO, 2010). Mas devido à falta de dados iniciais que possam caracterizar essas cerâmicas o tipo de análise proposto aqui é igualmente fundamental. Como indicou Politis (2007, p. 337) a reunião dos aspectos instrumentais, das características formais dos artefatos e suas matérias primas são o ponto de partida inicial em um estudo arqueológico (...) mas esses materiais são fortemente mediados por fatores sociais e ideacionais.

A seguir são apresentados como os critérios de análise foram abordados. Esses critérios são amplamente embasados na literatura (ARNOLD, 1985; SHEPARD, 1985; RICE, 1987) e como dito anteriormente, em adaptações de trabalhos anteriores que tratam dos contextos amazônicos (MACHADO, 2005; MORAES, 2006; 2013; LIMA, 2008; ALMEIDA, 2008; 2013; GARCIA, 2012; TAMANAHA, 2012). Essas relações procuram **1)** seguir uma terminologia nominativa consistente (cf. SHEPARD, 1985, p. 394) e **2)** possibilitar através desses critérios gerais, associações e comparações a outras regiões fora da área pesquisada.

1.2.1. Características da argila

Referem-se aos atributos relacionados a diferenças macroscópicas que puderam ser distinguidas, como cor e diferenças na plasticidade.

Cor

Refere-se à coloração das faces internas e externas dos fragmentos analisados. Diversos autores indicam que a coloração das cerâmicas tem uma série de influências (ARNOLD, 1985; SHEPARD, 1985; RICE, 1987; GOFFER, 2007), entre as quais se

destacam: argilas de diferentes barreiros²⁷, queima (intensidade, temperatura e ambiente), presença de diversos elementos na pasta, distância dos vasos do fogo durante o processo de queima, etc. Alguns desses autores (SHEPARD, 1985; RICE, 1987) também discutem que há grande variação no olhar humano para cromas semelhantes, devido à influências como intensidade da luz.

Essas questões principais nos levaram a considerar a coloração das cerâmicas sempre correlacionadas a atributos como tratamento de superfície, queima, conservação ou erosão dos fragmentos e em menor medida, forma dos vasos. Isso quer dizer também que para fins dessa análise, baseada principalmente em fragmentos, a coloração sozinha não é um bom marcador da cerâmica, devido à série de influências acima listadas.

Foram classificadas em:

Branca	Preta
Ocre	Marrom
Laranja clara	Laranja escura
Vermelha	Rosa
Cinza	

Devido às alterações das cores, optamos por manter separadas colorações variantes de um mesmo pigmento como, por exemplo, aquelas que têm concentrações de óxido de ferro: ocre, laranja, vermelho, marrom e rosa (cf. GOFFER, 2007, p. 72).

1.2.2. Manufatura

Foram considerados os modos do processo produtivo das cerâmicas, sendo que podem ocorrer modos combinados na manufatura dos vasos, tendo por exemplo, a manufatura de roletes para a construção das paredes dos vasos e de placas (duas camadas diferentes de argila) para a construção das bases.

²⁷ Ainda que a distinção de barreiros seja um elemento importante e diretamente relacionado à escolha do artesão na manufatura do vaso (seja funcional e/ou cosmológica) seria bastante difícil indicar barreiros distintos sem análises das fontes de argila próximas ao sítio. Como essa análise não foi contemplada nesse estudo, apenas serão feitas indicações desse aspecto considerando os elementos visíveis macroscopicamente: além da cor, identificação e distribuição de argilas diferentes nos vasos, elementos identificados nas argilas. Ainda sim, é necessário dizer que estudos etnoarqueológicos (DEBOER, LATHRAP, 1979; AMARAL, 2012) demonstram que a cor das argilas nos barreiros pode ser um dos critérios de seleção de uso entre os oleiros. Este fator pode ser influenciado pela composição das argilas que por sua vez, influencia a plasticidade e melhor manufatura das argilas.

1.2.3. Antiplástico

A análise de antiplástico considerou três aspectos: tipo, tamanho e porcentagem nas argilas.

Esse termo geral corresponde aos elementos presentes na pasta da cerâmica, sejam inseridos ou não. Essa opção nominativa não impede de indicar elementos que não estão naturalmente associados às argilas, mas indicações como essa só serão feitas quando esses elementos estiverem claramente associados à intencionalidade.

Como indicado por Tamanaha (2012, p. 76) os antiplásticos mais comuns nos contextos amazônicos são de origem vegetal (o caraipé), de origem animal (o cauixi) e mineral (principalmente quartzo e hematita), além do caco moído, que indica formas de reciclagem de vasos que foram dispensados. Considerando essas opções, algumas são de sobremaneira inseridas nas argilas, como é o caso do caraipé e do caco moído. O primeiro é o elemento predominante nos sítios analisados.

De maneira geral, os antiplásticos (ou temperos) estão diretamente relacionados a outras características tecnológicas dos vasos. Entre os Shipibo-Conibo, dois grupos panos da Amazônia peruana, estudos etnoarqueológicos demonstram que "a forma como diferentes argilas e temperos são misturados depende do tipo de vaso a ser feito" (DEBOER, LATHRAP, 1979, p. 116, "tradução nossa"). Nesse contexto a quantidade e o tipo de tempero variam conforme o tipo de argila utilizada, que por sua vez varia conforme o tipo de vaso produzido. As argilas podem ser pretas, brancas e vermelhas. Cada uma dessas argilas tem características próprias e podem ser combinadas de 24 formas diferentes, ocorrendo assim até em um mesmo vaso. Um exemplo interessante são os vasos de cozinhar, que vão constantemente ao fogo. Esses vasos têm o corpo e a base produzidos argila preta e 2/3 de caraipé misturado a 1/3 de caco moído, já o pescoço dos vasos são produzidos com argilas vermelhas e os mesmos temperos, mas em proporção inversa (1/3 de caraipé e 2/3 de caco moído). Essas "receitas" de cerâmica também sugerem que o tipo de antiplástico parece ser muito menos importante que a forma como eles são inseridos nas argilas, i.e., a mistura desses elementos com

determinadas argilas e sua quantidade nas argilas. Essa relação também foi observada por Amaral (2012) entre as *loiceiras* do Agreste Pernambucano²⁸:

A definição das concentrações e espessuras dos antiplásticos parece ser muito mais útil na determinação das escolhas tecnológicas empreendidas pelas *loiceiras*, do que a composição do antiplástico, que se apresenta muito mais como uma variável ambiental, de disponibilidade dos barros em barreiros próximos aos locais de residência e trabalho das *loiceiras* (AMARAL, 2012, p. 268).

Essa não é uma correlação direta, mas devido à grande homogeneidade das pastas das cerâmicas analisadas que têm como elemento predominante o caraipé, é uma questão a ser analisada.

Além disso, testes experimentais com a cerâmica demonstram que a preferência por determinados antiplásticos pode relacionar-se ao uso dos potes. Skibo e Schiffer (1995) indicam que potes para cozinhar tem melhor desempenho se estiverem associados a minerais devido à condutividade de calor.

Discussões como essas indicam que a análise de antiplásticos na cerâmica deve considerar ao menos dois outros aspectos além do tipo: a produção dos potes (modos de produção, partes das vasilhas, etc.) e o uso desses potes, um aspecto que será estimado a partir das morfologias e sinais de uso observados, mas que devem ser corroboradas por análises químicas.

Assim, a fim de indicar essas e outras características, adotamos durante essa etapa da análise a descrição de todos os elementos visíveis nas argilas, seguindo a ordem de preponderância nas pastas (cf. MORAES, 2013). Junto a isso também foi utilizado o esquema proposto por Rye (1981) que apresenta uma escala para estimativa do tamanho e quantidade dos elementos nas argilas.

A importância desse tópico foi considerar além da identificação dos elementos que compõem a pasta (um aspecto muito debatido na arqueologia da Amazônia), o tratamento e/ou seleção dado aos antiplástico durante a produção da cerâmica.

1.2.4. Morfologia dos vasos

²⁸ Ainda que os contextos analisados por Amaral sejam muito distintos dos analisados nesse trabalho, os correlatos arqueológicos observados pela autora são válidos para pensar a tecnologia cerâmica também de sítios pré-coloniais, à medida que não sejam feitas comparações diretas entre eles.

Fragmentos de bordas que tiveram o diâmetro medido a partir de 5% de seu arco tiveram as formas dos vasos projetadas. A projeção foi baseada na relação entre diâmetro da boca e parede dos vasos (altura), sendo os mais confiáveis fragmentos de borda que apresentarem boas dimensões dessas medidas. Nos demais casos, a projeção do vaso não foi realizada, mas foi mantido o perfil de borda. Alguns vasos com forma duvidosa devido a pouca relação entre diâmetro e altura da parede e/ou baixa frequência no material analisado também não foram projetados, sendo apresentados os perfis de borda. Os casos mais comuns foram vasos esféricos que ocorreram com ou sem um ponto angular, assim as projeções realizadas foram baseadas preponderantemente na inclinação das paredes ou não foram realizadas, mantendo os perfis de borda.

As bases permitiriam que se estimasse o tipo mais recorrente nos sítios o que foi contemplado na projeção das vasilhas (ver anexos 14 e 17).

As projeções das vasilhas e perfis de bordas permitiram as classificações dos vasos quanto à estrutura, contorno e capacidade volumétrica (tal qual foi proposto por ALMEIDA, 2008; 2013 e GARCIA, 2012):

Quanto à **estrutura** os vasos podem ser abertos (irrestritivos) ou fechados (restritivos).

- Vasos abertos: têm o diâmetro máximo da boca maior que o diâmetro máximo de seu bojo.
- Vasos fechados: têm o diâmetro máximo da boca menor que o diâmetro máximo de seu bojo.

Quanto ao **contorno**, os vasos podem ser simples, composto ou complexo. Essa etapa é classificada de acordo com os ângulos de inflexão (com ponto angular ou não) existentes no pote. Segundo Garcia (2012, p. 86-7):

- Vasos com contorno simples: não apresentam ângulos ou ondulações no perfil do corpo cerâmico;
- Vasos com contorno composto: apresentam seções unidas por uma inflexão ou angulação (carena);
- Vasos com contorno complexo: apresentam um perfil com dois ou mais ângulos (multiangular) e/ou inflexões (multiflexionado) ao longo do seu corpo.

Quanto à **capacidade**, os vasos podem ser:

- Esféricos: têm altura total maior ou igual a dois terços do diâmetro máximo das bocas;
- Semiesféricos: têm altura total menor que dois terços do diâmetro máximo das bocas e maior ou igual a um terço do diâmetro máximo das bocas. Podem ser fundos ou médios;
- Elipsoidais: têm altura total menor que um terço do diâmetro máximo das bocas;

1.2.5. Queima

A queima é dos principais aspectos da produção das vasilhas, pois é a partir dela que “as argilas assumem as propriedades características das cerâmicas: dureza, porosidade sob uma ampla gama de condições químicas e físicas” (RYE, 1981, p. 96, “tradução nossa”). Entretanto é também um dos aspectos de maior subjetividade durante a análise, visto que diferentes aspectos podem interferir nos resultados observados.

Dessa forma, para fins dessa análise refere-se à coloração observada na fratura (núcleo) dos fragmentos. Segundo Rye (1981), “os principais resultados da queima nos núcleos das cerâmicas se dão devido à remoção de carbono por oxidação ou à deposição desse elemento devido a uma atmosfera redutora” (RYE, 1981, p. 115, “tradução nossa”). Rye (1981) indica que uma série de influências pode interferir nessa coloração. Um dos principais exemplos refere-se à exposição das vasilhas ao fogo, tanto durante o processo de produção quanto durante seus contextos de uso, gerando diferentes resultados nos núcleos dos vasos mesmo sob a mesma condição de queima. Amaral (2012) apresenta situações semelhantes entre as oleiras do Agreste Pernambucano, onde mesmo as queimas dos vasos em fornos podem gerar “tanto queimas oxidadas como redutoras na cerâmica dependendo das condições da atmosfera do forno e da localização das vasilhas dentro dele” (AMARAL, 2012, p. 284). Dessa maneira nessa análise não estamos nos referindo à atmosfera de queima dos vasos, apenas ao resultado desses processos no núcleo das cerâmicas.

Foram classificados em:

1. Oxidante (queima completa): correspondem a núcleos claros.

2. Redutor (queima incompleta): correspondem a núcleos escuros.
3. Oxidante interno redutor externo (queima incompleta): correspondem a núcleos onde a face interna é clara e a face externa escura.
4. Oxidante externo redutor interno (queima incompleta): correspondem a núcleos onde a face interna é escura e a face externa é clara.
5. Mista (queima incompleta): correspondem a núcleos claros com faixa escura interna e externa ou núcleos escuros e faixa clara interna e externa.

1.2.6. Tratamentos de superfície

Referem-se aos tratamentos (supostamente estéticos ou não) dados aos vasos pré ou pós queima. Os tratamentos são indicadores importantes tanto nas características de *performance* dos vasos (SCHIFFER; SKIBO, 1992), quanto na característica que eles podem exercer como vetores de comunicação (para uma discussão ver BARRETO, 2010). Por conta disso também foram consideradas a maneira como os tratamentos de superfície ocorrem nos vasos, a partir da extensão, frequência e associação a outras técnicas.

1.2.7. Marcas de uso e alterações tafonômicas

Referem-se aos aspectos de uso e descarte dos vasos, a partir dos quais podem ser estimados os aspectos de produção, circulação e processos de formação dos depósitos arqueológicos, particularmente importantes nesse trabalho se considerados os contextos de deposição dos sítios estudados. De partida é necessário considerar que parte da amostra dos dois sítios não pôde ser analisada devido à condição de conservação nelas observadas.

Nota sobre o estado de conservação das cerâmicas estudadas

Figura 28: Fragmentos cerâmicos erodidos do sítio Lago das Pombas. a, b: respectivamente face interna e externa de borda com engobo vermelho na face interna sendo perdido. Na face externa o reforço roletado do lábio também foi perdido. c: face externa de borda sem a camada superficial, mas nota-se o motivo acanalado; d: borda com sedimento encrustado devido à erosão da superfície; e, f: parede decorada na face externa também com sedimento encrustado. Fotos: Márjorie Lima.

Uma parcela dessa cerâmica do sítio Lago das Pombas (22,5%) teve grande perda da camada superficial das faces internas e externas (figura 28). Nessa coleção, ocorrências desse tipo foram vistas ao longo de todas as ocupações do sítio, portanto em princípio não se trata de uma questão tafonômica ligada a eventos específicos de ocupação. Tais fragmentos também estão também associados a diferentes partes de diferentes vasos por isso, análises futuras devem considerar se algum processo de manufatura (pasta, tratamento de superfície, etc.) e uso da cerâmica provocou e/ou acentuou essa condição.

Já o sítio Floresta teve grande parte de sua amostra não considerada devido à baixa visibilidade que as superfícies dessas cerâmicas ofereciam, tendo dessa forma um grau muito avançado de erosão e a isto se deve a baixa porcentagem de diagnósticos. Em alguns casos, a condição friável dessas cerâmicas foi tão acentuada que os fragmentos desintegraram com grande facilidade.

No entanto, de maneira geral, o grau de fragmentação observado no sítio Floresta é menor que no sítio Lago das Pombas (anexos 10 e 15), sendo desse primeiro o maior número de remontagens, principalmente dos vasos provenientes da U2.

2. Cerâmicas do Sítio Lago das Pombas

As escavações no sítio Lago das Pombas revelaram a ocorrência de material arqueológico em quatro camadas distintas na estratigrafia (II, III, IV e V) que podem ser caracterizados pela presença de terras pretas. Foi demonstrado que contextos associados à terra preta ocorrem por todo o sítio em profundidade. As datações realizadas para duas das camadas escavadas (camadas II e IV) confirmam um intervalo temporal de aproximadamente seis séculos.

Dessa maneira, a questão inicial para análise cerâmica era entender como esses materiais, diferentes cronologicamente, eram caracterizados e assim, se havia semelhanças e diferenças que além de temporais seriam também tecnológicas.

Concomitante a isso foram também considerados seus contextos de deposição. Vimos que a disposição estratigráfica, a intensidade da coloração das terras pretas e as datas sugerem inicialmente o estabelecimento de três períodos de ocupação do sítio Lago das Pombas: inicial, intermediário e tardio, sendo o tardio representado por duas camadas distintas na coloração da terra preta.

Essas diferenças são corroboradas pela quantificação do material cerâmico do sítio (anexo 10) que demonstra níveis de pico e densidade durante as ocupações. Portanto, além da caracterização tecnológica geral dessas cerâmicas foram considerados pela análise os períodos inicial, intermediário e tardio de ocupação do sítio. Essa periodização, no entanto não foi um pressuposto de análise e sim de seu processamento.

Entre os sítios estudados, o Lago das Pombas tem a maior amostra estudada, o que compreende 7849 fragmentos (60.912 kg). Desses foram selecionados para análise 1.235 fragmentos que estavam associados a diversas partes do vaso, sobretudo às paredes (cf. demonstra o anexo 10).

2.1. Composição das pastas

Nos sítios analisados o caraipé esteve amplamente presente no tempero das cerâmicas, independente do momento de ocupação dos sítios. Devido à falta de associação natural desse tempero com as fontes de matéria-prima, podemos partir da noção de que as cinzas resultantes da moagem de algumas cascas de árvore, que produzem o caraipé, foram elementos inseridos nas argilas.

Caraipé é um termo geral que referencia uma diversidade de cascas ou entrecasas de árvores²⁹ que são ricas em sílica. Como se trata de um tempero orgânico muito fibroso, o caraipé diminui a velocidade de evaporação da água no processo de secagem dos vasos antes da queima, impedindo que a cerâmica rache durante o processo de queima, além de garantir resistência ao impacto e aumentar a porosidade dos vasos (MACHADO, 2005, p. 198; 204-5).

No sítio Lago das Pombas, na maioria das vezes o caraipé também foi o elemento predominante nos vasos. No entanto, em poucos casos ele ocorreu sozinho nas pastas. Nessa coleção o mais comum é que ocorra a combinação média de três elementos em diferentes proporções e tamanhos nas argilas. Tais combinações são obtidas a partir de seis elementos (cf. ordem de presença): caraipé, carvão, mineral, nódulos de argila, cauixi e caco moído. Ao todo foram identificadas 19 combinações (tabela 5).

A variação na combinação dos elementos, o tamanho e proporção dessas combinações nas pastas estão associadas à certa heterogeneidade na composição das cerâmicas do sítio Lago das Pombas.

Das 19 combinações identificadas três foram mais utilizadas, ocorrendo independente do período de ocupação do sítio³⁰, do tamanho/quantidade dos elementos nas pastas e dos tipos de vaso (cf. se verá com as morfologias propostas): a primeira constituída por caraipé, carvão e mineral (37,4%), a segunda por caraipé e mineral (34,4%) e a terceira por caraipé e carvão (14,1%).

²⁹ CAROMANO et al., (2013) analisando cerâmicas com caraipé dos sítios do rio Unini e alto e baixo Madeira, demonstraram que há uma grande diversidade de árvores associadas à produção do caraipé, não sendo apenas aquelas do gênero *Licania*, como anteriormente se postulava. Da mesma maneira é possível que diversas partes dessas árvores tenham sido utilizadas na produção do caraipé. Ainda sim, seria necessário um estudo mais intensivo para aprofundar essa questão.

³⁰ Devido ao desnível da área escavada no sítio Lago das Pombas, estabelecemos limites arbitrários para o limite das ocupações. Esses limites foram delimitados pela espessura e profundidade das camadas estabelecidas para o sítio e quantificação geral do material coletado. Então, ainda que arbitrários tais limites não são aleatórios e tentaram se aproximar o máximo possível do real.

Se olharmos de forma generalizada para a relação entre tamanho e preponderância dos elementos nas pastas, veremos uma tendência à inserção de antiplásticos entre 1 mm e 3 mm com baixa-média porcentagem em relação às argilas (entre 5% e 10%). Essa tendência se manteve mesmo quando o tamanho dos elementos aumentou, sendo que quando maiores os antiplásticos maior a tendência a apresentarem média proporção nas pastas (figura 29).

Figura 29: Relação geral entre tamanho e quantidade de antiplásticos nas argilas.

A preponderância de elementos nas pastas também foi testada conforme os períodos de ocupação do sítio e vimos resultados semelhantes. No entanto, algumas questões se destacaram (informações a partir da tabela 6):

1. Ainda que as três principais combinações identificadas permaneçam ao longo de todas as ocupações do sítio, a preponderância desses elementos nas pastas muda conforme o período de ocupação, nem sempre de maneira proporcional à sua frequência nas pastas. Isso indica que no sítio Lago das Pombas, um bom indicador da composição das pastas de determinado período de ocupação não é o tipo de elemento e sim o modo como os antiplásticos estão nas argilas (proporção e tamanho). O melhor exemplo disso ocorreu com a combinação mais comum em todas as ocupações: caraiapé, carvão e mineral. Se compararmos a frequência dessa combinação com baixa e média proporção (5% e 10%) nas argilas da ocupação inicial, veremos que ela é maior com 10% do que foi com 5%. Assim ainda que essa combinação tenha maior frequência entre as ocupações tardias (em todas as proporções), na ocupação inicial ela foi mais expressiva quando sua proporção nas

pastas aumentou. O mesmo acontece com a combinação caraipé e mineral (que teve um aumento inversamente proporcional na ocupação inicial com média proporção, pois sua frequência geral nas pastas diminuiu com essa proporção) e caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila;

2. Embora algumas combinações (ou elementos isolados) tenham ocorrido com baixa frequência ao longo de todas as ocupações há neles alguns indicadores importantes. Esse é o caso das combinações com o caco moído, elemento associado à reciclagem de potes usados anteriormente à construção de um novo vaso. No sítio Lago das Pombas o caco moído foi raramente identificado e só ocorreu relacionado à ocupação de terra preta “muito escura” tardia do sítio. Também foi o caso do caraipé (quando elemento único nas pastas), identificado em baixa frequência. Quando aumentou de proporção nas argilas (10%) houve uma tendência ao caraipé estar associado à ocupação inicial. Nesse momento é muito comum a ocorrência carbonizada do caraipé, o que ocorreu raramente em outros momentos da ocupação do sítio. Outro exemplo é a combinação caraipé, mineral e nódulos de argila, principalmente com média inserção nas argilas (10%) que também é vista com maior expressão na ocupação inicial. Outras combinações ocorreram com os nódulos de argila, mas nesses casos não foram identificadas claras associações com a ocupação inicial.
3. O cauixi também ocorreu com baixa frequência, mas sempre como elemento predominante nas pastas, sendo que a principal diferença entre o cauixi e o caraipé é a quantidade do primeiro nas pastas. Enquanto o caraipé teve quantidade mais frequente entre 5% e 10%, o cauixi tem maior expressão entre 30% e 40%. As espículas em geral também são menores aparecendo em 99% dos casos menores que 1 mm;
4. Em geral a maior variedade de combinações ocorreu nas ocupações tardias do sítio, representadas pelas camadas de terra preta de colorações “muito escura” e “escura”. Apesar dessa variedade, em ambas foi vista grande homogeneidade quanto à quantidade dos elementos nas pastas que ocorreram com maior frequência em baixa proporção (5%);
5. Algumas combinações só foram identificadas nas ocupações tardias: carvão e mineral, mineral, carvão principalmente.

Tabela 6: Frequência da combinação dos antiplásticos no sítio Lago das Pombas conforme período ocupacional e preponderância nas argilas.

	Antioplástico/Período ocupacional	PROJETO RIO NEGRO SÍTIO LAGO DAS POMBAS															
		Proporção de elementos nas argilas conforme período ocupacional do sítio N=1235															
		Com 5%				Com 10%				Com 20%				Com 30%			
		Tardias	Interme diária	Inicial	Total	Tardias	Interme diária	Inicial	Total	Tardias	Interme diária	Inicial	Total	Tardias	Interme diária	Inicial	Total
1	Caraipé	23		15	38	6		8	14	2		2	4				
2	Caraipé e Mineral	196	3	51	250	80	8	56	144	16	4	9	29	2			2
3	Caraipé, caco moído e mineral	2			2	2			2								
4	Caraipé e carvão	83	4	21	108	43	2	10	55	11			11	1			1
5	Caraipé, carvão e mineral	180	4	26	210	148	16	53	217	24	4	1	29	3			3
6	Caraipé e nódulos de argila	2		1	3	1			1								
7	Caraipé, mineral e nódulos de argila	1		6	7			7	7	1			1				
8	Caraipé, carvão, nódulos de argila	4			4	3		1	4	1			1				
9	Caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila	7		2	9	3		9	12	1			1				
10	Cauixi e mineral	3			3	1			1	4			4	1	1		2
11	Cauixi, carvão e mineral	1			1												
12	Cauixi, caraipé e mineral					2		1	3			2	2			1	1
13	Cauixi, mineral e nódulos de argila													1			1
14	Carvão	3			3												
15	Carvão e Mineral	20		1	21	13			13	1			1				
16	Carvão, caco moído e mineral	1			1												
17	Carvão, mineral e nódulos de argila									1			1				
18	Mineral	4			4									3			3
19	Mineral e caraipé B	1			1												
	TOTAL	531	11	123	665	302	26	145	473	62	8	14	84	11	1	1	13

Apesar da diferença na quantidade de elementos nas pastas conforme o período do sítio vê-se uma preferência pela baixa quantidade desses elementos, tornando-se um padrão para essas cerâmicas. Dessa forma, podemos indicar que a plasticidade e maleabilidade das argilas que as formaram eram naturalmente boas. Além disso, a presença mais comum de três tipos de combinação, o que ocorre independente do período de ocupação do sítio, do tipo de vaso e da forma como esses elementos estão nas argilas (considerando tamanho e proporção), nos leva a crer que um mesmo tipo de barreiro estava sendo utilizado pelos ocupantes do sítio Lago das Pombas, talvez não o único local de coleta das argilas, mas o principal. No entanto, análises petrográficas posteriores devem verificar essa questão.

Em resumo:

- A combinação caraipé, carvão e mineral foi comum ao longo de toda a ocupação do sítio Lago das Pombas. No entanto, sua predominância só ocorreu quando foi vista em média proporção nas argilas;
- As combinações mais comuns (caraipé/mineral e caraipé/carvão/mineral) ocorreram principalmente associadas às ocupações tardias, onde têm baixa proporção nas pastas. Ao contrário, quando ocorreram na ocupação inicial e na ocupação intermediária esses elementos têm média proporção nas pastas. Esse é o principal diferenciador da ocorrência desses elementos;
- O uso de diversas combinações é também uma das principais variações das pastas. Essa característica é muito ressaltada nas ocupações tardias;
- A opção por um único elemento ocorreu em baixa frequência. Quando vistos só foram identificados o caraipé, o carvão e o mineral (cf. ordem de frequência).
- De maneira geral, não ocorrem elementos característicos de um ou outro momento ocupacional. No entanto, a forma como as combinações ocorrem e a presença de alguns elementos é associada mais a um momento que outro, elas têm o uso não majoritário de caco moído, cauixi e nódulos de argila.
- O caraipé carbonizado nas pastas, seja associado ou não a outros elementos, é uma característica dos vasos da ocupação inicial;
- Há uma tendência geral aos elementos presentes na pasta terem entre 1 mm e 3 mm com baixa quantidade nas argilas (5%);
- Finalmente, pode-se dizer que há uma grande variedade na combinação dos elementos que formaram os vasos. Dos 19 tipos de antiplásticos o caraipé não foi

identificado em oito. Ainda sim, há grande regularidade no tamanho e quantidade desses elementos nas pastas, nos levando a sugerir que de maneira geral as argilas coletadas eram naturalmente boas para manufatura da cerâmica.

2.2. Construção dos vasos

De toda a amostra analisada 1,4% dos fragmentos não puderam ter a técnica de manufatura definida. Isso se deve em parte à erosão de muitos dos fragmentos analisados. Dos fragmentos que tiveram a manufatura identificada (1217 fragmentos) houve grande predomínio da sobreposição de cordéis de argila (acordelamento). Essa técnica foi usada para confecção de diferentes partes do vaso, mas raramente para a confecção de apliques e apêndices, que quando ocorreram foram modelados e afixados às paredes dos vasos, principalmente em sua porção superior (figura 30).

Figura 30: À esquerda aplique modelado adicionado à face externa da vasilha, próximo à borda. À direita fragmento de borda com apêndice modelado. No exemplo da esquerda o engobo branco escondeu a imperfeição da junção do aplique à parede da vasilha. Imagens: Márjorie Lima.

A maior variabilidade de manufatura foi vista na confecção das bases, ainda que estas tenham sido roletadas na maioria das vezes (tabela 7). Não foi possível verificar se há alguma relação entre a manufatura dessas bases e alguma morfologia específica. Como a manufatura tem estreita relação com a morfologia do vaso, é necessário dizer

que o tipo mais comum de base são as planas³¹ (onde também se vê a maior diversidade na manufatura), seguido pelas bases côncavas, convexas ou em pedestal, esse último tipo é um caso raro.

Tabela 7: Tipos de bases conforme tipo de confecção.

PROJETO RIO NEGRO - RIO UNINI - SÍTIO LAGO DAS POMBAS									
Tipos de Bases									
Tipo	Técnica de manufatura								Total (tipo)
	Roletada	Modelada	Moldada	Placas	Rol+Model.	Rol+Mold.	Rol+Placas	Não identificada	
Planas	22	9	20	4	6	2	3	10	76
Côncavas	1	1						1	3
Convexas	1								1
Pedestal	1								1
TOTAL (manufatura)	25	10	20	4	6	2	3	11	81

Também foi observado que 1,6% dos vasos foram construídos com mais de uma técnica de manufatura. Novamente as bases são os casos mais emblemáticos, ainda que com uma amostra pequena (11 fragmentos). Há uma preferência pela utilização de cordéis de argila e modelagem (54,5%), seguida pela utilização de roletes e placas (27,3%) e de maneira menos expressiva foi identificada também a combinação de cordéis de argila e moldagem (18,2%). Das bases identificadas com essa manufatura, aquelas onde o diâmetro pôde ser estimado, indicam que se tratava de pequenos vasos (ou miniaturas) cujos diâmetros ficam entre 7-14 cm.

Outra questão interessante é quanto à manufatura dos vasos com flanges mesiais. Como se verá nas morfologias propostas, a ocorrência desses vasos está restrita à ocupação mais tardia de terra preta “muito escura” do sítio (representada pela camada IV), cuja datação está em torno do século IX DC. Esse tipo de flanges é considerado elemento diagnóstico de outras cerâmicas que formam sítios Amazônicos. Esse é o caso das cerâmicas associadas à fase Guarita da Tradição Polícroma da Amazônia (TAMANAHA, 2012), que ocorrem em períodos análogos ao da ocupação tardia do sítio Lago das Pombas. No entanto, as cerâmicas estudadas são bem distintas dessas últimas, com exceção de algumas morfologias de vasos que parecem ter sido compartilhadas e outros elementos como a policromia, mas que aparecem em diversos

³¹ Devido à alta frequência de bases planas, a morfologia proposta para esse sítio considerou apenas esse tipo de bases.

contextos cerâmicos de sítios Amazônicos (o compartilhamento desses elementos em diferentes períodos de ocupação já foi indicado por HILBERT, 1968 e LIMA, 2008). Mas voltaremos a essa questão mais adiante.

Geralmente, nos contextos da Tradição Policroma os flanges mesiais são construídos pela adição de um ou mais roletes aplicados à meia altura dos vasos após a construção do corpo das vasilhas (TAMANAH, 2012; TRINDADE, 2009). No caso do sítio Lago das Pombas o processo de manufatura dos flanges mesiais ocorreu durante o erguimento dos vasos, sendo então que os roletes que compõem os flanges são extensões da série de roletes que constroem o corpo das vasilhas. Desta maneira, esses flanges se diferem daqueles que são adicionados aos vasos como apliques.

O modo de manufatura dos flanges no sítio Lago das Pombas implicou que seus roletes formadores não são pontos de fratura comuns. As fraturas ocorreram mais frequentemente acima ou abaixo dos flanges (nas paredes dos vasos) ou no último rolete aplicado para formar sua extensão (no lábio do flange mesial). Embora seja uma diferença marcante nesses vasos, não deve ser considerado isoladamente como um elemento definidor dessa cerâmica, já que Trindade (2009) notou diferenças semelhantes na manufatura de vasos com flange mesial também em contextos associados à fase Guarita, que como indicado, não ocorre nos sítios analisados.

Figura 31: Tipos diferentes de manufatura de flanges mesiais associados à fase Guarita, Tradição Policroma da Amazônia. O tipo 3 (incomum nessa Tradição) é o que ocorre nos vasos com flange mesial do sítio Lago das Pombas. Extraído e adaptado de TRINDADE, 2009, p. 35.

2.3. Queimas e colorações de superfície

Há uma diferença muito pequena entre queimas com núcleo claro e aquelas com núcleo escuro nos fragmentos analisados, ainda que núcleos claros sejam mais

frequentes (52,3% dos fragmentos tiveram núcleos claros e 47,8% têm núcleo escuro). As queimas que resultaram em núcleos escuros ocorreram com maior frequência de maneira uniforme, resultando em núcleos completamente escurecidos (43,8% do total analisado). O restante das queimas foi menos comum: fragmentos com núcleo claro externo ocorreram em 1,9% dos casos e núcleos mistos em 1,5%. Fragmentos com núcleo claro interno são pouquíssimo frequentes (0,2%). Por fim, em 0,1% dos casos o núcleo não teve o resultado dos processos de queima identificado.

Em duas ocasiões o resultado de queimas irregulares pôde ser mais bem observado, já que se tratava de vasos parcialmente inteiros ou reconstituídos. Viu-se que nas bases esses vasos têm queima incompleta e no bojo superior ou borda as queimas são mais completas.

As colorações mais comuns observadas nessa coleção e que ocorrem por toda a sequência são: laranja claro, marrom e rosa (uma variação muito clara do vermelho). Nesses casos, não foram vistas associações claras entre essas colorações e alguma preferência pelas queimas, i.e., quanto mais comum a coloração da superfície, maior a maleabilidade de queimas utilizadas. Ao contrário, cerâmicas de coloração ocre estão preferivelmente associadas a queimas completas. Essa mesma tendência também foi observada para cerâmicas de coloração vermelha e branca, mas com menor intensidade. Embora ocorram com baixa frequência essas cerâmicas foram identificadas ao longo de toda a sequência.

As cores dessas cerâmicas variam principalmente conforme:

1. O tratamento de superfície utilizado. Nesses casos, as cerâmicas terão uma cor primária e uma cor que cobre toda a superfície devido à aplicação de um banho ou resina que a revestiu. De maneira geral, essas cores são facilmente distinguidas, mas em outros casos a conservação dos fragmentos implicou na visibilidade, não permitindo ter clareza da coloração. Portanto a identificação das cores diz respeito àquelas visíveis em superfície.
2. A face analisada (podendo, por exemplo, ser laranja clara na face interna e marrom na face externa). Essa variação, entretanto é pequena se comparada às cerâmicas que têm a mesma cor em ambas as faces, sendo essa a preferência.

3. Cerâmicas da mesma cor em ambas as faces podem ter tanto queimas completas 53,5 % (n=345) quanto incompletas 42,3 % (n=229). Ainda que haja uma leve preferência pelas queimas completas, resultando em uma grande homogeneidade nas superfícies.

Algumas cores aparecem restritas às ocupações tardias, como é o caso do cinza. Cerâmicas com essa coloração são pouco comuns e estão preferivelmente associadas a queimas completas e à combinação mais comum de antiplásticos (caraipé, carvão e mineral) que, no entanto aparecem em tamanho e em porcentagens reduzidas nas pastas.

Assim como cerâmicas cinzas aparecem restritas às ocupações tardias, cerâmicas de coloração laranja escuro aparecem restritas à ocupação inicial. Em ambos os casos estão sendo considerados fragmentos de coloração mais homogênea, que têm a mesma cor nas duas faces. Se expandirmos a análise à todos os fragmentos que apresentam colorações laranja escuro, veremos que esses casos ocorreram a partir das camadas de transição entre uma e outra ocupação, sendo raras ou inexistentes nas camadas de ocupações tardias. Cerâmicas com essa coloração podem ocorrer tanto com queimas oxidantes quanto com queimas redutoras, embora também haja uma sutil preferência para queimas oxidantes.

As cerâmicas de coloração preta em ambas as faces ocorrem com maior frequência nas ocupações tardias e nesses casos só estão associadas a queimas com núcleo claro.

2.4. Tratamentos de superfície

Ainda que uma parcela dessa coleção tenha alto grau de desgaste nas superfícies (seja na face interna e/ou externa) em grande parte do material analisado foram verificados alisamentos finos a médios nas duas faces dos vasos (31,5%). Alisamentos grosseiros também ocorreram, mas geralmente estão associados ao tratamento externo que configura o escovado, do qual trataremos mais adiante. Ao todo, tratamentos polidos configuram 5,5% dessa coleção, mas estão particularmente associados às faces internas dos vasos das ocupações tardias, sendo que quando ocorreram nas duas faces só foram identificados nos vasos dessas ocupações.

Uma parcela dessas cerâmicas teve uma ou as duas faces cobertas por banhos (barbotinas) mais finos que os engobos (20,7%). Os banhos foram caracterizados por La Salvia e Brochado (1989) como a aplicação intencional de uma fina camada de argila

nos vasos, obtida por um processo de decantação das argilas que deixa em suspensão os elementos mais finos. Contudo, a ação causada por um alisamento muito fino com umidificação da superfície também teria resultados semelhantes a um banho, mas esse efeito seria adquirido por uma ação não intencional, a esses são chamados pseudobanhos³² (LA SALVIA, BROCHADO, 1989, p. 17-18). Embora emprestemos a denominação, não estamos nos referindo a ações intencionais ou não intencionais: banhos (barbotinas) são as películas que revestem os vasos interna e/ou externamente, com espessura mais fina que o engobo e que tem características diferentes das pastas dos vasos.

Nas cerâmicas de Lago das Pombas, os banhos ocorrem tanto nas faces externas, quanto internas ao longo de todas as ocupações do sítio. As principais colorações identificadas foram o vermelho, ocre e marrom.

Em outros casos não se vê a distinção de coloração, mas há um craquelamento uniforme na superfície dos fragmentos, principalmente naqueles com alisamentos finos ou polidos, o que muitas vezes resulta em um processo de descamação da superfície (figura 32). Segundo Cronyn (2004, p. 144-5) esse efeito também seria adquirido durante a secagem ou queima das vasilhas cobertas com algum tipo de banho/resina e polidas, podendo ser inclusive uma falha ocorrida devido ao resfriamento excessivamente rápido do vaso.

Dessa maneira, embora o efeito visto nas superfícies seja muito semelhante ao que La Salvia e Brochado (1989) identificaram como pseudobanho, essa descamação também pode corresponder ao indicado por Cronyn (2004).

De maneira geral, aplicação de banhos ou o alisamento refinado têm diversos motivos: união dos pontos de junção dos roletes, tratamento estético, revestimento para a diminuição da porosidade das pastas (RICE, 1987, p. 149; CRONYN, 2004, p. 145) etc. não sendo estes necessariamente excludentes entre si. Na cerâmica do sítio Lago das Pombas ambos ocorrem invariavelmente, além dos engobos que também revestiram os vasos.

³² A mesma diferenciação foi observada por Amaral (2012, p. 180) na manufatura das vasilhas das oleiras do Agreste, onde os pseudobanhos ou pseudobarbotinas são recorrentes do processo de regularização e alisamento da superfície dos vasos.

Figura 32: Fragmentos de vasos do sítio Lago das Pombas com banhos avermelhados (b, c, e i), ocre (g e h), marrom (a) e faces craqueladas (d, e, f, e i). Fotos: Márjorie Lima.

2.4.1. Decorações plásticas e pintadas

Os vasos do sítio Lago das Pombas têm as superfícies extensivamente marcadas. Do total analisado 30% dos fragmentos tiveram apenas o alisamento identificado, o restante recebeu algum tipo de tratamento plástico e/ou pintado, além de engobos e banhos.

2.4.1.1. Decorações plásticas

Os vasos marcados na face interna e/ou externa ocorreram por todas as ocupações do sítio. Essa maneira de marcar a superfície corresponde a 54% das cerâmicas analisadas. Podem ocorrer com técnica acanalada, incisa, excisa, pontead, escovada e ter apliques modelados. Essas técnicas foram registradas isoladas (sem associação com outras técnicas), combinadas entre si e algumas vezes associadas à engobos e/ou pinturas.

Tabela 8: Tipos de decorações plásticas conforme período ocupacional, independente da face marcada.

Sítio Lago das Pombas Decorações plásticas isoladas, associadas à engobo e/ou pinturas N=633				
Tipo de decoração	Ocupações tardias	Ocupação intermediária	Ocupação Inicial	Total (tipo)
Acanalados	244	16	47	307
Acanalado + engobo	44	4	11	59
Acanalado + pintura	16	1	1	18
Acanalado + engobo + pintura	4			4
Incisão	74	4	43	121
Incisão + Engobo	6		2	8
Incisão + pintura	1		1	2
Incisão + engobo + pintura			2	2
Acanalado + Incisão	11		5	16
Acanalado + incisão + engobo	2			2
Acanalado + Incisão + pintura	4		2	6
Acanalado + Incisão + engobo + pintura	1			1
Excisão	6	1		7
Excisão + acanalado + ponteadado			1	1
Ponteadado	2		1	3
Ponteadado + digitungulado	1			1
Acanalado + ponteadado + engobo			3	3
Acanalado + incisão + ponteadado + escovado	1			1
Incisão + ponteadado + engobo	1			1
Aplique modelado		1		1
Aplique modelado + engobo + pintura	1			1
Escovado	15	3	18	36
Acanalado + escovado	3		5	8

Acanalado + escovado + engobo	4			4
Escovado + marca de dedo			1	1
Escovado + engobo	5		1	6
Incisão + escovado	3		2	5
Incisão + escovado+ engobo	1			1
Incisão + acanalado + escovado	1			1
Incisão + ponteadado	2			2
Não identificados	2	1	1	4
Total (ocupação)	455	31	147	633

A tabela acima demonstra que há grande variedade no tipo de decoração plástica, mas essa variação se deve à combinação de quatro técnicas principais: acanalada, incisa, ponteadada e escovada. Esses quatro elementos ocorreram ao longo de todas as ocupações do sítio e embora alguns deles sejam mais frequentes em um momento que outro (como é o caso do escovado entre os vasos das ocupações mais tardias), suas variações combinando mais de uma técnica e conforme as faces dos vasos grafadas resultam em grande variabilidade nas decorações plásticas desses vasos.

Nesse sentido, a seguir trataremos das principais decorações plásticas ocorridas nessas cerâmicas a partir de três fatores: o tipo de técnica empregada, a visibilidade que os motivos grafados podem ter no vaso (cf. a face decorada) e o momento ocupacional ao qual elas estão associadas.

Caracterização geral: as técnicas plásticas utilizadas e suas ocorrências

Motivos acanalados e incisos (individuais e duplos) foram as formas mais comuns de marcar plasticamente as superfícies dos vasos em Lago das Pombas. Na coleção essa maneira de marcar os vasos ocorreu mais comumente isolada nos vasos, marcando suas faces externas e internas. Viu-se uma tendência geral a motivos acanalados ocorrerem com maior frequência associados às ocupações tardias. Na ocupação inicial, as decorações plásticas ocorreram, mas com maior tendência a serem incisadas. Nesse momento a preferência foi por marcar os vasos com pigmentos, sejam engobos ou pinturas.

Motivos acanalados isolados têm ocorrência de 21,4% do total de decorações plásticas e os motivos incisos isolados de 19% desse total, não havendo então necessariamente uma preferência em relação a uma dessas técnicas. Ambos ocorreram mais comumente nas faces externas dos vasos, onde estão particularmente associados às ocupações tardias e em menor medida à ocupação intermediária e inicial. Podem marcar porções pequenas das paredes³³, bordas, flanges mesiais e labiais e cobrirem toda a face externa dos vasos (o que só ocorreu nas ocupações tardias).

Quando grafados nas faces externas se vê a maior variedade na composição dos motivos, o que tem estreita relação com a visibilidade que se pretende dessas decorações. Ainda sim, o tipo de representação mais comum é o emprego de linhas horizontais, visto em todos os momentos ocupacionais. Os acanalados geralmente delimitam os espaços dos vasos (separando ou enfatizando, por exemplo, o bojo superior das bordas, as bases do bojo, as carenas, etc.). As linhas horizontais acanaladas são também o tipo de acanalado mais combinado com outros motivos. Essa questão nos leva a sugerir que a alta frequência de linhas isoladas pode estar ligada à fragmentação da amostra. Motivos angulares, principalmente acanalados, que formam desenhos geométricos e em gregas são muito comuns nas ocupações tardias, principalmente na ocupação de terra preta “muito escura” (figura 33). Sua localização no corpo dos vasos ocupa os bojós e/ou os flanges mesiais. Representados dessa maneira, tais motivos com a técnica acanalada, são bons caracterizadores das ocupações tardias. Já os motivos circunlineares (que podem ocorrer combinados com linhas quando incisos) e espiralados são mais frequentes na ocupação inicial ou no início da ocupação tardia de terra preta “muito escura”. Esses motivos ocorreram independentes da técnica utilizada, ainda que sejam mais comuns com incisões finas (≤ 1 mm) e podem aparecer combinados ou não a linhas horizontais. Outros motivos como linhas transversais, trançadas, triangulares, são pouco frequentes com a técnica acanalada, mas quando ocorreram estavam associadas às ocupações tardias.

³³ As paredes representam a maioria dos fragmentos analisados. Contudo, devido à fragmentação não é possível indicar qual a associação da maior parte desses fragmentos ao vaso, portanto é também um termo genérico.

Figura 33: Diversas maneiras de marcar as faces externas dos vasos do período tardio do sítio Lago das Pombas. Geralmente esses motivos têm preenchimento maior, expandindo-se por todo o vaso ou no bojo superior. Acima à esquerda vê-se o motivo em gregas, uma característica desse período. À direita as “falsas incisões” que são formadas pela retirada da pasta com um objetivo duplamente pontiagudo e abaixo se vê a decoração modelada, pouco utilizada ao longo de todas as ocupações do sítio. Desenhos: Erêndira Oliveira.

Figura 34: Aplique zoomorfo modelado, associado ao período tardio. Da esquerda para direita: faces frontal, lateral e posterior. Desenho: Erêndira Oliveira.

Embora as linhas horizontais também permaneçam predominantes entre as incisões, há grande variedade no tipo de motivo grafado com essa técnica nas ocupações tardias. Essa variedade, contudo não ocorre por meio de combinações, sendo constituída pela utilização diversa de um único motivo: linhas verticais curtas, motivos angulares, motivos circunlineos (motivos em grega, motivos ondulares, linhas verticais combinadas a motivos circunlineos ocorrem com baixa expressão).

As decorações plásticas nas faces internas ocorreram na porção superior dos vasos, marcando as bordas expandidas ou os lábios. Desse modo ocorreram principalmente nos flanges labiais da ocupação inicial, utilizando acanalados e incisões, onde se vê grande fluidez na gravação dos motivos, conferindo-lhe a maior variedade. Nesse momento os motivos grafados formam linhas horizontais, motivos angulares, motivos circunlineos, geométrico (que também aparecem combinados) e motivos zoomorfos (figura 35). Quando ocorreram nas ocupações tardias geralmente formam linhas horizontais (incisos individuais ou duplos) que margeiam a borda ou os flanges labiais (figura 35).

Figura 35: Exemplos de flanges labiais da ocupação inicial com decoração incisa e acanalada. Desenhos: Erêndira Oliveira.

Figura 36: Maneira incomum de marcar a face interna das vasilhas associada à ocupação inicial. Essa forma tem diâmetro irregular, sendo aparentemente quadrangular. Desenho: Erêndira Oliveira.

Figura 37: Exemplos de flanges labiais do período tardio com incisões finas. Desenhos: Erêndira Oliveira.

Ainda que acanalados e incisões sejam as maneiras mais comuns de marcar essas cerâmicas há uma diferença no controle de execução dos motivos e consequentemente, de sua regularidade. Segundo Rice (1989) parte dessa diferença pode ser o resultado do momento no qual a decoração das vasilhas foi produzida. Em geral, os traços feitos com a argila ainda húmida podem ter um deslocamento da pasta, mas a plasticidade das argilas nesse momento permite também grande regularidade nas linhas grafadas. Contudo, é mais difícil distinguir tratamentos plásticos feitos pós queima de tratamentos plásticos feitos pré-queima com a argila seca, porque ambos resultam em lascamentos finos da argila nas margens das linhas grafadas (RICE, 1989, p. 146, “tradução nossa”). No sítio Lago das Pombas, independente do momento de ocupação, as cerâmicas parecem ter sido grafadas dos dois jeitos, embora a maior parte deles tenha sido grafada com a argila seca ou em ponto de couro. Nos vasos reconstituídos (que estão associados à ocupação tardia de terra preta muito escura) os grafismos foram gravados com as pastas pouco húmidas (secas ou em ponto de couro) dando grande irregularidade à linha. Os vasos grafados com a argila ainda húmida resultaram em sulcos muitos regulares e profundos (no caso das incisões), que deixam excessos de argilas em alguns pontos. Contudo, ainda sim esses motivos nem sempre foram simétricos.

Outra característica marcante embora não predominante é o tratamento escovado dado à face externa dos vasos. Essa técnica é resultado de um alisamento grosseiro que pode ser obtido por meio de algum instrumento multiplamente pontiagudo ou de extremidades marcadas³⁴ que cria uma série de sulcos rasos e alinhados nas vasilhas (LA SALVIA, BROCHADO, 1989, p. 68; RICE, 1989, p. 137). Nessas cerâmicas, o escovado ocorreu perpendicular às bordas dos vasos em um plano horizontal, cobrindo toda a superfície de grandes fragmentos, nos levando a sugerir que esse tratamento pode ter coberto toda a face externa dos vasos. O tratamento escovado tem um pequeno aumento entre os vasos da ocupação inicial, onde também pode ocorrer associado à marca de dedo, ao acanalado conferindo-lhe um aspecto mais grosseiro. Se associado a esses outros modos de marcar a superfície das vasilhas pode ser um bom caracterizador para esse momento de ocupação do sítio. Em alguns casos, também está coberto por engobos (vermelhos são mais comuns em ambas as faces) indicando que sua manufatura nas vasilhas é anterior à aplicação dos engobos.

Estudos experimentais em geral têm procurado relações entre a textura empregada nas paredes dos vasos e seus contextos de uso, partindo da noção que alguns vasos poderiam ter algumas características de *performance* acentuadas conforme a tecnologia neles empregada, como a capacidade de aquecimento (SCHIFFER, 1990; YOUNG, STONE, 1990; PIERCE, 2005; BOULANGER, HUDSON, 2012). Entretanto mesmo com relação ao corrugado, um dos tratamentos mais rugosos utilizados, vê-se que essa relação não é necessariamente funcional não tendo o corrugado resposta de aquecimento diferenciado frente a outros potes não corrugados (SCHIFFER, 1990, p. 374, tradução nossa). Ao contrário, em potes corrugados a capacidade de aquecimento tem menor eficiência frente aos potes que foram apenas alisados (PIERCE, 2005). Garcia (2012) também demonstrou que no caso da cerâmica corrugada do sítio Mutuca, no rio Cateté (interflúvio dos rios Xingu-Araguaia-Tocantins) há uma estreita associação desse tratamento a uma “tecnologia de cunho mais estético que prático” (GARCIA, 2012, p. 122).

Então por mais que reconheçamos que o tratamento escovado dado à parte dessas cerâmicas possa ter implicâncias de aderência, por exemplo, que seriam desejáveis em potes expostos a graus elevados de saturação de água e a potes com alta transportabilidade (cf. BOULANGER, HUDSON, 2012), inicialmente não faremos essa

³⁴ É comum referenciar esse tipo de técnica pelo emprego de conchas (cf. RICE, 1989). Esse, contudo não é o caso do sítio Lago das Pombas, devido à ausência dessa matéria prima na região de pesquisa.

associação. No entanto, esse deve ser mais um elemento de consideração para análises futuras. Nesse momento podemos indicar que além da tecnologia empregada na manufatura do tratamento escovado ele está preferencialmente associado a vasos produzidos durante a ocupação inicial do sítio e com base no que se verá das formas reconstituídas, ocorrem particularmente ligados aos vasos abertos (independente do período de ocupação).

Gráfico 1: relação entre os vasos abertos e fechados e o tratamento escovado nas faces externas das vasilhas. Gráfico a partir das formas reconstituídas.

Outros motivos e técnicas são menos frequentes e geralmente ocorreram associados aos acanalados e incisões. Esse é o caso do ponteados, preferencialmente marcados de forma linear na parte superior dos vasos principalmente na altura das bordas seja na face externa ou interna, onde ocupam os flanges labiais. Raramente ocorreram sozinhos, tendo como preferência a associação com engobos vermelhos.

2.4.1.2. O uso de pinturas e engobos

As ocorrências de pinturas e engobos associados ou não à decoração plástica também foram comuns nesse sítio. De maneira geral, os engobos revestiram as faces externas dos vasos e pinturas só ocorreram associadas à engobos ou às decorações plásticas, mas nunca isoladas. Contudo, a face do vaso revestida com engobos, pode variar quanto ao pigmento utilizado e ao momento de ocupação do sítio. Esse é o caso dos engobos pretos, que ocorreram em 90% dos casos nas faces internas dos vasos das ocupações tardias e da ocupação intermediária, apenas uma vez esse engobo foi utilizado como revestimento de vasos da ocupação inicial e quando isso ocorreu o engobo vermelho foi utilizado na face externa da vasilha, dando ao vaso um efeito bicromico.

Os engobos ocorreram nas cores vinho, vermelho, preto, branco, marrom e laranja. Contudo os mais comuns são vermelhos, brancos e pretos. Para esses três tipos, devido sua recorrência nessas cerâmicas foram possíveis estabelecer seus modos de ocorrência.

Gráfico 2: Relação entre a coloração dos engobos conforme os períodos de ocupação do sítio Lago das Pombas.

Os engobos vermelhos foram os mais comuns (10,2%) principalmente entre as ocupações tardias. Esses engobos foram identificados de duas formas: **1)** isolados, quando cobrem as faces internas (6,3%), as faces externas (41,3%) ou ambas (3,2%). Esse modo de utilização do engobo vermelho é principalmente frequente entre as ocupações tardias, sendo as únicas onde o engobo foi registrado nas duas faces dos vasos; **2)** associados à decorações plásticas (49,2%), sendo o tipo de engobo com maior associação às técnicas plásticas. Nesses casos foi registrada também a maior variedade na marcação das vasilhas que estiveram associadas à engobos. As decorações plásticas foram obtidas por meio de acanalados, incisões, ponteados e escovados que ocorreram isoladas ou combinadas, mantendo os mesmos padrões descritos sem o engobo. Esse modo também foi mais observado nos vasos das ocupações tardias. Nesses momentos sempre reforçam os traços de linhas horizontais e verticais curtas. Quando esse tipo ocorreu na ocupação inicial formou principalmente motivos angulares além das linhas e motivos espiralados. Dessa maneira, a ocorrência de engobos vermelhos principalmente marcando as duas faces dos vasos e associados a decorações plásticas (formando linhas horizontais e verticais) é um bom caracterizador das ocupações tardias do sítio Lago das Pombas.

Figura 38: Vasilha com forma reconstituída. Ressalta-se o pigmento amarelo que ressalta o acanalado. Errata. Onde é visto o marrom ocorre na realidade o pigmento vermelho. Desenho: Erêndira Oliveira.

A variação mais escura do vermelho, o engobo vinho, tem modos semelhantes aos engobos vermelhos, mas teve baixa ocorrência (1,1%) e esteve associado aos vasos da ocupação intermediária do sítio.

Outro engobo significativo nesses vasos é o engobo branco (8,4%). No entanto, ao contrário do engobo vermelho, sua ocorrência é ainda mais variada. De forma geral, ocorreram com maior frequência nas faces externas dos vasos, dificilmente ocupam apenas as faces internas (3,8%). Com esse tipo de engobo não foram registradas variações marcando as duas faces dos potes. Os engobos brancos foram identificados de quatro formas: **1)** isolados (35,9%); **2)** associados a acanalados e/ou incisões (16,5%); **3)** associados à pintura vermelha (42,7%); **4)** associados a incisões, acanalados e ponteados e à pintura vermelha (4,9%).

Quando isolados ocorreram em todos os momentos de ocupação do sítio, mas com um leve aumento nas ocupações tardias. Quando associados a acanalados e incisões estiveram particularmente associados às ocupações tardias, formando motivos lineares. Na ocupação inicial também ocorreram com esse tipo nos flanges labiais. Quando associados a pinturas vermelhas ocorreram por todas as ocupações do sítio,

sempre formando motivos nas faces externas dos vasos. Contudo, há um aumento desse modo na ocupação inicial. Embora esse tipo ocorra com grande preponderância, os estados das pinturas e engobos são vestigiais, não permitindo estabelecer os motivos pintados. Por fim, a utilização dos engobos brancos pode combinar também as pinturas vermelhas e as decorações plásticas (acanalados e/ou incisões e ponteados). Nesses casos, marcaram as paredes dos vasos e os flanges labiais, ambos vistos tanto nas ocupações tardias quanto na ocupação inicial. A diferença é que nas ocupações tardias podem associar-se a acanalados lineares ou ponteados e na ocupação inicial estão associadas às incisões que são cobertas por pigmentos vermelhos.

Os engobos pretos ocorreram em menor escala nesses vasos (3,5%) e estiveram principalmente associados aos vasos das ocupações tardias. Engobos com essa coloração não foram identificados entre os vasos da ocupação inicial. Os engobos pretos foram identificados de quatro formas: **1)** isolados (67,4%); **2)** associados a linhas acanaladas (25,6%); **3)** associados a acanalados e pintura vermelha (4,7%) e **4)** associados a acanalados e pintura amarela (2,3%).

Quando isolados, o modo mais comum de ocorrência dos engobos pretos ocuparam as faces internas ou externas das vasilhas manufaturadas principalmente nas ocupações tardias. Também ocorreram nas faces internas ou externas dos vasos da ocupação intermediária. Mas em ambos os momentos dificilmente ocorreram nas duas faces dos vasos. Quando engobos pretos ocorreram associados decorações plásticas têm uma homogeneidade muito grande, devido à predominância das linhas acanaladas, marcando as faces externas dos vasos. Esse modo também foi predominante entre os vasos das ocupações mais tardias. Quando os engobos pretos ocorreram com pinturas amarelas e vermelhas estiveram associados tanto aos vasos das ocupações tardias, quanto à ocupação intermediária. Nas ocupações tardias as pinturas amarelas e vermelhas reforçaram os motivos plásticos geométricos e angulares. Na ocupação intermediária a pintura vermelha reforçou motivos espiralados. A ocorrência desse engobo é um importante caracterizador desses dois momentos de ocupação do sítio.

Outros engobos como o marrom e o laranja só ocorreram nas ocupações tardias, o primeiro na face interna e/ou externa dos vasos e o segundo revestindo as faces externas.

Quanto às pinturas, foram identificados dois modos de ocorrência: **1)** associadas aos engobos, como já se demonstrou e **2)** associadas ao reforço das decorações plásticas (sem a presença de engobo) (4,7%). Nesses últimos casos, o que se observou foram os

pigmentos cobrindo os acanalados e/ou incisões, principalmente nas ocupações tardias. Portanto, quando esse modo ocorreu, as pinturas não formam faixas e servem para enfatizar o motivo já criado pela gravação da pasta. O pigmento mais utilizado foi o vermelho (em um caso esse pigmento está oxidado e oscila entre o vermelho e amarelo compondo o mesmo motivo), podendo ocorrer menos expressivamente também sua variação mais escura, o vinho. De maneira geral quando marcam as faces externas estão associadas às ocupações mais tardias e quando marcam as faces internas à ocupação inicial, exclusivamente na altura dos flanges labiais. Essa diferença foi vista inclusive quando a mesma combinação ocorreu em mais de um momento ocupacional, como é o caso da combinação pintura, acanalado e incisão. Além do local no vaso mudar, o tipo de representação tende a ser diferente, embora a mesma técnica seja utilizada. Quando revestidos por pintura, nas ocupações tardias os motivos foram mais lineares e na ocupação inicial além de lineares foram também espiralados.

2.4.2. As decorações em outras letras

Inicialmente é difícil estabelecer um olhar para os elementos decorativos da cerâmica do sítio Lago das Pombas. A primeira impressão é de que tudo ocorre misturado e isso dá a essa cerâmica a variabilidade que lhe é característica. Em parte isso está correto, contudo a variabilidade dos vasos decorados não se dá apenas pela confluência de no máximo três técnicas combinadas (o deslocamento ou retirada da argila, respectivamente, incisão ou acanalado, a aplicação de engobos e a aplicação de pinturas), mas pelo motivo grafado e a face do vaso marcada (anexos 11 e 12). Assim, o que temos não é necessariamente uma técnica definindo um evento específico de ocupação, mas sim a maneira como ela foi aplicada no vaso. Esse fator é claro principalmente quando olhamos para as ocorrências mais comuns nessas cerâmicas: acanalados, incisões e engobos vermelhos (figura 38 e anexo 11).

Os motivos incisos e acanalados ocorreram juntos para preencher e delimitar campos a serem decorados. Se combinados a um pigmento utilizado na pintura estão em geral associados aos flanges labiais dos vasos abertos ou daqueles que mesmo fechados tem extensos flanges labiais (≥ 2 cm), dando então grande visibilidade aos motivos grafados. A ocorrência desses motivos isolados marcando principalmente os flanges labiais com incisão ou todo o bojo dos vasos com acanalados são características da

ocupação inicial e tardias, respectivamente, sendo que um parece substituir gradualmente o outro.

A preferência por marcar plasticamente os vasos nas ocupações tardias e utilizar pinturas e/ou engobos para marca-los na ocupação inicial são modos de decorações bem característicos. Por outro lado essas características são balanceadas pela grande variabilidade de cores dos engobos nas ocupações tardias (onde a preferência é plástica) e pelo domínio técnico e fluidez na composição dos motivos incisos na ocupação inicial (onde a preferência é pintada). Dessa forma, esses modos são caracterizados pela maneira como os elementos ocorrem nos vasos. Os engobos vermelhos e brancos são dois bons exemplos para isso.

O engobo vermelho é a coloração predominante nos vasos das ocupações tardias, principalmente associados a motivos mais “simples” como linhas acanaladas e incisas e quando ocorreram nas duas faces dos vasos. Quando o pigmento vermelho foi utilizado como engobo nos vasos da ocupação inicial se vê uma grande preferência pelo revestimento das faces externas das vasilhas e se associados a decorações plásticas, os vasos têm a utilização preferencial de incisões finas. Pode-se dizer que em parte esse domínio técnico visto nos motivos incisos finíssimos e muito simétricos na ocupação inicial seja uma das principais características dessas oleiras, que tiveram um extenso repertório ao marcar os mais diversos motivos nas faces externas de seus vasos. Enquanto isso, os engobos brancos parecem estar associados a uma questão principalmente estética: dificilmente são aplicados às faces internas das vasilhas e comumente estão associados a outras técnicas como a pintura vermelha. Quando ocorreram nos vasos das ocupações tardias, onde não são predominantes, geralmente tomam emprestada a característica que é mais comum nessas ocupações, como o uso de acanalados. Isto é, ainda que de maneira geral um e outro elemento sejam mais comumente utilizados em uma ou outra ocupação, sua ocorrência fora dos padrões (nos períodos do sítio em que não são característicos) é incorporada aos vasos congregando outros modos que já apareciam naquele determinado momento ocupacional.

Até agora essa confluência de cores, incisões e acanalados, ponteados e escovados nos permitem dizer sobre essa cerâmica:

1. Não é possível defini-las com base em um elemento decorativo, nem que este seja o mais frequente;

2. As combinações de técnicas, o local de ocorrência nos vasos e os motivos gravados são os elementos que nos permitem uma melhor caracterização;
3. A partir da análise dos elementos estilísticos e contextuais desse sítio (implantação, cronologia, profundidade do pacote arqueológico) é possível associá-lo às cerâmicas da Tradição Barrancóide/Borda Incisa, onde também são visíveis alguns elementos do estilo Pocó, ambos com ampla dispersão na região Amazônia (cf. GUAPINDAIA, 2008; LIMA, 2008; NEVES, 2013; COSTA, 2012). Mas a fim de continuar a discussão da análise retomaremos essa questão mais adiante.

2.5. As morfologias e seus modos de ocorrência

Figura 39: Formas dos vasos do sítio Lago das Pombas.

As morfologias foram estabelecidas a partir de elementos que chamamos definidores e outros elementos variáveis. Dentre os definidores estão o contorno do vaso, a forma do vaso (aberto ou fechado) e inclinação da borda (que pode ser direta, introvertida, extrovertida com ponto angular ou ondulação). Os elementos variáveis são a forma e acabamento da borda, pasta, decoração e queima dos vasos e seus elementos mensuráveis (espessura, diâmetro e capacidade volumétrica). Mais que demonstrar

quais formas ocorreram, o intuito em estabelecer esse tipo de relação foi demonstrar como ocorreram.

Foram definidas 19 formas considerando as três ocupações do sítio Lago das Pombas. Desse total, cinco foram consideradas ocorrências devido à baixa frequência que tiveram na coleção (anexo 13).

De maneira geral, o sítio Lago das Pombas foi marcado pela presença de formas simples, sendo que a forma mais recorrente independente do momento de ocupação do sítio foram vasilhas abertas medianas (forma 3). As vasilhas com flange labial também foram muito frequentes nesse sítio, mas estão particularmente associadas às ocupações tardias. Foi também no período tardio que ocorreu a maior variabilidade de formas (das 19 formas identificadas 16 ocorreram nesse período) e maior frequência de vasos. Essa diferença na frequência dos vasos no período tardio já era esperada, visto que houve um aumento geral de cerâmica nesse período de ocupação do sítio. A ocupação intermediária teve o menor repertório de formas do sítio (6 formas), mas esse repertório também é proporcional à quantidade de bordas que puderam ser claramente associadas a esse período. Na ocupação inicial houve também um grande número de formas identificadas (14 formas), mas diferente das ocupações tardias, na ocupação inicial há uma predominância de vasos associados à forma 3A (tabela 9).

Tabela 9: Formas identificadas no sítio Lago das Pombas. Conferir anexo 13.

Formas dos vasos do sítio Lago das Pombas				
	Ocupações tardias	Ocupação intermediária	Ocupação Inicial	TOTAL (Formas)
Forma 1A	4		2	6
Forma 1B	7		4	11
Forma 2	28		4	32
Forma 3A	20	3	14	37
Forma 3B	19	3	8	30
Forma 4A	2	2	2	6
Forma 4B	2		1	3
Forma 5	27	6	4	37
Forma 6	2	1	1	4
Forma 7A	2		2	4
Forma 7B	2	1	1	4
Forma 8			2	2
Forma 9	5			5

Forma 10	20			20
Forma 11	5		1	6
Forma 12A	19	2	5	26
Forma 12B	3	1		4
Forma 13	16		6	22
Forma 14	2		2	4
Forma 15	5			5
Forma 16	2			2
Forma 18			1	1
Forma 19	1			1
Forma 20			1	1
TOTAL (Ocupação)	193	19	61	273

As formas que tiveram maior frequência ocorreram em todos os períodos de ocupação do sítio, mas é importante observar que o compartilhamento das formas incluiu um amplo conjunto de escolhas tecnológicas, i.e., as formas mais frequentes foram também aquelas que reuniram formas de produção mais variadas, tendo maior variação de atributos (pasta, espessura, queima, tratamento de superfície). Assim, se por um lado houve o compartilhamento de algumas formas de vasos ao longo de todas as ocupações do sítio Lago das Pombas, por outro houve maneiras diferentes de manufaturar esses vasos. Se tomarmos como exemplo a forma 3A (vasos medianos com contorno simples) uma das vasilhas de maior ocorrência no sítio, é possível observar a variação de alguns atributos mesmo com a manutenção da forma da vasilha (quadro 3). Esse fator de permanência na forma dos vasos parece apontar para: 1) a realização de ações cotidianas semelhantes ao longo de toda a ocupação do sítio que dialogam diretamente com a morfologia das vasilhas e 2) para a manutenção de alguns elementos na fabricação dos vasos e outros que foram transformados ao longo do tempo. Claramente essas não são possibilidades elimináveis entre si.

Modos de ocorrência da forma 3A			
	Ocupações tardias	Ocupação intermediária	Ocupação inicial
Vasos simples abertos sem bordas reforçadas	x	x	x
Maior frequência de pastas compostas por dois elementos: caraiapé e mineral ou caraiapé e carvão	x		x

Maior frequência de pastas compostas por três elementos: caraiapé, carvão e mineral		x	
Espessura da parede comumente entre 0,9 cm e 1 cm			x
Espessura da parede comumente entre 0,6 cm e 0,8 cm	x	x	
Engobo vermelho nas faces externas e/ou internas	x	x	x
Engobo branco nas faces externas			x
Pintura e incisão no lábio (face interna)	x		
Pintura sobre engobo (face externa)			x
Maior frequência de acanalado marcando as bordas (face externa)	x		
Maior frequência de incisão marcando as bordas e lábios (faces internas e externas)			x

Quadro 3: Exemplo de variação no processo produtivo da forma 3A no sítio Lago das Pombas.

Esse aspecto parece indicar que talvez vasos com morfologias semelhantes fossem utilizados para diferentes usos, a isso estariam associados altas frequências de reposição nos contextos diários (sistêmicos), como as demonstradas aqui pela forma 3.

Por outro lado, algumas formas ocorreram com baixa ou média frequência em um período ocupacional do sítio, embora não tenham sido observadas diferenças significativas no processo produtivo dessas formas em relação às demais. Na ocupação inicial, as formas 8, 18 e 20 que tiveram baixa representatividade no conjunto total de formas do sítio, foram “exclusivas” desse período ocupacional. Da mesma maneira as formas 9, 10, 15, 16 e 19 ocorreram vinculadas apenas às ocupações tardias. Na ocupação intermediária não foram identificadas formas particulares, sendo que nesse período as vasilhas tiveram formas que ocorreram tanto no período inicial como no período tardio, o que é condizente com um período de transição.

Considerando a proposta de divisão classificatória de Rice (1987) e Garcia (2012, p. 154) acerca da função dos vasos, a maior parte das vasilhas do sítio Lago das Pombas está associada ao preparo (formas 2, 11), cocção (formas 3, 4, 5), armazenamento e transporte (formas 12, 15 e 13). Vasilhas de serviço compreendem em menor escala as formas 1, 2, 7 e 8. É importante ressaltar que esses usos são inferências

feitas a partir dos aspectos analisados nas vasilhas (não compreendem análises químicas) e não encerram a utilização dessas vasilhas para esse uso apenas, sendo muito provável que as vasilhas que tiveram alta frequência no sítio (vide tabela 9) e ocorreram com grande diversidade de produção (diferentes pastas, tratamento de superfície e resultados de queima) tenham sido utilizadas para grande variedade de tarefas, tendo alta reposição no contexto diário.

Em suma, a análise das morfologias vinculadas aos atributos de produção e, quando possível relacionada também às marcas de uso dessas vasilhas, demonstrou que semelhanças e diferenças nas formas dos vasos não são suficientes para ilustrar seus aspectos de produção, uma vez que temos vasos com morfologia semelhantes, mas aspectos de produção distintos. Além disso, algumas formas são características de um ou outro momento ocupacional do sítio, mas não há diferenças na produção desses vasos em relação ao total de vasos identificados nos sítios, portanto estes não parecem ser “elementos exógenos” a esse contexto.

2.6. O que podemos dizer sobre a cerâmica do sítio Lago das Pombas?

Apresentadas as características da cerâmica do sítio Lago das Pombas é possível oferecer respostas a algumas de nossas perguntas iniciais para esse sítio.

Tomamos por base para a análise cerâmica três momentos diferentes de ocupação no sítio, como dito anteriormente esses momentos foram denominados inicial, intermediário e tardio, sendo que para o período tardio, aquele mais problemático por ser relativo à (talvez) dois períodos distintos de ocupação, não observamos diferenças significativas na análise cerâmica. Mas é necessário analisar outras áreas do sítio para refinar essa questão.

No capítulo 4 questionamos a presença no sítio de contextos de enterramento que não estavam claros (feições). Durante a análise ficou claro que de fato se tratava de uma feição, aparentemente onde material da ocupação inicial havia sido enterrado durante a ocupação tardia de terra preta “muito escura”. Nessa feição há cerâmicas com tratamentos de superfície bastante diversos, sendo alguns típicos da ocupação inicial (os mais destacáveis são o polimento nas faces internas e incisões em linhas finas). Também foi identificada relativa quantidade de vasos remontáveis, embora nem todos pareçam estar associados ao contexto da ocupação inicial (como é o caso dos vasos

associados à forma 15 – vasilhas fechadas com pescoço e os vasos globulares com decoração e maneira de fazê-la muito típicas do período tardio (figura 40).

Apesar de não termos claramente definidos os motivos que teriam levado ao enterramento dessas cerâmicas, há claramente aí processos que remexeram essas camadas, possivelmente misturando vasos dos dois momentos no sítio. Esse contexto lembra bastante aqueles associados às cerâmicas Pocó-Açutuba e Borda Incisa, onde se sugere que essa prática possa marcar alguma relação de pertencimento com os lugares, já que os habitantes das ocupações mais tardias do sítio viram a necessidade de enterrar elementos que talvez ativassem na memória os ocupantes anteriores (BARRETO, 2010; COSTA, 2012; NEVES, 2013). Isso realmente não está claro. Ainda sim, é possível assumir que o contexto escavado no sítio Lago das Pombas não está associado a montículos antrópicos e também dificilmente seriam integralmente áreas de lixeira, como anteriormente havíamos proposto.

Figura 40: Cerâmicas coletadas em feição escavada na camada tardia de terra preta "muito escura", associadas a elementos comuns da ocupação inicial. Desenho: Erêndira Oliveira. Imagem: Márjorie Lima.

Figura 41: Vaso globular associado ao contexto da feição, mas com elementos típicos da ocupação tardia. Imagem: Márjorie Lima. Desenho: Erêndira Oliveira.

Quanto à cerâmica, enfatizamos ao longo da descrição da análise que a ausência ou presença de determinado atributo não é suficiente para definir o processo produtivo dos vasos do sítio Lago das Pombas. Isso se deve em parte ao fato de que com algumas exceções os atributos que formam os vasos não foram abandonados durante um ou outro momento de ocupação do sítio. Dessa forma, focamos na maneira como os vasos foram produzidos. Esse aspecto foi observado principalmente na composição das pastas e nos acabamentos de superfície, mas também foram identificados nas morfologias, sendo que os vasos de maior frequência no sítio foram também aqueles com produção mais variada.

De toda forma, para facilitar a caracterização de um e outro momento ocupacional, destacamos no quadro abaixo os aspectos de maior variação nas cerâmicas conforme os diferentes períodos de ocupação do sítio.

	Característica	Período Tardio	Período Intermediário	Período Inicial
PASTA	Pastas com predominância de caraipé	Alta	Alta	Alta
	Pastas com até três elementos	Alta	Alta	Alta
	Pastas com até quatro elementos	Ausente	Ausente	Alta
	Caraipé carbonizado	Ausente	Ausente	Alta
MANUFATURA	Uso combinado de acordelamento + modelagem	Média	Baixa	Baixa
	Uso combinado de acordelamento + placas	Baixa	Ausente	Média
	Vasos com flange mesial	Média	Ausente	Ausente
	Vasos com morfologia compostas formados por carena	Ausente	Baixa	Baixa
	Vasos com morfologia complexa	Ausente	Ausente	Baixa
TRATAMENTOS DE SUPERFÍCIE (DECORAÇÃO)	Faces internas polidas marcando ou não os limites máximos das vasilhas	Média	Média	Baixa
	Uso do escovado combinado a engobos e outras técnicas plásticas (face externa)	Médio	Médio	Alto
	Engobo vermelho nas duas faces + decorações plásticas	Alta	Baixa	Média
	Engobo vinho	Ausente	Média	Ausente
	Engobo branco isolado	Alta	Baixa	Média
	Engobo branco com pintura vermelha	Média	Baixa	Alta
	Engobo branco com pintura vermelha + decoração plástica espessa	Média	Ausente	Ausente
	Engobo branco com pintura vermelha + decoração plástica fina	Ausente	Ausente	Alta
	Engobo preto isolado	Alta	Baixa	Ausente
	Engobo marrom	Alta	Ausente	Ausente
	Engobo laranja	Média	Ausente	Ausente
	Pintura vermelha e amarela sobre engobo preto reforçando motivos acanalados angulares e geométricos	Alta	Média	Ausente
	Pintura vermelha sobre engobo preto reforçando motivos acanalados espiralados	Ausente	Média	Ausente
	Pintura sobre decorações plásticas (face externa)	Alta	Ausente	Ausente
	Pintura sobre decorações plásticas (flanges labiais)	Baixa	Baixa	Alta

Flanges labiais com extensões ≥ 2 cm	Baixa	Baixa	Alta
Flanges labiais com representação zoomorfa	Ausente	Ausente	Baixa
Face externa de vasos globulares com representação de gregas (técnica acanalada)	Alta	Média	Ausente
Modelado como elemento decorativo	Baixa	Ausente	Ausente
Incisões finas ≤ 1 mm	Baixa	Ausente	Alta

Quadro 4: Ocorrência dos aspectos de maior variação na produção dos vasos do sítio Lago das Pombas.

As características dessas cerâmicas indicaram que apesar da diferença temporal existente entre as camadas II e IV não há no sítio Lago das Pombas um fenômeno que marque claramente uma ruptura na tecnologia de produção dos vasos. Se na ocupação inicial e na ocupação intermediária a chave da variabilidade cerâmica ocorreu pelo uso combinado de diversos elementos (o que é claro principalmente quando analisados os tratamentos de superfície), no período tardio há a incorporação de alguns novos elementos (composição das pastas, acabamentos de superfície e formas de vasos), mas sem o total abandono de elementos que já ocorriam na ocupação inicial e intermediária.

Esse aspecto postula alguma relação histórica (aparentemente não conflituosa) entre os produtores dessas cerâmicas. Nesse sítio esse processo teve início por volta do século III DC e perdurou até o século IX DC e se deu com o estabelecimento de populações sedentárias, o que é atestado pela presença das terras pretas que ocorreram ao longo de toda a ocupação do sítio. Semelhanças desse contexto a outros identificados na Amazônia pré-colonial são marcadas e não consideram ocupações associadas à Tradição Policroma da Amazônia. Diversos autores já indicaram que há no quadro crono-tipológico dessa região um processo de interação entre populações associadas à produção de cerâmica Borda Incisa (LIMA et al, 2006; LIMA, 2008; LIMA, NEVES, 2011; COSTA, 2012; NEVES, 2010). Atualmente também se postula que haja um complexo cultural diferente e anterior à Tradição Borda Incisa, a Tradição Pocó-Açutuba (NEVES, 2012; NEVES et al, 2013 *no prelo*).

A comparação de ambos os complexos com os sítios do rio Unini será tema do próximo capítulo. No entanto, tendo por base os elementos listados no quadro 4, é importante salientar que:

1. No sítio Lago das Pombas o período inicial de ocupação ainda não está claro, já que as características estilísticas e morfológicas dos vasos congregam aspectos tanto da Tradição Borda Incisa quanto da recentemente definida Tradição Pocó-

Açutuba. Em suma esses elementos são: tratamentos de superfície refinados incluindo o polimento (que, no entanto nesse sítio ocorreu ao longo de todas as ocupações, mas com maior frequência nas cerâmicas do período inicial), o efeito policrômico utilizando pigmentos como o vermelho e preto sobre o branco e vermelho e amarelo sobre o branco, a marcação quase predominante de incisões finas que ocupam os flanges labiais, motivos gráficos nas cerâmicas que remetem a volutas, o uso de pinturas cobrindo incisões.

2. Quanto ao período tardio, as tecnologias de produção dos vasos somadas aos aspectos contextuais do sítio, sugerem que essas cerâmicas estejam associadas à Tradição Borda Incisa, particularmente à fase Caiambé que foi definida por Hilbert (1962; 1968) no sítio homônimo no entorno da região de Tefé. Essa associação foi definida pelas formas de ocorrência dessas cerâmicas, que são mais comparáveis à fase Caiambé do que à fase Manacapuru, definida pelo mesmo autor na região da Amazônia central e refinada por Lima (2008). Esses elementos são relativos principalmente aos tratamentos de superfície: o uso disseminado da técnica acanalada formando gregas que cobrem toda a superfície dos vasos, o uso de engobos com colorações variadas, engobos vermelhos cobrindo as duas faces dos vasos e frequentemente associados a decorações plásticas.
3. Ainda com relação ao período tardio, observou-se nesse período também um aumento no volume de fragmentos escavados.

Se a partir dos fragmentos de bordas, considerarmos um número mínimo de indivíduos (NMI), tal qual propôs Moraes (2013) para análise de contextos do baixo rio Madeira, nota-se de fato um aumento na quantidade de vasos vinculado ao período tardio do sítio Lago das Pombas, que ocorreu por volta do século IX DC. (gráfico 3).

Gráfico 3: Quantidade de vasos produzidos conforme o período de ocupação do sítio Lago das Pombas. Contabilização considerou apenas as bordas como número mínimo de indivíduos.

Dessa maneira, sugerimos que esse aumento na produção de vasos poderia ser reflexo de um adensamento populacional no sítio que possivelmente teria semelhanças

com outros sítios do rio Unini. Entretanto, como demonstrou Silva (2000, 2003) no contexto etnográfico Asurini do Xingu, a alta produção de vasos nem sempre tem razões funcionais. A autora verificou que aspectos como a alta armazenagem de vasos em estruturas domésticas, a presença de oleiras idosas nas unidades habitacionais (livres da maior parte das tarefas cotidianas e, portanto com mais tempo para se dedicar à manufatura dos vasos) e aspectos de ordem simbólica resultaram também em altas frequências de determinados tipos de vasos nesse contexto (SILVA, 2003, p. 377). Considerando possibilidades como as apontadas por Silva (2003), é fundamental avaliar outras áreas do sítio e também outros sítios no rio Unini para entender melhor o contexto de ocupação dessa região.

Assim fica claro, que se por um lado podemos estabelecer comparações do contexto desse sítio a outros da região Amazônica, por outro temos uma lacuna na caracterização intrasítio do Lago das Pombas, devido à escavação de uma área muito pontual do sítio.

A correlação com os dados arqueobotânicos³⁵

Foram analisadas amostradas de solo de apenas um dos contextos escavados (N1022E1011), com amostras >4 mm e com 2-4 mm. Neste sítio os vestígios identificados foram carvão lenhoso, parênquima e pequenas lascas de material lítico (microlascas), que ao contrário da análise da unidade, foram frequentes ao longo de todo o pacote arqueológico (SHOCK, 2013, p. 27).

Destes os mais significativos foram o parênquima e as microlascas (<4mm). Quanto ao parênquima “trata-se do vestígio que está presente em grande parte de comida e que por isso ocorre com maior frequência em áreas de descarte de lixo domestico” (idem). Os picos na densidade de parênquimas seguem os picos na densidade cerâmica (anexo 10).

As análises arqueobotânicas apontam para uma série de atividades semelhantes entre as camadas de ocupação inicial e tardia que resultaram em grandes densidades de amostras, indicando um uso intenso dessa área talvez associadas a contextos domésticos. Nesse sentido, Shock (2013) também estima que a formação dos solos antrópicos mais escuros do sítio tenham acontecido pelo depósito não intencional dos

³⁵ Os dados arqueobotânicos dos dois sítios foram obtidos por Myrtle P. Shock e ainda estão em fase de processamento. Será aqui apresentado um breve resumo sobre eles a fim de subsidiar a discussão.

dejetos dessas ocupações. A ocupação intermediária apresenta características distintas que apesar de não conclusivas, indicam outra intensidade de uso do espaço durante esse período cronológico.

3. Cerâmicas do Sítio Floresta

As escavações no sítio Floresta contabilizaram 5m² distribuídos por quatro áreas do sítio (figura 7). Vimos que nessas áreas a disposição estratigráfica, a profundidade da camada arqueológica e a ausência e presença de terra preta, não são regulares e sugerem tratar-se de áreas diferentes do sítio.

A partir da dispersão da cerâmica e da terra preta, a partir dos dados das tradagens (figura 11), demonstramos que a cerâmica e a terra preta (que ocorreu em manchas) tiveram maior concentração na porção centro-norte do sítio Floresta. Apenas nas camadas mais superficiais o sítio expande-se para sul. Contudo, devido ao alcance das tradagens não podemos observar a ocorrência das cerâmicas e das terras pretas abaixo de 100 cm e vimos que no caso da Unidade 3 (U3), também na porção sul do sítio, o contexto arqueológico só foi identificado abaixo dos 120 cm. A área do sítio marcada pela U3 também é interessante porque além de estar coberta por uma espessa camada de deposição, mesmo estando distante do rio Unini, teve a maior densidade de cerâmica coletada na unidade escavada (anexo 15). As datações obtidas para essa área indicam dois momentos distintos em sua ocupação, com um intervalo de ao menos seis séculos. Além dessa diferença cronológica, esses contextos são marcados pela maior ou menor espessura e intensidade na coloração da terra preta.

Por conta dessas diferenças, a análise cerâmica esteve voltada à caracterização dessas áreas e para tanto, por vezes seguimos o referencial das unidades de escavação.

As escavações no sítio Floresta contabilizaram aproximadamente 19.883 kg de material cerâmico, mas devido a seu estágio avançado de erosão apenas 4.392 kg (289 fragmentos dos 3455 coletados) foram selecionados para a análise (anexo 15). Conforme a área de escavação as cerâmicas analisadas do sítio Floresta estavam assim distribuídas:

Gráfico 4: Distribuição do material cerâmico no sítio Floresta conforme unidade escavada.

Além disso, foi analisado o recipiente escavado na U4. Como esse foi o único recipiente escavado nessa área do sítio e foi o vaso com maior grau de reconstituição do sítio Floresta, trataremos dele particularmente na descrição da análise.

3.1. Composição das pastas

Assim como no sítio Lago das Pombas o elemento predominante nessas argilas é o caraipé. Mas se comparadas, as pastas das cerâmicas desses dois sítios são bem diferentes.

As cerâmicas do sítio Floresta tiveram a ocorrência de cinco elementos (cf. ordem de presença): caraipé, mineral, carvão, nódulos de argila e cauixi. Tais elementos foram observados em 12 tipos de pastas diferentes que tiveram na maioria das vezes a combinação de dois elementos. Como se vê na tabela 10 essa média de combinação foi identificada independente da área do sítio.

Tabela 10: Frequência da combinação dos antiplásticos no sítio Floresta conforme área escavada e preponderância nas pastas.

Associações		PROJETO RIO NEGRO SÍTIO FLORESTA																	
		Proporção de elementos nas pastas conforme unidade escavada N= 290																	
		Com 5%				Com 10%				Com 20%					Com 30%				Total (tipo de antiplástico)
Unidade 1	Unidade 2	Unidade 3	Total	Unidade 1	Unidade 2	Unidade 3	Total	Unidade 1	Unidade 2	Unidade 3	Unidade 4	Total	Unidade 1	Unidade 2	Unidade 3	Total			
1	Caraipé	22	13	38	73	14	5	31	50		2	1		3		1	2	3	129
2	Caraipé e carvão		3	2	5	3	3	2	8		1			1					14
3	Caraipé e mineral	8	17	31	56	11	9	28	48	2	2	1		5			1	1	110
4	Caraipé e nódulos de argila	3	2	1	6	1	1	3	5										11
5	Caraipé, carvão e mineral	2	1		3			2	2										5
6	Caraipé, mineral e nódulos de argila	2	2	1	5			7	7								1	1	13
7	Carvão, caraipé, nódulos de argila e mineral	1			1														1
8	Cauixi											1		1					1
9	Cauixi e caraipé			1	1														1
10	Cauixi e carvão							1	1										1
11	Cauixi e mineral						1		1			1		1					2
12	Cauixi, mineral e carvão												1						1
	Cauixi, mineral e caraipé					1			1										1
Total (Unidade)		38	38	74	150	30	19	74	123	2	5	4	1	12	1		4	5	290

Apesar das combinações formarem os tipos de pastas mais frequentes, a ocorrência mais comum nessas cerâmicas é o caraipé isolado (sem associação com outros elementos), seguido pelo caraipé e mineral, onde se ressalta que esse último elemento também pode ser uma ocorrência natural dos barreiros e não necessariamente uma inclusão nas argilas. Apenas na U2 foi observada uma inversão dessa frequência, sendo que o tipo caraipé e mineral é mais comum nessa unidade.

O tamanho dos elementos identificados nas pastas teve entre 1 mm e 3 mm com baixa-média preponderância nas pastas (5-10%). Sendo que a maior diversidade de combinações foi vista quando os elementos ocorreram desses modos. Quando os elementos ocorreram em tamanhos maiores, a baixa-média preponderância nas pastas também foi observada. Nesses casos, foi identificada a ocorrência de cinco tipos de antiplásticos: caraipé (41,3%), caraipé e mineral (31%), caraipé, mineral e nódulos de argila (17,2%), caraipé e carvão e caraipé e nódulos de argila (3,44%) (figura 42).

PROJETO RIO NEGRO SÍTIO FLORESTA					
Relação entre tamanho e porcentagem dos antiplásticos nas pastas N=289					
Tamanho (mm)	Frequência na amostra	Porcentagem de antiplástico na pasta			
		5%	10%	20%	30%
< 1mm	94	46	47	1	
1mm ≤ e < 3mm	166	92	65	8	1
3mm ≤ e < 5mm	28	12	11	2	3
≤ 5mm	1				1
TOTAL	289	150	123	11	5
%	100,0%	51,9%	42,6%	3,8%	1,7%

Figura 42: Relação entre tamanho e porcentagem dos antiplásticos nas pastas. O recipiente escavado em U4 foi excluído desse contexto e será tratado posteriormente.

Entre os elementos que ocorreram raramente, está o cauixi. Na maioria das vezes, o cauixi ocorreu associado ao contexto da unidade 3, onde esteve sempre vinculado à última ocupação que estava associada à terra preta. Mas em todos os casos onde ocorreu, o cauixi foi predominante nas pastas.

Ao contrário das cerâmicas do sítio Lago das Pombas, nas cerâmicas do sítio Floresta não foram identificadas claras mudanças na constituição ou na maneira como os elementos compõem as argilas (considerando tamanho e proporção). No sítio Floresta, as pastas têm como característica principal a homogeneidade nos tipos de pastas que são constituídas basicamente pelo caraipé ou pelo caraipé e mineral. A maior quantidade de variações é relativa ao contexto da U3, principalmente no que diz respeito à utilização de elementos poucos comuns nas cerâmicas do sítio.

3.2. Construção dos vasos

A maneira predominante de construir os vasos do sítio Floresta foi a sobreposição de cordéis de argila (83,7%), essa predominância ocorreu independente da parte do vaso analisada.

A técnica roletada pode ser combinada à modelada (1,7%), principalmente quando confeccionadas as bases (incluindo vasos largamente abertos do tipo assadores) e à técnica de construção em placas (1%) que ocorreram na confecção de bases e bordas. Apesar da baixa frequência dessa última técnica, a ocorrência das placas foi identificada quando a espessura dos fragmentos está acima da média considerada para a manufatura de determinada parte do vaso.

A espessura do corpo das vasilhas variou principalmente conforme a parte do vaso analisada e a área do sítio. Essas variações também ocorreram conforme a forma do vaso, trataremos desse aspecto mais adiante, na descrição morfológica do sítio.

Na U1 as bordas foram muito uniformes, ocorrendo comumente com 1,1 cm. No entanto, apesar dessa regularidade com relação às bordas, as outras partes dos corpos das vasilhas tiveram maior variação. As bases ocorreram comumente entre 1,1 cm e 2,3 cm e as paredes comumente entre 0,7 cm e 1,3 cm.

Ao contrário na U2, as bordas e bases tiveram maior espessura e as paredes foram mais finas. Embora as borda tenham ocorrido comumente entre 1 cm - 1,5 cm, foram manufaturadas com até 3,1 cm, quando associadas a vasos fundos. As bases ocorreram mais comumente entre 1,3 cm e 2 cm. Foi proveniente dessa área do sítio a maioria das bases manufaturadas com a associação de roletes e placas. As paredes

foram as mais finas se comparadas às outras áreas do sítio, ocorrendo comumente entre 0,5 cm – 0,9 cm.

Na U3 viu-se uma grande regularidade na espessura das vasilhas, embora haja uma variação conforme a parte do vaso analisada. As bordas foram comumente mais finas que outras áreas do sítio, ocorrendo entre 0,9 cm – 1 cm. As bases e paredes foram manufaturadas com grande regularidade, as primeiras ocorreram na maioria das vezes com 1,4 cm de espessura (sendo as mais finas identificadas no sítio) e as paredes tiveram comumente 0,9 cm.

A maneira de manufaturar os flanges mesiais no sítio Floresta não está clara, devido à preservação desse material, mas quando ocorreram estiveram, sobretudo associados à última ocupação da U3. A extensão dessas partes dos vasos foi muito variante, ocorrendo comumente entre 1,7 cm e 4,6 cm. É muito comum que essa parte do vaso seja grafada com acanalados lineares que acompanham o flange, circundando a vasilha e/ou motivos acanalados não identificados.

3.3. Queimas e colorações de superfície

De maneira geral, os fragmentos que apresentaram queimas incompletas foram os mais frequentes no sítio Floresta (61,2%). Nesse aspecto, as queimas de núcleo completamente escuro foram as mais comuns (58,1%) e ocorreram em todas as unidades escavadas. As outras variações desse tipo de queima foram mais incomuns e raramente foram observadas vinculadas ao contexto de U3 (tabela 11).

Tabela 11: Tipos dos resultados de queima conforme área escavada.

PROJETO RIO NEGRO								
SÍTIO FLORESTA								
TIPOS DOS RESULTADOS DE QUEIMA N=289								
Tipos de queima	U1	%	U2	%	U3	%	Total (tipo)	%
Núcleo claro	29	25,9%	31	27,7%	52	46,4%	112	38,8%
Núcleo totalmente escuro	38	22,6%	28	16,7%	102	60,7%	168	58,1%
Núcleo escuro externo					1	0,6%	1	0,3%
Núcleo escuro interno	1	16,7%	3	50,0%	2	33,3%	6	2,1%
Mista	1	50,0%	1	50,0%			2	0,7%

As queimas que resultaram em núcleos claros foram o segundo tipo mais frequente (38,8%) e foram observadas nos fragmentos das três áreas escavadas.

Apesar de as queimas incompletas serem mais frequentes nesse sítio, nos contextos da U2 há uma inversão nesse padrão e a predominância nessa área é de queimas completas. Apesar da predominância desse tipo de queima, nessa área também foi registrada a maior variação no resultado da queima.

As cerâmicas com coloração laranja clara foram as mais comuns nesse sítio, ocorrendo com maior frequência em relação às outras colorações (72,8%), independente do resultado de queima observado no vaso. Quando observadas queimas com núcleo escuro (as mais comuns nesse sítio) as cerâmicas com coloração de superfície marrom foram preferidas (27,3%). Os vasos que tiveram coloração enegrecida geralmente não têm a mesma cor nas duas faces, mas a homogeneidade desses vasos esteve relacionada à coloração preta na face interna e marrom na face externa. Independente da face que teve a coloração enegrecida, esses vasos ocorreram preponderantemente relacionados à última ocupação de terra preta da U3. Vasos com a face interna preta e a externa marrom também foram observados na U2 com queimas de núcleo escuro e vinculados aos dois momentos de terra preta mais escura.

Quando observadas queimas com núcleo claro, houve uma variação maior na coloração da superfície dos vasos, mas a coloração mais obtida (depois da cor laranja clara) foi um tom escuro do laranja (23,4%).

3.4. Tratamentos de superfície

Esse aspecto dos vasos foi o mais afetado pela condição de conservação do material do sítio Floresta, sendo que em 55% dos fragmentos nenhum tipo de tratamento foi observado (incluindo o alisamento). Desse total 72,9% dos fragmentos tiveram total ausência da camada superficial, nos levando a crer que particularmente nesse sítio, a baixa identificação de tratamentos de superfície está diretamente ligada a um fator amostral e não a sua ausência desse aspecto na coleção.

Alisamentos finos a médios foram o tratamento mais comumente observado, sendo que alisamentos médios ocorreram na maioria das vezes nas faces externas dos vasos. No caso onde o vaso teve alisamento médio interno a face externa foi escovada, mas esse tratamento foi observado apenas uma vez, indicando esse não ser o mais

comum nessas cerâmicas. Polimentos foram poucas vezes registrados (1,7%) e ocorreram apenas nas faces internas dos vasos, principalmente naqueles também cobertos por banhos, sendo o principal o engobo preto. O tratamento polido foi registrado entre os fragmentos das U1 e U3, nesse último caso associado à última camada de terra preta.

3.4.1. Decorações plásticas e pintadas

Nesse sítio, as faces dos vasos foram mais comumente marcadas de maneira plástica (32,1%), isso ocorreu independente da área do sítio analisada. Esse tipo de decoração ocorreu principalmente de maneira isolada (sem associação com outras técnicas), mas também ocorreu associada à engobos e pinturas. Já os engobos dificilmente ocorreram isolados, sendo que algumas colorações têm maior ou menor tendência a modos particulares de ocorrência, ocorrendo associados a pinturas ou cobrirem preferencialmente uma face do vaso.

3.4.1.1. Decorações plásticas

De maneira geral, as decorações plásticas ocorreram mais comumente marcando as faces externas dos vasos (89%). Quando ocuparam as faces internas, estiveram restritas à porção superior dos vasos nos locais de maior visibilidade dos vasos: delimitando os flanges labiais (onde marcaram a divisão entre o limite máximo da vasilha e o início de extensão dos flanges) e nos lábios reforçados e expandidos.

Apesar de a marcação plástica ser o tipo mais comum de decoração, não foi observada variação na técnica utilizada para marcar os vasos, sendo que o acanalado foi quase predominante (registrado em 93% dos casos). Ao contrário do sítio Lago das Pombas a execução dos motivos acanalados no sítio Floresta é muito regular (em espessura e regularidade do traço). A espessura dos acanalados foi muito comum com 0,3 cm.

Tabela 12: Quantificação geral dos tipos de decorações plásticas, conforme área escavada no sítio, independente da face marcada.

<p>PROJETO RIO NEGRO SÍTIO FLORESTA</p>
<p>Decorações plásticas isoladas, associadas à engobo e/ou pinturas N=93</p>

Tipo de decoração	U1	U2	U3	Total (tipo)
Acanalados	7	7	56	70
Acanalado + engobo		1	8	9
Acanalado + pintura			4	4
Acanalado + engobo + pintura (face interna)	1			1
Incisão	1			1
Ponteadado		1		1
Escovado			3	3
Acanalado + escovado			1	1
Escovado + engobo	1		1	2
Incisão + escovado			1	1
Total (Unidade)	10	9	74	93

Independente da técnica utilizada e da face do vaso marcado os motivos grafados identificados foram de maneira geral simples, sendo muito comum a gravação de linhas horizontais que, nos fragmentos maiores, foram observados na delimitação de campos dos vasos (tal qual descrito para o sítio Lago das Pombas, separando bojos e bordas, marcando carenas, etc.). Os motivos angulares também foram frequentes, mas ainda que tenha sido possível identificar as menores unidades desses motivos, a composição deles ficou também bastante comprometida, não sendo possível dizer como eles estavam representados nos vasos.

Gráfico 5: Formas de decoração plástica das cerâmicas no sítio Floresta.

Figura 43: Decoração plástica acanalada e aplique modelado identificados na cerâmica do sítio Floresta (U3) Desenhos: Erêndira Oliveira

Um tipo de técnica que chamou atenção foi a cobertura do vaso com uma fina camada de argila e o afastamento dessa argila formando sulcos paralelos diagonais, mas irregulares. O aspecto final é similar a um corrugado. Por sua extensão no vaso, essa técnica parece ter preenchido todo o bojo, inclusive abaixo do apêndice de suspensão modelado nele. Embora marcante essa maneira de marcar o vaso foi registrado uma única vez, associada ao contexto da U2, na camada de terra preta mais escura.

Figura 44: vaso com efeito corrugado do sítio Floresta. Imagens: Márjorie Lima.

3.4.1.2. O uso de pinturas e engobos

Em comparação às decorações plásticas, os engobos e pinturas foram secundários nesse sítio, mas novamente esse pode ser um condicionante amostral da cerâmica do sítio Floresta, já que a resistência de engobos e pinturas são menores se comparada à marcação plástica da argila.

Três pigmentos diferentes foram utilizados: vermelho, branco e preto.

O pigmento vermelho foi o mais comum, seja na forma de engobos (51%) ou pinturas, onde foram predominantes. Engobos vermelhos foram registrados de três modos: **1)** isolados (72%); **2)** associações a acanalados (24%) e **3)** associados à decoração plástica e pintura (4%).

Quando ocorreram isolados foram identificados ao longo de toda a estratigrafia e em todas as unidades. Nessa forma cobriram as faces internas (20%), externas (48%) ou ambas (4%), sendo a única variação de engobo que ocorreu nas duas faces das vasilhas. Quando observado em ambas as faces só esteve vinculado ao contexto da U1 e da U4. Quando associados a acanalados revestiram as duas faces dos vasos ou apenas a face externa, esse tipo foi registrado nos contextos da U2 e U3. A variação mais incomum dos engobos vermelhos foi registrada nas U1 e U4, onde o engobo sobrepõe acanalado ou tratamento escovado e pintura também vermelha, geralmente em tons mais escuros que o engobo.

**Figura 45: Cerâmica com engobo vermelho nas faces externa e interna (da esquerda para a direita).
Imagens: Márjorie Lima.**

A segunda coloração de engobos mais frequente foi o branco (24,5%). Nesse sítio engobos brancos só ocorreram nas faces externas dos potes. Os engobos brancos

foram registrados de dois modos: **1)** isolados (66,7%) e **2)** associados à pintura vermelha (33,3%).

Isolados esse tipo de engobo ocorreu principalmente na U1 e U2, ao longo das camadas de terra preta. De maneira geral, esse engobo teve um grau de conservação menor se comparado aos outros, mas em um caso a película formada pela aplicação do engobo era espessa e uniforme. A face que recebeu o engobo, no entanto apresentava um craquelamento típico de banho e/ou de um processo de queima acelerado (como discutido para o sítio Floresta) e isso pode ter aumentado a conservação do engobo. Quando associados à pintura vermelha estavam restritos às U1 e U2, sua presença nos vasos foi muito vestigial.

Figura 46: Fragmento de bojo superior com engobo branco muito atípico nesse sítio por sua coerência e solidez. Imagem: Márjorie Lima.

Os engobos pretos (24,5%) tiveram grande regularidade nos vasos, apresentando-se em camadas espessas e principalmente associados às faces internas. Foram identificados apenas nos contextos das U1 e U3, tendo nessa última maior frequência. Os engobos pretos ocorreram de três modos: **1)** isolados (50%); **2)** associados à decoração plástica (33,3%) e **3)** associados à decoração plástica (acanalada) e engobo vermelho em uma das faces (16,7%).

Quando isolados, ocorreram somente nas faces internas dos vasos, acompanhados por alisamentos finos ou polimentos. Quando associados à decoração

plástica mantiveram a cobertura das faces internas preferencialmente, enquanto as faces externas dos vasos foram marcadas com acanalados ou tratamento escovado. A variação menos frequente desse engobo foi associada à engobo vermelho na face externa onde o vaso também foi marcado por acanalados. Essa combinação garantiu um efeito bicromico ao vaso.

Figura 47: Fragmentos de parede e base com engobo preto interno. Imagens: Márjorie Lima.

As pinturas foram muito vestigiais nesse sítio e só foram registradas em associação aos engobos e traços acanalados, não foram identificadas variações isoladas.

Como dito anteriormente, o grau de preservação da cerâmica do sítio Floresta não permite dizer muito sobre os tratamentos de superfície, tenham eles aspecto decorativo ou não. Assim, ainda que tenham sido identificados alguns modos de ocorrência desses tratamentos, é possível que o repertório registrado seja apenas uma parcela das possibilidades do sítio. Alguns aspectos, no entanto podem ser destacados:

1. Ao contrário do sítio Lago das Pombas são poucas as vasilhas marcadas nos flanges labiais. As ocorrências registradas nos flanges labiais estavam associadas à retirada da argila formando acanalados;
2. A marcação dos flanges labiais (com acanalado) foi o único tipo de decoração registrado no contexto da ocupação inicial da U3, para a qual temos a datação mais antiga do sítio;
3. Nesse momento não é possível assinalar diferenças nessas cerâmicas a partir dos tratamentos de superfície para U1, U2 e U3 do sítio, nem mesmo em termos de distribuição estratigráfica. Contudo, para U2 e U3 é possível

indicar que a maior frequência de tratamentos finos (polimentos, pintura associados à engobos) ocorreu respectivamente na camada de terra preta mais escura e na última camada de terra preta.

3.5. O contexto da U4

Essa unidade foi escavada na porção sul do sítio Floresta e como já foi discutido no capítulo 4, o contexto dessa área foi marcado unicamente pela deposição de um vaso. Durante a etapa de campo o vaso foi coletado parcialmente inteiro e com sedimento em seu interior (figura 48). A escavação do vaso em laboratório antecedeu o início desse estudo e não foi possível acompanhá-la. Apesar disso, os relatos de Fábio Lira, responsável por essa etapa em laboratório, indicam que em seu interior havia vestígios ósseos em grau comprometido de conservação, sendo que nem mesmo um consolidante foi suficiente para amenizar os efeitos da deterioração. Ainda segundo Lira, muito do material ósseo identificado podia ser comparado à “farinha de osso”, um aspecto muito avançado da condição friável dos ossos. Isso pode ser em parte explicado pela ausência de uma matriz de solo estável e menos ácida que o latossolo observado no interior do vaso, como a terra preta, que tem sido indicada como um dos atenuantes da condição de preservação dos sepultamentos de outros locais da Amazônia (RAPP PY DANIEL, 2010, p. 136-138). É importante lembrar que o contexto de U4 é o único do sítio não associado à terra preta.

Figura 48: Prancha com distintos momentos de escavação da urna em laboratório. A e B demonstram a escavação de F10 aos 30 cm, respectivamente na visão frontal e posterior, com a evidência do vaso menor dentro. C. finalização da escavação da estrutura aos 90 cm. D. detalhe de material ósseo entre os 80.90 cm. Os trabalhos foram conduzidos por Fábio Lira. Imagens: Fábio Lira.

Dessa maneira, apesar de termos limitações na interpretação do sepultamento e dos gestos envolvidos no ato de sepultar, a identificação de ossos no interior desse recipiente nos permite tratá-lo como uma urna funerária. Além dos ossos também foi identificado no interior da urna um vaso cerâmico menor, depositado com a boca virada para baixo e também inteiro que não pôde ser analisado totalmente durante o tempo desse mestrado³⁶. A associação de urnas funerárias a outros potes e artefatos que ocupam seu interior já foi identificada em diversos locais da Amazônia (BARRETO, 2009; RAPP PY DANIEL, 2010; COSTA et al., 2012) e apesar da diversidade

³⁶ Esse vaso menor está sob guarda do Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas. Apesar de todo o apoio dos responsáveis dessa Instituição e do Laboratório de Arqueologia para acessar o acervo, devido ao desenvolvimento da pesquisa no MAE/USP foi difícil escavá-lo e analisá-lo durante o período de desenvolvimento do mestrado. O vaso está com o sedimento coletado no interior da urna e devidamente armazenado, sendo uma possibilidade escavá-lo futuramente.

observada nos artefatos identificados marcam um gesto importante na prática de sepultar.

Figura 49: Vaso menor coletado no interior da urna, sendo ainda exposto em laboratório. À direita se observa o detalhe da borda cortada. Sua escavação não foi finalizada. Imagem: Márjorie Lima, 2012.

3.5.1. Tecnologia de produção do vaso

Quando exumada, a urna que estava parcialmente inteira foi desmontada, sendo que havia nela algumas fraturas antigas (que podem ser associadas a seu contexto de deposição no sítio, visto que o local onde foi depositado é área de passagem contínua dos moradores da comunidade) e sua principal sustentação era o sedimento interno. A urna foi remontada e tratada pela arqueóloga e conservadora Silvia Cunha Lima, de forma que grande parte da discussão apresentada aqui resulta das conversas com S. Lima em laboratório.

Figura 50: Remontagem dos fragmentos da urna, após limpeza a seco e anterior à colagem.
Imagem: Silvia Cunha Lima.

A pasta da urna foi composta por uma mistura atípica nesse sítio: cauxi, mineral (hematita e quartzo) e carvão, elementos que tiveram média-alta proporção na pasta. Não foram verificadas espessuras e proporções diferentes dos antiplásticos conforme a parte do vaso analisada, sendo que aparentemente o mesmo padrão de constituição é visto por todo o vaso. Apesar de a pasta da urna ser diferente dos tipos identificados no sítio, a breve análise do recipiente menor que estava em seu interior (denominado R2), identificou uma combinação que ocorreu nas outras unidades do sítio Floresta, ainda que em baixa quantidade: caraipé, carvão e mineral.

A urna foi manufaturada com diferentes técnicas: Na base, a porção mais espessa do vaso (2 cm), foi observada a técnica modelada e em placa. O acordelamento foi utilizado na constituição das paredes, sendo que os roletes do bojo próximo à carena do vaso são bastante claros e foram os mais espessos identificados (têm entre 3-5 cm de espessura). Essa maior espessura procurou então reforçar o ponto de inflexão do vaso. Não foi possível recuperar toda a borda, mas nas proximidades da borda a sobreposição de roletes também foi utilizada. Ao contrário de outras urnas funerárias do contexto Amazônico, a urna do sítio Floresta não tem elementos antropomorfos ou zoomorfos claramente representados.

Um dos aspectos mais marcantes da urna compreende seu tratamento de superfície, muito esmerado se comparado ao restante da coleção do sítio Floresta. Mas também devemos considerar a questão amostral entre um recipiente inteiro e com baixo grau de erosão frente ao universo fragmentado e erodido que compôs a maior parte da coleção do sítio. Na face externa do vaso um escovado grosso delimita a área abaixo da carena, abrangendo toda sua base. Esse escovado é longitudinal à borda, tendo aproximadamente 0,5 cm entre as ranhuras. Acima da carena, no bojo superior, o alisamento foi mais fino, mas também a superfície do vaso está mais erodida que a porção inferior, talvez reduzindo o escovado. Nessa porção superior é mais claro uma camada de engobo vermelha que recobria a superfície. Há vestígios de um pigmento vermelho também no bojo inferior sobre o escovado grosso, mas devido à condição vestigial, não é possível afirmar que se tratava do mesmo engobo que ocorreu por toda a vasilha.

Acima da carena, nessa porção de bojo superior da face externa, a vasilha teve a aplicação de faixas finas de pintura vermelha e vinho sobre o engobo vermelho. Esse modo de decoração (pintura vermelha e vinho sobre engobo vermelho) foi identificado apenas na urna. A coloração vinho geralmente margeia o preenchimento de pintura vermelha ou compõe faixas mais grossas. É possível também o vinho também seja uma alteração oxidada da pintura vermelha, embora devido sua coerência e continuidade na composição do grafismo isso seja pouco provável. Os elementos pintados formam uma estilização geométrica, sendo o motivo pouco identificável devido à conservação da pintura no vaso.

Figura 51: Decalque do grafismo pintado na urna do sítio Floresta. Desenho: Márjorie Lima. Digitalização e arte final: Eduardo Tamanaha.

A larga extensão da pintura acima da carena (60 cm de comprimento e 27 cm de altura) sugere que possivelmente toda sua porção superior fosse coberta com pintura. Essa questão é importante se considerarmos que essa região é a área de maior visibilidade do vaso. Outro aspecto com relação à localização da pintura, é que possivelmente o desenho era delimitado pela forma da vasilha, sendo que uma linha evidenciava o maior diâmetro do vaso (na carena) e era também o limite do preenchimento do desenho. Dessa forma, é bastante provável que o desenho pintado compusesse ou reforçasse a forma da vasilha (figura 52). Internamente há um alisamento fino por todo o vaso. O engobo vermelho ocorreu também na face interna, mas só é visível na porção superior do pote.

Figura 52: Disposição da pintura na urna do sítio Floresta.

3.5.2. Morfologia

A urna tem uma morfologia não recorrente no sítio (forma 22 da tipologia). Essa forma restritiva complexa não foi identificada em outros vasos menores, em outras áreas do sítio ou no outro sítio analisado. Também não foram identificados outros vasos tão grandes como a urna, mas retornaremos a essa questão adiante.

Características mensuráveis gerais (cm)

Altura total:

101 cm

Diâmetro do bojo:

75 cm

Diâmetro do gargalo: 38 cm

Espessura da base: 2 cm

Espessura da parede: 1 cm

Espessura da borda: 0,9 cm

Diâmetro do furo Face interna (com deslocamento): 5,5 cm

Face externa: 2,5 cm

Extensão da pintura (acima da carena)

Comprimento: 60 cm

Altura: 27 cm

Figura 53: Urna do sítio Floresta remontada. Imagem: Tiago Atorre, 2013.

3.5.3. Aspectos de queima

Na superfície externa também são visíveis manchas enegrecidas verticais, que cobrem parte da base (figuras 48 e 51). Essas manchas também são conhecidas na

literatura como nuvens de queima e resultam da aproximação da madeira (utilizada como combustível) com os vasos durante o processo de queima (SKIBO, 1992 apud MORAES, 2013. p. 138). As nuvens de queima podem ocorrer tanto durante a queima de vasos a céu aberto (como no caso de Moraes) como em fogueiras fechadas, feitas com o empilhamento de troncos de árvores, formando um cercado cônico no qual o pote é colocado dentro, mantendo assim um ambiente com redução de oxigênio. Esse segundo modo parecer ser o que ocorreu com a urna do sítio Floresta.

Quando mantido dentro da fogueira, tanto a localização do vaso de maneira irregular no empilhamento de troncos, como o desmoronamento lento dos troncos sobre o pote, causariam as nuvens de queima. Um exemplo semelhante foi documentado por Koch-Grünberg (1908) no rio Cuduiari, afluente do alto Uaupés, entre os Kubéwa, grupo Tukano (figura 54).

Figura 54: Queima de vaso Kubéwa documentado por Koch-Grünberg. Extraído de KOCH-GRÜNBERG, 1908, p. 9.

A queima incompleta com núcleo completamente escuro foi observada na maior parte do vaso. Apenas na parte superior, próximo à borda, a queima incompleta é escura na face interna e clara na face externa. Orton et al (1993) indicam que queimas incompletas dessa forma podem ocorrer quando os vasos são colocados emborcados no

fogo (apud GARCIA, 2012, p. 142). Dessa maneira, teríamos um processo de queima muito semelhante ao descrito por Koch-Grünberg.

3.5.4. Aspectos e marcas de uso

Na base da urna é possível observar um furo cujo deslocamento na face interna indica sua manufatura pela face externa. O furo é pequeno, tendo aproximadamente 2,5 cm de diâmetro na face externa e se considerarmos o deslocamento na face interna tem 5,5 cm de diâmetro. A dificuldade de estabelecer um momento para a realização desse furo implicou também na dificuldade de estabelecer seu motivo. Alguns autores associam diversas marcas em urnas à agência que esses vasos tiveram no rito fúnebre. Koch-Grünberg relatou que entre os preparatórios para um funeral Baniwa (Siusi) no rio Ayari afluente do Alto rio Negro, estava a preparação do lugar onde o falecido seria colocado e a manufatura de um furo para que a alma do falecido mantivesse contato com o corpo:

Eu desci ao porto, onde Mandú com outros dois estava confeccionando o caixão [...] Ele cortou a canoa que pertencera na vida ao finado [...]. Na parte superior deste primitivo caixão foi perfurado um buraco, para permitir que por algum tempo a alma mantivesse contato com os restos mortais. Provavelmente, pelo mesmo motivo, encontra-se em muitas urnas fúnebres, um buraco na base. (KOCH-GRÜNBERG, 2005, p. 189).

Parece bastante provável que haja uma relação entre o furo na urna e o sepultamento contido em seu interior, mas uma análise mais detalhada desse vaso demonstrou também que ele tivera outro uso que não somente o de sepultar. Na face interna foram verificadas pequenas marcas circulares e disformes, que ocorrem desde a base até acima da carena do pote, sendo mais visíveis na região de maior diâmetro e na base (figura 55). Skibo e Schiffer (2008, p. 50-51), relatam que marcas semelhantes resultam de um processo químico que causa a abrasão das paredes dos vasos devido ao teor ácido dos sólidos ou líquidos contidos em seu interior, causados pela fermentação. No caso brasileiro Neumann (2008), identificou marcas semelhantes nas faces internas de alguns vasos Guarani, também os associando à fermentação.

Figura 55: Marcas de fermentação na face interna da urna do sítio Floresta. O desenho mostra onde são mais evidentes e as fotos como e onde ocorrem. A imagem à esquerda mostra também o furo feito na base da urna. Metodologia de representação do desenho adaptada de NEUMANN, 2008. Desenho e arte final: Márjorie Lima. Digitalização do desenho: Eduardo Tamanaha. Imagens: Tiago Atorre.

Na urna do sítio Floresta é possível que a acentuação dessas marcas em alguns pontos sejam os locais de maior concentração do conteúdo, que como indicado ocupam a base e região da carena. Devido sua forma fechada e restrita é bem possível que estejamos diante de uma vasilha para fermentação de líquidos, mas análises químicas podem oferecer resultados mais assertivos sobre essa questão. De toda forma essas são características indicativas de outra utilização do vaso anterior à função desempenhada como urna.

A reutilização de vasos como urnas funerárias não é incomum nos contextos Amazônicos (RAPP PY-DANIEL, 2010; ALMEIDA, 2013) e considerando o tempo e energia gastos para a manufatura de um vaso grande e elaborado como esse, também não é de se estranhar. A questão é quão isso é recorrente na maneira de sepultar os mortos do sítio Floresta? Temos um ritual funerário para esses sepultamentos? A esse rito podemos associar o “oferecimento” de alguns itens (como o vaso identificado no interior da urna) e talvez a preocupação em marcar fisicamente os vasos de sepultar (como o furo identificado na urna do sítio Floresta)? Os vasos utilizados para sepultar foram utilizados de outras maneiras como essa urna ou há casos onde foram especialmente produzidos com esse fim? A ocorrência de sepultamentos está restrita ao enterramento em urnas funerárias? Se sim, há algum aspecto na tecnologia dos vasos, na forma e local que ocupam no sítio e outras características que possa relacionar os vasos utilizados como urnas? Se não, o quão diverso os sepultamentos poderiam ser no sítio Floresta? Há áreas do sítio destinadas particularmente aos sepultamentos, formando contextos de cemitérios?

Certamente não temos agora resposta a todas essas perguntas, mas elas podem oferecer alternativas mais abrangentes e complexificar o quadro de como esses povos viviam. Apesar da restrição das respostas podemos apontar que o vaso menor encontrado no interior da urna fizesse parte dos ritos praticados durante o sepultamento. “Ofertas” semelhantes também foram identificadas em outros contextos Amazônicos (LIMA, 2008; COSTA et al, 2012), mas o repertório de dados ainda não nos permite dizer qual o significado desse gesto ou como podemos relacionar esses aspectos, que por sua vez também estão associados a outras variáveis das práticas funerárias.

Se os elementos identificados na urna do sítio Floresta forem analisados de maneira comparativa com outras dos contextos arqueológicos dos sítios Amazônicos

relacionados à Tradição Borda Incisa, é possível notar semelhanças nas representações decorativas nesses vasos, que por sua vez distinguem-se dos elementos antropomorfos identificados nas urnas da Tradição Policroma da Amazônia (BARRETO, 2009). Os primeiros vasos têm nas representações um estilo geométrico pintado ou grafado plasticamente que apesar de mudar quanto ao motivo representado, sugere a existência de significados compartilhados ou ao menos inteligíveis entre seus produtores.

Sabemos da extensa diversidade abrangida pelas práticas funerárias (BARRETO, 2009; MENDONÇA, 2010). Mas também é importante ressaltar que essas diversidades também estão associadas a processos sócio-simbólicos e talvez resida aí o que gera sua diversidade.

Por esse motivo essa questão merece um estudo comparativo e aprofundado que dê conta de identificar as semelhanças e diferenças nas urnas dos contextos anteriores à Tradição Policroma da Amazônia.

3.6. As morfologias e seus modos de ocorrência

Formas do sítio Floresta					
	U1	U2	U3	U4	TOTAL (Formas)
Forma 1A	4		1		5
Forma 1B		1	4		5
Forma 2	1	2	1		4
Forma 3A	1	2	3		6
Forma 3B	4	4	17		25
Forma 7A		2			2
Forma 7B	1		3		4
Forma 10			14		14
Forma 11	2	1	3		6
Forma 12	1	1	3		5
Forma 13		4			4
Forma 16			2		2
Forma 17		1			1
Forma 21	1				1
Forma 22				1	1
TOTAL (Unidade)	15	18	51	1	85

Figura 56: Formas dos vasos do sítio Floresta.

Foram definidas 15 formas considerando as quatro unidades escavadas no sítio Floresta. Desse total, três formas foram consideradas ocorrências devido à baixa frequência no sítio (anexo 16). As formas simples abertas ou fechadas foram as mais frequentes nesse sítio, em segundo lugar houve também frequência significativa das formas compostas (formas 10, 13 e 16). As formas complexas ocorreram em baixíssima frequência apenas associadas aos contextos da U2 e U4 (formas 17 e 22), não sendo possível associá-las a um período ocupacional do sítio.

De maneira geral, a maior parte dos vasos foi associada à forma 3B (vasos abertos simples medianos e fundos). Essa forma teve grande frequência em todas as unidades escavadas com exceção da U4 (gráfico 6). A forma 3B, no entanto foi também o tipo de vaso com maior variação na constituição de pasta e tratamento de superfície. Dessa maneira apesar de ser a forma mais recorrente é aquela que congrega maior variação na maneira de produzir os vasos.

Dessa maneira, há uma baixa variabilidade na morfologia dos vasos do sítio Floresta, onde predomina a forma 3B, mas uma significativa variação na maneira como eles foram produzidos. A baixa variabilidade dessa coleção também deve considerar questão amostral dessa cerâmica.

Gráfico 6: variação quantitativa das formas analisadas por unidade.

Com relação às áreas escavadas no sítio, U3 teve a maior variedade de formas identificadas (10 no total), isso provavelmente se deve à maior quantidade de fragmentos analisados dessa área do sítio. Mas se observarmos a proporcionalidade de fragmentos analisados em relação às morfologias identificadas nas U2 e U3, veremos

que a primeira teve uma maior variação de formas, mesmo com baixo número de fragmentos analisados. Essa questão se relaciona a outros elementos relativos ao contexto de deposição dessa unidade (a presença de feições, a quantidade de carvões, a presença de marcas de uso – fuligem – no material cerâmico) nos leva a distinguir o seu contexto dos outros escavados no sítio. Voltaremos a essa questão. Uma questão interessante com relação à variabilidade dos vasos vista na U3 é a presença de vasos com flanges mesiais apenas na camada tardia dessa área do sítio. Sendo que todos os exemplares identificados no sítio são desse contexto.

Ainda com relação à U3 as principais diferenças entre os dois momentos ocupacionais dessa área são:

1. O aumento do repertório das formas na ocupação tardia em relação à ocupação inicial, considerando também os elementos de pasta, tratamento de superfície e queima. Na ocupação inicial só houve três formas identificadas (variações A e B da forma 1, 3B e 16, sendo essa última particular da ocupação inicial).
2. A baixa incidência de tratamentos de superfície nos vasos da ocupação inicial, sendo que alisamentos finos, médios e grosseiros foram identificados nesses vasos e acanalados marcando os flanges labiais.

As miniaturas também ocorreram no sítio Floresta. Esses vasos só ocorreram nas formas 1A e 3B. De maneira geral, eles são imitações menores dos vasos grandes, mas geralmente têm diferenças nas manufaturas, sendo geralmente modeladas e não roletados como é o padrão no sítio.

De forma geral, dois tipos de pastas foram mais frequentes nos vasos: caraipé e caraipé e mineral. Poucas formas foram exceções a esse padrão por terem além dos dois tipos mais frequentes a presença de outros tipos, mas geralmente ocorreram com menor frequência nas pastas, são elas: **forma 2** (que teve também o tipo caraipé, nódulos de argila e mineral); **forma 3B** (que teve também os tipos caraipé, nódulos de argila e mineral; caraipé e carvão; caraipé e nódulos de argila e cauixi e carvão); **forma 7B** (que teve também o tipo caraipé, nódulos de argila e mineral).

É também importante ressaltar a alta frequência de recipientes abertos simples (semelhantes à assadores). Nesse sítio, esse tipo de vasilhas ocorreu largamente, mas

principalmente na U3, tanto no período inicial como no tardio. Além de mais frequentes que no sítio Lago das Pombas, esses recipientes foram em grande medida remontados, demonstrando que possivelmente foram utilizadas no contexto dessa área do sítio. Esses vasos parecem marcar uma forma de processamento muito antigo nesse sítio, que igualmente apresentou datas antigas para o contexto inicial das terras pretas.

Figura 57: Tipo de vasilhas identificadas como 11 foram frequentes no sítio Floresta. Desenho: Erêndira Oliveira.

3.7. A cerâmica do sítio Floresta

Apresentados os dados particulares e gerais da cerâmica do sítio Floresta chegamos à pergunta principal: que significados tiveram esses vasos no contexto das ocupações do sítio?

Diante dos dados obtidos não é possível responder a essa pergunta integralmente. Mas alguns pontos são importantes para a caracterização inicial desse sítio.

Diferente do sítio Lago das Pombas, a análise cerâmica do sítio Floresta não permitiu identificar claramente momentos diferentes na ocupação do sítio. Uma exceção foi, no entanto, observada na U3 onde há dois momentos distintos marcados por diferenças na espessura do depósito arqueológico e na coloração da terra preta. As datas obtidas para esses dois momentos indicaram que essa diferença é também cronológica, sendo correlatas de ocupações que tem ao menos oito séculos de diferença. Duas questões permanecem em aberto: 1) se essa sequência de ocupação foi ininterrupta e 2) se ocorreu em todo o sítio.

A dificuldade em estabelecer se esses períodos ocorreram por todo o sítio se deve à falta de clareza com relação aos processos de deposição (natural e cultural) desses contextos. No entanto, é possível sugerir que as unidades escavadas compreenderam espaços diferentes no sítio. Esse aspecto é principalmente visível nas U2, U3 e U4, que além das diferenças no contexto estratigráfico reúnem também diferenças nos aspectos de produção e marcas de uso da cerâmica.

No caso da U2 foi apontado que há grande porcentagem de remontagens nessa área, demonstrando que aparentemente os vasos fragmentaram *in situ* (além da alta frequência de bolotas de argila, demonstrada no anexo 15). Na U2, os vasos têm padrões diferentes de composição das pastas. Considerando a análise de todas as unidades há maior frequência de pastas constituídas apenas pelo caraipé e na U2 a maior frequência é de vasos com pastas constituídas por caraipé e mineral. Diferenças nos resultados de queima também foram observadas no contexto dessa unidade, que tem como principal caracterizador cerâmicas com núcleo claro. Marcas de uso nessa cerâmica são claras e estão associadas à deposição de depósitos de carbono na face interna e externa dos vasos (figura 58). Além disso, fatores deposicionais também foram marcados, como a intensidade na coloração da terra preta.

A correlação com os dados arqueobotânicos

As análises arqueobotânicas demonstraram também um padrão interessante quando analisadas amostras >4 mm e com 2-4 mm que apontam para usos diferentes nas áreas escavadas do sítio. Segundo Shock (2013) foram analisadas amostras das U1, U2 e U3, destacando-se quantitativamente as amostras obtidas em U2, onde foram observados aumentos na quantidade de carvões lenhosos e parênquimas (>4mm) associados à primeira camada com terra preta, onde também foi quantificado um aumento na cerâmica (anexo 15). A identificação botânica dessas amostras segue em processo de análise, mas é possível apontar que nessa unidade também foram observadas grande variedade vegetal.

Essa série de fatores sugere que estamos diante do contexto de uma unidade doméstica no sítio e esse fator deverá ser investigado em pesquisas futuras.

Figura 58: Vaso parcialmente remontando da U2 do sítio Floresta, cujo tratamento de superfície na face externa chamou atenção por ser semelhante a um corrugado. Na face interna a seta indica uma espessa camada carbonizada. Proveniente da camada de maior densidade de vestígios. Imagem: Márjorie Lima.

Enquanto isso na U1, as amostras de carvão lenhoso e parênquima não seguem um padrão de associação com a cerâmica, reforçando a ideia de que estejamos frente a um contexto de deposição secundária nessa unidade. A U3 foi caracterizada por Shock como atípica no sítio, frente aos outros contextos escavados. Nessa unidade foram observados dois momentos de densidades vegetacionais, as camadas II e V, respectivamente a primeira camada de terra preta e a camada imediatamente acima dos solos antrópicos (ver figura 16), sendo mais significativas as amostras na camada II, de terra preta. Foi interessante notar a quase ausência de parênquimas no contexto da U3 (SHOCK, 2013, p. 19-25).

Ao contrário das amostras arqueobotânicas foi da U3 o maior volume de fragmentos analisados, sendo o total correlato de dois períodos de ocupação atestados pela disposição estratigráfica e por datas radiocarbônicas que demonstram que o primeiro episódio ocorreu por volta do século III AC e o segundo por entre o século III-IV DC. Apesar dessa diferença cronológica, não é possível agora indicar se há ou não

diferenças tecnológicas nesses vasos. Entretanto, foi observado que os vasos da ocupação inicial dessa unidade têm espessuras maiores, pastas mais densa (com média preponderância de elementos) e tratamentos de superfície mais grosseiros ou inexistentes, o que também pode ser um fator amostral. Uma exceção é a marcação dos flanges labiais das vasilhas abertas com linhas acanaladas, esse foi o único aspecto decorativo observado.

Na ocupação tardia dessa unidade é importante salientar maior quantidade de fragmentos e a existência de vasos com flanges mesiais dos quais trataremos a seguir, a fim de estabelecer uma comparação com a outra coleção analisada (sítio Lago das Pombas).

O resumo dos dados arqueobotânicos do sítio Floresta obtidos até então também apontam para a utilização de diversas áreas do sítio de maneira distinta e algumas diferenças de contexto que estão relacionadas a períodos cronológicos diferentes, i.e., algumas áreas podem ter sido utilizadas em momentos distintos de modos diferentes, não havendo, portanto uma manutenção daquele espaço dentro do local de ocupação.

A U4 foi marcada pela deposição de um único recipiente que foi utilizado como urna, um vaso reciclado que era utilizado para a fermentação de líquidos. O enterramento dessa urna em uma área fora da terra preta nesse sítio é interessante porque marca uma forma de ocorrência análoga a outros sítios da região Amazônica conforme já discutido.

4. Contexto arqueológico e análise cerâmica dos sítios Floresta e Lago das Pombas

Apesar de próximos, os sítios estudados Floresta e Lago das Pombas evidenciaram contextos diferenciados. O sítio Floresta teve um padrão de deposição que ainda não é claro, sendo que as evidências disponíveis sugerem que as atividades de reconfiguração do rio Unini, que é um rio com alta atividade de mudança de seu leito, tiveram um papel incisivo no processo de formação desse sítio. Esse aspecto somado ao seu largo período de ocupação tornam bastante complexo sua configuração e consequentemente sua interpretação.

De todo modo foi observado que as terras pretas ocorreram nesse sítio em manchas e em profundidade, sendo que quando observadas na superfície estão

associadas aos locais onde houve terraplanagem do terreno (representado pelo contexto da U2). Essas terras pretas estão associadas a uma cerâmica que tem como principais características uma pasta densa constituída principalmente pelo caraipé isolado ou por uma mistura de caraipé e mineral (quartzo ou hematita), cujos tratamentos de superfície foram dificilmente identificados. Quando observados esses tratamentos reúnem um repertório de decorações plásticas (principalmente acanalados) e/ou pintura (com larga ocorrência de engobos brancos e vermelhos que servem como base à pintura vermelha). Além disso, também foi identificado no sítio um grande recipiente cerâmico depositado em uma área sem a presença de terra preta, utilizado aparentemente em duas ocasiões diferentes: a primeira como um recipiente para fermentação de líquidos e a segunda como urna funerária.

Na superfície do sítio Floresta foram observadas diversas elevações que lembram morfologicamente a configuração de montículos. Esses montículos dividem o espaço atual comunitário da área de igapó. A escavação de um desses montículos demonstrou que:

1. É proveniente dessa área a maior densidade de material cerâmico;
2. Nessa área foi verificada a maior profundidade do sítio, chegando a aproximadamente 300 cm de profundidade, sendo que a presença da terra preta ocorreu até os 280 cm;
3. O montículo é formado por uma camada de aproximadamente 100 cm no qual há baixa quantidade de material arqueológico, sendo muito similar a uma camada de deposição. Mas essa área do sítio é o local mais afastado do rio Unini, sendo difícil que a condição de elevação seja o resultado da deposição natural do rio;
4. A evidência de manchas de solo nas camadas superiores dessa área que só ocorreram na matriz do sítio indica que ocorreu algum processo (não natural) que alterou estratigraficamente essa área. Essas manchas foram identificadas abaixo da elevação que configura o montículo.

Além disso, a análise da dispersão da cerâmica e da terra preta no sítio identificada nas tradagens demonstrou:

1. Há aparentemente dois modos distintos de deposição estratigráfica da cerâmica, mas isso não é tão visível observando as manchas de terra preta;

2. Quando sobrepostos os mapas da dispersão da cerâmica e da terra preta demonstraram uma disposição semicircular voltada para o rio Unini, sendo que há uma área na porção central do sítio com menor densidade de cerâmica, aparentemente onde o sítio tem topografia mais plana;
3. As tradagens, que tiveram a profundidade máxima de 100 cm, não alcançaram em todas as porções do sítio a camada arqueológica, que também ocorreu abaixo dessa profundidade, sendo que por esse motivo para o sítio Floresta esse método não foi completamente eficaz.

No sítio Lago das Pombas a terra preta ocorreu de maneira regular e aparentemente não é configurada por manchas. A densidade de material arqueológico (cerâmica e carvão) é maior nesse sítio do que no sítio Floresta. A escavação de 2m² nesse sítio indicou que:

1. Há quatro camadas marcadas pela ocorrência de terra preta com maior ou menor intensidade na coloração;
2. Para duas dessas camadas segmentadas estratigraficamente foram obtidas datas que as situaram respectivamente entre o século III DC e IX DC;
3. Essas diferenciações contextuais e cronológicas nos levaram a definir para o sítio os períodos inicial, intermediário e tardio (que pode ser relativo a dois momentos distintos);
4. Esses períodos foram testados pela análise cerâmica que demonstrou diferenças na tecnologia de produção da cerâmica entre o período tardio e inicial, com relação aos aspectos de refinamento da pasta e tratamentos de superfície. No entanto, as semelhanças entre os dois contextos são marcadas, sendo que no período tardio há a ocorrência de uma série de atributos já observada no período inicial.

A análise das morfologias dos vasos dos dois sítios considerou além do formato dos vasos em si, a maneira como foram produzidos a fim de identificar aspectos ligados a seu processo produtivo. Novamente as diferenças são maiores que as semelhanças:

1. No sítio Floresta há maior variedade de formas abertas manufaturadas como já observado com pastas densas e pouco refinadas.
2. No Lago das Pombas considerando toda a ocupação do sítio, há certo equilíbrio entre vasos abertos e fechados. A manufatura utilizou

principalmente uma pasta com mistura de caraipé, carvão e mineral. A utilização de coberturas na superfície da cerâmica foi amplamente utilizada de maneira muito refinada, através de engobos e banhos que podem ocorrer associados a pinturas.

A presença de vasos com flanges mesiais em ambas as coleções estudadas e em momentos diferentes cronologicamente levam ao questionamento de atributos isolados como referenciais de análise (como os próprios flanges).

No caso particular dos vasos com flange mesial, o que cremos ter são fenômenos semelhantes de produção dos vasos, mas que podem ser relativos a processos distintos, incluindo desde fenômenos sincrônicos de ocupação, à “cópia” de alguns elementos em diferentes momentos e talvez por diferentes motivos. Os vasos com flanges mesiais na realidade ocorrem de maneira diversa (com processos de produção distintos) em diferentes momentos no quadro ocupacional da Amazônia. Lima (2008) já apontou sua ocorrência vinculada às ocupações Açutuba que seriam uma das mais antigas do quadro ocupacional da Amazônia central. Moraes (2006, 2013) também apontou a ocorrência desse tipo de vaso nas cerâmicas vinculadas à fase Paredão. Trindade (2009) e Tamanaha (2012) os vincularam particularmente ao contexto das ocupações associadas à fase Guarita, Tradição Policroma da Amazônia, a mais tardia do quadro ocupacional da Amazônia central e Gomes (2012) identificou na região de Tefé, vasos semelhantes nos contextos de ocupação associados às fases Caiambé e Tefé (respectivamente Borda Incisa e TPA).

O que vemos então é que apesar de mais frequente nas ocupações associadas à TPA, os vasos com flange mesial ocorreram largamente por todas as ocupações da região ocidental da Amazônia e por isso como qualquer outro atributo isoladamente (como a policromia, a bicromia, o antiplástico da cerâmica etc.) não são bons marcadores de um ou outro momento ocupacional. Ao contrário, devem ser considerados pelo contexto no qual estão inseridos e a forma como ocorrem nos sítios.

Nos sítios analisados esses vasos ocorreram vinculados às ocupações tardias, mas não foram identificadas diferenças em seu processo produtivo em relação ao restante dos vasos analisados. Por outro lado, a produção dos flanges mesiais nos sítios analisados do rio Unini é diferente daqueles associados à TPA, o que estabelece um marcador de diferenciação desses vasos no rio Unini com o restante de vasos semelhantes identificados nos sítios da Amazônia central.

Decoração acanalada nos vasos com flange mesial: Sítios Floresta e Lago das Pombas.

Desenhos: Erêndira Oliveira

**Sítio Lago
das
Pombas
(período
tardio –
cerca de
IX DC)**

0 1 2 cm

310.A/B

0 1 2 cm

306.53 A/B

**Sítio
Floresta
(período
tardio da
U3, cerca
de IV DC)**

0 1 2 cm

423.1

Quadro 5: comparação entre os vasos com flange mesial dos sítios Floresta e Lago das Pombas, rio Unini. Desenhos: Erêndira Oliveira

Cronologicamente o período tardio do sítio Lago das Pombas ocorreu sincronicamente ao abandono do sítio Floresta, sendo que a data mais antiga corresponde à ocupação inicial desse segundo sítio. Apesar dessa semelhança cronológica, não há semelhanças tecnológica nas cerâmicas desses períodos análogos, assim como não foram identificadas semelhanças tecnológicas visíveis entre as duas coleções como um todo.

Enfim, chegamos ao ponto em que as diferenças entre os sítios Floresta e Lago das Pombas são maiores que as semelhanças. Essas diferenças dizem respeito ao processo produtivo da cerâmica, ao contexto de formação (cultural e natural) dos sítios e à cronologia até então obtida para eles. Mas o que isso estabelece para o processo de ocupação do rio Unini?

A meu ver estabelece que o processo de ocupação pré-colonial dessa região, que se iniciou por volta do século III AC e perdurou até o século IX DC, foi plural e multifacetado, sendo que mesmo áreas próximas (como os sítios estudados) podem ter sido ocupadas de maneira duradoura, mas por diferentes gerações. Isso pode ter relação com processos de ordem simbólica, social, política e também ambiental, sem que estes sejam aspectos excludentes. De toda maneira, ambos os contextos e mais claramente aquele identificado no sítio Lago das Pombas estabelece relações com o que é conhecido arqueologicamente pela Tradição Pocó/Açutuba e Borda Incisa.

CAPITULO 6

A OCUPAÇÃO PRÉ-COLONIAL DO RIO UNINI E OS CONTEXTOS REGIONAIS

Introdução

No capítulo 1 discutimos que o processo de ocupação pré-colonial do baixo rio Negro demandaria uma análise regional que abarcasse tanto essa bacia como um todo quanto seu entorno. Isso se deve à noção que seguimos nesse trabalho que propõe, tal qual Wright (2005) escreveu, entender as estórias do rio Negro como compartilhadas. Além de concordar com Wright eu estenderia essa noção para a bacia Amazônica, sem que isso implique em generalizações. A arqueologia tem mostrado evidências sobre isso, mas os dados ainda são poucos comparados à extensão dessa região. Então este tópico propõe o início dessa abordagem no BRN, contudo sem o intuito de ser conclusivo.

Durante a ocupação do sítio Floresta outras áreas da região Amazônica estavam começando a ser ocupadas por povos que produziam uma cerâmica extensamente decorada, com grande variabilidade de formas, que Lima et al (2006), Lima (2008), Guapindaia (2008), Costa (2012), Neves (2013) e Neves et al (2013 *no prelo*) associam ao contexto do estilo Pocó/Açutuba. Essas cerâmicas são correlatas de um processo inicial de ocupação dos sítios³⁷ que pode ou não estar associado à formação das terras pretas e que foi identificado pela primeira vez nos rios Trombeta/Nhamundá (HILBERT; HILBERT, 1980) com datas em torno do primeiro milênio AC. Atualmente sabe-se que sua dispersão é ainda maior, englobando a área onde foi definida, a região de Santarém, o rio Caquetá (GOMES, 2011; MORCOTE-RIOS, 2011 apud NEVES 2013, p. 144) e segundo Meggers e Evans (1978, p. 305) a região do Alto Purus, onde é representada pela fase Aragu³⁸.

³⁷ É importante lembrar que como indicado por Neves (2013) tais contextos são diferenciados do início da ocupação Amazônica visto nos sítios associados à cerâmica Mina e Taperinha.

³⁸ Os autores reportam uma data para essa fase em torno de 100 BC, mas não encontramos referências sobre ela.

Essa ampla dispersão somada a uma padronização baseada na variabilidade de tratamentos de superfície - onde predomina um amplo repertório de técnicas pintadas - têm suscitado uma discussão sobre a regularidade e uniformidade desses contextos, que envolve relações com outras regiões das terras baixas, pleiteando-se a Tradição Pocó-Açutuba (NEVES, 2013; NEVES et al, 2013 *no prelo*).

A reunião de diversos elementos do sítio Floresta como o início do processo de sedentarização (atestado pela formação das terras pretas), a tecnologia de produção dos vasos (mesmo que não integralmente), a deposição de urnas funerárias em áreas isoladas dos sítios, o formato aparentemente semicircular de deposição da cerâmica, associada a manchas de terra preta e a existência de estruturas monticulares que podem ter caráter antrópico, marcam as principais semelhanças desse contexto com aqueles associados às cerâmicas Pocó-Açutuba e em maior medida à Tradição Borda Incisa.

Já o sítio Lago das Pombas permite um ajuste de foco mais nítido sobre as ocupações pré-coloniais do rio Unini. Nesse contexto há claros indícios de correlação à Tradição Pocó/Açutuba (ocupação inicial) e Tradição Borda Incisa (período tardio), sendo que a ocupação do sítio como um todo marca mais *continuum* do que um fenômeno de ruptura. Sendo que as diferenças contextuais e tecnológicas (baseadas na cerâmica) entre a ocupação inicial e o período tardio se dão pelo incremento de um repertório ainda mais abrangente no período tardio que substituiu a pintura pela decoração acanalada, sem que se abandonasse totalmente a primeira maneira.

Apesar de associarmos o período inicial à recente definida Tradição Pocó-Açutuba (NEVES, 2013), no contexto desse sítio os elementos discutidos como caracterizadores dessa tradição não ocorrem de maneira predominante, mas ao mesmo tempo também não compõem a Tradição Borda Incisa (quadro 4). Dessa forma, a ocupação inicial do Lago das Pombas ainda que associada à Tradição Pocó-Açutuba, marca um fenômeno particular do Unini, para o qual é necessário um foco maior de análises (intra e intersítios). Se de fato, os elementos que aproximam e distanciam essa ocupação que aparece na base do sítio das Tradições supracitadas for coeso e com larga abrangência (estendida além dos limites do Lago das Pombas), talvez estejamos diante de um fenômeno regional particular do baixo rio Negro e para qual esse paralelo classificatório deva ser repensado.

Ao contrário, a associação do período tardio à Tradição Borda Incisa e particularmente à fase Caiambé nos parece condizente. A fase Caiambé reúne ainda uma definição pouco profunda, ao contrário de sua correlata na Amazônia central, a fase Manacapuru para a qual além de Hilbert (1968), outros pesquisadores se dedicaram (CHIRINOS, 2007; LIMA, 2008; MONGELÓ, 2011). No entanto, apesar dos estudos dedicados a essa segunda fase não há registro de um repertório tecno-estilístico tão abrangente quanto o registrado no período Tardio do sítio Lago das Pombas, ainda que estejamos cientes que essas unidades não são estanques. Apesar disso uma questão chave para a definição da fase Caiambé permanece em aberto: a mudança, aparentemente não conflituosa, à produção de cerâmicas associadas à Tradição Policroma da Amazônia (fase Tefé no sítio Caiambé) que não ocorreu nos sítios estudados. Essa é uma questão importante porque enfoca na relação entre os produtores de uma e outra cerâmica nos contextos estudados. Na Amazônia central a formação dos sítios associados a cerâmicas correlatas dessas Tradições (respectivamente fases Manacapuru e Guarita) tem um elemento a mais, a fase Paredão, mas os dados disponíveis indicam que a presença da fase Guarita marca um período com caráter bélico acentuado (TAMANHA, 2012; MORAES; NEVES, 2012). A compreensão desses contextos passa a ser igualmente importante no rio Unini porque ajudam a refinar a fase Caiambé, uma vez que é possível que a relação com cerâmicas da Tradição Policroma da Amazônia não ocorra em todos os seus locais de identificação.

Esses elementos foram retomados aqui para indicar que se os contextos arqueológicos até então identificados no rio Unini fossem colocados em um quadro comparativo, uma série de semelhanças seriam observadas com outros contextos da região Amazônica. A possibilidade de estabelecer esse paralelo comparativo implica a existência de processos históricos relacionados, como já foi apontado por arqueólogos que trabalham nas terras baixas e especialmente na Amazônia (MEGGERS; EVANS, 1978; BOOMERT, 2000; LIMA, 2008; HECKENBERGER, 2002; GARCIA, 2012; ALMEIDA, 2013; NEVES, 2013). Entretanto, a partir dos dados disponíveis também é claro que esse largo período de ocupação particularmente ligado à Tradição Borda Incisa e sua antecessora a Tradição Pocó-Açutuba, é igualmente formado por diferenças locais que historicamente podem ser entendidos como idiosincrasias de determinados contextos de ocupação. Nos sítios estudados tais diferenças são vistas nos aspectos de:

- 1) Formação “precoc” da terra preta;

- 2) Supostos montículos que apenas morfologicamente lembram as estruturas escavadas na Amazônia central (vide MACHADO, 2005; MORAES, 2006; 2013; RAPP PY-DANIEL, 2009; TAMANAHA, RAPP PY-DANIEL, 2009;
- 3) Tecnologia de produção das cerâmicas.

Além desses, no médio rio Unini os sítios estudados por nós, também não apresentam associações a contextos de guerras, indicando que a relação entre seus habitantes foi realizada por outras vias que não desencadearam esse tipo de disputa. Aliás, até o momento não foram identificados na bacia do rio Negro contextos relacionados à guerra, mas isso também pode ter um condicionante amostral.

Como demonstramos nos capítulos iniciais desse trabalho, a região do baixo rio Negro não deve ser analisada isoladamente, pois ignoraríamos toda a discussão de que mais que compartimentações regionais, essa bacia esteve integrada e isso não se deve integralmente ao processo externo impetrado pela colonização (NEVES, 1998; WRIGHT, 2005). Para essa discussão a arqueologia trouxe a importante contribuição de que elementos relacionados à maneira de ocupar os sítios, a produção da cerâmica e a cronologia das ocupações da região de calha do rio Negro (HECKENBERGER et al, 1998; LIMA, 2008; NEVES 1998; 2013) e de alguns de seus afluentes como o rio Unini não ocorreram isoladamente, ao contrário, têm semelhanças com outras regiões da Amazônia.

Mas as ideias baseadas no princípio da regionalidade rio Negrina vista pela antropologia há algumas décadas no fluxo de pessoas, artefatos e ideias, ainda não é clara nos dados arqueológicos. Ao contrário, vemos grandes polos heterogêneos que como defendidos aqui são atestados por tipos de sítios e cronologias diferentes se olharmos para o BRN e o ARN, as macrorregiões onde a pesquisa arqueológica dispõe de mais dados.

No entanto, os dados obtidos nos sítios analisados localizados em um rio fronteiro nessa região, o rio Unini, também apontam períodos de intensa estabilidade, com ocupações duradouras e que inicialmente nos permite dizer a alocação de diferentes aldeias em regiões muito próximas, como atestado pelos sítios Floresta e Lago das Pombas. Essa estabilidade associada a tecnologias de produção da cerâmica que permaneceram (como no caso do sítio Lago das Pombas) retoma a história de grupos Arawak que tratamos no capítulo 1.

Aqui também voltamos à retomada já enfatizada por outros autores da relação de cerâmicas que compõem o estilo Pocó-Açutuba/Borda Incisa a uma matriz Arawak (NORDESNKIOLD, 1930 apud NEVES, 2013; LATHRAP, 1970; HECKENBERGER 2001; 2002; NEVES, 2011; 2013; PETERSEN et al, 1996). Por que não falar em uma história Arawak e seus correlatos? Talvez fosse então mais condizente referir-se ao que Hill e Santos-Granero (2002) tratam como um etos Arawak. Referenciado dessa maneira reconhecemos que não estamos tratando apenas dos processos relacionados a falantes Arawak, mas ao conjunto de grupos envolvidos nas histórias que têm como eixo estrutural uma matriz Arawak. Essa proposta não é então inovadora e não se trata de “reinventar a roda”, mas de leva-la em consideração na análise de áreas arqueológicas (e por que não culturais), como o rio Negro.

No entanto, o conjunto de dados disponíveis sobre os correlatos arqueológicos ligados as cerâmicas Pocó-Açutuba e Borda Incisa ainda são escassos, principalmente no que se refere à primeira. Além de o processo de ocupação pré-colonial do rio Negro ter conhecimento ainda fragmentado, o que se deve a pouca quantidade de pesquisas arqueológicas na região. Ainda assim, se reunirmos os dados etnohistóricos e os recentes trabalhos arqueológicos como o de Valle (2012) há paralelos indicativos de que contar essa história tendo como pano de fundo a questão Arawak não seria tão incoerente, embora ainda altamente especulativo.

No baixo curso do Unini, Valle (2012) identificou um estilo de representação rupestre que ocorre ali geograficamente circunscrito (abrangendo parte do rio Branco) e remete à grafia relacionada às flautas sagradas de Jurupari, sendo este um dos tipos representados nas gravuras com maior antiguidade (VALLE, 2012, p. 461). Apesar de relativizações serem feitas pelo autor com relação à existência de uma matriz Arawak (VALLE, 2012, p. 424-430), outros estilos como o Iaçá identificado por ele, apresenta ampla dispersão na calha do rio Negro (incluindo o Alto curso).

Essas representações sugerem que mesmo distintos, os estilos identificados por Valle compõem um amplo repertório estilístico com representatividade inclusive fora do baixo rio Negro que parecem definir territórios transformados ao longo de muitos anos, mas de maneira muito fluida.

Se reunidos os elementos que formaram os sítios do rio Negro, as transformações parecem se estruturar a partir de elementos já defendidos por

Heckenberger (2002), Hill (2002; 2013) e Neves (2011; 2013) acerca da composição de uma matriz Arawak: ausência de guerras internas, eleição de marcos paisagísticos, estruturas de redes de interconectividade que têm um padrão aberto e fluído, início da vida sedentária, formas de habitar as aldeias elegendo uma praça central como lugar de reunião comunitária, relação desses processos com cerâmicas relacionadas às tradições Pocó-Açutuba/Borda Incisa, que cada vez mais se revelam como correlatos de uma história de continuidade entre seus produtores.

Essas questões delineiam interessantes campos de estudo, mas que devido à abrangência de dados agora reunidos, são reservadas às “cenas dos próximos capítulos”.

Curiosamente, apesar dessa aparente longa e duradoura ocupação dos territórios do rio Negro, com intensa transformação e apropriação de diversos elementos desses *lugares* por diversos povos ao longo de toda sua estória, hoje as pessoas que vivem ali travam lutas quase cotidianas com diversas entidades político-burocráticas para garantir seus direitos de viver ou utilizar os recursos dessas terras. No caso do Unini, a segmentação dessa bacia em três unidades de conservação ainda tem elementos que nos levam a questionar o significado de conservação quando contraposto à construção desse conceito sem as pessoas que vivem ali.

Dessa maneira, espero que trabalhos arqueológicos futuros possam ainda demonstrar que as paisagens desse vasto lugar foram há muito tempo, antropicamente construídas e são constantemente transformadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: RESULTADOS OBTIDOS

O estudo dos sítios Floresta e Lago das Pombas no médio curso do rio Unini demonstrou que:

1. O processo de formação natural dos sítios da bacia do Unini, ao menos nas áreas onde a atividade de reconfiguração de seu leito é alta, foi significativamente condicionado pela erosão e sedimentação desse rio. Essa condição impôs diferenças na tafonomia desses sítios se comparados àqueles conhecidos em outras regiões da Amazônia, sendo que nos sítios estudados no Unini há baixa visibilidade de vestígios em superfície, mas alta densidade de vestígios em subsuperfície;
2. Da mesma maneira, os processos de formação cultural também sugerem motivações ambientais, sendo que todas as áreas altas (que formam pequenos terraços) e por isso estão menos propensas a inundações sazonais foram ocupadas;
3. A ocupação dessa bacia se iniciou por volta de III AC com a formação de assentamentos sedentários relacionados à terra preta e cerâmica Pocó-Açutuba. Os fabricantes da cerâmica Borda Incisa aparecem na porção superior de sítios (tomando por base a inferência do sítio Lago das Pombas) e aparentemente por eles os sítios foram abandonados, sendo que não há nesses sítios o componente da Tradição Policroma da Amazônia (TPA). O abandono desses sítios ocorreu por volta do século IX DC, por motivos ainda não identificados;
4. A identificação de montículos diferentes daqueles da Amazônia central (MORAES, 2006; 2013) que elevaram a superfície dos sítios separando as áreas de igapó das áreas não alagáveis. Esses montículos são construídos com quase predomínio de sedimento de deposição (*silt*), mas não tem relação com processos de deposição do rio. Além de terem na porção superior da estratigrafia um tipo de solo que só aparece na superfície do sítio (tabatinga);
5. A identificação de elementos de continuidade entre os componentes Pocó-Açutuba/Borda Incisa também nesses sítios, indicando mudanças graduais ao longo do tempo, como já proposto por outros autores;

6. Um repertório estilístico visto no período tardio do sítio Lago das Pombas que se compara mais ao conjunto artefactual Caiambé do que a seu representante na Amazônia central (fase Manacapuru). Isso demonstra a existência de redes de contato entre regiões de distância longínqua, mas que talvez tenha se dado por rotas ainda hoje conhecidas entre o rio Solimões e o rio Negro. Se essa hipótese estiver correta, o rio Unini seria um eixo importante.
7. Cerâmicas da TPA foram reportadas por Simões na área de calha do rio Negro, próximo à foz do rio Unini, mas apesar de estabelecerem um dos períodos mais antigos da cronologia dessa Tradição, não foram identificadas além do baixo curso do Unini;
8. Essas evidências sugerem que a hipótese de outros autores sobre uma matriz Arawak no rio Negro torna-se mais consistente pela reunião dos elementos identificados, mas a continuidade dos estudos será de fundamental importância para que sejam estabelecidos como esses elementos se estruturavam face ao sistema regional que compunham que claramente reúnem elementos de diferenciação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, A. **Os domínios de natureza no Brasil - Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

AB'SABER, A. N. **Formas do relevo**. São Paulo: EDART, 1975.

AB'SABER, A. N. **Amazônia: do discurso à práxis**. São Paulo: EDUSP, 1996.

ALENCAR, E. F. **Estudo da ocupação humana e mobilidade geográfica de comunidades rurais da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã – RDSA**. IDSM. Tefé. 2007.

ALENCAR, E. F. Paisagens da memória: narrativa oral, paisagem e memória social no processo de construção da identidade. **Teoria e Pesquisa**, v. 16, n. 2, p. 95-110, dezembro 2008.

ALMEIDA, F. O. **O complexo Tupi da Amazônia Oriental**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

ALMEIDA, F. O. **A Tradição Polícroma no alto rio Madeira**. São Paulo: Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

ALMEIDA-FILHO, R.; MIRANDA, F. P. Mega capture of the rio Negro and formation of the Anavilhanas Archipelago, Central Amazônia, Brasil: evidences in the SRTM digital elevation model. **Remoting Sensing of Environment**, v. 110, p. 387-392, 2007.

ALMEIDA-FILHO, R.; MIRANDA, F. P.; BISL, C. H. Evidência de uma mega captura fluvial no rio Negro (Amazônia) revelada em modelo de elevação digital da SRTM. **Anais do XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, Goiânia, p. 1701-1707, abril 2005.

AMARAL, D. M. **Loiça de barro do agreste: um estudo etnoarqueológico de cerâmica histórica pernambucana**. São Paulo: Dissertação de mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

ARNOLD, D. E. **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

ARROYO-KALIN, M.; NEVES, E. G.; WOODS, W. Anthropogenic Dark Earths of the Central Amazon Region: Remarks on their Evolution and Polygenetic Composition. In: WI WOODS ET AL., (.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek s Vision**. New York: Springer, 2009. p. 99-125.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 09-23, 2008.

BARBOSA RODRIGUES, J. **Rio Jauapery: pacificação dos Crichanás**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.

BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E. Historiografia das expedições científicas e exploratórias no Vale do Rio Branco. In: BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E.; CASTELLÓN, E. **Homem, Ambiente e Ecologia no Estado de Roraima**. Manaus: INPA, 1997. p. 193-216.

BARRETO FILHO, H. T. Áreas naturais, artefatos culturais: uma perspectiva antropológica sobre as unidades de conservação de proteção integral na Amazônia Brasileira. In: ALMEIDA, A. W. B.; FARIAS JÚNIOR, E. A. **Mobilizações étnicas e transformações sociais no Rio Negro**. Manaus: UEA, 2010. p. 147-210.

BARRETO, C. A Construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista da USP**, São Paulo, v. 44, p. 32-51, 1999-2000.

BARRETO, C. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. São Paulo: Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2009.

BARRETO, C. Cerâmica e complexidade social na Amazônia antiga: uma perspectiva a partir de Marajó. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG, 2010. p. 139-212.

BARRETO, C.; MACHADO, J. S. Exploring the Amazon, Explaining the Unknown: Views from the Past. In: MCEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. **Unknown Amazon**. Londres: The British Museum Press, 2001. p. 232-251.

BOOMERT, A. **Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Interaction Sphere: An Archaeological, Ethnohistorical Study**. Alkmaar: Universiteit Leiden, 2000.

BORGES, S. H. et al. **Janelas para a biodiversidade no Parque Nacional do Jaú:** uma estratégia para o estudo da biodiversidade da Amazônia. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 2004.

BOULANGER, M. T.; HUDSON, C. M. Assessment of the gripability of textured ceramic surfaces. **American Antiquity**, v. 77, n. 2, p. 293-302, 2012.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of spread of pottery and agriculture into Eastern South America.** Urbana Champain: PhD Dissertation. University of Illinois, 1984.

BROCHADO, J. P. A expansão dos Tupis e da cerâmica da tradição policrômica da Amazônia. **Dédalo**, São Paulo, v. 9, p. 17-18, 1989.

BROCHADO, J. P.; LATHRAP, D. W. **Chronologies in the New World:** Amazonia. Documento não publicado. Urbana: University of Illinois, 1982.

CALDENHOF, S. **Reserva Extrativista do Rio Unini:** conflitos e estratégias socioambientais no rio Negro/AM. Manaus: Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas e Letras/UFAM, 2009.

CARNEIRO, R. L. A Theory of the Origin of the State. **Science**, v. 169, n. 3947, p. 733-738, agosto 1970.

CAROMANO, C. F. et al. **Entre cinzas e espículas:** o potencial da análise microscópica para a identificação de Caraipé e Cauixi. III Semana de Arqueologia - MAE/USP. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2013.

CASTRO, M. W. D. M. **A cronologia dos sítios Lago de Iranduba e Laguinho à luz das hipóteses de ocupação humana para a Amazônia Central.** São Paulo: Dissertação de mestrado do PPG-MAE/USP, 2009.

CHERNELA, J. M. Social meaning and material transaction: The Wanano-Tukano of Brazil and Colombia. **Journal of Anthropological Archaeology**, v. 11, n. 2, p. 111-124, Junho 1992.

CHERNELLA, J. M. Estrutura social do Uaupés. **Anuário Antropológico / 81**, Fortaleza / Rio de Janeiro, p. 59-69, 1983.

CHIRINOS, R. **Padrões de assentamento no sítio Osvaldo, Amazonas**. Dissertação de Mestrado. MAE-USP. São Paulo. 2007.

CHMYZ, I. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**, Museu de Arqueologia e Artes Populares. Paranaguá, v. 1, n. 1, p. 119-148, 1976.

COSTA, B. L. S. D. **Levantamento arqueológico na reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) Amanã**: Estado do Amazonas. São Paulo.: Dissertação de Mestrado defendida no MAE-USP., 2012.

COSTA, B. L. S. et al. Urnas Funerárias no Lago Amanã, Médio Solimões, Amazonas: Contextos, Gestos e Processos de Conservação. **Amazônica: Revista de Antropologia**, Belém, v. 4, p. 60-91, 2012.

COSTA, F. W. S. **Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: Em busca dos pré-ceramistas no areais da Amazônia Central**. Tese de Doutorado. MAE-USP. São Paulo. 2009.

COSTA, F.; LIMA, H. P. **Levantamento Arqueológico no Município de Manaus**. 1 SR IPHAN. Manaus. 2006.

COSTA, J. B. S. et al. Neotectônica da região Amazônica: aspectos tectônicos, geomorfológicos e deposicionais. **Geonomos**, v. 4, n. 2, p. 23-44, 1996.

COSTA, R. C. R.; NATALI FILHO, T.; OLIVEIRA, A. A. B. Geomorfologia. Folha AS. 20 - Manaus. In: RADAMBRASIL, P. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: MME / DNPM, v. 18, 1978. p. 167-244.

CREADO, E. S. J. **Entre lugares e não – lugares: Restrições ambientais e supermodernidade no Parque Nacional do Jaú (AM)**. Campinas: Tese de Doutorado. UNICAMP, 2006.

CREADO, E. S. J. et al. Parque Nacional do Jaú e os moradores de sua parte central: agência ou sujeição? **Revista VITAS - Visões Interdisciplinares sobre Ambiente e Sociedade**, n. 2, p. 1-35, 2012.

CRONYN, J. M. **The elements of archaeological conservation**. Londres: Routledge, 2004.

CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras / SMC / FAPESP, 1992.

DEBOER, W. R.; LATHRAP, D. W. The Making and Breaking of Shipibo-Conibo Ceramics. In: KRAMMER, C. **Ethnoarchaeology: Implications of Ethnography for Archaeology**. New York: Columbia University Press, 1979. p. 102-138.

DENEVAN, W. A Bluff Model of Riverine Settlement in Prehistoric Amazônia. **Annals of the Association of American Geographers**, 1996.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec / Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras - USP, 2001.

DRAGO, E. C. Origen y clasificación de ambientes leníticos en llanuras aluviales. **Rev. Asoc. Cienc. Nat. Litoral**, Santa Fé / Argentina, v. 7, p. 123-137, 1976.

DREYFUS, S. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana Ocidental (entre Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796. In: VIVEIROS DE CASTRO, E.; CUNHA, M. C. **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo: NHII/USP - FAPESP, 1993. p. 19-42.

FARAGE, N. **As muralhas dos sertões: os povos indígenas no rio Branco e a colonização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra/ANPOCS, 1991.

FAUSTO, C. Entre o passado e o presente: mil anos de história indígena no Alto Xingú. **Revista de Estudos e Pesquisas**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 9-51, 2005.

FERREIRA, A. R. **Viagem Filosófica ao Rio Negro [1887-1889]**. 2. ed. Manaus: EDUA / INPA, 2007.

FORSBERG, B. R. et al. Tectonic fault control of wetland distributions in the Central Amazon revealed by JERS-1 radar imagery. **Quaternary International**, v. 72, p. 61-66, 2000.

FRANÇA, A. M. S. **Aplicação de sensoriamento remoto no estudo da influência da dinâmica sazonal do rio Amazonas sobre a morfologia de sistemas lacustres**. São José dos Campos: Dissertação de Mestrado. Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, 2005.

FRANZINELLI, E.; IGREJA, H. L. S. Utilização do sensoriamento remoto na investigação da área do baixo rio Negro e Grande Manaus. **Anais do Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto**, n. 2, p. 641-648, 1990.

FRASER, J. A. et al. Historical ecology and dark earths in whitewater and blackwater landscapes: comparing the Middle Madeira and Lower Negro rivers. In: WOODS, W. I., et al. **Amazonian Dark Earths**: Wim Sombroek. Berlin: Springer, 2009. p. 229-264.

FVA - FUNDAÇÃO VITÓRIA AMAZÔNICA. **Diagnóstico para a criação da Reserva Extrativista do Rio Unini, Barcelos, Amazonas**. Projeto Geopolítica da Conservação no Baixo Rio Negro, Amazônia Brasileira. Manaus, p. 84. 2005.

GALVÃO, E. Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi - Série Antropológica**, Belém, v. 8, p. 40, 1960.

GARCIA, L. **Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins**: A ocupação Tupi no Cateté. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

GERMAN, L. A. **The dynamics of Terra Preta**: an integrated study of human-environmental interaction in a nutrient-poor Amazonian ecosystem. [S.l.]: University of Georgia. Tese de Doutorado não publicado., 2001.

GOFFER, Z. **Archaeological Chemistry**. New Jersey: John Wiley & Sons Inc., 2007.

GOLDMAN, I. Tribes of the Uaupés-Caquetá Region. In: STEWARD, J. **Handbook of South American Indians**. Washington: Bureau of American Ethnology Bulletin 143, v. 3, 1948. p. 763-798.

GOMES, D. M. C. Cronologia e Conexões Culturais na Amazônia: as Sociedades Formativas na Região de Santarém, PA. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, p. 268-314, 2011.

GUAPINDAIA, V. **Além da margem do rio**: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. São Paulo: Tese de Doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

GUAZELLI, A. C. et al. **A gênese de um plano de manejo. O caso do Parque Nacional do Jaú**. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 1998.

HAFFER, J. Hypothesis to Explain the Origin of Species in Amazonia. In: VIEIRA, I., et al. **Diversidade biológica e cultural da Amazônia**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. p. 45-118.

HECKENBERGER, M. J. **Relatório dos Estudos Arqueológicos na Área do Parque Nacional do Jaú (PNJ): Levantamento Preliminar (12-16/09/1996)**. Relatório não publicado e submetido à Fundação Vitória Amazônica (FVA). Manaus, p. 12. 1997.

HECKENBERGER, M. J. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na longue durée, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. **Os povos do Alto Xingu: história e cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 21-62.

HECKENBERGER, M. J. Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative. In: SANTOS-GRANERO, F.; HILL, J. D. **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia**. Urbana / Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 99-122.

HECKENBERGER, M. J. **The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000 - 2000**. New York: Routledge, 2005.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G. Amazonian Archaeology. **Annual Review of Anthropology**, v. 38, p. 251-266, 2009.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. Village size and permanence in Amazonia: Two archaeological examples from Brazil. **Latin American Antiquity**, v. 10, n. 4, p. 353-376, 1999.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E.; PETERSEN, J. De onde vem os modelos? A arqueologia da origem Tupi e Guaraní. **Revista de Antropologia**, São Paulo: Universidade de São Paulo, v. 41, n. 1, p. 69-96, 1998.

HEMMING, J. **Ouro Vermelho: A conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: EDUSO, 2007.

HILBERT, P. P. **Preliminary results of archaeological investigations in the vicinity of the Mouth of the Rio Negro, Amazonas**. Actas del XXXIII Congreso Internacional de Americanistas. Tomo II San José, p. 370-377. 1958.

HILBERT, P. P. **New stratigraphic evidence of culture change on the middle Amazon (Solimões)**. Akten des 34° Internationalen Amerikanistenkongresses. [S.l.]: [s.n.]. 1962. p. 471-476.

HILBERT, P. P. **Archäologische Untersuchungen Am Mittlern Amazonas**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1968.

HILBERT, P. P.; HILBERT, K. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos Rio Nhamundá e Trombetas, Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série, Antropologia**, Belém, n. 75, p. 1-11, 1980.

HILL, J. D. **Wakuénai Society**: a processual-structural analysis of indigenous cultural life in the upper Rio Negro Region of Venezuela. [S.l.]: Ph.D. Dissertation. Indiana University, 1983.

HILL, J. D. Shamanism, Colonialism, and the Wild Woman: fertility cultism and historical dynamics in the upper Rio Negro region. In: HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan Histories**: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia. Urbana / Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 223-247.

HILL, J. D. Etnicidade na Amazônia Antiga: reconstruindo identidades do passado por meio da arqueologia, da linguística e da etno-história. **Ilha**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 34-69, 2013.

HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan Histories**: rethinking language family and culture area in Amazonia. Urbana: University of Illinois Press, 2002.

HODDER, I. **Archaeological Theory Today**. Cambridge: Polity Press, 2001.

HORNBORG, A.; HILL, J. D. **Ethnicity in ancient Amazonia**: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory. Colorado: University Press of Colorado, 2011.

HUGH-JONES, C. **From the Milk River**: Spatial and Temporal Processes in Northwest Amazonia. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

ISA. Enciclopédia dos Povos Indígenas. **Instituto Socioambiental**, 2002. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org>>. Acesso em: 22 set. 2013.

JUNK, W. As águas da Região Amazônica. In: SALATI, E., et al. **Amazônia: desenvolvimento, integração e ecologia**. São Paulo: CNPq / Brasiliense, 1983.

KERN, D. C. et al. Distribution of antropogenic dark earths. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian dark Earths: Origin, Properties, Management**. Norwell: Kluwer Academic Publisher, v. 1, 2003. p. 51-76.

KOCH-GRÜNBERG, T. **Frauenarbeit bei den Indianern Nordwestbrasieliens**. Wien: Selbstverlage der Anthropologischen Gesellschaft, 1908.

KOCH-GRÜNBERG, T. **Dois anos entre os indígenas - Viagens no noroeste do Brasil (1903-1905)**. Manaus: EDUA, 2005.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. 2. ed. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989.

LATHRAP, D. W. Aboriginal occupation and changes in river channel on the Central Ucayali, Peru. **American Antiquity**, v. 33, n. 1, p. 62-79, 1968.

LATHRAP, D. W. **The Upper Amazon**. Londres: Themes & Hudson, 1970a.

LATHRAP, D. W. Review: Archäologische Untersuchungen am Mittlern Amazonas Marburger Studien zur Volkerkunde, Band 1. **American Antiquity**, v. 35, n. 4, p. 499-501, Outubro 1970b.

LATRUBESSE, E. M.; STEVAUX, J. C.; SINHA, R. Grandes sistemas fluviais tropicais: uma visão geral. **Revista Brasileira de Geomorfologia**, v. 6, n. 1, p. 1-18, 2005.

LEONARDI, V. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 12 / Editora da Universidade de Brasília, 1999.

LIMA, H. P. **História das Caretas: A Tradição Borda Incisa da Amazônia Central**. São Paulo: Doutorado defendido na PPG-MAE/USP, 2008.

LIMA, H. P.; NEVES, E. G. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa/Barrancóide na Amazônia Central. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v. 21, p. 205-230, 2011.

LIMA, H. P.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia Central. **Arqueologia Suramericana**, v. 2, n. 1, p. 26-52, 2006.

LIMA, H. P.; SILVA, C. A.; MORAES, B. M. Sítios do encontro: Arqueologia do entorno do Encontro das Águas. **Somanlu**, ano 11, n. 2, p. 115-125, 2011.

LIRA, F. O. **A Tradição Polícroma da Amazônia na bacia do médio rio Negro - terras pretas, montículos, incisões e acanalados do Orinoco ao Amazonas**. Memorial de qualificação submetido ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009a.

LIRA, F. O. **A Tradição Polícroma da Amazônia na bacia do médio rio Negro, Amazonas**. I Relatório Científico apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. São Paulo. 2009b.

MACHADO, J. S. **Montículos artificiais na Amazônia Central: Um Estudo de Caso do Sítio Hatahara**. São Paulo: Dissertação de Mestrado do PPG-MAE/USP, 2005.

MARCOY, P. **Viagem pelo Rio Amazonas**. Manaus: EDUA, 2001.

MEGGERS, B. J. Vegetation fluctuation and prehistoric cultural adaptations in Amazonia: some tentative correlations. **World Archaeology**, v. 8, n. 3, p. 287-303, 1977.

MEGGERS, B. J. The continuing quest for El Dorado. **Latin American Antiquity**, n. 12, p. 304-325, 2001.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest area of South America. In: LOTHROP, S. **Essays in Precolumbian Art and Archaeology**. Cambridge: Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

MEGGERS, B. J.; EVANS, C. Lowland South America and the Antilles. In: JENNINGS, J. D. **Ancient South Americans**. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1978. p. 287-335.

MEIRA, M. **Laudo antropológico área indígena "baixo rio negro"**. SCT / CNPq / MPEG. Belém. 1991.

MEIRA, M. Índios e brancos nas águas pretas: história do rio Negro. In: FORLINE, L.; MURRIETA, R.; VIEIRA, I. **Amazônia além dos 500 anos**. Belém: MPEG, 2005. p. 183-226.

MONGELÓ, G. Z. Processos de interação entre os sítios Lago Grande e Oswaldo (AM) baseados no material cerâmico. **Anais da II Semana de Arqueologia - MAE**, São Paulo, n. 11, p. 109-114, 2011.

MORAES, C. D. P. **Levantamento arqueológico das áreas do entorno do Lago do Limão, Iranduba, Amazonas**. Dissertação de Mestrado. PPG-MAE/USP. São Paulo. 2006.

MORAES, C. D. P.; NEVES, E. G. O Ano 1000 - Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. **Revista Amazônica**, Belém, v. 4, n. 1, p. 122-148, 2012.

MORAES, C. P. **Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais**. São Paulo: Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.

MORAN, E. Human adaptive strategies in Amazonian blackwater ecosystems. **American Anthropologist**, v. 93, n. 2, p. 361-382, 1991.

MORAN, E. **Adaptabilidade Humana: uma Introdução à Antropologia Ecológica**. São Paulo: EDUSP, 1994.

MORAN, E. F. **A ecologia humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MYERS, T. P. Dark Earth in the Upper Amazon. In: GLASER, B.; WOODS, W. I. **Amazonian Dark Earths: Exploration in Space and Time**. Berlin: Springer Verlag, 2004. p. 67-94.

MYERS, T. P. et al. Historical perspective on Amazonian Dark Earths. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian Dark Earths: Origins, Properties and Manageent**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 15-28.

NEUMANN, M. A. **Ñande Rekó**: Diferentes jeitos de ser Guarani. Porto Alegre: Dissertação de mestrado. UFRGS, 2008.

NEVES, E. G. **Paths in the dark waters**: Archaeology as indigenous history in the Upper Rio Negro Basin, northwest Amazon. Tese de Doutorado. Indiana: Department of Anthropology, Indiana University, 1998.

NEVES, E. G. O Velho e o Novo na Arqueologia Amazônica. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, p. 87-113, 1999.

NEVES, E. G. **Arqueologia da Amazônia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NEVES, E. G. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. **Handbook of South American Archaeology**. New York: Springer, 2008. p. 359-379.

NEVES, E. G. **Serviços de Estudos de Prospecção, Avaliação, Salvamento e Resgate de Patrimônio Arqueológico na Implantação de Faixa e Abertura de Valas no Gasoduto Coari-Manaus e no GLPDuto Urucu-Coari**. IPHAN. São Paulo. 2010.

NEVES, E. G. Archaeological Cultures and Past Identities in the Pre-Colonial Central Amazon. In: HORNBORG, A.; HILL, J. D. **Ethnicity in ancient Amazonia**: reconstructing past identities from archaeology, linguistics and ethnohistory. Colorado: University Press of Colorado, 2011. p. 31-56.

NEVES, E. G. **Sob os tempos do equinócio oito mil anos de história na Amazônia Central (6500 a.C. - 1500 d.C.)**. São Paulo: Livre docência defendida no MAE-USP, 2013.

NEVES, E. G. et al. Historical and socio-cultural origins of Amazonian Dark Earths. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian dark earths**: Origins, Properties and Management. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 29-50.

NEVES, E. G. et al. A tradição pocó-açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. **no prelo**, 2013.

NIMUENDAJÚ, C. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí e Uaupés. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 39, p. 125-182, 1950.

OLIVEIRA, A. A. et al. Floresta sobre areias: Campinaranas e igapós. In: OLIVEIRA, A.; DARLY, D. C. **Florestas do rio Negro**. São Paulo: Cia das Letras / UNIP / The New York Botanical Garden, 2001. p. 179-219.

OLIVER, J. R. **The archaeological, linguistic and ethnohistorical evidence for the expansion of Arawakan into Northwestern Venezuela and Northeastern Colombia**. Tese de Doutorado. Urbana: University of Illinois-Champaign, 1989.

ORTON, C.; ET AL. **Pottery in Archaeology**. Cambridge: University Press, 1993.

PIERCE, C. Reverse engineering the ceramic cooking pot: Cost and performance properties of plain and textured vessels. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 12, n. 2, p. 117-157, 2005.

PINHEIRO, M. R.; BORGES, S. H. Caracterização das janelas para a biodiversidade do Parque Nacional do Jaú. In: BORGES, S. H., et al. **Janelas para a Biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia**. Manaus: FVA - Fundação Vitória Amazônica, 2004. p. 19-40.

PINHEIRO, M. R.; MACEDO, A. B. Dinâmica da população humana nos rios do Parque Nacional do Jaú. In: BORGES, S. H., et al. **Janelas para biodiversidade no Parque Nacional do Jaú: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia**. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 2004. p. 43-61.

POLITIS, G. **Nukak: Ethnoarchaeology of an Amazonian People**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.

PORRO, A. **O Povo das Águas**. Petrópolis: Vozes, 1996.

PORRO, A. **Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo: IEB/USP, 2007.

PRANCE, G. T.; SCHUBART, H. O. R. Nota preliminar sobre a origem das campinas abertas de areia branca do baixo rio Negro. **Acta Amazônica**, v. 7, n. 4, p. 567-570, 1978.

RAPP PY-DANIEL, A. **Arqueologia funerária na Amazônia Central**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

- RAPP PY-DANIEL, A. Arqueologia da morte no sítio Hatahara (AM-IR-13). In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG, 2010. p. 121-145.
- RAPP PY-DANIEL, A. et al. Ocupações pré-cerâmicas nos areais da Amazônia Central. **Anais da II Semana de Arqueologia - MAE**, São Paulo, n. 11, p. 19-21, 2011.
- RAPP, G. R. J.; HILL, C. L. Contexts of archaeological record formation. In: RAPP, G. R. J.; L., H. C. **Geoarchaeology. The earth-science approach to archaeological interpretation**. New Haven / London: Yale University Press, 1998. p. 50-85.
- RIBEIRO, B. **Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo**. São Paulo: Cia das Letras / EDUSP, 1995.
- RICE, P. M. **Pottery Analysis: A sourcebook**. Chigaco: University of Chicago Press, 1987.
- ROOSEVELT, A. **Moundbuilders of the Amazon, Geophysical Archaeology of Marajó Island, Brazil**. New York: New York Academic Press, 1991.
- ROSSETI, D. F.; GÓES, A. M.; TOLEDO, P. M. Archaeological Mounds in: Marajó Island (Northern Brazil): A Geological Perspective Integrating Remote Sensing and Sedimentology. **Geoarcheology**, New York, v. 24, p. 22-41, 2009.
- RYE, O. S. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction**. [S.l.]: Taraxacum, 1981.
- SANTOS-GRANERO, F. The arawakan matrix: ethos, language, and history in native South America. In: HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia**. Urbana / Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 25-50.
- SARGES, R. R. R. **Relações entre as estruturas tectônicas, sedimentação coluvial e geomorfogênese da região de Manaus, Amazonas**. São Paulo: Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geoquímica e Geotectônica do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo, 2007.
- SCHIFFER, M. B. The influence of surface treatment on heating effectiveness of ceramic vessels. **Journal of Archaeological Science**, v. 17, n. 4, p. 373-381, 1990.

SHEPPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. 2. ed. Washington D.C.: Carnegie Institution of Washington, v. Publication 609, 1956.

SHOCK, M. P. Resultados parciais do projeto "Alimentação, manejo da terra e cultura: uma abordagem paleoetnobotânica da pré-história indígena no nordeste do Estado do Amazonas. **Relatório de pesquisa entregue à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas**. p. 1-28, 2013.

SILVA, A. L. D. et al. Visões Baniwa sobre a mudança climática. In: CABALZAR, A. **Manejo do mundo: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro**. Manaus: FOIRN / ISA, 2010. p. 67-75.

SILVA, C. L. **Análise da tectônica cenozoica da região de Manaus e adjacências**. Rio Claro: Tese de Doutorado. Instituto de Geociência e Ciências Exatas da UNESP, 2005.

SILVA, C. L. et al. Analysis of tectonic-controlled fluvial morphology and sedimentary processes of the western amazon basin: an approach using satellite images and digital elevation model. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 4, n. 71, 2007.

SILVA, C. L.; ROSSETI, D. F. História geológica dos rios da Amazônia. **Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**, p. 24-26, 2009.

SILVA, F. A. **As tecnologias e seus significados**. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2000.

SILVA, F. A. Cultural Behaviors of Indigenous Populations and the Formation of the Archaeological Record in Amazonian Dark Earth: The Asurini Do Xingu Case Study. In: LEHMANN, J., et al. **Amazonian Dark Earths. Origin, Properties, Management**. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 2003. p. 375-385.

SILVEIRA, F. L. A. D.; BEZERRA, M. Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas. In: ECKERT, C.; FILHO, M. L.; BELTRÃO, J. M. F. **Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Florianópolis: Nova Letra, ABA, Fundação Ford, 2007. p. 11-21.

SIMÕES, M. F. Programa nacional de pesquisas arqueológicas na bacia Amazônica. **Acta Amazônica**, v. 7, n. 3, p. 297-300, 1977.

SIMÕES, M. F.; KALKMANN, A. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas). **Revista de Arqueologia**, Belém, v. 4, n. 1, p. 83-116, 1987.

SKIBO, J. M.; SCHIFFER, M. B. **People and things: a behavior approach to material culture**. New York: Springer, 2008.

SNUC - SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. **Lei n. 9.985 de 18 de julho de 2000**. Brasília.

SOARES, J. P. M.; FERRÃO, C. (Orgs.). **Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira**. Coleção Etnográfica. A expedição filosófica pelas Capitânicas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. Kapa Editorial. Volume II, 2005.

SOUZA, L. A. G.; CASTELLON, E. G. **Desvendando as fronteiras do conhecimento na região amazônica do Alto Rio Negro**. Manaus: Projeto Fronteiras, 2012.

SOUZA, S. M. F. O silêncio bioarqueológico da Amazônia. Entre o mito da diluição demográfica e o da diluição biológica na floresta tropical. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. **Arqueologia Amazônica**. Belém: MPEG, 2010. p. 425-446.

STAHL, P. The Arawak Diaspora. **Latin American Antiquity**, n. 21, p. 217-223, 2010.

STENBERG, H. O. Vales tectônicos na planície Amazônica? **Revista Brasileira de Geografia**, v. 12, n. 4, p. 3-26, 1950.

TAMANAHARA, E. K. **Ocupação Polícroma no Baixo e Médio Rio Solimões, Estado do Amazonas**. São Paulo: Dissertação de Mestrado defendido no MAE/USP, v. I, 2012.

TAMANAHARA, E. K.; RAPP PY-DANIEL, A. Sítio Hatahara: Estruturas funerárias, residências ou ambos? **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. Suplemento 8**, São Paulo, p. 63-73, 2009.

TEIXEIRA, W., et al. **As Terras Pretas de Índio da Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas**. Manaus: EMBRAPA, 2009.

TRINDADE, T. B. **Os sítios Hatahara e São Paulo II e a expansão da Tradição Polícroma no rio Solimões. Relatório final de iniciação científica apresentado a FAPESP**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009.

UGARTE, A. S. **Sertões de Bárbaros**: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas Ibéricos (séculos XVI-XVII). Manaus: Valer Livraria Editora e Distribuidora Ltda, 2009.

URBAN, G. A história da cultura brasileira segundo línguas nativas. In: CUNHA, M. C. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: FAPESP/SMC/Cia. das Letras, 1992.

VALÊNCIA, I. Calendário Ecológico. In: CABALZAR, A. **Manejo do Mundo**: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo / São Gabriel da Cachoeira: ISA / FOIRN, 2010. p. 24-31.

VALLE, D. Proteções das malocas (casas cerimoniais). In: CABALZAR, A. **Manejo do Mundo**: conhecimentos e práticas dos povos indígenas do rio Negro. São Paulo / São Gabriel da Cachoeira: FOIRN / ISA, 2010. p. 20-23.

VALLE, R. B. M. **Relatório preliminar dos registros rupestres do Parna do Jaú e da resex do Unini, Baixo Negro, AM**. Manaus. 2006.

VALLE, R. B. M. **Mentes graníticas e mentes areníticas**: fronteira geo-cognitiva nas gravuras rupestres do baixo rio Negro, Amazônia Setentrional. Tese de Doutorado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.

VELTHEM, L. H. V. Cestos, peneiras e outras coisas: a expressão material do sistema agrícola no rio Negro. **Revista de Antropologia - USP**, São Paulo, v. 55, p. 401-437, 2012.

VICENTINI, A. As florestas de terra firme. In: OLIVEIRA, A.; DALY, D. C. **Florestas do rio Negro**. São Paulo: Cia das Letras / UNIP / The New York Botanical Garden, 2001. p. 143-177.

VICENTINI, A. A vegetação ao longo de um gradiente edáfico no Parque Nacional do Jaú. In: BORGES, S. H., et al. **Janelas para a Biodiversidade no Parque Nacional do Jaú**: uma estratégia para o estudo da biodiversidade na Amazônia. Manaus: Fundação Vitória Amazônica, 2004. p. 105-134.

VIDAL, S. M. Kuwé Duwákalmi: The Arawak Sacred Routes of migration, trade and resistance. **Etnohistory**, v. 47, n. 3-4, p. 635-667, 2000.

VILLAGRAN, X. S. **Análise de arqueofácies na camada preta do sambaqui Jaboticabeira II**. São Paulo: Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, E. Images of nature and society in amazonian ethnology. **Annual Review of Anthropology**, v. 25, p. 179-200, 1996.

WHITEHEAD, N. L. Amazonian Archaeology: Searching for Paradise? : a Review of Recent Literature and Fieldwork. **Journal of Archaeology Research**, v. 4, n. 3, p. 241-264, 1996.

WOODS, W. I. Os solos e as ciências humanas: interpretação do passado. In: TEIXEIRA, W. G., et al. **As terras pretas de índio na Amazônia: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas**. Manaus: EMBRAPA, 2009. p. 62-70.

WRIGHT, R. **História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro**. Campinas: FAEP / UNICAMP, 2005.

WRIGHT, R. M. História indígena do noroeste da Amazônia: hipóteses, questões e perspectivas. In: CUNHA, M. C. D. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras/SMC/FAPESP, 1992.

YOUNG, L. C.; STONE, T. The Thermal Properties of Textured Ceramics: An Experimental Study. **Journal of Field Archaeology**, v. 17, n. 2, p. 195-203, 1990.

ZEIDEMANN, V. K. O rio das águas Negras. In: OLIVEIRA, A.; DARLY, D. C. **Florestas do rio Negro**. São Paulo: Cia. das Letras / UNIP / The New York Botanical Garden, 2001. p. 61-87.

ZUCCHI, A. A News Model of the Northern Arawakan Expansion. In: HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia**. Urbana / Chicago: University of Illinois Press, 2002. p. 199-222.

ZUCCHI, A. Nuevos datos sobre la ocupación prehispanica tardia del Orinoco Medio. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. **Arqueologia amazônica**. Belém: MPEG, v. 2, 2010. p. 113-135.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Márjorie do Nascimento Lima

O RIO UNINI NA ARQUEOLOGIA DO BAIXO RIO NEGRO,
AMAZONAS

Volume 2

315-88

224-39

316-1

Grafismo pintado registrado na cerâmica do sítio Floresta e padrões incisos e ponteados das cerâmicas de Lago das Pombas.
Ilustrações fora de escala. Desenhos: Márjorie Lima; Erêndira Oliveira.

São Paulo

2014

Anexo 1: Caracterização geológica e domínios morfoestruturais dos principais afluentes do BRN.

Caracterização Geológica:

A bacia do rio Negro corre na direção geral NO-SE, escava seu leito no Escudo das Guianas - cráton granítico de rochas cristalinas datado do Pré-Cambriano (Franzlini e Igreja 2002: 260). Na região de médio e baixo curso o rio Negro está relacionado a depósitos Cambriano, Siluriano, Devoniano, Cretáceo e Aluvionares (Costa *et al.* 1978). De acordo com Costa *et al.* (1978) e a carta geológica do estado do Amazonas 1: 1.000.000 (2005), a caracterização geológica e geomorfológica dos rios Unini, Jaú e Carabinani é bastante diversificada, como abaixo descrita:

Rio Unini: relaciona-se em todo o seu curso a depósitos aluvionares Holocênicos, constituídos por areia, silte, argila e cascalho inconsolidados que configuram as áreas de acumulação inundáveis, *i.e.*, os terraços de inundação. Esses terraços têm idade estimada em 10 mil anos AP e abrigam os igapós (Pinheiro e Borges 2004). À jusante da segunda cachoeira pela margem direita relaciona-se ao complexo Jauaperi de formação no Orosiriano, e pela margem esquerda à Formação Prosperança do período Cambriano. Nessa área sobre embasamento mais antigo tem curso retificado, diferindo-se do trecho anterior onde apresenta padrão meândrico.

Rio Jaú: tal qual a bacia do rio Unini, relaciona-se a depósitos aluvionares holocênicos. Ambas as margens apresentam contato com a Formação Prosperança.

Rio Carabinani: assemelha-se às bacias dos rios Unini e Jaú, associando-se a depósitos aluvionares holocênicos. Relaciona-se à Formação Trombetas, responsável por seus trechos encachoeirados do período Siluriano e à Formação Alter do Chão, depósito sedimentar do período Cretáceo.

Classificação morfoestrutural do relevo:

Pediplano Rio Branco – Rio Negro: ocupa a porção Norte da Folha SA. 20, com uma abrangência equivalente a 21% da área, o que o caracteriza como segundo maior domínio do mapeamento. Limita-se ao sul com o Planalto Rebaixado da Amazônia (Occidental), sendo o próprio rio Negro limite entre as duas unidades, exceto nas áreas de Barcelos e Santa Isabel (este último município não abrangido por nosso estudo) quando o limite se estende um pouco mais e contatam com as áreas de acumulação inundáveis. O relevo está sobre rochas pré-cambrianas do Complexo Guianense e sedimentos aluvionares (Costa *et al.* 1978: 191-2).

Planalto Rebaixado da Amazônia (Occidental): unidade de maior extensão identificada durante o mapeamento que constitui a folha SA. 20 têm abrangência equivalente a 52,3% da área mapeada. A unidade ocorre nas proximidades dos rios Jaú e Unini, equivalendo à interflúvios tabulares. Seu limite sul é o rio Manacapuru. Já ao norte limita-se, como já citado, à unidade Pediplano Rio Branco – Rio Negro, a leste limita-se com a área de interflúvio dos rios Negro e Solimões. O relevo está sobre sedimentos aluvionares (*idem* p. 196).

Planalto Dissecado Rio Trombetas – Rio Negro: unidade que abrange 7,8% da folha SA. 20. Abrange desde o rio Carabinani, passando pelo município de Novo Airão ao município de Manaus. Compreende formações aluvionares, as formações Trombetas e Prosperança. Dentre os tributários de margem esquerda do rio Negro nesta unidade estão os rios Baependi, Apuaú, Cuieiras, Igarapés Tarumã Mirim e Açu (*idem* p.199).

Anexo 2: Mapa vegetacional das áreas protegidas do Baixo Rio Negro. Cedido com autorização pela FVA.

Anexo 3: Mapa com os sítios arqueológicos identificados por Mário Simões (Projeto Rio Negro entre as décadas de 1970 e 1980).

Anexo 4: Prancha com as principais formas e cronologia do material cerâmico coletado por Mário Simões no Projeto Rio Negro. Notar entre as tradições regionais a fase Unini, definida a partir de sítio identificado na foz do rio Unini.

FONTE: SIMÕES, M.; KALKMANN, A. Pesquisas Arqueológicas no Médio Rio Negro (Amazonas).
Revista de Arqueologia, v.4, n. 1, 1987.

Sítios Arqueológicos do Médio e Baixo Rio Negro (AM)

Escala Absoluta - 1:1.000.000
Base Cartográfica - IBGE (2006)
Datum WGS84 Zonas 20M e 21M
Shape de Sítios Arqueológicos elaborado
com base nas referências presentes na tabela.
Mapa elaborado por: Michel B. Flores da Silva - 29/10/2013

Legenda

- Sítios Arqueológicos
- Igarapés e Rios
- Municípios
- UF Brasil
- Limite Amazonas
- Massas d'água
- Limite Amazônia Legal
- Área de Estudo

ID	Nome do Sítio	Coord. X	Coord. Y	Zona	Referência de Pesquisa	ID	Nome do Sítio	Coord. X	Coord. Y	Zona	Referência de Pesquisa	ID	Nome do Sítio	Coord. X	Coord. Y	Zona	Referência de Pesquisa	ID	Nome do Sítio	Coord. X	Coord. Y	Zona	Referência de Pesquisa	ID	Nome do Sítio	Coord. X	Coord. Y	Zona	Referência de Pesquisa												
1	Santa Rosa	747320	972735	20M	SIMÕES, 1974	24	Pedro II	546237	987351	20M	SIMÕES, 1978	47	Comunidade do Arara	789049	966646	20M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	70	Tatu	802651	9661650	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	93	Germano	797552	9649443	20M	NEVES, 2003	116	Vila Nova	660489	9826331	20M	LIRA, 2009	139	Castanho	696671	9771355	20M	LIRA, 2009
2	Terra Preta	751017	9727286	20M	SIMÕES, 1974	25	Manaus	526812	9881387	20M	SIMÕES, 1978	48	Daisaku Ikeda	176927	9655311	21M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	71	Terra Preta	781470	9676932	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	94	Zenaide	795862	9651841	20M	NEVES, 2003	117	Tapira	586238	9804797	20M	LIRA, 2009	140	Igrejinha	694146	9776070	20M	LIRA, 2009
3	Carri	784919	9693872	20M	SIMÕES, 1974	26	Quemacubau	496533	9913415	20M	SIMÕES, 1978	49	Estrada Santa Belvíria	167677	9699613	21M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	72	Tony Medeiros	181753	9664793	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	95	Serra Baixa	797821	9653433	20M	NEVES, 2003	118	Lago das Pedras	546277	9818749	20M	LIRA, 2009	141	Miruba	690197	9790320	20M	LIRA, 2009
4	Tucunará	783985	9692325	20M	SIMÕES, 1974	27	Canaúri	665996	9813004	20M	SIMÕES, 1978	50	Fortaleza	169066	9670416	21M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	73	UDV	178782	9666660	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	96	Araú	793249	9654301	20M	NEVES, 2003	119	Manapana	559566	9791345	20M	LIRA, 2009	142	Santo Elias	689120	9782826	20M	LIRA, 2009
5	Vila	777290	9688163	20M	SIMÕES, 1974	28	Caco de Prata	663484	9814419	20M	SIMÕES, 1978	51	Igarapé do Jaraquí	1667235	20M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	74	Vovó	168759	9669400	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	97	Fé em Deus	809153	9656137	20M	NEVES, 2003	120	Vista Alegre	519527	9810616	20M	LIRA, 2009	143	Raimundo Neto	697478	9765790	20M	LIRA, 2009	
6	Ubim	757982	9710224	20M	SIMÕES, 1978	29	Quaru	560731	9886136	20M	SIMÕES, 1978	52	Japiim	169508	9655874	21M	F. COSTA, H. LIMA, 2006	75	Vanderlândia	816689	9652619	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	98	Dona Irene	807326	9657487	20M	NEVES, 2003	121	Lago das Bombas	551467	9792400	20M	LIRA, 2009; LIMA, 2012	144	Terra Nova	631322	9814349	20M	LIRA, 2009
7	São José I	675269	9788815	20M	SIMÕES, 1978	30	Murumuru	652084	9846862	20M	SIMÕES, 1983	53	Lajes	177266	9655681	21M	SIMÕES, 1974	76	Igarapé do Testa I	816352	9651939	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	99	Pericatuba	807249	9659001	20M	NEVES, 2003	122	Floresta	547343	9794769	20M	LIRA, 2009; LIMA, 2012	145	Tanaú	657933	9851743	20M	VALLE et al. 2009
8	São José II	674072	9788930	20M	SIMÕES, 1978	31	Sítio #1	667742	9794529	20M	HECKENBERGER, 1997	54	Manaus	830360	9653169	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	77	Igarapé do Testa II	816488	9652177	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	100	Belo Horizonte	805892	9656783	20M	NEVES, 2003	123	Pedral Ponta do laço	673127	9791723	20M	VALLE, 2012	146	Arabiana	653560	9856048	20M	VALLE et al. 2009
9	Tanaú	656800	9847895	20M	SIMÕES, 1978	32	Sítio #2	669932	9806380	20M	HECKENBERGER, 1997	55	Nilton Lins	775475	9689005	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	78	Lago do Testa I	816262	9651764	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	101	Boca do Castanho	804749	9659001	20M	NEVES, 2003	124	Pedral do Jau 1	674136	9789399	20M	VALLE, 2012	147	Arabiana 2	652234	9856692	20M	VALLE et al. 2009
10	Corudique	686134	9789310	20M	SIMÕES, 1983	33	Sítio #3	670066	9800366	20M	HECKENBERGER, 1997	56	Nossa Senhora da Saúde	777662	9687851	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	79	Fazenda São Pedro	824533	9647087	20M	NEVES, 2003	102	Cachoeira do Castanho	801557	9656996	20M	NEVES, 2003	125	Pedral do Jau 2	674028	9789412	20M	VALLE, 2012	148	Palestina	655088	9857341	20M	VALLE et al. 2009
11	Camanaú	697361	9785545	20M	SIMÕES, 1983	34	Sítio #4	672632	9784537	20M	HECKENBERGER, 1997	57	Nova Canaã	783349	9691353	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	80	Tokhiro	821020	9645486	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	103	Cachoeira	800737	9656171	20M	NEVES, 2003; H. LIMA, 2008	126	Pedral do Jau 3	673836	9789438	20M	VALLE, 2012	149	Gaspar	660892	9874852	20M	VALLE et al. 2009
12	Marajá	744542	9695938	20M	SIMÕES, 1983	35	Sítio #5	673362	9782982	20M	HECKENBERGER, 1997	58	Nova Cidade	168916	9668755	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	81	Areal Tomoda	820877	9646664	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	104	Chuva Braba	796240	9656649	20M	NEVES, 2003	127	Pedral do Jau 4	673688	9789499	20M	VALLE, 2012	150	Cemitério Itaquera	658478	9876439	20M	VALLE et al. 2009
13	Calauê I	794150	9665221	20M	SIMÕES, 1983	36	Sítio #6	667704	9782055	20M	HECKENBERGER, 1997	59	Nova Cidade II	168266	9668999	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	82	Ponte Quebrada	814948	9649482	20M	NEVES, 2003	105	Açutuba	792812	9657514	20M	NEVES, 2003; H. LIMA, 2008	128	Pedral do Jau 5	673290	9789457	20M	VALLE, 2012	151	Itaquera	657495	9877218	20M	VALLE et al. 2009
14	Calauê II	791166	9667581	20M	SIMÕES, 1983	37	Sítio #7	663546	9778678	20M	HECKENBERGER, 1997	60	Nova Esperança	785684	9696090	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	83	Cajueiros	814725	9649495	20M	NEVES, 2003	106	Açutuba	778499	9653901	20M	NEVES, 2003	129	Pedral do Jau 6	672013	9789468	20M	VALLE, 2012	152	São Pedro	661833	9881365	20M	VALLE et al. 2009
15	Vista Alegre	672759	9789757	20M	SIMÕES, 1978	38	Sítio #8	660167	9773077	20M	HECKENBERGER, 1997	61	Novo Paraíso	799310	9662913	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	84	Três Irmãos	805919	9650798	20M	NEVES, 2003	107	Praia dos Passaros	821992	9663406	20M	NEVES, 2003	130	Pedral do Jau 7	672704	9785165	20M	VALLE, 2012	153	Samaúma	657546	9896430	20M	VALLE et al. 2009
16	Samambaia	674551	9789999	20M	SIMÕES, 1978	39	Sítio #9	659731	9773209	20M	HECKENBERGER, 1997	62	Paredão I	167358	9651103	21M	HILBERT, 1968; H. LIMA, 2008	85	Acreano	803668	9650093	20M	NEVES, 2003	108	Alphaville	822702	9662437	20M	NEVES, 2003	131	Pedral do Jau 8	662904	9790488	20M	VALLE, 2012	154	Cachoeira da Samaúma	656955	9902584	20M	VALLE et al. 2009
17	Moura	653068	9838366	20M	SIMÕES, 1978	40	Sítio #10	662247	9775945	20M	HECKENBERGER, 1997	63	Ponte Negra	823487	9660019	20M	EVANS & MEGGERS, 1968	86	Areal do Guedes	813239	9646812	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	109	Vila Nunes	871562	9792610	20M	LIRA, 2009	132	Pedral do Unini 2	634343	9815346	20M	VALLE, 2012	155	Nova Vitória	661906	9905454	20M	VALLE et al. 2009
18	Nova Vida	640399	9840160	20M	SIMÕES, 1978	41	Areia Branca	169066	9670446	21M	F. COSTA; H. LIMA, 2006	64	Ponte Velha	169406	9670509	21M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	87	Tracajá	816229	9646147	20M	NEVES, 2003	110	Agrovila	810156	9671551	20M	LIRA, 2009	133	Pedral do Unini 4	629591	9812334	20M	VALLE, 2012	156	Xixauú	660568	9912078	20M	VALLE et al. 2009
19	Muaru	637384	9843663	20M	SIMÕES, 1978	42	Base Naval	172300	9652224	21M	HILBERT, 1958	65	Praia Dourada	823164	9666378	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	88	Minas Gerais	812173	9645180	20M	NEVES, 2003	111	Julílio	810520	9667076	20M	LIRA, 2009	134	Pedral do Unini 6	629376	9811997	20M	VALLE, 2012	157	Xipariri	669092	9924255	20M	VALLE et al. 2009
20	Carvoeiro	610556	9846226	20M	SIMÕES, 1978	43	Boa Esperança	786675	9698958	20M	F. COSTA; H. LIMA, 2006	66	Praia da Lua	818902	9664300	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	89	Nova Esperança	813745	9642560	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	112	Livramento	813680	9664840	20M	LIRA, 2009	135	Pedral Madadá	714552	9745855	20M	VALLE, 2012	158	Merrau	672214	9928276	20M	VALLE et al. 2009
21	Engenho Velho	612105	9845789	20M	SIMÕES, 1978	44	Barreirinha	797286	9705159	20M	F. COSTA; H. LIMA, 2006	67	Refinaria	171638	9652357	21M	HILBERT, 1958	90	Areal do Maracajá	813515	9642378	20M	L. LIMA 2003; NEVES 2003	113	Marina Rio Belo	822802	9664144	20M	LIRA, 2009	136	Pedral do Velho Arão	680915	9786971	20M	VALLE, 2012						
22	Pulucá	584917	9852063	20M	SIMÕES, 1978	45	Boca do Tupé	805133	9662639	20M	SIMÕES, 1974	68	São Sebastião	779456	9688308	20M	COSTA, F.; H. LIMA, 2006	91	Maracajá	805919	9645918	20M	NEVES, 2003	114	Nossa Senhora de Fátima	815283	9665637	20M	LIRA, 2009	137	Arão Velho	679937	9786760	20M	LIRA, 2009						
23	Cavaburis	558812	9868489	20M	SIMÕES, 1978	46	Carvoeira	802027	9662095	20M	F. COSTA; H. LIMA, 2006	69	Siderama	172669	9652932	21M	HILBERT, 1968	92	Jânio	796668	9649355	20M	NEVES, 2003	115	São Sebastião	811532	9671277	20M	LIRA, 2009	138	Bom Jesus	700524	9765370	20M	LIRA, 2009

PROJETO RIO NEGRO SÍTIO FLORESTA PERFIS ESTRATIGRÁFICOS-TRADAGENS

LEGENDA

2.5Y 3/2 Very dark grayish brown	7.5YR 3/3 Dark brown	10YR 4/3 Brown
2.5 Y 6/1 Gray	7.5YR 3/4 Dark brown	10YR 4/4 Dark yellowish brown
2.5 Y 6/2 Light Brownish Yellow	7.5YR 4/3 Brown	10YR 4/6 Dark yellowish brown
2.5Y 6/8 Olive Yellow	7.5YR 4/4 Brown	10YR 5/2 Grayish brown
2.5Y 7/1 Light gray	7.5YR 4/6 Strong brown	10YR 5/4 Yellowish brown
5Y 7/1 White	7.5YR 5/6 Strong brown	10YR 5/6 Yellowish Brown
10R 4/8 Red	7.5YR 5/8 Strong brown	10YR 5/8 Yellowish brown
10R 5/8 Red	7.5YR 6/6 Reddish brown	10YR 6/4 Light yellowish brown
2.5YR 4/6 Red	7.5YR 7/1 Light gray	10YR 6/6 Brownish yellow
2.5YR 4/8 Red	7.5YR 8/2 Pinkish white	10YR 6/8 Brownish yellow
2.5YR 8/1 White	10YR 2/2 Very dark brown	10YR 7/1 Light gray
5YR 4/4 Reddish brown	10YR 3/2 Very dark grayish brown	10YR 7/3 Very pale brown
5YR 4/6 Yellowish red	10YR 3/3 Dark brown	10YR 8/1 White
5YR 5/6 Yellowish red	10YR 3/4 Dark yellowish brown	10YR 8/2 Very pale brown
5YR 5/8 Yellowish red	10YR 3/6 Dark yellowish brown	10YR 8/3 Very pale brown
5YR 8/1 White	10YR 4/2 Dark grayish brown	10YR 8/4 Very pale brown
		10YR 8/6 Very pale brown
		10YR 8/8 Very pale brown
		10YR 8/10 Very pale brown
		10YR 8/12 Very pale brown
		10YR 8/14 Very pale brown
		10YR 8/16 Very pale brown
		10YR 8/18 Very pale brown
		10YR 8/20 Very pale brown
		10YR 8/22 Very pale brown
		10YR 8/24 Very pale brown
		10YR 8/26 Very pale brown
		10YR 8/28 Very pale brown
		10YR 8/30 Very pale brown
		10YR 8/32 Very pale brown
		10YR 8/34 Very pale brown
		10YR 8/36 Very pale brown
		10YR 8/38 Very pale brown
		10YR 8/40 Very pale brown
		10YR 8/42 Very pale brown
		10YR 8/44 Very pale brown
		10YR 8/46 Very pale brown
		10YR 8/48 Very pale brown
		10YR 8/50 Very pale brown
		10YR 8/52 Very pale brown
		10YR 8/54 Very pale brown
		10YR 8/56 Very pale brown
		10YR 8/58 Very pale brown
		10YR 8/60 Very pale brown
		10YR 8/62 Very pale brown
		10YR 8/64 Very pale brown
		10YR 8/66 Very pale brown
		10YR 8/68 Very pale brown
		10YR 8/70 Very pale brown
		10YR 8/72 Very pale brown
		10YR 8/74 Very pale brown
		10YR 8/76 Very pale brown
		10YR 8/78 Very pale brown
		10YR 8/80 Very pale brown
		10YR 8/82 Very pale brown
		10YR 8/84 Very pale brown
		10YR 8/86 Very pale brown
		10YR 8/88 Very pale brown
		10YR 8/90 Very pale brown
		10YR 8/92 Very pale brown
		10YR 8/94 Very pale brown
		10YR 8/96 Very pale brown
		10YR 8/98 Very pale brown
		10YR 8/100 Very pale brown
		10YR 8/102 Very pale brown
		10YR 8/104 Very pale brown
		10YR 8/106 Very pale brown
		10YR 8/108 Very pale brown
		10YR 8/110 Very pale brown
		10YR 8/112 Very pale brown
		10YR 8/114 Very pale brown
		10YR 8/116 Very pale brown
		10YR 8/118 Very pale brown
		10YR 8/120 Very pale brown
		10YR 8/122 Very pale brown
		10YR 8/124 Very pale brown
		10YR 8/126 Very pale brown
		10YR 8/128 Very pale brown
		10YR 8/130 Very pale brown
		10YR 8/132 Very pale brown
		10YR 8/134 Very pale brown
		10YR 8/136 Very pale brown
		10YR 8/138 Very pale brown
		10YR 8/140 Very pale brown
		10YR 8/142 Very pale brown
		10YR 8/144 Very pale brown
		10YR 8/146 Very pale brown
		10YR 8/148 Very pale brown
		10YR 8/150 Very pale brown
		10YR 8/152 Very pale brown
		10YR 8/154 Very pale brown
		10YR 8/156 Very pale brown
		10YR 8/158 Very pale brown
		10YR 8/160 Very pale brown
		10YR 8/162 Very pale brown
		10YR 8/164 Very pale brown
		10YR 8/166 Very pale brown
		10YR 8/168 Very pale brown
		10YR 8/170 Very pale brown
		10YR 8/172 Very pale brown
		10YR 8/174 Very pale brown
		10YR 8/176 Very pale brown
		10YR 8/178 Very pale brown
		10YR 8/180 Very pale brown
		10YR 8/182 Very pale brown
		10YR 8/184 Very pale brown
		10YR 8/186 Very pale brown
		10YR 8/188 Very pale brown
		10YR 8/190 Very pale brown
		10YR 8/192 Very pale brown
		10YR 8/194 Very pale brown
		10YR 8/196 Very pale brown
		10YR 8/198 Very pale brown
		10YR 8/200 Very pale brown
		10YR 8/202 Very pale brown
		10YR 8/204 Very pale brown
		10YR 8/206 Very pale brown
		10YR 8/208 Very pale brown
		10YR 8/210 Very pale brown
		10YR 8/212 Very pale brown
		10YR 8/214 Very pale brown
		10YR 8/216 Very pale brown
		10YR 8/218 Very pale brown
		10YR 8/220 Very pale brown
		10YR 8/222 Very pale brown
		10YR 8/224 Very pale brown
		10YR 8/226 Very pale brown
		10YR 8/228 Very pale brown
		10YR 8/230 Very pale brown
		10YR 8/232 Very pale brown
		10YR 8/234 Very pale brown
		10YR 8/236 Very pale brown
		10YR 8/238 Very pale brown
		10YR 8/240 Very pale brown
		10YR 8/242 Very pale brown
		10YR 8/244 Very pale brown
		10YR 8/246 Very pale brown
		10YR 8/248 Very pale brown
		10YR 8/250 Very pale brown
		10YR 8/252 Very pale brown
		10YR 8/254 Very pale brown
		10YR 8/256 Very pale brown
		10YR 8/258 Very pale brown
		10YR 8/260 Very pale brown
		10YR 8/262 Very pale brown
		10YR 8/264 Very pale brown
		10YR 8/266 Very pale brown
		10YR 8/268 Very pale brown
		10YR 8/270 Very pale brown
		10YR 8/272 Very pale brown
		10YR 8/274 Very pale brown
		10YR 8/276 Very pale brown
		10YR 8/278 Very pale brown
		10YR 8/280 Very pale brown
		10YR 8/282 Very pale brown
		10YR 8/284 Very pale brown
		10YR 8/286 Very pale brown
		10YR 8/288 Very pale brown
		10YR 8/290 Very pale brown
		10YR 8/292 Very pale brown
		10YR 8/294 Very pale brown
		10YR 8/296 Very pale brown
		10YR 8/298 Very pale brown
		10YR 8/300 Very pale brown
		10YR 8/302 Very pale brown
		10YR 8/304 Very pale brown
		10YR 8/306 Very pale brown
		10YR 8/308 Very pale brown
		10YR 8/310 Very pale brown
		10YR 8/312 Very pale brown
		10YR 8/314 Very pale brown
		10YR 8/316 Very pale brown
		10YR 8/318 Very pale brown
		10YR 8/320 Very pale brown
		10YR 8/322 Very pale brown
		10YR 8/324 Very pale brown
		10YR 8/326 Very pale brown
		10YR 8/328 Very pale brown
		10YR 8/330 Very pale brown
		10YR 8/332 Very pale brown
		10YR 8/334 Very pale brown
		10YR 8/336 Very pale brown
		10YR 8/338 Very pale brown
		10YR 8/340 Very pale brown
		10YR 8/342 Very pale brown
		10YR 8/344 Very pale brown
		10YR 8/346 Very pale brown
		10YR 8/348 Very pale brown
		10YR 8/350 Very pale brown
		10YR 8/352 Very pale brown
		10YR 8/354 Very pale brown
		10YR 8/356 Very pale brown
		10YR 8/358 Very pale brown
		10YR 8/360 Very pale brown
		10YR 8/362 Very pale brown
		10YR 8/364 Very pale brown
		10YR 8/366 Very pale brown
		10YR 8/368 Very pale brown
		10YR 8/370 Very pale brown
		10YR 8/372 Very pale brown
		10YR 8/374 Very pale brown
		10YR 8/376 Very pale brown
		10YR 8/378 Very pale brown
		10YR 8/380 Very pale brown
		10YR 8/382 Very pale brown
		10YR 8/384 Very pale brown
		10YR 8/386 Very pale brown
		10YR 8/388 Very pale brown
		10YR 8/390 Very pale brown
		10YR 8/392 Very pale brown
		10YR 8/394 Very pale brown
		10YR 8/396 Very pale brown
		10YR 8/398 Very pale brown
		10YR 8/400 Very pale brown
		10YR 8/402 Very pale brown
		10YR 8/404 Very pale brown
		10YR 8/406 Very pale brown
		10YR 8/408 Very pale brown
		10YR 8/410 Very pale brown
		10YR 8/412 Very pale brown
		10YR 8/414 Very pale brown
		10YR 8/416 Very pale brown
		10YR 8/418 Very pale brown
		10YR 8/420 Very pale brown
		10YR 8/422 Very pale brown
		10YR 8/424 Very pale brown
		10YR 8/426 Very pale brown
		10YR 8/428 Very pale brown
		10YR 8/430 Very pale brown
		10YR 8/432 Very pale brown
		10YR 8/434 Very pale brown
		10YR 8/436 Very pale brown
		10YR 8/438 Very pale brown
		10YR 8/440 Very pale brown
		10YR 8/442 Very pale brown
		10YR 8/444 Very pale brown
		10YR 8/446 Very pale brown
		10YR 8/448 Very pale brown
		10YR 8/450 Very pale brown
		10YR 8/452 Very pale brown
		10YR 8/454 Very pale brown
		10YR 8/456 Very pale brown
		10YR 8/458 Very pale brown
		10YR 8/460 Very pale brown
		10YR 8/462 Very pale brown
		10YR 8/464 Very pale brown
		10YR 8/466 Very pale brown
		10YR 8/468 Very pale brown
		10YR 8/470 Very pale brown
		10YR 8/472 Very pale brown
		10YR 8/474 Very pale brown
		10YR 8/476 Very pale brown
		10YR 8/478 Very pale brown
		10YR 8/480 Very pale brown
		10YR 8/482 Very pale brown
		10YR 8/484 Very pale brown
		10YR 8/486 Very pale brown
		10YR 8/488 Very pale brown
		10YR 8/490 Very pale brown
		10YR 8/492 Very pale brown
		10YR 8/494 Very pale brown
		10YR 8/496 Very pale brown
		10YR 8/498 Very pale brown
		10YR 8/500 Very pale brown
		10YR 8/502 Very pale brown
		10YR 8/504 Very pale brown
		10YR 8/506 Very pale brown
		10YR 8/508 Very pale brown
		10YR 8/510 Very pale brown
		10YR 8/512 Very pale brown
		10YR 8/514 Very pale brown
		10YR 8/516 Very pale brown
		10YR 8/518 Very pale brown
		10YR 8/520 Very pale brown
		10YR 8/522 Very pale brown
		10YR 8/524 Very pale brown
		10YR 8/526 Very pale brown
		10YR 8/528 Very pale brown
		10YR 8/530 Very pale brown
		10YR 8/532 Very pale brown
		10YR 8/534 Very pale brown
		10YR 8/536 Very pale brown
		10YR 8/538 Very pale brown
		10YR 8/540 Very pale brown
		10YR 8/542 Very pale brown
		10YR 8/544 Very pale brown
		10YR 8/546 Very pale brown
		10YR 8/548 Very pale brown
		10YR 8/550 Very pale brown
		10YR 8/552 Very pale brown
		10YR 8/554 Very pale brown
		10YR 8/556 Very pale brown
		10YR 8/558 Very pale brown
		10YR 8/560 Very pale brown
		10YR 8/562 Very pale brown
		10YR 8/564 Very pale brown
		10YR 8/566 Very pale brown
		10YR 8/568 Very pale brown
		10YR 8/570 Very pale brown
		10YR 8/572 Very pale brown
		10YR 8/574 Very pale brown
		10YR 8/576 Very pale brown
		10YR 8/578 Very pale brown
		10YR 8/580 Very pale brown
		10YR 8/582 Very pale brown
		10YR 8/584 Very pale brown
		10YR 8/586 Very pale brown
		10YR 8/588 Very pale brown
		10YR 8/590 Very pale brown
		10YR 8/592 Very pale brown
		10YR 8/594 Very pale brown
		10YR 8/596 Very pale brown
		10YR 8/598 Very pale brown
		10YR 8/600 Very pale brown
		10YR 8/602 Very pale brown
		10YR 8/604 Very pale brown
		10YR 8/606 Very pale brown
		10YR 8/608 Very pale brown
		10YR 8/610 Very pale brown
		10YR 8/612 Very pale brown
		10YR 8/614 Very pale brown
		10YR 8/616 Very pale brown
		10YR 8/618 Very pale brown
		10YR 8/620 Very pale brown
		10YR 8/622 Very pale brown
		10YR 8/624 Very pale brown
		10YR 8/626 Very pale brown
		10YR 8/628 Very pale brown
		10YR 8/630 Very pale brown
		10YR 8/632 Very pale brown
		10YR 8/634 Very pale brown
		10YR 8/636 Very pale brown
		10YR 8/638 Very pale brown
		10YR 8/640 Very pale brown
		10YR 8/642 Very pale brown
		10YR 8/644 Very pale brown
		10YR 8/646 Very pale brown
		10YR 8/648 Very pale brown
		10YR 8/650 Very pale brown
		10YR 8/652 Very pale brown
		10YR 8/654 Very pale brown
		10YR 8/656 Very pale brown
		10YR 8/658 Very pale brown
		10YR 8/660 Very pale brown
		10YR 8/662 Very pale brown
		10YR 8/664 Very pale brown
		10YR 8/666 Very pale brown
		10YR 8/668 Very pale brown
		10YR 8/670 Very pale brown
		10YR 8/672 Very pale brown
		10YR 8/674 Very pale brown
		10YR 8/676 Very pale brown
		10YR 8/678 Very pale brown
		10YR 8/680 Very pale brown
		10YR 8/682 Very pale brown
		10YR 8/6

Projeto Rio Negro - Rio Unini

Ficha Número
de _____

Sítio: _____

Data: _____

Quadra:	Nível:	PN:	Quadra:	Nível:	PN:	Quadra:	Nível:	PN:	Quadra:	Nível:	PN:
Categoria	Quantidade	Peso	Categoria	Quantidade	Peso	Categoria	Quantidade	Peso	Categoria	Quantidade	Peso
Borda decorada			Borda decorada			Borda decorada			Borda decorada		
Borda sem dec.			Borda sem dec.			Borda sem dec.			Borda sem dec.		
Base decorada			Base decorada			Base decorada			Base decorada		
Base sem dec.			Base sem dec.			Base sem dec.			Base sem dec.		
Parede decorada			Parede decorada			Parede decorada			Parede decorada		
Parede sem dec.			Parede sem dec.			Parede sem dec.			Parede sem dec.		
Parede com marca de uso			Parede com marca de uso			Parede com marca de uso			Parede com marca de uso		
Aplique			Aplique			Aplique			Aplique		
Artefato lítico			Artefato lítico			Artefato lítico			Artefato lítico		
Bolota de argila			Bolota de argila			Bolota de argila			Bolota de argila		
Preenchido:			Preenchido:			Preenchido:			Preenchido:		
Observações:			Observações:			Observações:			Observações:		

1. CAT- Categoria

- 0: Não Identificada
- 1: Parede
- 2: Borda
- 3: Base
- 4: Bolota de Argila
- 5: Rodela de Fuso
- 6: Forma Conjugada
- 7: Carena/Inflexão
- 8: Rolete
- 9: Gargalo
- 10: Asa
- 11: Flange
- 12: Cachimbo
- 13: Alça
- 14: Aplique/Apêndice
- 15: Suporte de Tampa
- 16: Adorno
- 17: Ombro
- 18: Outro

2. ESP - Espessura do Fragmento (cm)**3. TV - Tamanho da Vasilha (cm)**

Distância Borda/Base

4. TM - Técnica de Manufatura

- 0: Não identificada
- 1: Roletado
- 2: Modelado
- 3: Moldado
- 4: Placas

5. AP - Antiplástico**5.1. TP - Tipo**

- 1: Cauixí
- 2: Cariapé
- 3: Caco Moído
- 4: Carvão
- 5: Cariapé B
- 6: Mineral
- 7: Concha
- 8: Argila Moída
- 9: Outros

5.2. ESP - Espessura

- 1: menor (<) que 1mm
- 2: 1mm ≤ e < 3mm
- 3: 3mm ≤ e < 5mm
- 4: ≤ 5mm

5.3. PCT - Porcentagem

- 1: 5%
- 2: 10%
- 3: 20%
- 4: 30%

6. CSU - Cor da Superfície (FI / FE)

- 1: Branco
- 2: Ocre
- 3: Laranja A (variação clara)
- 4: Vermelho
- 5: Cinza
- 6: Preto
- 7: Marrom
- 8: Laranja B (variação escura)
- 9: Rosa

7. QM - Queima

- 1: Núcleo claro (Completa)
- 2: Núcleo escuro (Incompleta)
- 3: Núcleo Claro interno/Núcleo Escuro Externo (Incompleta)
- 4: Núcleo Escuro interno/Núcleo Claro Externo (Incompleta)
- 5: Mista

8. EC - Estado de Conservação (FI / FE)

- 1: Não erodido
- 2: Ausência da camada superficial
- 3: Craquele
- 4: Radícula
- 5: Vestígios da escavação

9. AL- Alisamento (FI / FE)

- 0: Não identificado
- 1: Fino
- 2: Médio
- 3: Grosso
- 4: Polido

10. TS - Tratamento de Superfície (FI / FE)

- 0: Não identificado ou Ausente
- 1: Engobo Vermelho
- 2: Engobo Branco
- 3: Engobo Marrom
- 4: Esfumarado
- 5: Engobo preto
- 6: Barbotina rosa
- 7: Barbotina Ocre

- 8: Barbotina Preta
- 9: Barbotina Marrom
- 10: Barbotina Vermelha

11. MC - Marcas

- 1: Folha
- 2: Furo
- 3: Cestaria
- 4: Marca de Dedo
- 5: Estrias de Alisamento
- 6: Outros

12. SU - Sinais de Uso

- 1: Fuligem FI
- 2: Fuligem FE
- 3: Película de Alimento FI
- 4: Reciclagem

13. CV - Contorno do Vaso

- 1: Simples
- 2: Composto
- 3: Complexo

14. ESL - Espessura do Lábio (cm)**15. DI – Diâmetro****16. PB - Porcentagem da Borda****17. IB - Inclinação da Borda/Morfologia do Vaso**

- 1: Vertical
- 2: Restritiva
- 3: Irrestritiva

18. MB - Morfologia da Borda

- 1: Direta
- 2: Extrovertida
- 3: Introvertida
- 4: Cambada
- 5: Extrovertida c/ ponto angular
- 6: Extrovertida c/ ondulação
- 7: Flange próximo à borda

19. FB - Forma da Borda

- 1: Expandida
- 2: Roletada Int.
- 3: Roletada Ext.
- 4: Dobrada

- 5: Contraída
- 6: Vazada (oca)
- 7: Acanalada
- 8: Reta
- 9: Arredondada
- 10: Biselada
- 11: Afilada
- 12: Apontada
- 13: Flange próximo à borda
- 14: Flange labial

20. AL - Acabamento do Lábio

- 1: Arredondado
- 2: Plano
- 3: Serrilhado
- 4: Ungulado
- 5: Cortado
- 6: Inciso
- 7: Exciso
- 8: Acanalado
- 9: Digitado
- 10: Pontado
- 11: Modelado
- 12: Pintado
- 13: Engobo

21. TB – Tipo de Base

- 1: Plana
- 2: Côncava
- 3: Convexa
- 4: Anelar
- 5: Em pedestal

22. DB - Diâmetro da Base (cm)**23. TLD - Tipo e Local da Decoração**

- 1: Pintada Interna
- 2: Pintada Externa
- 3: Plástica Interna
- 4: Plástica Externa
- 5: Engobo Interno
- 6: Engobo Externo

24. DP - Decoração Plástica

- 1: Acanalado
- 2: Incisão
- 3: Excisão
- 4: Pontado
- 5: Corrugado
- 6: Digitungulado

- 7: Aplique Modelado
- 8: Roletes Aplicados
- 9: Esfera aplicada
- 10: Impressão de corda
- 11: Escovado
- 12: Marca de dedo

25. MD - Motivo Decoração Plást. / Pintura

- 1: Horizontal
- 2: Vertical Curta
- 3: Vertical Longa
- 4: Transversal
- 5: Trançada
- 6: Triangular
- 7: Angular
- 8: Espiral
- 9: Ondular
- 10: Circulínea
- 11: Em grega
- 12: Sem Padrão
- 13: Geométrico

26. CP - Cor da Pintura / Engobo

- 1: Vinho
- 2: Vermelho
- 3: Alaranjado
- 4: Amarelo
- 5: Preto
- 6: Branco
- 7: Negativo
- 8: Marrom

27. LDI - Local da Dec. FI

- 1: Lábio
- 2: Borda
- 3: Bojo Superior
- 4: Bojo Inferior
- 5: Parede
- 6: Base
- 7: Aplique
- 8: Flange Labial

28. LDE - Local da Dec. FE

- 1: Lábio
- 2: Borda
- 3: Bojo Superior
- 4: Bojo Inferior
- 5: Parede
- 6: Base
- 7: Aplique
- 8: Flange Mesial
- 9: Flange Labial

Anexo 9: Protocolo de análise dos vasos inteiros.**Projeto Rio Negro****Protocolo para análise de vasos inteiros****SÍTIO:****REGIÃO:****IDENTIFICAÇÃO DA PEÇA:****IDENTIFICAÇÃO DE CONTEXTO:**

- Nível:
- Camada:
- Datas associadas:
- Outras informações pertinentes (setor do sítio, associação com outros setores do sítio, etc.):

MANUFATURA:

- Borda/Lábio:
- Base:
- Parede:
- Apliques:
- Asa:
- Alça:
- Cadeia de produção:
- Alisamento:
- Outras informações pertinentes:

MEDIDAS (CM):

- Altura total:
- Altura bojo:
- Altura resto do vaso:
- Outras alturas importantes:
- Diâmetro da boca:
- Diâmetro da base:
- Diâmetro do Bojo (para vasos restritivos):
- Espessura da parede:
- Espessura da base:
- Espessura do lábio:
- Outras espessuras importantes (alça, flange, asa):

QUEIMA:

- Núcleo (observado na fratura):
- Coloração na face interna:
- Coloração na face externa:

MORFOLOGIA DO VASO:

- Base:
- Corpo:
- Borda:
- Lábio:
- Apêndices:
- Apliques:
- Flanges:
- Outras informações pertinentes:

MARCAS DE USO:

Face interna:

- Marcas claras:
 1. Formato:
 2. Distribuição:
 3. Local:
 4. Outras informações pertinentes:
- Marcas escuras:
 1. Formato:
 2. Distribuição
 3. Local:
 4. Outras informações pertinentes:
- Fuligem
 1. Distribuição: Regular ☐ Irregular ☐
 2. Local:
- Outras marcas:

Face externa:

- Marcas claras:
 1. Formato:
 2. Distribuição:
 3. Local:
 4. Outras informações pertinentes:

- Marcas escuras:
 1. Formato:
 2. Distribuição
 3. Local:
 4. Outras informações pertinentes:

- Fuligem
 1. Distribuição: Regular ☐ Irregular ☐

2. Local:

- Outras marcas:

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE:

Alisamento:

Engobo/Banho:

ENGOBO/BANHO (ESPECIFICAR)

Cor:

Distribuição: Regular ☐ Irregular ☐

Sobreposição de pintura e/ou outro atributo:

Localização da pintura

Outras informações pertinentes:

CAMPO DECORATIVO

Técnica (s) utilizada (s):

Face:

Distribuição no vaso: Regular ☐ Irregular ☐

Preenchimento do vaso:

Tipo de decoração Plástica:

Cor da pintura:

Extensão:

Proporção dos motivos:

Uso do vaso como campo:

Anexo 10: Quantificação cerâmica do sítio Lago das Pombas.

PROJETO RIO NEGRO –RIO UNINI - DADOS QUANTITATIVOS DA CERÂMICA DO SÍTIO LAGO DAS POMBAS

PROJETO RIO NEGRO - RIO UNINI- SÍTIO LAGO DAS POMBAS (N1021 E1011) Quantificação do material cerâmico n = 4389																		
Categoria	Profundidade (níveis artificiais de 10 cm)																	Total
	10-20	20-30	30-40	40-50	50-60	60-70	70-80	80-90	90-100	100-110	110-120	120-130	130-140	140-150	150-160	160-170	180-190	
Bordas																		
PESO (G)	30	64	262	66	372	344	372	714	442	72	34	212	450	404	302	60	0	4200
QTD	2	4	22	8	23	16	26	37	18	6	4	12	28	24	19	2	0	251
Bases																		
PESO (G)	54	120	86	188	92	38	204	24	442	144	16		176	20	46			1650
QTD	3	3	2	5	4	1	8	2	10	5	2		8	1	1			55
Paredes																		
PESO (G)	96	530	1684	558	1000	1552	2452	2274	2180	678	244	1129	1398	844	418	126	2	17165
QTD	27	97	342	195	315	460	345	380	316	182	63	272	354	197	71	16	1	3633
Bolotas de argila																		
PESO (G)	128	102	242	106	176		158	160	354	130	20	276	506	558	298			3214
QTD	23	13	29	30	58		25	28	38	22	5	33	84	53	7			448
Apêndice																		
PESO (G)				12					34									46
QTD				1					1									2
Total do Peso																		26275
Quantidade Total																		4389

PROJETO RIO NEGRO - RIO UNINI- SÍTIO LAGO DAS POMBAS (N1022 E 1011) Quantificação do material cerâmico n = 3458																	
Categoria	Profundidade (níveis artificiais de 10 cm)																Total
	0-10	10-20	20-30	30-40	40-50	50-60	60-70	70-80	80-90	90-100	100-110	110-120	120-130	130-140	140-150	150-160	
Bordas																	
PESO (G)		172	134	62	94	250	398	312	138	10	342	788	184	52			2936
QTD		8	12	2	9	26	24	22	7	1	32	31	14	2			190
Bases																	
PESO (G)		76	16	230		60	230	116	12		30	72	164				1006
QTD		3	1	5		4	6	4	1		3	2	3				32
Paredes																	
PESO (G)	262	638	760	550	730	1270	1946	940	410	188	1510	1466	878	170	42	12	11772
QTD	21	146	180	154	210	202	440	180	116	61	421	396	252	50	8	6	2843
Bolotas de argila																	
PESO (G)	10	188	130	118	288	200	128	134	64	142	240	440	244	30	14	28	2398
QTD	1	53	18	10	38	42	25	26	16	18	43	56	39	2	3	1	391
Apêndice																	
PESO (G)					20			28									48
QTD					1			1									2
Total do Peso																	18160
Quantidade Total																	3458

**Anexo 11: Pranchas de fotos das cerâmicas do
sítio Lago das Pombas.**

PERÍODO INICIAL

222-58
FACE EXTERNA

222-58
FACE INTERNA

315-23

316-3

222-49

317-1

316-29

315-5

PERÍODO INTERMEDIÁRIO

220-7

245-1

220-20

220-8

220-22

216-24

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
DECORAÇÃO PINTADA E PLÁSTICA
Prancha 1 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO TARDIO

309-2 / 3
FACE EXTERNA

309-2 / 3
FACE INTERNA

307-2a

212-2 / 1a

214-35

212-37a-b

309-56

212-46 / 63

309-8

309-23 / 35

309-31

305-26

206-11

214-47

308-95

212-44

308-32

204-3

308-46

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
DECORAÇÃO PINTADA E PLÁSTICA
Prancha 2 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO INICIAL

316-1

315-25

226-4

224-25

316-33

316-25

PERÍODO INTERMEDIÁRIO

216-2

216-15

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
DECORAÇÃO PLÁSTICA
Prancha 1 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
 MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
 EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO TARDIO

310-4 / 309-45; 46; 20

307-73

306-26

214-1 / 28

206-3

214-64

204-2

305-23a / c

307-43

212-31

306-17

307-33

204-23a / b

204-24

236-1

307-37

307-74

307-41

307-75a / b

307-50

307-95

307-51a / b

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
DECORAÇÃO PLÁSTICA
Prancha 2 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO INICIAL

224-1 / 2

222-36

224-39

314-68

315-28
FACE INTERNA 315-28
FACE EXTERNA

315-32

315-24

315-12

314-66

314-69

315-31

316-2

315-18

224-37

315-22

PERÍODO INTERMEDIÁRIO

214-2

216-1

220-11

220-10

218-3

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
FLANGES LABIAIS
Prancha 1 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
 MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
 EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO TARDIO

305-27A / C

202-1

206-1

267-1

212-103

214-21

202-3

306-5

304-4

212-98A / B

13-1

305-30

307-7

202-13

305-12A / C

204-1

212-26

204-34

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
FLANGES LABIAIS
Prancha 2 / 2

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO TARDIO

307-78

307-79

305-79

306-53A / B

S/ PN

310-10

307-81

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
FLANGES MESIAIS
Prancha 1

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERÍODO TARDIO

309-83
FACE ANTERIOR

309-83
FACE POSTERIOR

202-29 / 302-31
FACE FRONTAL

202-29 / 302-31
PERFIL

204-45

214-18
MODELADO EM RELAÇÃO A BORDA

214-18
DETALHE DO MODELADO

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
MODELADOS
Prancha 1

FOTO E TRATAMENTO DA IMAGEM
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PROJETO RIO NEGRO - SITIO LAGO DAS POMBAS

MOTIVOS GRÁFICOS DA CERÂMICA

PERÍODO OCUPACIONAL	ISOLADOS					COMBINADOS	
	FLANGE LABIAL	BORDA	PAREDE	FLANGE MESIAL	BASE	FLANGE LABIAL	PAREDE
TARDIO	<div> 302-1</div> <div> 202-1</div> <div> 304-1</div> <div> 202-3</div> <div> 204-3</div> <div> 210-12</div> <div> 307-7</div> <div> 210-11</div> <div> 212-98a/b</div> <div> 212-103</div> <div> 214-21</div> <div> 214-2</div>	<div> 303-2</div> <div> 202-14</div> <div> 204-2</div> <div> 307-51</div> <div> 210-47</div>	<div> 304-?</div> <div> 202-25</div> <div> 202-11</div> <div> 202-10</div> <div> 204-24</div> <div> 206-13</div> <div> 204-23</div> <div> 305-2</div> <div> 306-50</div> <div> 206-3</div> <div> 206-12</div> <div> 210-32</div> <div> 210-31</div> <div> 306-26</div> <div> 307-74</div> <div> 208-12</div> <div> 214-1 e 2b</div> <div> 307-73</div> <div> 307-4</div> <div> 307-95</div> <div> 307-37</div> <div> 307-50</div> <div> 307-39</div> <div> 308-47</div> <div> 308-65</div>	<div> 202-11</div> <div> 305-33</div> <div> 306-51</div> <div> 214-61</div> <div> 306-53</div> <div> 307-?</div>	<div> 212-37</div>	<div> 206-1</div>	<div> 306-25</div> <div> 308-46</div> <div> 309-2/3/55</div> <div> 210-10</div>

PERÍODO OCUPACIONAL	ISOLADOS					COMBINADOS	
	FLANGE LABIAL	BORDA	PAREDE	FLANGE MESIAL	BASE	FLANGE LABIAL	PAREDE
INTERMEDIÁRIO	220-10		214-51 216-17 216-15 309-34 310-1				310-5 220-27 218-2
INICIAL	314-68 220-37 314-66 315-22 315-31 315-14 316-32 316-2 224-4 315-28	315-16	315-32 316-25 315-25 316-33 316-1				315-23 222-58 a-e

PERÍODO OCUPACIONAL	ISOLADOS					COMBINADOS	
	FLANGE LABIAL	BORDA	PAREDE	FLANGE MESIAL	BASE	FLANGE LABIAL	PAREDE
INICIAL						224-01
	222-36/37/39
	222-38/50
	222-52
	224-39

Incisão

Incisão + pintura vermelha

Incisão + engobo branco

Incisão dupla

Acanalado

Acanalado duplo

Acanalado + engobo branco

Acanalado + engobo branco fora do grafismo

Acanalado + engobo vermelho

Acanalado + pintura amarela

Incisão + Acanalado

Ponteado

Exciso

Continuação estimada do motivo

Limite do fragmento

Desenhos: Márjorie Lima

Elaboração & Layout: Márjorie Lima, Eduardo Tamanaha

Desenhos sem escala

**Anexo 13: Pranchas com as morfologias dos vasos
do sítio Lago das Pombas.**

CONJUNTO 1A

Descrita a partir de seis fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana e rasa de contorno simples. Têm bordas diretas sem reforço com forma reta, expandida ou contraída. Há uma variação desses vasos com reforço labial (forma 1B). Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (66%) ou plano (33%). Os diâmetros variaram entre 8 cm (forma miniaturizada) e 24 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,61 l e 1,56 l, sendo elipsoidais. Esses vasos ocorreram nas ocupações inicial e tardias do sítio, mas foram mais comuns nessas últimas. Em ambos os momentos as espessuras dos vasos foram muito regulares, entre 0,5 cm e 0,7 cm, sendo as paredes mais espessas associadas apenas à ocupação inicial. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (33%), vinculada tanto aos vasos da ocupação inicial quanto àqueles da ocupação tardia;
- 2) caraipé e mineral (17%), ocorreram de forma semelhante à combinação 1;
- 3) caraipé e carvão (17%), vinculadas apenas à ocupação tardia.

Em todos os casos os antiplásticos foram verificados em baixa-média proporção nas argilas. Nesses vasos, foram verificados alisamentos finos em baixa frequência, podendo ocorrer na face interna ou externa e ainda em ambas. Foram identificados engobo preto isolado (sem associação com outras técnicas) na face externa dos vasos e linha horizontal acanalada próximo à borda também na face externa dos vasos. Em ambos os casos estão associados aos vasos das ocupações tardias. Esses vasos tiveram como resultado de queima núcleos claros (50%), associadas a colorações de superfície bastante variada, apresentando a variação clara e escura do laranja, rosa e preta. As colorações pretas e laranja escuro só foram observadas na face externas dos vasos. Os núcleos escuros (33%) ocorreram associados às cerâmicas com coloração de superfície mais uniformes (a mesma cor foi observada em ambas as faces), sendo laranja clara ou escura. Também foi registrado núcleo misto (17%), associado à coloração mais comum desse conjunto: laranja clara, nesse caso observada nas duas faces do vaso.

ELIPSOIDAIS **PERFIS DE BORDA**

214-X

224-40

316-14

PROJETO RIO NEGRO**SÍTIO LAGO DAS POMBAS****FORMA: 1A**

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 1B

Descrita a partir de 11 fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade rasa de contorno simples, borda diretas com reforço. Esses vasos foram classificados como variação da forma 1A devido à maior frequência na ocupação inicial e ao aplique de um rolete na borda dos vasos (face externa), sem alterar a forma da vasilha. Foram manufaturados por acordelamento e modelagem, técnica verificada em apenas um exemplar da ocupação tardia. Os lábios têm acabamento arredondado (73%), plano (27%). Os diâmetros variaram entre 8 cm (forma miniaturizadas) e 26 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,19 l e 0,86 l, podendo ser semiesféricos ou elipsoidais. Ao contrário da forma 1A, esses vasos ocorreram com maior frequência no final da ocupação tardia de terra preta muito escura e na ocupação inicial. Ainda que tenham sido mais frequentes no primeiro caso, houve um aumento significativo desses vasos na ocupação inicial se comparados à forma 1A. As paredes dos vasos tiveram espessura entre 0,6 cm e 1,4 cm, sendo muito comuns entre 1,2 cm e 1,4 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados cinco tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (36%), ocorreu nas pastas da ocupação inicial e tardia com tamanhos pequenos regulares (<1mm) e baixa-média preponderância;
- 2) caraipé e mineral (27%), verificados apenas nas pastas da ocupação tardia, geralmente com média-alta inserção e pequenos tamanhos (<1mm);
- 3) caraipé e carvão (18%), vinculados tanto à ocupação inicial quanto tardia;
- 4) caraipé (9%), vinculado à ocupação tardia, com média preponderância nas argilas e
- 5) carvão e mineral (9%) vinculado à ocupação inicial com baixa preponderância nas argilas.

Nesses vasos foram identificados alisamentos finos a médios e polimentos, que ocorreu tanto na face interna quanto externa dos vasos. Esses tratamentos foram comuns ao longo de toda a sequência estratigráfica. Foram identificados também engobo vermelho sem associação com outras técnicas na face externa de um vaso da ocupação inicial, onde também foi observada técnica acanalada marcando as duas faces dos vasos, na altura do lábio (face interna) e na parede face externa. O motivo era composto por traços horizontais, verticais curtos e triangular. A marcação dos vasos por meio de acanalados horizontais ou tratamento escovado, ambos associados à engobo vermelho, ocorreu tanto na ocupação inicial quanto tardia. Foi característica da ocupação tardia a marcação das faces externas dos vasos por meio de linha acanalada que delimitava o limite a face externa dos vasos delimitando a borda. Tais quais os vasos associados à forma 1A, esses vasos tiveram maior frequência de cerâmicas com núcleos claros (64%), que ocorreram mais comumente na ocupação tardia, onde estão vinculadas a colorações de superfície marrom ou laranja clara. Na ocupação inicial um único exemplar com essa cor no núcleo teve coloração avermelhada em ambas as faces. As queimas de núcleo escuro ocorreram com maior frequência associadas aos vasos da ocupação inicial (27%), tendo colorações de superfície laranja clara ou vermelho. Foi registrado também núcleo misto (9%) vinculado a um exemplar da ocupação inicial de coloração laranja claro em ambas as faces.

ELIPSOIDAIS **SEMIESFÉRICOS** **PERFIS DE BORDA** **PROJETO RIO NEGRO****SÍTIO LAGO DAS POMBAS****FORMA: 1B**

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 2

Descrita a partir de 32 fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade rasa de contorno composto e flanges labiais. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares e adição de um ou mais roletes nos lábios. Os flanges labiais formaram lábios retos, quando não houve diferença marcada entre a espessura dos flanges e a parede dos vasos e lábios contraídos, quando os flanges labiais tiveram espessura menor que as paredes dos vasos. Em menor medida os flanges podem ser obtidos através da extroversão da borda sem pontos angulares. Os lábios foram arredondados (54,9%), planos (21,9%), além de suas variações com incisão: arredondados com incisão (3,1%) e planos com incisão (3,1%) tendo grande regularidade. Os diâmetros variaram entre 8 cm e 34 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,11 l e 3,37 l, sendo semiesféricos ou elipsoidais. Esses vasos ocorreram nas ocupações inicial e tardia, mas foram mais frequentes nessas últimas. Na ocupação inicial a espessura das paredes dos vasos foi registrada entre 1,2 cm e 1,7 cm e nas ocupações tardias ocorreram entre 0,6 cm e 2,7 cm, sendo mais comum entre 0,9 cm e 1,2 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados quatro tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (46,9%), combinação mais comumente associada às ocupações tardias com baixa e média preponderância nas argilas;
- 2) caraipé e mineral (31,3%), combinação que não ocorreu nas camadas mais recentes do sítio. Essa combinação só foi registrada na ocupação inicial e no início da ocupação tardia de terra preta muito escura de maneira geral com baixa preponderância nas argilas, mas médio tamanho;
- 3) caraipé e carvão (18,8%), ocorreu tanto na ocupação inicial quanto nas tardias, com tamanhos variados e preponderância variada nas pastas;
- 4) caraipé (3,1%), observado em baixa preponderância e tamanho na pasta da cerâmica da ocupação tardia.

Vasos do conjunto 2 ocorreram com muita frequência associados a alisamentos finos em uma ou nas duas faces dos vasos ou alisamento médio em uma face, polimentos ocorreram na face interna ou em ambas. Barbotinas ocorreram nas cores ocre, preta e marrom, independente do tipo de alisamento. Engobos isolados ocorreram raramente, na coloração branca na face externa e preta na face interna. Ao contrário, incisões e acanalados foram predominantes nesse conjunto. Quando marcadas as faces externas formaram linhas horizontais, traços triangulares e angulares sendo localizados nas paredes dos vasos ou bordas. Mas o tipo mais comum é a gravação dos flanges labiais, sendo que todos os vasos da ocupação inicial desse conjunto foram com incisão e/ou acanalado. Quando marcados os vasos da ocupação tardia a técnica incisa foi utilizada para grafar traços horizontais. Em ambos os casos as incisões e acanalados marcavam o limite dos flanges. A combinação desses elementos a pinturas e engobos só ocorreu nos vasos da ocupação tardia com o pigmento vermelho. Esses vasos tiveram uma pequena diferença entre queimas com núcleo claro (51,5%) e queimas com núcleo completamente escuro (45,5%). Quando apresentaram núcleos claros estiveram associadas a colorações de superfícies variadas, sendo as mais comuns às variações claras e escuras do laranja, marrom, ocre e vermelha. Quando ocorreram núcleos escuros foram mais comuns às colorações marrons, laranja clara e preta. Os vasos da ocupação inicial foram particularmente associados a esse tipo de núcleo.

SEMIESFÉRICOS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 2 - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

ELIPSOIDAIS

PERFIS DE BORDA

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 2 - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 3A

315.17
Ø = 14cm (6%)

Descrita a partir de 37 fragmentos de bordas. Vasos abertos com profundidade mediana de contorno simples. Têm bordas diretas sem reforço com forma reta, expandida ou contraída. Foram manufaturados por acordelamento e/ou modelagem. Os lábios têm acabamento arredondado (59,5%) ou plano (37,8%) podendo também ser unculado (2,7%). Os diâmetros variaram entre 8 cm (forma miniaturizada) e 32 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,13 l e 6,41 l, sendo semiesféricos e esféricos. Esses vasos ocorreram ao longo de toda a ocupação do sítio, sendo proporcionalmente semelhante entre nas ocupações tardias e na ocupação inicial. As paredes dos vasos tiveram espessura entre 0,5 cm e 1,7 cm, sendo muito comuns entre 0,6 cm e 0,8 cm. Os vasos da ocupação inicial têm paredes mais espessas entre 0,9 cm e 1 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados seis tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (45,9%), muito comum com média proporção nas pastas ocorreram na ocupação inicial e nas mais tardias, mas foram mais comuns na inicial;
- 2) caraipé, carvão e mineral (32,4%), com baixa-média proporção nas pastas ocorreram em todas as ocupações do sítio;
- 3) caraipé e carvão (13,5%) com baixa proporção nas pastas ocorreram nas ocupações tardias, onde são mais comuns e na ocupação inicial;
- 4) caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila (5,4%), com média proporção nas pastas;
- 5) caraipé, mineral e nódulos de argila (2,7%), com baixa proporção na pasta de vaso da ocupação inicial e
- 6) mineral e cauixi (2,7%), com baixa proporção na pasta de vaso da ocupação tardia.

Vasos do conjunto 3A ocorreram com muita frequência associados a alisamentos finos nas duas faces dos vasos ou apenas na face interna a polimentos na face interna. Alisamentos médios também foram observados geralmente nas duas faces dos vasos. Barbotinas ocorreram nas cores marrom e vermelha sendo essa última a menos frequente. Mais de 50% desses vasos recebeu algum tipo de tratamento plástico, banhos e pinturas, sendo que estes tratamentos foram equivalentes em termos de frequência. Acanalados e incisões ocorreram principalmente isolados nas faces externas dos vasos, compondo linhas horizontais nas bordas e paredes dos vasos. Quando ocorreram associadas à engobos e pinturas foram raras e predominantemente associadas às ocupações tardias. Os pigmentos utilizados no caso dos engobos foi o branco e no caso da pintura o vermelho. As pinturas ocuparam os lábios levemente expandidos dos vasos e os engobos as faces externas. A maneira mais comum de ocorrência dos engobos é a forma isolada, sendo o pigmento vermelho o mais utilizado. Nas faces internas também foram observados em menor medida engobos pretos. Esses vasos possuem em alguns casos fuligem interna e externa, além de marcas enegrecidas de nuvens de queima na face externa. Os resultados de queimas nesses vasos foram bastante variados, sendo os mais frequentes os núcleos completamente escuro (62,3%), associados a colorações de superfície marrom, preta e rosa, sendo muito comum que sejam marrons nas faces internas e pretos nas faces externas. Esse tipo de queima ocorreu ao longo de todas as ocupações. Queimas incompletas também ocorreram com núcleo escuro externo (2,7%), onde os vasos tinham coloração laranja clara (face interna) e preta (face externa) e com núcleos mistos (5,4%) com colorações de superfícies marrons e pretas. Os núcleos claros (29,7%) ocorreram associados a colorações marrons, ocre e rosa que são comuns tanto nas ocupações tardias, quanto na inicial.

SEMIESFÉRICOS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 3A - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

ESFÉRICOS

PN 315.3
D = 20cm (5%)
V = 1,99 L

PN 314.71
D = 16cm (6%)
V = 1,24 L

PN 315.17
D = 14cm (6%)
V = 0,74 L

PN 314.69
D = 13cm (12%)
V = 0,54 L

PN 314.73 a-b
D = 10cm (4%)
V = 0,39 L

PN 202.30
D = 10cm (12%)
V = 0,17 L

PN 222-61
D = 8cm (10%)
V = 0,13 L

PERFIS DE BORDA

214-6

210-12

224-21/15

202-14

224-4

204-16

220-38

302-19

303-53

304-40

312-11

202-17

210-37

308-112

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 3A - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 3B

Descrita a partir de 30 fragmentos de bordas. Vasos abertos com profundidade mediana de contorno simples. Esses vasos são a variação do conjunto 3A, devido aos lábios reforçados, ao local onde foram identificados no depósito e ao tipo de tratamentos de superfície que receberam (também foram observadas variações de queima nos fragmentos). Têm bordas diretas com reforço obtido através da aplicação de um ou mais roletes nos lábios ou próximos a eles. Em alguns casos as bordas também têm grande expansão. Manufaturados por acordelamento e modelagem. Os lábios têm acabamento arredondado (47%) ou plano (43%) podendo também ser plano/ungulado, plano/inciso e plano/acanalado (cada um 3%). Os diâmetros variaram entre 8 cm (forma miniaturizada) e 40 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,11 l e 11,86 l, sendo semiesféricos e esféricos. Esses vasos ocorreram ao longo de toda a ocupação do sítio, contudo foram mais comuns nas ocupações tardias. As paredes dos vasos tiveram espessura entre 0,8 cm e 2,4 cm, sendo mais comuns entre 0,9 cm e 1,1 em todos os momentos em que foram identificadas. Nos fragmentos analisados foram identificados seis tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (43%), com baixa-média proporção nas pastas dos vasos de todas as ocupações do sítio, mas foram mais comuns nos vasos das ocupações tardias;
- 2) caraipé e mineral (20%), com baixa-média proporção nas pastas dos vasos das ocupações tardias;
- 3) caraipé e carvão (20%), com baixa proporção nas pastas dos vasos de todas as ocupações do sítio;
- 4) caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila (10%), com média proporção nas pastas dos vasos da ocupação inicial;
- 5) caraipé (3%), com média proporção na pasta de vaso da ocupação inicial;
- 6) cauixi e mineral (3%), com baixa proporção na pasta de vaso da ocupação tardia.

Nos vasos do conjunto 3B ocorreram alisamentos finos a médios, polimentos só ocorreram nas faces internas e são muito raros. Barbotinas ocorreram mais comumente nas faces externas e foram mais comuns na cor vermelha. Além dos alisamentos 50% desses vasos recebeu tratamentos plásticos, engobos e pinturas, sendo muito comum que os tratamentos plásticos que foram mais frequentes na forma de incisão ocupem a face externa dos vasos associados à engobos. Quando os tratamentos plásticos ocorreram isolados foram igualmente frequentes na ocupação inicial e nas ocupações tardias. Quando ocorreram associadas à engobos foram mais comuns na ocupação tardia, cobrindo apenas as faces externas dos vasos. Quando ocorreram nas duas faces estavam associados à ocupação intermediária do sítio. Em todos os casos o pigmento mais utilizado foi o vermelho, embora nas ocupações tardias haja um maior repertório cromático que inclui o marrom e também o branco, mas estes aparecem em baixíssima frequência. Pinturas são raríssimas e só foram identificadas no início da ocupação tardia de terra preta “muito escura” com pigmento vermelho cobrindo linhas acanaladas. Alguns vasos do conjunto 3B possuem fuligem na face externa. Esses vasos tiveram queimas parcialmente equilibradas entre núcleos claros (57%) e núcleo escuro (40%) e núcleo escuro interno (3%). No primeiro caso estiveram particularmente associadas aos vasos das ocupações tardias, sendo comuns colorações de superfície marrom e a variação clara do laranja. No caso das queimas de núcleo completamente escurecido, foram bastante variadas ocorrendo ao longo de toda a ocupação do sítio, sem condições de ser associado mais a um momento que outro. Foram comuns as colorações de superfície marrom, ocre e vermelha. E no caso de queima incompleta com núcleo interno escuro as faces do vaso tiveram coloração marrom.

SEMIESFÉRICOS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 3B - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

ESFÉRICOS

PERFIS DE BORDA

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 3B - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 4A

Descrita a partir de seis fragmentos de bordas. Vasos abertos fundos de contorno simples. As bordas têm forma reta ou são levemente contraídas. Esses vasos tem uma variação com lábios reforçados (forma 4B). Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (83%) ou plano (17%). Os diâmetros variaram entre 11 cm (forma miniaturizada) e 35 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,89 l e 14,06 l, sendo esféricos. Esses vasos ocorreram de maneira contínua ao longo de todas as ocupações do sítio, ainda que em baixa frequência. Tiveram espessura entre 0,7 cm e 1 cm, independente do momento no qual ocorreram. Foram muito comuns com 1 cm. Nos fragmentos analisados as pastas foram muito variadas, sendo identificados quatro tipos de combinação:

- 1) caraipé, carvão e mineral (33%), com baixa-média proporção nas pastas só ocorreram nos vasos da ocupação intermediária;
- 2) caraipé e mineral (33%), com média proporção nas pastas ocorreram tanto nas pastas dos vasos da ocupação inicial quanto da ocupação tardia de terra preta escura;
- 3) caraipé e carvão (17%), com baixa proporção na pasta de vaso da ocupação tardia de terra preta muito escura e
- 4) caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila (17%), com média proporção na pasta de vaso da ocupação inicial.

Nesses vasos foram identificados alisamentos finos a médios, sendo que em um exemplar da ocupação inicial foi observado tratamento escovado na face externa. Todos os vasos da ocupação tardia foram marcados com acanalados ou incisões na região das bordas, o motivo não foi identificado. Também ocorreu engobo branco na face externa de vaso da ocupação inicial. Um exemplar da ocupação intermediária teve fuligem nas duas faces do vaso. Tiveram queimas completas com núcleo claro na maioria das vezes (83%), associadas a colorações de superfícies amplamente variadas abrangendo as variações clara e escura do laranja, ocre, marrom e rosa. Queimas incompletas com o núcleo completamente escuro ocorreram com menor frequência (17%) em vaso da ocupação intermediária que teve coloração de superfície uniforme laranja clara.

ESFÉRICOS

PN 313.02
D = 35cm (5%)
V = 14,06 L

PN 212.82
D = 11cm (5%)
V = 0,89 L

PERFIS DE BORDA

314-11

204-33

303-2

312-12

212-27

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 4A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 4B

Descrita a partir de três fragmentos de bordas. Vasos abertos fundos de contorno simples com bordas reforçadas. Esses vasos foram classificados como variação da forma 4A devido à frequência com que ocorreram na ocupação inicial e no início da ocupação tardia, além do aplatado na borda dos vasos (face externa). As bordas têm forma reta. Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano. O diâmetro obtido foi de 34 cm, com capacidade volumétrica de 17,38 l, sendo esféricos. Esses vasos só ocorreram na ocupação inicial e no início da ocupação tardia de terra preta muito escura. As paredes tiveram espessura entre 1,2 cm e 1,7 cm. Nos fragmentos analisados ocorreram dois tipos de combinação:

- 1) caraipé e mineral (75%), com média-alta proporção nas pastas da ocupação inicial e da ocupação tardia;
- 2) caraipé, carvão e mineral (25%), com média-alta proporção na pasta de vaso da ocupação tardia.

Alisamentos finos ocorreram na face interna e alisamento médio a grosso nas faces externas. Apenas os vasos da ocupação tardia foram cobertos com engobos, que na face interna foram vermelhos e na face externa foram brancos, onde também foi base para uma faixa fina de pintura vermelha delimitando a borda. Tiveram predominância de queimas com núcleo totalmente escuro, associadas à grande variedade de colorações de superfície entre o vermelho, o marrom e o ocre.

ESFÉRICOS

PN 226.01
D = 34cm (3%)
V = 17,38 L

0 6 12 cm

PERFIS DE BORDA

268-1

306-47

0 1 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 4B

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 5

Descrita a partir de 37 fragmentos de bordas. Vasos abertos fundos ou medianos de contorno composto e flanges labiais. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares e adição de um ou mais roletes nos lábios. Formaram lábios retos ou contraídos (tal qual descrito para o conjunto 2). Os lábios tiveram grande variedade de acabamento, sendo que os planos foram os mais frequentes (41%) e também os que tiveram maior variedade de acabamento, sendo também: plano/acanalado, plano/inciso/acanalado, plano/cortado/inciso/acanalado e plano com engobo (cada um com 3%). Os lábios também tiveram acabamento arredondado (38%), sendo também: arredondado/cortado (5%), arredondado/cortado/acanalado e arredondado/digitado (cada um com 3%). Os diâmetros variaram entre 11 cm e 36 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,54 l e 11,94 l, sendo semiesféricos e esféricos. Esses vasos ocorreram em todas as ocupações do sítio, mas foram mais comuns nas ocupações tardias. As espessuras de suas paredes, logo abaixo dos flanges, variaram entre 0,6 cm e 1,9 cm, sendo mais espessas na ocupação inicial, onde foram comuns entre 1,3 cm e 1,8 cm. Nas ocupações tardias e intermediária foram comuns entre 0,9 cm e 1,1 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados seis tipos de combinação: **1)** caraipé, carvão e mineral (51%), com baixa-média preponderância nas pastas, ocorreu ao longo de toda a ocupação do sítio; **2)** caraipé e mineral (32%), com média preponderância nas pastas, ocorreu na ocupação tardia e intermediária; **3)** caraipé e carvão (8%) com baixa preponderância nas pastas da ocupação tardia e inicial; **4)** carvão e mineral; **5)** caraipé e nódulos de argila e **6)** caraipé (cada um com 3%).

Os três últimos com baixa preponderância nas pastas de vasos da ocupação tardia. Vasos do conjunto 5 tiveram ampla ocorrência de alisamentos finos a médios nas duas faces e em menor medida polimentos nas faces internas. Mais de 60% desses vasos recebeu tratamento plástico em uma de suas faces, sendo que aproximadamente 50% desses vasos recebeu tratamento plástico (incisão e acanalado) associado ou não à engobos e pinturas nos flanges labiais, sendo essa uma de suas principais características. Quando grafados apenas nas faces externas, as incisões foram mais comuns nas paredes dos vasos das ocupações tardias. Os motivos não foram identificados. Independente do momento ocupacional, a gravação dos flanges labiais ocorreu na maior parte das vezes por meio de incisões. Linhas acanaladas geralmente delimitaram o espaço de preenchimento com incisões. Motivos lineares e circunlineares foram os mais comuns. Engobos isolados foram observados cobrindo uma das faces ou raramente em ambas. Quando nas faces internas o pigmento preto foi utilizado, quando nas faces externas foram utilizados o vermelho e o marrom, quando em ambas as faces foi utilizado preto na face interna e vermelho na face externa, dando um efeito bicromico ao vaso. Nesses vasos os núcleos completamente escuros foram os mais frequentes (54%), ocorreram em vasos de todos os momentos ocupacionais e foram predominantes nos vasos da ocupação inicial. As colorações de superfície mais comuns desse tipo de queima foram à variação clara do laranja e marrom, ocorreram em menor medida o preto, o vermelho e a variação escura do laranja. Núcleos claros ocorreram com proporção semelhante (46%), mas apenas associados aos vasos da ocupação intermediária e tardia. As colorações de superfície desses vasos foram mais uniformes, sendo geralmente laranja clara ou marrom em ambas as faces.

ESFÉRICOS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 5 - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

SEMIESFÉRICOS

PERFIS DE BORDA

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 5 - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 6

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana de contorno composto e carena. As bordas têm forma reta ou levemente contraída. Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios tiveram acabamento plano (50%) ou arredondado (50%). Os diâmetros variaram entre 22 cm e 32 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 1,39 l e 5,36 l, sendo semiesféricos. Esses vasos foram característicos das camadas mais profundas dos depósitos, ocorrendo no início da ocupação inicial, na ocupação intermediária entre as duas ocupações de terra preta muito escura e no início da ocupação tardia de terra preta muito escura. As espessuras das paredes desses vasos foram muito uniformes, sendo que na ocupação inicial ocorreram regularmente entre 1,1 cm e 1,2 cm e nas outras com 1,4 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinação:

- 1) caraipé, carvão e mineral (75%), com média proporção nas argilas;
- 2) caraipé e carvão (25%) com média-alta proporção nas argilas e
- 3) caraipé (25%), com baixa proporção nas pastas.

Vasos do conjunto 6 tiveram alisamento fino nas duas faces ou médio na face externa. Apenas o exemplar vinculado à ocupação tardia não foi decorado. Na ocupação inicial e na intermediária essa forma teve uma das faces coberta por engobo branco que é sobreposto por pintura vermelha que ocupou sempre a região entre a borda e a parede dos vasos, barbotinas marrons também foram observados na face interna. Esses vasos tiveram queima com núcleo escuro/incompleta (75%), associados a colorações de superfície variadas entre o vermelho, rosa, ocre e laranja claro. Quando núcleo claro foi observado (25%) a coloração avermelhada ocorreu uniformemente nas duas faces do vaso.

SEMIESFÉRICOS

PN 311.05
D = 22cm (6%)
V = 1,89 L

PN 222.55
D = 32cm (4%)
V = 5,36 L

PERFIS DE BORDA

307-11

315-10

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 6

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 7A

314.6
Ø = 20cm (8%)

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos abertos rasos de contorno simples e borda direta. As bordas têm forma reta ou levemente contraída. Foram manufaturados por acordelamento e modelagem (técnica vista apenas no vaso miniaturizado). Os lábios tiveram acabamento arredondado (75%) e plano (25%). Os diâmetros variaram entre 10 cm (forma miniaturizada) e 20 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,7 l e 0,14 l, sendo elipsoidais. Esses vasos ocorreram na ocupação inicial e nas ocupações tardias. Tiveram espessuras entre 0,7 cm e 1,1 cm, não havendo diferenças entre o período ocupacional ao qual estão associados. Nos fragmentos analisados ocorreram dois tipos de combinação:

- 1) caraipé e mineral (75%), com média-alta proporção nas pastas da ocupação inicial e tardia;
- 2) caraipé, mineral e argila (25%), com baixa-média proporção na pasta de vaso da ocupação inicial.

Esses vasos tiveram alisamentos finos na face interna e externa, também ocorreram alisamentos médios na face externa de vaso da ocupação tardia. Esse foi o único tratamento de superfície identificado. Tiveram queimas incompletas com núcleo escuro apenas nos vasos da ocupação inicial (50%), associados a colorações de superfície uniformes (mesma cor em ambas as faces) laranja clara e escura. Os vasos com queima completa/núcleo claro ocorreram predominantemente nas ocupações tardias (50%), associados a colorações de superfície também uniformes laranja clara e branca.

ELIPSOIDAIS

PERFIS DE BORDA

303-51

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 7A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 7B

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos abertos rasos de contorno simples e bordas reforçadas pela aplicação de um rolete na face externa. Esses vasos são a variação do conjunto 7A. As bordas foram retas com aplicação de um rolete geralmente na face externa dos vasos. Foi identificado um exemplar com reforço na face interna, que ao contrário dos outros vasos desse conjunto teve boca irregular (quadrangular ou oval que formou ângulo de 90°). Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios tiveram acabamento arredondado (50%) ou plano (50%). Os diâmetros variaram entre 13 cm e 22 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,7 l e 0,14 l, sendo elipsoidais. Esses vasos ocorreram ao longo de toda a ocupação do sítio. Tiveram espessuras entre 0,7 cm e 1,6 cm. Nos fragmentos analisados ocorreram dois tipos de combinações nas pastas:

- 1) caraipé e mineral (50%), com baixa-média proporção nas pastas dos vasos das ocupações tardias;
- 2) caraipé, carvão e mineral (50%), com média proporção nas pastas dos vasos da ocupação inicial e intermediária.

Todos os vasos desse conjunto tiveram alisamento fino na face interna e médio-grosso na face externa. Além desse tratamento, apenas o vaso com boca irregular recebeu a face interna grafada com finas incisões circunlineas que ocuparam toda a base do vaso e foram delimitadas por linhas acanaladas. Tiveram queimas que resultaram em núcleos completamente escuros (50%), associadas aos vasos da ocupação inicial e intermediária e colorações de superfície laranja clara e escura. Os núcleos completamente claros (50%) estiveram associados apenas aos vasos das ocupações tardias, com a mesma coloração que os vasos com núcleos escuros.

ELIPSOIDAIS

PN 220.01
D = 17cm (8%)
V = 0,65 L

PN 309.09
D = 22cm (18%)
V = 0,57 L

PN 204.10
D = 13cm (7%)
V = 0,12 L

PERFIS DE BORDA

316-1

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 7B

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 8

Descrita a partir de dois fragmentos de borda. Vasos abertos rasos de contorno composto e flanges labiais. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares. Formaram lábios retos ou levemente contraídos (tal qual descrito para o conjunto 2). Os lábios tiveram acabamento plano ou plano/cortado. Os diâmetros variaram entre 16 cm e 42 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,42 l e 5,93 l, sendo elipsoidais. Esses vasos só ocorreram na ocupação inicial. Tiveram espessura muito regular entre 1,3 cm e 1,5 cm. Nos fragmentos analisados foi identificado um único tipo de pasta:

1) caraipé, carvão e mineral que ocorreu com baixa-média proporção nas pastas.

Esses vasos tiveram grande esmero quanto ao tratamento de superfície, sendo alisados finamente nas faces internas. As faces externas receberam alisamentos médios e grossos. Ambos tiveram os flanges labiais grafados com incisões, ponteados e engobo vinho. Em um dos exemplares o motivo grafado têm traços antro-po-zoomorfo. Ambos tiveram queimas que resultaram em núcleos claros coloração de superfície laranja escuro.

ELIPSOIDAIS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 8

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 9

Descrita a partir de cinco fragmentos de borda. Vasos abertos fundos de contorno composto com bordas verticais e flanges labiais. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares e bordas com ondulação, onde a extroversão dos flanges não tem pontos angulares. Formaram lábios retos ou contraídos (tal qual descrito para os conjuntos 2 e 5). Os lábios tiveram acabamento plano, arredondado (cada um com 40%) e arredondado/ acanalado (20%). Os diâmetros variaram entre 16 cm e 22 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 2,36 l e 5,09 l, sendo esféricos. Esses vasos só ocorreram na ocupação tardia de terra preta muito escura. Tiveram espessura geralmente entre 0,9 cm e 1,2 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1)** caraipé e mineral (80%), verificada com grande uniformidade quanto ao tamanho (entre 1 mm e 3 mm) e baixa-média proporção nas argilas mas varia muito em quantidade nas pastas e
- 2)** caraipé, carvão e mineral (20%), ocorreram com baixa-média proporção nas argilas.

Vasos do conjunto 9 tiveram ampla ocorrência de alisamentos finos nas duas faces (50%) ou polimento na face interna ou externa (25%), alisamentos médios a grossos só ocorreram na face externa dos vasos (25%). Esses últimos que formam tratamento escovado estão associados aos vasos de maior diâmetro do conjunto (equivalente a 22 cm). Barbotinas ocorreram na cor vermelha, associadas a alisamentos finos. Um único vaso foi identificado com engobo preto na face interna e vermelho na face externa, dando efeito bicromico ao vaso. Os vasos marcados com tratamento plásticos utilizaram o ponteadado ou o acanalado que formou motivos angulares e geométricos. Esses vasos tiveram frequência semelhante de queimas com núcleos claros/completas (40%) e queimas incompletas com núcleo claro externo (40%). No primeiro caso, estavam associadas às colorações de superfície ocre e marrom. No caso das queimas com núcleo claro externo estavam associadas a colorações mais escuras entre o vermelho e o laranja escuro. As queimas incompletas com o núcleo totalmente escuro (20%) ocorreram associadas a colorações de superfície preta (face interna) e laranja claro (face externa).

SEMIESFÉRICOS

PN 308.36
D = 22cm (7%)
V = 5,09 L

PN 307.10/12
D = 19cm (15%)
V = 3,79 L

PN 308.02
D = 18cm (7%)
V = 4,07 L

PN 210.07
D = 16cm (10%)
V = 2,72 L

PN 214.1/214.28
D = 18cm (8%)
V = 2,36 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 9

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 10

Descrita a partir de 20 fragmentos de flange mesial (essa forma não teve bordas identificadas). Vaso aberto de contorno composto com flange mesial. O corpo do vaso foi manufaturado por acordelamento. A manufatura dos flanges indica que essa extensão não se cria pela adição de roletes à meia altura dos potes depois do vaso erguido (como apliques) e sim durante sua manufatura, onde os roletes dos flanges são extensões da série de roletes que constroem o corpo das vasilhas não sendo, portanto aplicados ao corpo delas. Lábios não foram identificados. O diâmetro do bojo foi 34 cm, esse bojo é marcado pelo flange. A capacidade volumétrica não foi estimada devido à impossibilidade da reconstituição total da vasilha. Essa forma esteve associada às ocupações tardias, principalmente à camada de terra preta muito escura. Tiveram espessura mais comuns entre 1,5 cm e 2 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (45%), com baixa a média preponderância nas pastas;
- 2) caraipé, carvão e mineral (40%), com preponderância baixa a alta nas pastas, sendo muito variada;
- 3) caraipé e carvão (9%), com baixa a média preponderância nas pastas.

Possuem alisamentos finos a polimentos nas faces internas dos vasos muito comumente, onde também ocorreram barbotinas vermelhas e marrons. Nas faces externas os alisamentos foram finos ou grosseiros. Nesses casos também ocorreram as barbotinas. Engobos internos e externos ocorreram nas cores vinho, vermelho e preto, geralmente não combinados. Caso contrário a combinação é vinho na face interna e preto na face externa. Tais engobos sempre ocorreram combinados a acanalados e/ou incisões geralmente marcadas nos flanges ou imediatamente acima deles nas faces externas dos vasos. Os acanalados e incisões marcaram o limite inicial e final dos flanges com motivos angulares e geométricos. Um exemplar teve fuligem identificada na face externa abaixo do flange mesial. Esses vasos tiveram queimas com núcleo claro/completas (75%), associadas às cerâmicas com colorações de superfície laranja clara, rosa e marrom mais comumente, mas também ocorreram variações branca, ocre e preta. Queimas incompletas com núcleo totalmente escuro (20%) estiveram associadas às cerâmicas com colorações de superfície ocre e laranja clara e queimas com núcleo claro na face externa (5%) esteve associada à coloração de superfície marrom. Marcas escurecidas foram observadas na face externa do exemplar reconstituído, abaixo do flange mesial.

ELIPSOIDAIS

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 10

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 11A

313.10/3
Ø = 34cm (9%)

Reconstituída a partir de três fragmento de borda. Foi o subtipo mais comum se considerarmos os dois sítios estudados. Foram manufacturados por acordelamento e modelagem (técnica observada apenas nas bases). Os lábios têm acabamento arredondado. O diâmetro da boca varia entre 22 cm e 34 cm, para o diâmetro de boca maior foi identificada base com 28 cm, para o diâmetro de boca menor as bases tiveram 18 cm. Devido sua forma aberta e plana, a capacidade de volume não se aplica. Essa forma ocorreu na ocupação inicial e na ocupação tardia de terra preta muito escura. Os fragmentos têm espessura regular entre 1,1 cm e 1,2 cm. É comum que formas semelhantes identificadas em outros contextos tenham a marcação de marcas de folhas nas faces externas das bases, indicando que estas foram modeladas sobre as folhas (MORAES, 2013). Esse não é o caso nesse sítio, sendo que apenas uma das bases analisadas em toda a coleção do sítio tem base marcada com folha. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (67%), que ocorreram com média-alta proporção nas argilas;
- 2) caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila (33%), com média preponderância na pasta.

Esses exemplares possuem alisamento fino na face interna e grosseiro na face externa. Na ocupação inicial o exemplar foi recoberto por engobo branco na altura da borda e nas ocupações tardias ocorreram pinturas com pigmento vermelho também na face externa próximo à borda, associada à linha acanalada. As linhas acanaladas também marcaram a face interna dessas vasilhas nos lábios circundando o limite do diâmetro. Um dos exemplares teve fuligem identificada na face externa. Esses vasos tiveram queima com núcleo claro/completa, associada à coloração de superfície ocre (67%) ou queima com núcleo completamente escuro (33%), associada à coloração de superfície marrom. Em ambos os casos a mesma coloração foi identificada nas duas faces das vasilhas.

ELIPSOIDAIS

PN 313.10/3
D = 34cm (9%)
V = 1,07 L

PERFIS DE BORDA

305-69

307-22

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 11A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 11C

303.03
 $\varnothing = 19\text{cm}$ (5%)

Reconstituída a partir de um fragmento de borda. Vaso aberto de forma plana e flange labial. Manufaturado por acordelamento. O lábio tem acabamento plano. O diâmetro da boca é 19 cm. Teve capacidade volumétrica de 0,48 l. Essa forma só esteve associada à ocupação tardia. Tem espessura de 1,1 cm. No fragmento analisado foi identificada a mistura de caraipé, carvão e mineral, com baixa preponderância na pasta. Possui polimento na face interna e médio na face externa. Esse vaso teve queima com núcleo escuro/incompleta, associada à coloração de superfície avermelhada.

CONJUNTO 11B

Reconstituída a partir de dois fragmentos de borda. Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano ou arredondado. Os diâmetros variaram entre 18 cm e 24 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,34 l e 0,67 l. Esses vasos ocorreram nas ocupações tardias (acima da camada de terra preta muito escura). Têm espessura entre 0,8 cm e 1,1 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral com tamanhos grandes, mas baixa preponderância na pasta;
- 2) cauixi, carvão e mineral, com baixa preponderância na pasta.

Possuem alisamento fino em uma das faces. Incisões horizontais ocorrem na face interna ou externa dos vasos, na altura das bordas. . Esses vasos tiveram queimas com núcleo escuro/incompleta associada ao vaso com coloração de superfície branca e queima com núcleo claro/completa com coloração de superfície laranja clara.

ELIPSOIDAIS - 11B

PN 202.13
D = 18cm (5%)
V = 0,34 L

PN 306.01
D = 24cm (5%)
V = 0,67 L

ELIPSOIDAL - 11C

PN 303.03
D = 19cm (5%)
V = 0,48 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 11B e 11C

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 12A

Descrita a partir de 27 fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno simples com borda direta, que têm forma reta, contraída ou expandida. Há uma variação desses vasos com reforço labial (forma 12B). Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (57,7%) ou plano (42,3%). Os diâmetros variaram entre 6 cm e 32 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,18 l e 17 l, sendo esféricos. Esses vasos ocorreram ao longo de toda sequência estratigráfica, mas foram mais comuns nas ocupações tardias. Os fragmentos têm espessura entre 0,5 cm e 1,8 cm, sendo mais comuns entre 0,7 cm e 0,9 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados seis tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (50%), ocorreu ao longo de toda a sequência estratigráfica. Nas ocupações tardias com baixa preponderância nas argilas e na ocupação inicial e intermediária com média-alta preponderância nas pastas;
- 2) caraipé e mineral (26,9%);
- 3) caraipé e carvão (11,5%);
- 4) mineral e carvão (7,7%);
- 5) cauixi, mineral e nódulos de argila (7,7%);
- 6) caraipé, carvão e nódulos de argila (7,7%).

Vasos do conjunto 12A tiveram alta frequência de alisamentos finos nas duas faces ou polimento nas faces internas. Barbotinas são incomuns, mas ocorreram nas cores preta e marrom nas faces internas ou marrons nas duas faces. Apesar de maneira mais comum de marcar esses vasos seja na forma plástica, engobos isolados ocorreram nas faces externas dos vasos, sendo pretos e brancos, ambos apenas nos vasos das ocupações tardias. Quando associados à incisão marcaram a região de borda dos vasos também na ocupação tardia na coloração vermelha. Ainda sim os engobos na coloração branca foram mais comum associados à pintura vermelha marcando as paredes e bordas dos vasos da ocupação inicial e intermediária. Essa forma teve grande ocorrência de acanalados e incisões isolados nas faces internas dos vasos marcando os lábios expandidos ou as faces externas entre o bojo e as bordas, sendo essa uma de suas principais características. Esse modo de marcar as faces dos vasos ocorreu apenas nas ocupações tardias, formando motivos triangulares, em grega e linhas horizontais na região das bordas ou ao longo de todo o bojo dos vasos. Esses vasos tiveram maior frequência de queimas com núcleo escuro/incompletas (65,4%) que ocorreram ao longo de todas as ocupações. Tais queimas estão associadas às cerâmicas com coloração de superfície vermelha, rosa e marrom. Queimas com núcleo claro/completas ocorreram vinculadas às ocupações tardias, no início da ocupação intermediária entre as duas ocupações de terra preta muito escura e no início da ocupação inicial (34,6%). Tais queimas ocorreram associadas às cerâmicas com coloração de superfície branca, cinza, preta e laranja escura.

ESFÉRICOS

PN 204-11
D = 22cm (7%)
V = 17,17 L

PN 308-116
D = 19cm
V = 8,33 L

PN 310-1
D = 22cm (12%)
V = 8,19 L

PN 313.43
D = 20cm (5%)
V = 8,55 L

PN 305-23a-c
D = 32cm (6%)
V = 15,58 L

PN 310.07
D = 20cm (15%)
V = 5,91 L

PN 212-12
D = 16cm (5%)
V = 4,67 L

PN 210-101
D = 13cm (5%)
V = 2,14 L

PN 208-29
D = 11cm (6%)
V = 2,83 L

PN 301.01
D = 18cm (10%)
V = 3,4 L

PN 304-30
D = 9cm (12%)
V = 1,59 L

PN 305.62
D = 10cm (10%)
V = 0,9 L

PN 306.61
D = 6cm (+25%)
V = 0,18 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
FORMA: 12A - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERFIS DE BORDA

0 1 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
FORMA: 12A - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
 MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
 EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 12B

220,40
Ø = 20cm (5%)

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno simples com bordas reforçadas externamente. Esses vasos foram classificados como variação da forma 12A devido ao aplique de um rolete na borda dos vasos (face externa) e maior frequência nos níveis mais profundos dos depósitos (ocupação intermediária ou início da ocupação tardia). Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (75%) e plano (25%). Os diâmetros variaram entre 15 cm e 32 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 2,33 l e 17,87 l, sendo esféricos. Esses vasos ocorreram no início da ocupação tardia de terra preta muito escura e na intermediária, diferindo-se de sua variação 12A que ocorreu mais comumente ao longo de camadas mais recentes do sítio. Nesse caso, tiveram espessura entre 0,7 cm e 1 cm, sendo que na camada intermediária os vasos só ocorreram com 1 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (50%), identificado tanto nas ocupações tardias, quanto na intermediária, com quantidade média nas pastas;
- 2) caraipé e mineral (25%), identificado nas ocupações tardias;
- 3) caraipé e carvão (25%).

Metade dos vasos do conjunto 12B tem alisamento fino nas duas faces. Nesses vasos também há incisões no lábio ou engobo vermelho na face externa. Esses foram os únicos modos de tratamento identificados. Esses vasos tiveram queimas com núcleo escuro/incompletas (50%) associadas às cerâmicas com coloração de superfície vermelha e rosa ou com núcleo claro/completas (50%) associadas às cerâmicas com coloração de superfície branca e marrom, sendo que nos dois casos os vasos têm a mesma coloração de superfície em ambas as faces.

ESFÉRICOS

PN 212.25
D = 32cm (5%)
V = 17,87 L

PN 212.11
D = 24cm (4%)
V = 10,62 L

PN 220.40
D = 20cm (5%)
V = 9,41 L

PN 308.11
D = 15cm (5%)
V = 2,33 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 12B

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 13

Descrita a partir de 22 fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno composto com flanges labiais. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares e adição de um ou mais roletes nos lábios. Formaram lábios retos ou contraídos (tal qual descrito para os conjuntos 2, 5 e 9). Os lábios têm acabamento arredondado (54,5%), sendo também arredondado e cortado (13,6%) ou arredondado, cortado e inciso (4,5%), lábios planos também ocorreram (18,2%), sendo também plano e inciso (9,1%). Tiveram capacidade volumétrica entre 0,75 l e 35,92 l, sendo esféricos. Esses vasos ocorreram com maior frequência associado às ocupações tardias e com menor frequência na ocupação inicial (não foram identificados na ocupação intermediária entre as duas camadas de terra preta mais escura). Na ocupação inicial tiveram espessura entre 1,2 cm e 1,8 cm, nas ocupações tardias tiveram espessura entre 1 cm e 1,8 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados quatro tipos de combinações que ocorreram de maneira muito regular:

- 1) caraipé, carvão e mineral (36,4%), com maior ocorrência nas ocupações tardias;
- 2) caraipé e mineral (36,4%), utilizada tanto na ocupação inicial quanto nas tardias;
- 3) caraipé e carvão (13,6%), vinculada às ocupações tardias, com baixa quantidade nas argilas;
- 4) caraipé, carvão, mineral e nódulos de argila (13,6%), vinculado à ocupação tardia com baixa quantidade nas argilas e na ocupação inicial com maior tamanho e quantidade.

Vasos do conjunto 13 estão associados a alisamentos finos e médios em uma ou nas duas faces e alisamentos grosseiros nas faces externas. Barbotinas ocorreram nas cores rosa, preta e marrom, principalmente nas faces internas. O tratamento mais característico desses vasos é a marcação dos flanges labiais (face interna) ou das bordas (face externa) por meio de incisões e acanalados. Sendo que o mais comum é que esse modo de decorar os flanges ocorra isoladamente (sem associação com outras técnicas). Também foi observado que nas ocupações tardias foi comum ter as faces externas dos vasos grafadas e na inicial ter a face interna. Nesses últimos casos, as incisões nos flanges labiais foram características compondo linhas horizontais, traços verticais longos e curtos, traços circunlineos e motivos zoomorfos (sapo). As incisões também podem ser delimitadas por linhas acanaladas. A marcação das duas faces dos vasos ocorreu com menor frequência sendo que a incisão ocupou os flanges labiais e um tratamento escovado foi dado na face externa. Esse modo só esteve associado aos vasos de maior diâmetro. Engobos vermelhos ocorreram nas faces internas e externas dos vasos, geralmente acompanhando traços acanalados. Quando isolados além da cor vermelha, vista tanto nos vasos das ocupações tardias quanto daqueles da ocupação inicial, também ocorreram nas cores pretas que revestiu apenas as faces internas dos vasos das ocupações tardias. Um exemplar teve fuligem identificada nas duas faces. Esses vasos tiveram maior frequência com queimas incompletas com núcleo escuro (81,8%) e núcleo claro externo (4,5%) que ocorrem por todas as ocupações, mas foram predominantes na ocupação inicial. Na ocupação inicial essas queimas ocorreram com colorações de superfície laranja clara, laranja escura e marrom e nas ocupações tardias às cerâmicas com colorações de superfície laranja clara, marrom, vermelha, ocre, branca e preta. Queimas com núcleo claro/completa ocorreram em baixa frequência vinculada às ocupações tardias (13,6%) com coloração de superfície laranja clara.

ESFÉRICOS

PN 267.01
D = 34cm (6%)
V = 35,92 L

PN 307.02 a-c
D = 26cm (7%)
V = 17,49 L

PN 307-15
D = 34cm (5%)
V = 19,59 L

PN 307-7
D = 34cm (5%)
V = 16,15 L

PN 212-26
D = 34cm (5%)
V = 18,66 L

PN 314-1-68
D = 20cm (5%)
V = 15,36 L

PN 202-1
D = 30cm (6%)
V = 11,52 L

PN 248.01
D = 20cm (8%)
V = 11,52 L

PN 314.08/13
D = 20cm (11%)
V = 8,32 L

PN 204.01
D = 26cm (7%)
V = 11,41 L

PN 304.01
D = 22cm (5%)
V = 7,64 L

PN 302.01
D = 19cm (9%)
V = 6,86 L

PN 212.8
D = 19cm (6%)
V = 5,02 L

PN 315-28
D = 19cm (9%)
V = 2,99 L

PN 208.4
D = 18cm (6%)
V = 2,42 L

PN 212.28
D = 16cm (6%)
V = 2,36 L

PN 308-22
D = 15cm (7%)
V = 1,74 L

PN 303.06
D = 10cm (8%)
V = 0,75 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 13 - PRANCHA 1 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

PERFIS DE BORDA

305-27A-C
212-17

314-12

314-2

303-50

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 13 - PRANCHA 2 / 2

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 14

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos fechados com profundidade mediana de contorno composto formado por uma carena próxima as bordas ou bordas introvertidas. Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano ou arredondado. Os diâmetros variaram entre 28 cm e 36 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 2,79 l e 6,63 l, sendo elipsoidais. Esses vasos ocorreram no final da ocupação tardia de terra preta muito escura ou nos primeiros níveis da ocupação inicial. Na ocupação tardia têm espessura entre 1,3 cm e 1,5 cm e na ocupação inicial entre 1,1 cm e 1,6 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (50%);
- 2) mineral e caraipé e
- 3) mineral (25%), em todos os casos ocorreram com média proporção nas pastas.

Vasos do conjunto 14 têm alisamento fino nas duas faces e todos tiveram as faces externas marcadas com acanalado, incisão, engobo e pintura. Desses tratamentos as linhas acanaladas e engobos brancos ocorreram isoladamente na ocupação tardia. Quando essas técnicas foram observadas associadas à engobos brancos ou pinturas vermelhas estavam associadas à ocupação inicial. As queimas com núcleo escuro/incompletas foram mais frequentes (75%), associados à coloração de superfície avermelhada na ocupação inicial e à coloração rosa na ocupação tardia. Queimas com núcleo claro/completa (25%) só ocorreram na ocupação inicial, associada à coloração de superfície laranja escura.

ELIPSÓIDAIS

PN 210.111
D = 28cm (5%)
V = 2,79 L

PN 317.01
D = 36cm (5%)
V = 6,63 L

0 6 12 cm

PERFIS DE BORDA

210-8/10

316-29

0 1 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 14

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 15

308.01-13
Ø = 24cm (13%)

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno composto, pescoço e bordas extrovertidas que podem formar flanges labiais curtas. Foram manufaturados por acordelamento. Todos os lábios têm acabamento plano. Os diâmetros variaram entre 10 cm e 24 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 2l e 12 l, sendo esféricos. Esses vasos só foram identificados na ocupação tardia de terra preta muito escura. Têm espessura entre 0,9 cm e 1,3 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé, carvão e mineral (75%), com baixa quantidade nas argilas;
- 2) caraipé e carvão (25%) com média preponderância na argila.

Vasos do conjunto 15 têm alisamento fino nas duas faces. Em um fragmento não reconstituído a região do pescoço teve tratamento escovado. Estão associados à barbotinas marrons ou engobo preto, apenas na face interna. Acanalados formando linhas horizontais podem marcar a face externa dos vasos na altura das bordas. Esses vasos tiveram queimas com núcleo claro/completa (75%) que ocorreram associadas às cerâmicas com coloração ocre, marrom e vermelha e queima com núcleo claro na face externa (25%) que ocorreu associada à coloração de superfície vermelha.

ESFÉRICOS

PN 308.01
D = 24cm (13%)
V = 12,05 L

PN 308.16
D = 15cm (8%)
V = 3,97 L

PN 308. 8a-b
D = 10cm (20%)
V = 2,1 L

0 6 12 cm

PERFIS DE BORDA

307-14

0 1 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 15

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 16A E 16B

16A

16B

Descrita a partir de dois fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno composto formado por uma inflexão próxima à borda que não constitui um pescoço devido à falta do alongamento típico dessa parte do vaso, mas formam “ombros” nos vasos, dando início à região de diâmetro máximo. Foram divididos em 16A e 16B devido ao acabamento dado às bordas dos vasos, que alteram levemente sua forma. Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado. Os diâmetros variaram entre 15 cm e 19 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 1,95 l e 6,02 l, sendo esféricos. Esses vasos ocorreram no início da ocupação tardia de terra preta muito escura. Têm espessura entre 0,5 cm e 0,7 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral;
- 2) caraipé, carvão e mineral, ambos com média preponderância nas pastas.

Vasos do conjunto 16 têm as faces externas marcadas por linhas acanaladas na altura das bordas. Esses vasos tiveram queimas com núcleo escuro/incompletas, associadas às colorações de superfície preta e marrom ou núcleo claro/completa, associada à coloração de superfície ocre.

ESFÉRICO - 16A

PN 210-13
D = 15cm (11%)
V = 1,95 L

ESFÉRICO - 16B

PN 307.08
D = 19cm (9%)
V = 6,2 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMA: 16A E 16B

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

FORMAS COM BAIXA OCORRÊNCIA

OCORRÊNCIA 18

Descrita a partir de um fragmento de borda. Vaso aberto de contorno composto com inflexão no bojo. Foi manufacturado por acordelamento. O lábio teve acabamento arredondado. O diâmetro é de 19 cm. Teve capacidade volumétrica de 1,44 l, sendo semiesférico. Essa forma só esteve associada à ocupação inicial. Tem espessura de 1,2 cm. No fragmento analisado foi identificada uma mistura de caraipé, carvão e mineral, com baixa preponderância na pasta. Possui alisamento fino nas duas faces e barbotina vermelha na face externa, onde também foi marcado com um acanalado horizontal na altura da borda. Esse vaso teve queima com núcleo claro/completa, com coloração de superfície avermelhada.

OCORRÊNCIA 19

204.05/204.44
 ø 9cm (10%)

Descrita a partir de um fragmento de borda. Vaso fechado com flange labial de contorno complexo. Foi manufaturado por acordelamento. O lábio tem acabamento plano. O diâmetro é de 9 cm. Teve capacidade volumétrica de 1,21 l, sendo esférico. Essa forma só esteve associada à ocupação tardia de terra preta escura. Tem espessura fina de 0,6 cm. No fragmento analisado foi identificada a mistura de caraipé e carvão, com baixa preponderância na pasta. Possui alisamento fino nas duas faces e barbotina marrom na face interna. . Esse vaso teve queima com núcleo escuro/incompleta, associada à coloração de superfície preta.

OCORRÊNCIA 20

Projeto Baixo Rio Negro
Lago das Pontas
246-1
a 36cm (5%)

Descrita a partir de um fragmento de borda. Vaso fechado de contorno composto, cuja borda forma um “colar” no vaso. Foi manufaturado por acordelamento. O lábio tem acabamento plano. O diâmetro é de 36 cm. Teve capacidade volumétrica de 20,42 l, sendo esférico. Essa forma só esteve associada à ocupação inicial. Tem espessura de 1,2 cm. No fragmento analisado foi identificada a mistura de caraipé e mineral, com alta preponderância na pasta. Possui alisamento fino na face interna e grosseiro na face externa, onde também foi recoberto por uma espessa camada de engobo vermelho. Esse vaso teve queima com núcleo escuro/incompleta, associada à coloração de superfície laranja clara.

SEMIESFÉRICO - FORMA 18

PN 222.5a / 45 / 56
D = 19 cm (7%)
V = 1,44 L

0 6 12 cm

ESFÉRICO - FORMA 19

PN 204.05 / 204.44
D = 9 cm (10%)
V = 1,21 L

0 6 12 cm

ESFÉRICO - FORMA 20

PN 246-1
D = 36 cm (5%)
V = 20,42 L

0 6 12 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS

FORMAS: 18, 19 e 20

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

**Anexo 14: Pranchas com as morfologias das bases
dos vasos do sítio Lago das Pombas**

Período Inicial

PN 316-29
D=11cm (18%)

Período intermediário

PN 224-11
D= 7,5cm (5%)

PN 311-11
D=34cm (6%)

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
MORFOLOGIA DAS BASES - PERÍODOS INICIAL E
INTERMEDIÁRIO

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

Período Tardio

PN 214-14
D=10cm (20%)

PN 214-12
D=9cm (15%)

PN 214-15/13B
D=7cm (24%)

PN 212-34A/B
D=Ø

PN 212-37A/B
D=34CM (5%)

PN 235-2
D=15CM (8%)

PN 308-24
D=12cm (+ 25%)

PN 309-75
D=9cm (23%)

PN 309-68
D=8cm (25%)

PN 310-3A
D=9cm (+25%)

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO LAGO DAS POMBAS
MORFOLOGIA DAS BASES - PERÍODO TARDIO

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

Anexo 15: Quantificação cerâmica do sítio Floresta.

PROJETO RIO NEGRO –RIO UNINI - DADOS QUANTITATIVOS DA CERÂMICA DO SÍTIO FLORESTA

**Anexo 16: Pranchas com as morfologias dos vasos
do sítio Floresta.**

CONJUNTO 1A

Descrita a partir de cinco fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana e rasa de contorno simples. Têm bordas diretas sem reforço com forma reta, expandida ou biselada. Há uma variação desses vasos com reforço labial (forma 1B). Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (60%) ou plano (40%). Os diâmetros variaram entre 8 cm (forma miniaturizada) e 26 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,36 l e 2 l, sendo elipsoidais. Esses vasos foram frequentes nos níveis mais profundos da U1, foram identificados também na última camada de terra preta da U3. As espessuras das paredes variaram entre 0,8 cm e 1 cm nos dois contextos, sendo muito regulares. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (60%), com baixa média proporção nas argilas da U1 e U3 e
- 2) caraipé (40%), com baixa média proporção nas argilas da U1.

Não foram identificados tratamentos de superfície nos vasos desse conjunto. Tiveram queimas incompletas com núcleo completamente escuro (80%), associadas às cerâmicas com coloração de superfície marrom, laranjas clara e escura, tendo colorações sempre uniformes em ambas as faces. As queimas completas que têm núcleo claro foram menos frequentes (20%) e esteve associada a vaso com coloração laranja clara na face interna e escura na face externa.

ELIPSOIDAIS

PN 117-01
D = 26cm (5%)
V = 1,92 L

PN 168-X
D = 26cm (5%)
V = 2 L

PN 167.02
D = 20cm (5%)
V = 0,72 L

PN 442-02
D = 22cm (7%)
V = 0,96 L

PN 115-03
D = 8cm (5%)
V = 0,36 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA

FORMA: 1A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 1B

Descrita a partir de cinco fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana e rasa de contorno simples. Esses vasos foram classificados como variação da forma 1A devido à diferente disposição vertical e horizontal no sítio e à aplicação de um rolete na face externa dos vasos (que não alterou a forma da vasilha). Foram identificados ao longo de toda a ocupação de U3, embora de maneira mais frequente na última camada de terra preta e primeira camada de terra preta da U2. Esses vasos foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (40%), plano (20%) e plano/acanalado (40%). Os diâmetros variaram entre 13 cm e 20 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,26 l e 0,89 l, sendo elipsoidais ou semiesféricos. As espessuras das paredes variaram entre 0,8 cm e 1 cm nos dois contextos, sendo muito regulares. As espessuras das paredes variaram entre 0,8 cm e 1,4 cm nos dois contextos, sendo que essas paredes mais espessas só foram identificadas nos níveis mais profundos. Assim como verificado na forma 1A a espessura das paredes da forma 1B também é muito regular. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé (60%), com média-alta proporção nas argilas da U2 e U3 e
- 2) caraipé e mineral (40%), com baixa-média proporção nas argilas da U3.

Esses vasos tiveram alisamentos finos nas faces internas ou nas duas faces dos vasos. Além disso, também foram identificados acanalados nos lábios (face interna ou externa dos vasos), compondo linhas horizontais e engobosinhos nas faces externas. Esses vasos tiveram queimas completas com núcleos claros na maioria das vezes (60%), associadas a colorações de superfície sempre homogênea nas duas faces sendo rosa ou marrom. As queimas incompletas só ocorreram com núcleo completamente escuro (40%), associadas a colorações de superfície também homogênea nas duas faces, sendo laranja clara ou escura.

ELIPSOIDAIS

0 3 6 cm

SEMIESFÉRICOS

0 3 6 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA: 1B

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
 MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
 EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 2

110-2
ø 30cm (6%)

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana de contorno composto com flanges labiais. Manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais foram formados a partir de bordas extrovertidas com pontos angulares e adição de um ou mais roletes nos lábios ou exatamente abaixo deles. Algumas vezes foi observada uma retirada da pasta aguda na face externa, abaixo dos flanges marcando ainda mais sua extensão. Formaram lábios retos, quando não há diferença marcada entre a espessura dos flanges e a parede dos vasos e lábios contraídos, quando os flanges labiais têm espessura menor que as paredes dos vasos. Os lábios podem ser planos (50%) ou arredondados (50%). Esses vasos ocorreram em todas as unidades, mas em baixa frequência. Os diâmetros variaram entre 20 cm e 30 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 1,39 l e 3,22 l, sendo esféricos, semiesféricos ou elipsoidais. Têm espessura entre 0,7 cm e 1,2 cm, mas são comuns com 0,7 cm. Nos fragmentos analisados ocorreram pastas muito variadas, tendo três tipos de combinações:

- 1) caraipé (50%), caraipé com baixa média preponderância nas argilas foi identificado na primeira camada de terra preta da U2 e na última da U3;
- 2) caraipé, mineral e carvão (25%) e
- 3) caraipé, nódulos de argila e mineral (25%), com média preponderância nas argilas.

Apenas um dos vasos desse conjunto teve alisamento fino identificado na face interna. Esse exemplar teve também na face externa uma fina camada de engobo branco. Tiveram queimas incompletas/núcleo totalmente escuro (75%) ou completas/núcleo claro (25%). Quando núcleos escuros foram registrados as cerâmicas tiveram maior frequência de colorações de superfície avermelhadas, mas também foram observadas as colorações marrom e cinza, nas duas faces dos vasos. Quando registrados núcleos claros, as colorações variaram entre rosa e vermelho.

ELIPSOIDAIS

PN 351-14
D = 26cm (5%)
V = 1,69 L

PN 344-3
D = 22cm (7%)
V = 1,39 L

0 3 6 cm

SEMIESFÉRICOS

PN 110-2
D = 30cm (6%)
V = 3,22 L

0 3 6 cm

ESFÉRICOS

PN 427.29
D = 20cm (13%)
V = 1,68 L

0 3 6 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA: 2A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 3A

Descrita a partir de seis fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana de contorno simples. Têm bordas diretas sem reforço com forma reta, expandida ou levemente contraída. Há uma variação desses vasos com reforço labial (forma 3B). Esses vasos ocorreram nas três unidades de maneira regular, mas em baixa frequência. Os vasos foram manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano (50%) ou arredondado (50%). Os diâmetros variaram entre 18 cm e 48 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 1,32 l e 18 l, sendo esféricos ou semiesféricos. As espessuras foram variadas entre 0,9 cm e 2,3 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (66,7%), com média preponderância nas pastas, ocorreu em todas as unidades analisadas;
- 2) caraipé (33,3%), identificado com baixa-média preponderância nas argilas, ocorreu apenas na U1.

Apenas um dos vasos (associado à U3) teve alisamento fino nas duas faces do vaso. Nesse caso também foi observado engobo vermelho nas duas faces do vaso associado a motivos acanalados transversais. Acanalados transversais também foram observados isolados nas faces externas dos vasos, além de traços compondo linha horizontal próxima à borda dos vasos. Esses vasos tiveram maior frequência de queimas incompletas com núcleo totalmente escuro (83%). Nesses casos, os vasos tiveram colorações principalmente marrom e cinza, além da variação clara e escura do laranja. Com menor frequência também apresentaram queima completa/núcleo claro (17%), quando foi observada a variação escura do laranja como coloração de superfície.

SEMIESFÉRICOS

ESFÉRICOS

PERFIS DE BORDA

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA: 3A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 3B

Descrita a partir de 25 fragmentos de borda. Vasos abertos com profundidade mediana e funda, contorno simples com bordas diretas ou levemente extrovertidas reforçadas (internamente ou externamente). Esses vasos foram classificados como variação da forma 3A (não houve alteração da forma da vasilha). Ocorreram nas três unidades escavadas, mas foram observados em maior frequência na última camada de terra preta da U3. Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano (64%), plano/acanalado, plano com engobo e plano/cortado (cada um com 4%) e arredondado (24%). Os diâmetros variaram entre 9 cm (forma miniaturizada) e 50 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,15 l e 33,93 l, sendo esféricos ou semiesféricos. As espessuras variaram entre 0,6 cm e 2,4 cm, mas foram mais comuns entre 1 cm e 1,2 cm. Nos fragmentos analisados a composição das pastas foi amplamente variada, mas os tipos 1 e 2 foram predominantes. Foram identificados seis tipos de combinações:

- 1) caraipé (48%), identificado com tamanho médio e quantidade variada, mas de forma preponderante em todas as unidades;
- 2) caraipé e mineral (36%) identificada na U2 e U3 (ao longo de toda a sequência) com tamanho médio e com baixa-média preponderância nas pastas;
- 3) caraipé, mineral e nódulos de argila (4%), identificados na ocupação tardia de U3 com média preponderância na pasta;
- 4) caraipé e carvão (4%), identificados na última camada de terra preta da U2 com média preponderância na pasta;
- 5) caraipé e nódulos de argila (4%) identificados na ocupação tardia de U3 com baixa preponderância na pasta;
- 6) cauixi e carvão (4%) identificados na ocupação tardia de U3 com baixa preponderância na pasta.

Vasos do conjunto 3B têm ampla ocorrência de alisamentos finos nas duas faces dos vasos, principalmente em U3, podendo também ser polido (face interna). Foi também dessa unidade a maior ocorrência de engobos e tratamentos plásticos. Ocorreram engobos nas cores pretas e vermelhas. Quando pretos ocorreram sempre nas faces internas, associados ou não a linhas acanaladas na face externa, esse tipo de engobo só ocorreu na U3. Quando vermelho podem ocupar ambas as faces dos vasos ou só a face externa, onde também foi observada sua variação mais escura (vinho). Quando ocorreu na face externa também foi identificado associado à linha acanalada delimitando a borda. Os resultados de queimas foram equilibrados e uniformes, podendo ser incompleta com núcleo totalmente escuro (56%) ou completa/núcleo claro (44%). Quando observadas as incompletas essas cerâmicas tiveram na maioria das vezes a coloração laranja clara nas duas faces dos vasos, mas também variaram entre as colorações vermelhas, marrom, cinza e preta. Quando ocorreram queimas completas, tiveram na maioria das vezes as colorações rosa e marrom nas duas faces dos vasos, além das colorações laranja claro e laranja escura.

SEMIESFÉRICO **ESFÉRICO** **PROJETO RIO NEGRO****SÍTIO FLORESTA****FORMA: 3B**

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 7A

346-03
 $\varnothing = 19\text{cm}$ (8%)

Descrita a partir de dois fragmentos de borda. Vasos abertos rasos de contorno simples e borda direta. As bordas têm forma contraída. Foram manufaturados por acordelamento. Os lábios tiveram acabamento arredondado. O diâmetro obtido para a forma reconstituída foi de 19 cm. A capacidade volumétrica obtida foi de 0,5 l, sendo elipsoidais. Esses vasos ocorreram apenas na U2, tanto na ocupação inicial dessa unidade quando no nível mais superficial. Tiveram espessuras entre 0,6 cm e 1 cm. Nos fragmentos analisados foi identificado um único tipo de pasta:

1) caraipé e mineral com baixa-média proporção nas pastas.

Não foram identificados tratamentos de superfície nos vasos desse conjunto. Tiveram predominância de queimas completas com núcleo completamente claro, associado a colorações de superfície branca e ocre, ambas ocorreram de maneira regular (mesma cor nas duas faces dos vasos).

ELIPSOIDAL

PN 346-03
D = 19cm (8%)
V = 0,5 L

0 1 2 cm

PERFIL DE BORDA

357-1

0 1 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA: 7A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 7B

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos abertos rasos de contorno simples e bordas reforçadas pela aplicação de um rolete na face externa. Esses vasos são a variação do conjunto 7A (não houve alteração da forma da vasilha). As bordas foram extrovertidas com ponto angular e em um caso formou flange labial. Foram manufacturados por acordelamento. Os lábios tiveram acabamento plano (75%) ou plano com engobo (25%). Os diâmetros variaram entre 12 cm e 19 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 0,24 l e 1,02 l, sendo elipsoidais e semiesféricos. Esses vasos ocorreram na última ocupação de terra preta da U3 e na U1. Tiveram espessuras entre 1,1 cm e 1,9 cm. Nos fragmentos analisados ocorreram três tipos de combinações nas pastas:

- 1) caraipé e mineral (50%), com baixa-média proporção nas pastas dos vasos de U1 e U3;
- 2) caraipé, mineral e nódulos de argila (25%), com média proporção nas pastas dos vasos da U3;
- 3) caraipé (25%), com baixa preponderância nos vasos da U3.

Apenas um exemplar da U3 teve alisamento fino observado em ambas as faces. Nesse vaso também foi identificado engobo preto na face interna e linha acanalada marcando a parede na face externa. Tiveram queimas que resultaram em núcleos claros (75%), associadas a colorações de superfície laranja escura nas duas faces do vaso ou vermelha (face interna) e laranja clara (face externa). Queima incompleta só ocorreu com núcleo completamente escuro (25%), associada à coloração de superfície avermelhada em ambas as faces.

ELIPSOIDAL **SEMIESFÉRICOS** **PERFIS DE BORDA**

428-3

428-10

PROJETO RIO NEGRO**SÍTIO FLORESTA****FORMA: 7B**

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 10*

Foram identificados 14 fragmentos com flange mesial, contudo a reconstituição total do vaso não foi possível devido à falta de bordas. Esses vasos foram identificados apenas no final da última camada de terra preta da U3. O corpo do vaso foi manufaturado por acordelamento. A manufatura dos flanges mesiais foi semelhante ao sítio Lago das Pombas, onde os flanges são extensões da série de roletes que constroem o corpo das vasilhas não sendo, portanto aplicados ao corpo delas. A espessura do corpo dos vasos foi comum entre 0,7 cm e 0,9 cm. A espessura flanges variou entre 2 cm e 3,8 cm, sendo muito comum entre 3,5 cm e 3,8 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé (57,8%), identificado com média preponderância nas argilas;
- 2) caraipé e mineral (35,7%), combinação identificada com média preponderância nas argilas, mas em pequenos tamanhos e
- 3) caraipé, carvão e mineral (7,1%), identificado com baixa preponderância nas argilas.

Na maioria desses vasos foram identificados alisamentos finos (em ambas as faces ou nas faces internas dos potes) a médios (apenas na face externa do pote), sendo o conjunto desse sítio onde esse elemento foi mais observado. Quatro outros modos de tratamento na superfície foram identificados, três deles associados à decoração plástica dos flanges mesiais: podem ser formados por acanalados horizontais isolados (sem associação com outras técnicas) (72,7%), esse tipo ocorreu delimitando a circunferência dos vasos; o mesmo modo de acanalado foi também associado à pintura vermelha, ambos no flange (9,1%); acanalados formando motivos angulares cobertos por engobo vermelho, também nas duas faces do vaso (9,1%) e engobo vermelho na face externa do vaso (9,1%). Esses vasos tiveram queimas incompletas com núcleos completamente escuros (85,7%), associados a colorações de superfície regulares (mesma coloração nas duas faces dos vasos): marrom, laranja clara e preta. As queimas que resultaram em núcleos claros foram menos frequentes (14,3%). Nesses casos, as colorações de superfície observadas foram a variação escura do laranja (nas duas faces), o cinza e laranja clara (face interna e externa, respectivamente).

***Reconstituição impossibilitada devido à fragmentação do material. Não foram possíveis desenhos de perfil.**

CONJUNTO 11A

115-x
Ø = 22cm (10%)

Descrita a partir de seis fragmentos (três bases e três bordas). Vasilhame aberto de forma plana. Essa forma ocorreu nas três unidades, mas com maior frequência na U3, sendo este o único local onde esse tipo de forma ocorreu na camada tardia de terra preta. Manufaturado por modelagem, acordelamento e modelagem ou acordelamento e placas. O lábio tem acabamento arredondado. O diâmetro da boca variou entre 15 cm e 44 cm, o diâmetro das bases é equivalente ao diâmetro das bordas. Por exemplo, quando registrado 15 cm de borda a base teve 10 cm de diâmetro. Houve casos em que o diâmetro da base foi registrado em 52 cm. Devido sua forma aberta e plana, a capacidade de volume não se aplica. A espessura variou entre 1,9 cm e 2,9 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

- 1) caraipé (66,7%), identificado com alta preponderância nas argilas, identificado na U1 e U3;
- 2) caraipé e mineral (33,3%), identificado com alta preponderância nas argilas, apenas no contexto de U2.

Raramente foram identificados alisamentos, quando ocorreram estiveram associado à face interna ou nas duas faces. Em um fragmento foi identificada linha acanalada circundando todo o diâmetro na vasilha, no lábio. Vasos com essa forma geralmente tiveram queimas incompletas, podendo ter o núcleo totalmente escuro (33,3%), escuro na face interna e claro na face externa (33,3%) ou escuro na face externa e claro na face interna (16,7%). Os vasos com esses tipos de queima variaram bastante quanto à coloração, podendo ser laranja clara ou escura, cinza, preto (registrado apenas nas faces internas) ou marrom. Quando registrada queima completa/núcleo claro (16,7%) a variação mais clara do laranja foi registrada na superfície.

ELIPSOIDAIS

PN 115-X
D = 22cm (10%)
V = 0,46 L

PN 162.03
D = 15cm (12%)
V = 0,17 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA: 11A

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 12

423-5
ø 22cm (7%)

Descrita a partir de cinco fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno simples com borda direta com ou sem reforço no lábio (rolete acrescentado na face externa). Esses vasos ocorreram nos contextos de U1 e U3, nessa última na camada tardia de terra preta muito escura. Manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento arredondado (60%) ou plano (40%). Os diâmetros variaram entre 12 cm e 22 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 1,79 l e 24,17 l, sendo esféricos. Os fragmentos têm espessuras uniformes variando entre 0,6 cm e 1,1 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados dois tipos de combinações:

1) caraipé (75%), identificado com baixa-média proporção nas argilas e

2) caraipé e mineral (25%) com baixa proporção nas argilas. Em um desses vasos foi identificado alisamento fino na face externa. Outro exemplar teve linhas transversais e horizontais acanaladas na face externa da vasilha. Esses vasos tiveram resultados de queimas com núcleo predominantemente escuro/incompletas associadas a colorações uniformes nas superfícies, podendo ser vermelho, preto ou laranja escuro.

ESFÉRICOS

PN 159-2
D = 22cm (5%)
V = 24,17 L

PN 428-8
D = 24cm (8%)
V = 6,18 L

PN 423-5
D = 22cm (7%)
V = 6,31 L

PN 428-27
D = 13cm (6%)
V = 1,94 L

PN 162-6
D = 12cm (5%)
V = 1,79 L

0 3 6 cm

PERFIS DE BORDA

428-25

0 2 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA

FORMA: 12

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 13

35,3-6,7-8
e 38cm (9%)

Descrita a partir de quatro fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno composto com flanges labiais. Esses vasos foram identificados apenas nas camadas de terra preta mais escura apenas da U2. Foram manufaturados por acordelamento. Os flanges labiais formaram lábios contraídos. Os lábios têm acabamento plano. Os diâmetros variaram entre 34 cm e 38 cm. Tiveram capacidade volumétrica entre 21,73 l e 29,68 l, sendo esféricos. Os fragmentos têm maior espessura nas paredes, variando entre 0,8 cm e 2 cm, nos lábios têm entre 0,4 cm e 0,9 cm. Nos fragmentos analisados foram identificados três tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral (50%);
- 2) caraipé (25%) e
- 3) caraipé, mineral e nódulos de argila (25%), todos ocorrem com média-alta proporção nas argilas.

Em um desses vasos foi identificado alisamento fino na face interna. Além desse outro exemplar tem a face externa marcada com linha acanalada. Os processos de queimas resultaram igualmente em núcleos totalmente escuros/incompletas ou núcleos claros/completas. Quando registrados os núcleos escuros as colorações de superfície foram ocre (uniformes nas duas faces), marrom e laranja claro. Os fragmentos com núcleo claro também tiveram colorações de superfície laranja claro, além do rosa (ambos uniformes nas duas faces).

ESFÉRICOS

0 6 12 cm

PERFIS DE BORDA

0 9 18 cm

PROJETO RIO NEGRO**SÍTIO FLORESTA****FORMA: 13**

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

CONJUNTO 16

444-01
Ø = 15cm (7%)

Descrita a partir de dois fragmentos de borda. Vasos fechados fundos de contorno composto formado por uma inflexão próxima a borda (não constitui um pescoço). As bordas são extrovertidas com ponto angular ou ondulação. Esses vasos ocorreram no início da primeira camada de ocupação da U3. Manufaturados por acordelamento. Os lábios têm acabamento plano (50%) ou arredondado (50%). Os diâmetros variaram entre 15 cm e 19 cm. Têm capacidade volumétrica entre 2,05 l e 3,38 l, sendo esféricos. Tiveram espessura regular entre a parede e as bordas variando entre 1 cm e 1,4 cm. Nos fragmentos analisados foram identificadas dois tipos de combinações:

- 1) caraipé e mineral;
- 2) caraipé e carvão, identificadas com baixa-média preponderância nas pastas.

Em um desses vasos foi identificado alisamento fino na face externa. Esses vasos tiveram queimas com núcleo escuro/incompletas, associadas às cerâmicas com colorações de superfície irregulares sendo vermelha na face interna e marrom na face externa ou núcleo claro/completa, com coloração laranja clara.

ESFÉRICOS

PN 446-01
D = 19cm (10%)
V = 3,38 L

PN 115-01
D = 22cm (6%)
V = 4,84 L

PN 444-01
D = 15cm (7%)
V = 2,05 L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA

FORMA: 16

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

FORMAS COM BAIXA OCORRÊNCIA

OCORRÊNCIA 17

Descrita a partir de um fragmento de borda. Vaso aberto fundo de contorno complexo. Também possui uma redução pouco significativa na parte superior do vaso, em relação ao diâmetro de bojo, que ocorre para formar a borda (não constitui um pescoço). A borda é extrovertida e forma flange labial contraída que recebeu reforço na face externa, tornando-a mais espessa que a parede do vaso. O bojo é marcado por uma carena, à meia altura do vaso. Esse vaso ocorreu apenas na camada mais profunda de U2. Foi manufaturado por acordelamento. O lábio tem acabamento arredondado. O diâmetro obtido foi 34 cm com capacidade volumétrica de 3,84 l, sendo esférico. Teve espessura maior no ponto de inflexão do bojo com 1,2 cm, no lábio teve 0,6 cm de espessura. O fragmento analisado teve a pasta formada por caraipé e mineral que ocorreram em baixa proporção, mas com tamanhos grandes. Embora não tenha tido nenhum tratamento de superfície observado, o flange labial é delimitado por linha acanalada que marca o diâmetro máximo da vasilha. O processo de queima resultou em núcleo completamente escuro/incompleta com coloração de superfície irregular entre o marrom e a variação mais clara do laranja.

OCORRÊNCIA 21

156-01 e 02
 $\varnothing = 28\text{cm}$ (4%)

Descrita a partir de um fragmento de borda. Vaso fechado fundo de contorno simples. A borda é contraída. Nessa região possui a aplicação de uma camada de argila com aproximadamente de 0,5 cm para reforçar a borda. Esse vaso só ocorreu na U1. O lábio teve acabamento arredondado. O diâmetro obtido foi 28 cm com capacidade volumétrica de 5,8 l, sendo semiesférico. A pasta do fragmento analisado foi composta apenas por caraipé que ocorreu com média proporção no vaso. Não foram identificados tratamentos de superfície nesse vaso. Teve queima redutora com coloração de superfície clara na face externa.

ESFÉRICO

PN 371.1 a-c
D = 34cm (10%)
V = 3,84 L

0 6 12 cm

SEMIESFÉRICO

PN 156-01 e 02
D = 28cm (4%)
V = 5,8 L

0 6 12 cm

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA COM BAIXA OCORRÊNCIA
FORMAS: 17 E 21

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

OCORRÊNCIA 22

Forma de um vaso inteiramente reconstituído. Vaso fechado fundo de contorno complexo, formado pela carena à meia altura do pote (onde foi registrado o maior diâmetro) e um curto gargalo. A vasilha tem base convexa (face externa). Esse vaso estava associado à U4 e foi a única vasilha desse contexto. O lábio não foi identificado. A base foi manufaturada por modelagem e placas, as paredes foram manufatura por acordelamento (a espessura dos roletes variou entre 3 cm - 5 cm) e parte da borda foi modelada, ponto onde é mais espessa e pouco uniforme. A espessura da parede tem uma pequena variação entre 0,8 cm e 1 cm e a base tem 2 cm. O bojo tem 75 cm de diâmetro e o gargalo 38 cm. Devido à fragmentação da parte superior da vasilha não foi possível obter o diâmetro da boca. Possui capacidade volumétrica de 106,93 l, sendo esférica. A pasta dessa vasilha foi formada por uma mistura de cauxi, mineral e carvão que ocorreram em grande quantidade na pasta. Na face externa, abaixo da carena são visíveis manchas enegrecidas verticais. Na face interna foi observado alisamento fino e engobo vermelho acima da carena. Na face externa foi observado alisamento grosso abaixo da carena, formando tratamento escovado longitudinal à borda (com aproximadamente 0,5 cm entre as ranhuras). Acima da carena foi observado alisamento fino a médio. Toda a face externa foi coberta por engobo vermelho, mas abaixo da carena esse engobo é vestigial, acima da carena é claramente visível. Acima da carena também foi observada pintura vermelha e vinho formando faixas que se estendem ao longo do diâmetro da vasilha com aproximadamente 25 cm de altura. O vaso tem núcleo completamente escuro e coloração de superfície laranja clara uniforme.

ESFÉRICO

PN 615-1
D. gargalo = 38 cm
D. bojo = 75 cm
V = 106,93L

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
FORMA COM BAIXA OCORRÊNCIA
FORMA: 22

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA

**Anexo 17: Pranchas com as morfologias das bases
dos vasos do sítio Floresta**

PN 348-1
D=7cm (25%)

PN 351-30
D= indeterminado

PN 346-1
D=indeterminado

PN 430-7
D=7cm (19%)

PN 371-8
D=indeterminado

PN 432-12
D=15cm (10%)

PN 342-1A/B
D=13cm (16%)

PN 422-6
D=15cm(9%)

PROJETO RIO NEGRO

SÍTIO FLORESTA
MORFOLOGIA DAS BASES

DESENHO E DIGITALIZAÇÃO
MÁRJORIE LIMA, BRENO ZÚNICA, THIAGO KATER; LAURA FURQUIM

ARTE FINAL
EDUARDO TAMANAHA